
"Uma história de força, amor, perdão e segundas chances. Os dois protagonistas são incríveis e perfeitamente imperfeitos."
Christy, Goodreads
Mar da Tranquilidade
KATJA MILLAY
ARQUEIRO

Mar da Tranquilidade

"Um dos livros mais surpreendentes que já li até hoje! Simplesmente lindo! Fiquei tão sintonizada com a história e seus personagens que me desliguei de tudo e de todos à minha volta enquanto lia. Parecia que eu também estava lá, com eles, e não queria sair mais."

– *Lisa's Book Review*

"Igualmente doloroso e inspirador – uma leitura instigante e inesquecível. Absolutamente brilhante."

– *Maryse's Book Blog*

"*Mar da Tranquilidade* me lembrou aqueles livros que não são apenas entretenimento; são muito mais que isso. Ele me fez sentir de verdade, invadiu meus pensamentos, meu coração... se tornou uma parte de mim."

– *Tough Critic Book Reviews*

"Este é o tipo de história que o acompanha aonde quer que vá, porque você não consegue parar de pensar nela."

– *Cristina's Book Reviews*



O Arqueiro

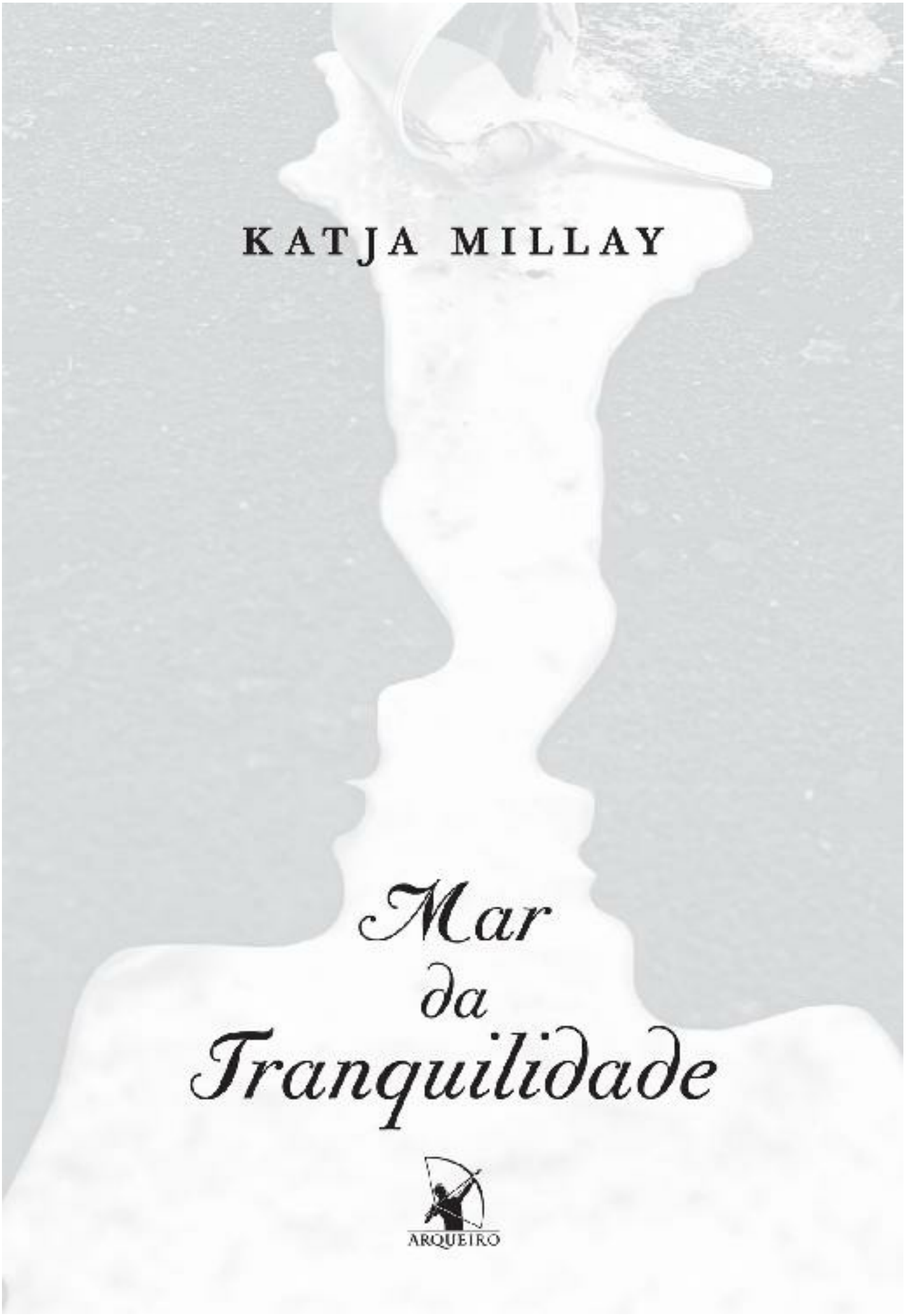
Geraldo Jordão Pereira (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certeira: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.



KATJA MILLAY

Mar da Tranquilidade

ARQUEIRO

Título original: *The Sea of Tranquility*
Copyright © 2012 por Katja Millay
Copyright da tradução para o português © 2014 por Editora Arqueiro Ltda.
Publicado mediante acordo com a Atria Books, uma divisão da Simon & Schuster, Inc.
Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito dos editores.

tradução: Carolina Alfaro

preparo de originais: Rafaella Lemos

revisão: Juliana Souza e Melissa Lopes Leite

diagramação: Ilustrarte Design e Produção Editorial

capa: Laywan Kwan

imagem de capa: Tony Mauro

adaptação de capa: Miriam Lerner

adaptação para ebook: Marcelo Morais

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M59m

Millay, Katja
Mar da tranquilidade [recurso eletrônico] / Katja Millay [tradução de Carolina Alfaro]; São Paulo: Arqueiro, 2014.
recurso digital

Tradução de: The sea of tranquility
Formato: ePub
Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions
Modo de acesso: World Wide Web
ISBN 978-85-1512-326-7 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Alfaro, Carolina. II. Título.

14-14652

CDD: 813
CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados, no Brasil, por
Editora Arqueiro Ltda.
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br
www.editoraarqueiro.com.br

Em memória do meu pai
Porque ele mandou

Eu odeio a minha mão esquerda. Odeio olhar para ela. Odeio quando ela trava e treme e me lembra que eu perdi minha identidade. Mas ainda assim olho para ela, porque ela também me lembra que eu vou achar o garoto que tirou tudo o que eu tinha. Vou matar o garoto que me matou, e farei isso com a minha mão esquerda.

Capítulo 1

Nastya

Até que morrer não é tão ruim assim depois que já aconteceu uma vez.

E eu já morri.

Não tenho mais medo da morte.

Tenho medo de todo o resto.

~

Agosto na Flórida significa três coisas: calor, umidade opressiva e escola. *Escola*. Eu não vou à escola há mais de dois anos. A menos que estudar na mesa da cozinha com a mãe conte, mas para mim não conta. Hoje é sexta-feira. Meu último ano começa na segunda, mas eu não me matriculei. Se não for lá hoje, na segunda de manhã não vou ter a minha grade de horários e precisarei esperar na secretaria até receber uma. Acho melhor pular a cena de filme ruim dos anos 1980 em que eu chego atrasada no primeiro dia e todo mundo tem que parar o que está fazendo para olhar para mim, porque, mesmo que isso não seja o pior que pode me acontecer, ainda assim seria uma droga.

Minha tia entra no estacionamento da Escola Comunitária de Mill Creek comigo a tiracolo. É um colégio daqueles feitos em série. Tirando a cor pútrida das paredes e o nome na placa, é uma réplica exata do último em que estudei. Margot – ela me obrigou a omitir o "tia", porque a faz se sentir velha – desliga o rádio que veio berrando durante todo o caminho. Felizmente é um trajeto curto, porque sons altos me deixam nervosa. Não é o som em si que me perturba; só o fato de ser alto. Ruídos altos nos impedem de ouvir os baixos, e são os baixos que

devemos temer. Agora eu consigo lidar com isso porque estamos no carro e em geral me sinto segura em carros. Lá fora é outra história. Nunca me sinto segura lá.

– Sua mãe espera que você telefone para ela quando terminarmos aqui – diz Margot. Minha mãe espera muitas coisas que nunca vão acontecer. No contexto geral, um telefonema não é pedir muito, mas isso não significa que ela vá receber um. – Você podia ao menos mandar uma mensagem de texto. Quatro palavras. *Me inscrevi. Tudo bem.* Se quiser ser generosa, pode até incluir uma daquelas carinhas felizes no final.

Do banco do carona, olho para ela de rabo de olho. Margot é a irmã caçula da minha mãe, uns bons dez anos mais nova. É o oposto dela em quase tudo. As duas não são nem parecidas, o que significa que Margot também não se parece comigo, porque sou a cara da minha mãe. Minha tia tem cabelo loiro-escuro, olhos azuis e um bronzeado permanente que mantém com facilidade trabalhando à noite e cochilando na piscina durante o dia, mesmo sendo enfermeira e sabendo que isso não faz bem. Eu tenho a pele branca e pálida, olhos castanho-escuros e cabelo comprido, ondulado, praticamente preto. Ela parece ter saído de uma propaganda de bronzeador. Eu pareço ter saído de um caixão. As pessoas teriam que ser idiotas para acreditarem que somos parentes, embora essa seja uma das poucas coisas verdadeiras a meu respeito.

Ela ainda está com aquele sorriso pretensioso, sabendo que, mesmo se não tiver me convencido a acalmar minha mãe, ao menos fez com que eu me sentisse um pouco culpada. É impossível não gostar de Margot, mesmo quando a gente se esforça muito para isso, o que me dá uma certa raiva dela, porque eu nunca vou ser assim. Ela me acolheu, não porque eu não tivesse mais para onde ir, mas porque não existe nenhum outro lugar em que eu suporte estar. Para sua sorte, ela só vai ter que me ver de passagem, porque quase nunca vamos estar em casa ao mesmo tempo quando as aulas começarem.

Mesmo assim, duvido que tomar conta de uma adolescente emburrada e amarga esteja entre as preferências de uma mulher solteira de 30 e poucos anos. Não é algo que eu faria, mas também não sou uma pessoa muito boa. Talvez seja por isso que fugi desesperadamente daqueles que mais me amam. Se eu pudesse ficar sozinha, ficaria. Com o maior prazer. Preferiria a solidão a ter que fingir que estou bem. Mas não me dão essa opção. Então, aceito ficar com alguém que pelo menos não me ama tanto assim. Sou grata por ter Margot. Não que eu diga isso a ela. Não que eu diga qualquer coisa a ela. Não digo nada.

Quando entro, a secretaria está a maior confusão. Telefones tocando, copiadoras funcionando, vozes por toda parte. Há três filas que levam ao balcão. Não sei em qual entrar, então escolho a mais próxima da porta e torço pelo melhor. Margot vem atrás de mim e imediatamente me puxa para o lado, passando à frente de todo mundo até chegar à recepcionista. Sorte dela que eu a vi se aproximar. Do contrário, no instante em que encostasse no meu braço, ela já estaria com a cara no chão e o meu joelho nas costas.

– Temos horário com o Sr. Armour, o diretor – diz ela com autoridade.

Margot, a adulta responsável. Hoje está fazendo o papel de mãe. É um lado dela que não costumo ver. Ela prefere interpretar a tia gente boa. Como não tem filhos, a situação está um pouco além de sua capacidade. Eu nem sabia que tínhamos hora marcada, mas agora vejo que faz sentido. A recepcionista, uma mulher de aparência desagradável, que deve ter uns 50 anos, aponta para algumas cadeiras ao lado de uma porta de madeira escura que está fechada.

Só temos que esperar alguns minutos, e ninguém repara em mim ou me reconhece. O anonimato é legal. Pergunto-me quanto tempo irá durar. Olho para as minhas roupas. Não estou arrumada. Eu esperava entrar, preencher uns formulários, entregar a caderneta de vacinação e ir embora. Não contava com hordas de alunos na secretaria. Estou vestindo uma calça jeans e uma camiseta preta de gola V, ambas um pouco – está bem, muito – mais apertadas do que o necessário, mas, fora isso, totalmente comuns. Concentrei meus esforços nos sapatos. Pretos, de salto agulha. Onze centímetros de extravagância. Eu os uso mais pelo efeito do que pela altura, embora precise muito dela. Eu não teria me incomodado com isso hoje, só que precisava treinar. Meu equilíbrio melhorou, mas achei que um ensaio não faria mal. Prefiro não cair de bunda no chão no meu primeiro dia de aula.

Olho para o relógio na parede. O ponteiro dos segundos ecoa na minha cabeça, embora eu saiba que não é possível escutar o tique-taque com toda essa movimentação. Queria conseguir me desligar do barulho. É desconcertante. Há sons demais ao mesmo tempo, e meu cérebro tenta separá-los, classificá-los em pilhas organizadas, mas isso é quase impossível com todas as máquinas e vozes se misturando. Eu abro e fecho a mão no colo e torço para sermos chamadas logo.

Após alguns minutos que parecem uma eternidade, a pesada porta de madeira se abre e um homem de 40 e poucos anos usando uma camisa e uma gravata que não lhe caem bem nos convida a entrar. Ele abre um sorriso acolhedor antes de se sentar numa enorme cadeira de couro. A mesa é imponente. Grande demais para a sala. Obviamente, a mobília foi escolhida para intimidar, porque o próprio homem não é capaz disso. Antes que diga muita coisa, concluo que ele é gentil. Espero estar certa, porque vou precisar contar com ele.

Eu me sento numa das duas poltronas de couro vinho à frente da mesa do Sr. Armour. Margot afunda no assento ao lado do meu e começa seu discurso ensaiado. Eu escuto enquanto ela passa alguns minutos explicando a ele minha "situação peculiar". *Situação peculiar, sem dúvida.* Quando ela entra nos detalhes, eu o vejo olhar para mim. Ao me observar, seus olhos se abrem um pouco mais e eu noto um sinal de reconhecimento neles. É, sou eu. Ele se lembra de mim. Se eu tivesse ido para mais longe, talvez isto nem fosse necessário. O nome não lhe diria muito. O rosto, menos ainda. Mas estou só a duas horas de onde tudo aconteceu e, se uma pessoa que seja juntar as peças, eu volto para o mesmo ponto em que estava lá. Não posso correr esse risco, então aqui estamos, na sala do Sr. Armour, três dias antes do início do meu último ano de escola. Nada como deixar tudo para a última hora. Mas pelo menos não foi por culpa minha. Meus pais lutaram até o fim contra a mudança, até

que enfim se renderam. Acho que tenho que agradecer em parte a Margot, embora o fato de eu ter partido o coração do meu pai talvez tenha ajudado um pouco. E é provável que todos eles já estivessem fartos.

Agora estou completamente alheia à conversa e me ocupo observando a sala de Armour. Não há muito com que me distrair; algumas plantas precisando de água e fotos de família. O diploma na parede é da Universidade de Michigan. O primeiro nome dele é Alvis. *Hein?* Que droga de nome é esse? Acho que nem significa nada, mas com certeza vou verificar depois. Estou pensando em possíveis origens quando vejo Margot pegar uma pasta e entregá-la a ele.

Anotações médicas. Um monte.

Enquanto ele observa os documentos, meus olhos são atraídos por um antigo apontador de lápis a manivela, de metal. Acho estranho. A mesa é sofisticada, elegante, de cerejeira, muito diferente das porcarias industrializadas baratas que os professores usam. Não entendo por que alguém iria instalar um apontador antigo desses numa mesa assim. É totalmente contraditório. Queria poder perguntar. Em vez disso, me concentro no aro de buracos ajustáveis para diversos tamanhos de lápis e imagino se o meu mindinho caberia em algum deles. Penso quão doloroso seria apontar o dedo e quanto sangue sairia quando ouço o tom de voz do Sr. Armour mudar.

– Nada mesmo? – pergunta ele, parecendo nervoso.

– Nada mesmo – confirma Margot.

Sua postura fingida de mulher direta está a pleno vapor.

– Entendo. Bem, vamos fazer o possível. Vou informar os professores dela antes de segunda-feira. Ela já preencheu um formulário com as matérias que pretende fazer? – E, infalivelmente, chegamos à parte em que ele começa a falar de mim como se eu não estivesse presente. Margot lhe entrega o formulário e ele dá uma olhada rápida no documento. – Vou passar isto para o departamento de orientação educacional, para que preparem a grade de horários dela até segunda de manhã. Não posso prometer que ela vá conseguir as eletivas. A maioria das turmas já está cheia a esta altura.

– Nós compreendemos. Sabemos que fará o que for possível. Agradecemos pela sua colaboração e, claro, pela discrição – completa Margot.

É um aviso. É isso aí, Margot. Se bem que eu não acho que seja necessário. Tenho a impressão de que ele quer mesmo ajudar. Além disso, acho que o deixo desconfortável, o que significa que é provável que ele torça para me ver o mínimo possível.

O Sr. Armour nos conduz até a porta, aperta a mão de Margot e acena com a cabeça de forma quase imperceptível para mim, com um sorriso forçado que imagino ser de pena ou, possivelmente, de desdém. Depois desvia o olhar rápido. Ele nos segue ao entrarmos de novo no caos da secretaria e pede para aguardarmos um instante, enquanto percorre um corredor até a sala do departamento de orientação educacional com os meus documentos na mão.

Olho em volta e noto que muitas das pessoas que tinha visto antes continuam na fila.

Agradeço a qualquer que seja o deus que ainda acredita em mim pela possibilidade de marcar hora. Prefiro limpar um banheiro químico com a língua do que passar mais um minuto que seja no meio desta poluição sonora. Ficamos paradas encostadas à parede, tentando não ficar no meio do caminho. Não há mais cadeiras livres.

Dou uma olhada para o início da fila, onde um boneco Ken de cabelo loiro-escuro lança seu melhor sorriso de conquistador para a Dona Desagradável do outro lado do balcão. Dona Desagradável agora resplandece sob a aura do charme do garoto. Não a culpo. Ele é do tipo de bonitão que transforma mulheres respeitáveis em idiotas completas. Eu me esforço para ouvir a conversa entre eles. Algo sobre um cargo de assistente de secretaria. *Aaah, seu folgado...* Ele inclina a cabeça para um lado e diz algo que faz a Dona Desagradável rir e balançar a cabeça com resignação. Ele conseguiu o que queria, seja o que fosse. Observo o leve movimento que faz com os olhos. Ele também sabe disso. Estou quase impressionada.

Enquanto ele espera, a porta se abre de novo e uma menina psicoticamente bonita entra e percorre a sala com o olhar até parar nele.

– Drew! – grita ela por sobre a confusão e todos se viram. Ela parece não notar. – Não vou ficar no carro o dia todo! Anda *logo*!

Eu a observo enquanto ela o encara, furiosa. É loira como ele, mas a cor é diferente – o cabelo dela é mais claro, como se tivesse passado o verão todo ao sol. É atraente da forma mais óbvia possível, com um top rosa de frente única bem recheado na frente e, numa obsessiva combinação de cores, uma bolsa da Coach também rosa. Ele parece se divertir um pouco com a irritação dela. Deve ser a namorada. Eles combinam, eu penso. *Ken Incendiador de Calcinhas acompanhado da Barbie Princesa Irritadinha: medidas inalcançáveis, bolsa de grife e rostinho zangado incluídos!*

Ele ergue um dedo, indicando que só vai demorar um minuto. Se eu fosse ele, escolheria outro dedo. Esse pensamento me faz sorrir e ergo a vista, deparando com ele, que sorri de volta, os olhos travessos brilhantes.

Atrás dele, Dona Desagradável rabisca algo rápido no formulário de Ken e assina no final. Devolve-o para ele, que continua olhando para mim. Eu aponto para ela e levanto as sobrancelhas. *Não vai pegar o que veio pedir?* Ele se vira e pega o formulário, agradece a Dona Desagradável e pisca. Pisca para a secretária menopáusica. Ele é tão gritantemente óbvio que seu comportamento quase parece fruto de inspiração divina. *Quase.* Ela balança a cabeça de novo e acena para que ele saia de lá. *Mandou bem, Ken. Mandou bem.*

Enquanto eu me entretinha com a encenação na secretaria, Margot cochichava com uma mulher que deduzo ser a orientadora educacional. Drew, que quero desesperadamente continuar chamando de Ken, ainda está parado perto da porta, conversando com outros dois garotos que esperam no fim da fila. Eu me pergunto se está tentando irritar a Barbie de propósito. Parece algo fácil de fazer.

– Vamos. – Margot reaparece e me conduz para a porta da frente.

– Com licença! – diz uma voz alta e esganiçada de mulher antes de chegarmos à saída. Todos na fila se viram de forma sincronizada e a observam. Ela segura uma pasta e aponta na minha direção. – Como se pronuncia este nome?

– Nás-ti-a – retruca Margot, e eu me contraio toda, dolorosamente ciente do público à nossa volta. – Nastya Kashnikov. É russo.

Ela fala as duas últimas palavras por sobre o ombro, bastante satisfeita consigo própria por algum motivo, antes de cruzarmos a porta com todos aqueles olhos grudados às nossas costas.

Ao chegarmos ao carro, ela solta um suspiro e adota de novo a postura da Margot que eu conheço.

– Bom, esse problema está resolvido. Por enquanto – acrescenta. Então abre aquele sorriso brilhante típico das jovens americanas. – Sorvete? – sugere, dando a impressão de que precisa disso mais do que eu.

Sorrio de volta, pois, mesmo às dez e meia da manhã, só há uma resposta a essa pergunta.

Capítulo 2

Josh

Segunda-feira, 7h02. Inútil. É o que o dia de hoje vai ser, junto com os 179 dias de aula que virão depois. Eu refletiria sobre o desperdício que tudo isso representa se tivesse tempo, mas não tenho. Já vou chegar atrasado. Vou até a área de serviço e arranco algumas roupas da secadora, que ainda está em funcionamento. Esqueci de ligá-la ontem à noite, mas não posso esperar, então agora tento vestir uma calça jeans úmida enquanto ando e torço para não tropeçar. Fazer o quê? Não estou surpreso.

Pego uma caneca do armário e a encho de café, tentando não derramá-lo sobre a bancada toda e me queimar no processo. Apoio a caneca na mesa da cozinha, ao lado de uma caixa de sapatos cheia de remédios de venda controlada, e nesse momento vejo meu avô sair do quarto dele. Está com os cabelos brancos tão desgrenhados que por um instante me lembra um cientista louco. Caminha devagar de um jeito preocupante, mas sei que é melhor não oferecer ajuda. Antes ele fazia e acontecia e agora não mais, e se ressente de cada aspecto dessa perda.

– O café está na mesa – digo, pegando o chaveiro e me dirigindo para a porta. – Já deixei seus comprimidos prontos e os anotei na tabela. Bill chega daqui a uma hora. Tem certeza que vai ficar bem até lá?

– Não sou um inválido, Josh – retruca ele quase rosnando.

Tento não sorrir. Ele está bravo. Mas isso é bom. Faz tudo parecer um pouco normal.

Entro na minha picape e saio da garagem em questão de segundos, mas não sei se vai dar tempo. Não moro longe da escola, só que a fila para entrar no estacionamento no primeiro dia é sempre um saco. A maioria dos professores vai fazer vista grossa hoje, e eu nem preciso me preocupar com isso; atrasado ou não, ninguém vai me suspender. Piso fundo e, em poucos

minutos, estou esperando para entrar no estacionamento. A sequência de carros serpenteia até a rua, mas pelo menos está andando.

Só dormi quatro horas e tomei apenas uma caneca de café. Gostaria de ter tido tempo de encher mais uma para levar, mas não deu, e de qualquer maneira era provável que a bebida acabasse derramando no meu colo até eu chegar à escola.

Enquanto espero, pego a grade de horários e dou mais uma olhada. A oficina é só no quarto tempo, mas pelo menos não é no fim do dia. Não dou a mínima para o resto.

Quando finalmente entro na escola, Drew está com seus seguidores de sempre, brindando-os com suas histórias inventadas sobre as férias de verão. Sei que são inventadas porque ele passou a maior parte do tempo comigo e posso garantir que não fez porra nenhuma. Tirando as ocasiões em que desapareceu com a garota da vez, ele estava no meu sofá.

Observando-o agora, acho que ninguém está mais feliz do que ele com a volta às aulas. Eu reviraria os olhos se isso não fosse coisa de menina, então apenas olho direto para a frente e continuo andando. Ele acena para mim com a cabeça quando passo e retribuo o gesto. Falo com ele mais tarde. Drew sabe que não chego nem perto quando ele está rodeado de gente. Ninguém me nota e eu passo entre a massa de gente, chegando ao pátio principal bem quando o sinal toca.

Minhas três primeiras aulas poderiam ser uma só. Só escuto as regras, pego programas e tento me manter acordado. Meu avô se levantou cinco vezes durante a noite, o que quer dizer que eu também me levantei cinco vezes durante a noite. Realmente preciso começar a dormir mais. *Daqui a uma semana você consegue*, penso com amargura, mas não perco tempo com isso.

10h45. Hora do almoço. Por mim, iria direto para a oficina. Acho um saco comer tão cedo. Vou até o pátio e garanto meu lugar no banco mais distante, o mesmo no qual me sentei nos últimos dois anos. Ninguém me incomoda porque é mais fácil fingir que eu não existo. Eu preferiria passar meia hora varrendo serragem do que ficar sentado aqui, mas ainda não há serragem para varrer. Pelo menos é cedo, então os bancos de metal não estão em brasa por causa do sol. Agora só tenho que esperar trinta minutos, que provavelmente serão os mais longos do dia.

Nastya

Sobreviver. É o que estou fazendo agora e não tem sido tão horrível quanto eu esperava. Muitas pessoas me olham de rabo de olho, talvez por causa das minhas roupas, e fora isso ninguém fala comigo. Exceto Drew, o boneco Ken. Dei de cara com ele hoje cedo, mas não

aconteceu nada de mais. Ele falou. Eu segui em frente. Ele desistiu. Consegui chegar até a hora do almoço e agora é o grande teste. Ninguém teve ainda grandes oportunidades de socializar, então consegui passar despercebida, mas a hora do almoço é uma dimensão do inferno praticamente sem supervisão. De início, a melhor opção parece ser evitar todo mundo, mas em algum momento vou ter que lidar com os olhares e comentários. Pessoalmente, eu preferiria enfiar um cacto na bunda, mas pelo jeito não tenho essa opção, então é melhor arrancar o Band-Aid de uma vez e acabar logo com isso. Depois eu acho um banheiro vazio para ajeitar o cabelo e retocar o batom – ou como nós, covardes, gostamos de falar, para me esconder.

Tento dar uma conferida discreta nas minhas roupas para ter certeza de que não há nada fora do lugar e de que não estou mostrando mais do que o planejado. Uso os mesmos saltos agulha de sexta, mas hoje vesti uma blusa sem manga preta decotada e uma saia quase inexistente, que valoriza a minha bunda. Deixei o cabelo solto, indo até abaixo dos ombros e escondendo a cicatriz na testa. Nos olhos, passei um delineador preto grosso. Pareço uma vadia e só devo atrair os seres humanos mais baixos de todos. *Drew.* Sorrio ao lembrar o jeito como ele me olhou da cabeça aos pés no corredor hoje cedo. Barbie ficaria furiosa se soubesse.

Não me visto assim porque goste muito nem por querer chamar a atenção das pessoas. Mas elas vão me olhar pelos motivos errados de qualquer maneira, então pelo menos eu posso escolhê-los. Além disso, receber alguns olhares indesejados é um preço baixo a pagar para afugentar todo mundo. Duvido que alguma garota desta escola queira falar comigo, e qualquer garoto que se interesse por mim provavelmente não vai ser para conversar. Então, e daí? Se é para receber atenção indesejada, é melhor que seja por causa da minha bunda do que pela minha psicose e pela minha mão ferrada.

Margot ainda não tinha chegado em casa quando saí para a escola de manhã, senão teria tentado me convencer a não ir assim. Eu não a culparia. Acho que quando entrei na sala o professor do primeiro tempo quis me dar uma advertência por violar o código de vestimenta, mas, depois de ver meu nome na lista de presença, ele mandou eu me sentar e não me olhou mais até o fim da aula.

Três anos atrás, minha mãe teria dado um chilique, chorado, lamentado suas falhas como mãe ou possivelmente me trancado no quarto se me visse deste jeito na escola. Hoje, me olharia com ar de decepção mas perguntaria se isso me faz feliz, então eu concordaria com a cabeça e mentiria, e aí poderíamos fingir que isso não é um problema. Talvez as roupas nem fossem a pior parte. Acho que ela se importaria muito mais com a maquiagem do que com o uniforme de prostituta.

Minha mãe adora o rosto que tem. Não se trata de arrogância ou vaidade, mas de respeito. Ela é grata pelo que recebeu de nascença. E deveria ser mesmo. É um rosto fantástico, perfeito, etéreo. Do tipo que leva as pessoas a escreverem canções e poemas e bilhetes de suicídio. É o tipo de beleza exótica que deixa os homens dos romances obcecados, mesmo sem fazerem

ideia de quem você seja, porque *eles precisam possuí-la.* Esse tipo de beleza. Assim é a minha mãe. Eu cresci querendo ser igualzinha a ela. Algumas pessoas dizem que sou, e talvez lá no fundo isso seja verdade, se alguém conseguir arrancar toda a maquiagem e me vestir como uma garota normal, o que é o oposto da minha aparência de agora – de uma dessas desclassificadas proferindo blasfêmias enquanto é arrancada à força de uma boca de crack num *reality show* policial.

Imagino a minha mãe balançando a cabeça e me dirigindo aquele olhar de decepção, mas ultimamente ela passou a escolher as batalhas, então não sei ao certo se ela criaria um caso comigo por isso. Ela está começando a acreditar que talvez eu seja uma causa perdida e isso é bom, porque sou mesmo, e saí de casa para ver se ela consegue aceitar esse fato. Eu já era uma causa perdida havia muito tempo. Esse pensamento me deixa triste pela minha mãe, porque ela não pediu nada disso. Ela achava que tinha conseguido o milagre que estava esperando, e eu era a única que sabia que não, por mais que desejasse lhe dar isso. Talvez eu é que o tenha roubado dela.

O que me traz de volta ao pátio, onde continuo esperando na beirada como uma convidada num episódio de *Evasiva extrema: edição ensino médio.* Meu plano era chegar aqui bem cedo para cruzar o pátio antes que o almoço estivesse a pleno vapor, mas fiquei presa na aula de história e esses três minutos fizeram a diferença entre um lugar semivazio e um fervilhando com os alunos que estou observando agora. Neste instante, me concentro nas lajotas de tijolo que cobrem a totalidade do perímetro, questionando seriamente se meus saltos agulha de 11 centímetros foram uma escolha inteligente. Estou calculando a probabilidade de chegar ao outro lado com a minha dignidade e os dois tornozelos intactos quando ouço uma voz à minha direita me chamar.

Eu me viro instintivamente, mas no mesmo instante sei que foi a decisão errada. Sentado num banco próximo está o dono da voz, olhando direto para mim. Está reclinado casualmente, com as pernas mais abertas do que o necessário, numa expressão ostensiva de otimismo. Ele sorri e é inegável: ele sabe que é bonito. Se a autoadoração fosse um perfume, ninguém conseguiria ficar ao lado desse garoto sem sufocar. Cabelos escuros. Olhos escuros. Como eu. Poderíamos ser irmãos ou um daqueles casais assustadores que parecem irmãos.

Sinto raiva de mim mesma por ter olhado. Agora, quando eu me virar, ignorando-o, e cruzar o campo de batalha, tenho certeza de que seus olhos – além de todos os outros naquele banco – estarão colados às minhas costas. E quando digo costas quero dizer bunda.

Volto a examinar a superfície instável do piso. Sem pressão. Me concentro nessa importante tarefa bem a tempo de ouvi-lo falar:

– Se está procurando um lugar para se sentar, meu colo está livre.

Pronto. Aí está. Não é inteligente nem original, mas os amigos igualmente pouco brilhantes riem mesmo assim. Lá se vão minhas esperanças de uma possível amizade. Começo a caminhar, mantendo os olhos firmes à frente, como se tivesse outro objetivo além de apenas

sobreviver a estes passos.

Não cheguei nem à metade do dia. Ainda faltam quatro das sete matérias da minha grade de horários dos infernos.

~

Cheguei mais cedo à escola hoje para passar na secretaria e pegar minha grade de horários. Claro que, se eu soubesse o que encontraria lá, teria adiado o inevitável. A secretaria estava uma loucura de novo, mas a Sra. Marsh, a orientadora educacional, tinha me instruído a ir até sua sala e pegar o horário direto com ela – mais uma das vantagens de ser eu.

– Bom dia, Nastya, Nastya – disse ela, repetindo meu nome com duas pronúncias distintas e olhando distraída para mim à espera de uma confirmação, que eu não dei.

Ela estava empolgada demais para o primeiro dia de aula – ou para as sete horas da manhã. Definitivamente, aquilo não era natural. Deve haver uma aula exclusiva para orientadores educacionais: *Como expressar alegria inapropriada frente ao horror adolescente.* Aposto que os professores não a frequentam, porque eles nem se dão ao trabalho de fingir. Metade deles parece tão infeliz quanto eu.

Ela fez um gesto para que eu me sentasse. Não obedeci. Minha saia era curta demais para me sentar numa cadeira sem uma mesa na frente. Ela me entregou um mapa da escola e minha grade de horários. Passei os olhos pelas matérias, procurando as eletivas, porque eu já sabia quais eram as disciplinas obrigatórias. *Isso só pode ser brincadeira.* Por um momento fiquei convencida de que ela tinha me dado o horário errado, então olhei o cabeçalho. *Não, é meu mesmo.* Eu não tinha certeza de como reagir àquela situação. Você sabe, quando o universo decide lhe dar mais um chute na bunda com uma bota de bico fino. Chorar estava fora de cogitação, e dar um chilique com gritos, risadas maníacas e palavrões com certeza não era uma possibilidade, então fiquei com a única opção disponível: o silêncio de perplexidade.

A Sra. Marsh deve ter captado o meu olhar. E aposto que foi bastante expressivo, porque no mesmo instante ela começou uma explicação detalhada sobre requisitos para a conclusão do ensino médio e matérias eletivas lotadas. Quase pareceu que estava se desculpando, e talvez devesse estar mesmo, porque aquilo foi realmente uma droga. Mas por um momento eu quase quis lhe dizer que estava tudo bem, para que ela não ficasse se sentindo tão mal. Eu vou sobreviver. Não são algumas matérias insignificantes que vão acabar comigo. Peguei a grade de horários, o mapa e meu horror abjeto e me encaminhei para a sala de aula, lendo e relendo o papel pelo caminho. Para meu azar, ele continuava igual todas as vezes.

~

A esta altura, estou quase na metade do caminho. Não está sendo muito ruim, relativamente falando – e tudo na minha vida é relativo. Os professores não são horríveis. A Sra. McAllister,

professora de Inglês, até me olha nos olhos como se me desafiasse a esperar que ela me trate de um jeito diferente. Gosto dela. Mas o pior está por vir, então ainda está cedo para estourar o champanhe.

Além disso, também tenho que atravessar o vale de lágrimas que é o pátio. Admito que sou covarde, mas não posso evitar o problema por muito mais tempo. Já andei quase 2 metros e não estou me saindo tão mal. Me concentro no meu objetivo: a entrada para o prédio de Inglês, um grande portão duplo do lado oposto à minha nêmesis de lajotas de tijolo.

Observo tudo o que posso pela visão periférica. O pátio está lotado. E barulhento. Insuportavelmente barulhento. Tento fazer com que todas as conversas e vozes se dissolvam num som único, um murmúrio contínuo.

Há pequenos grupos em volta de todos os bancos, amontoados sobre eles e de pé, ao lado. Alguns alunos se sentam nas bordas dos canteiros de plantas distribuídos pelo pátio. Há ainda os espertos que se acomodam no chão, à sombra da passarela que contorna a área. Não há lugares suficientes para todos, é quase impossível se proteger do sol e está um calor infernal. Nem imagino o lixo que deve ser a lanchonete para tanta gente preferir ficar aqui fora suando. Minha escola antiga era a mesma coisa, mas eu nunca tinha que enfrentar a loucura da hora do almoço nem as decisões relacionadas a ela, como onde me sentar e com quem. Passava o intervalo inteiro praticando na sala de música, o único lugar onde eu queria estar.

Estou quase lá. Até agora, vi poucos rostos conhecidos: um garoto que estava na aula de história, sentado sozinho lendo um livro, e duas garotas da aula de matemática que estão dando risadinhas com a Barbie zangada da secretaria. Percebo alguns olhares em minha direção, mas, fora o babaca egocêntrico que me ofereceu o colo, ninguém mais falou comigo.

Ainda tenho que passar por mais dois bancos para chegar até o portão duplo, e é o da esquerda que chama a minha atenção. Só tem um garoto sentado nele, bem no meio. Poderia não parecer estranho se todos os outros bancos – aliás, todos os lugares em que alguém pudesse apoiar o traseiro – não estivessem ocupados. Mas não há ninguém naquele banco além dele. Olhando com mais atenção, percebo que não há ninguém nem sequer nas imediações. É como se houvesse um campo de força invisível ao redor daquele espaço e ele fosse o único lá dentro.

A curiosidade me domina e, por um momento, esqueço o meu objetivo. Não consigo desviar os olhos do garoto. Está encarapitado no encosto do banco, as botas marrons e desgastadas plantadas com firmeza no assento. Está inclinado para a frente, com os cotovelos apoiados nos joelhos, e usa uma calça jeans desbotada. Não dá para ver seu rosto direito. Os cabelos castanho-claros caem sobre a testa, desgrenhados, e ele está com os olhos baixos, na direção das mãos. Não está comendo, não está lendo, não está olhando para ninguém. Até que olha. Olha para mim. *Merda.*

Eu me viro no mesmo instante, mas é tarde demais. Não tinha olhado para ele só de relance. Estava plantada no meio do pátio encarando-o. Estou a alguns metros de distância do

refúgio atrás daquele portão duplo e me arrisco a apertar o passo o máximo possível sem chamar a atenção. Chego à relativa proteção da sombra do edifício, seguro a maçaneta e puxo. *Nada*. O portão não se abre. Repito: *merda*. Está trancado. No meio do dia. Por que alguém trancaria o portão pelo lado de fora?

– Está trancado – diz uma voz abaixo de mim.

Não diga. Olho para baixo. Não tinha reparado no garoto com o caderno de desenho na mão, sentado no chão ao lado do portão. Está num lugar oculto por um grande canteiro, invisível para quem se encontra no pátio principal. Garoto esperto. Usa roupas velhas e seu cabelo parece não ver um pente há uma semana. Está sentado ao lado de uma garota de cabelo castanho, que usa óculos escuros na sombra e segura uma câmera. Ela me lança um breve olhar antes de voltar a prestar atenção na câmera. Não fossem os óculos escuros, ela passaria totalmente despercebida. Me pergunto se eu não deveria ter escolhido essa estratégia, mas agora é tarde demais para pensar nisso.

– Não querem que ninguém vá fumar nos banheiros na hora do almoço – diz o garoto do caderno de desenho, que está usando uma camiseta furada de show de rock.

Ah. O que será que acontece se você chega atrasado para a aula? Azar o seu, imagino. Olho para o bando de garotas perto da entrada do banheiro do pátio. Não, obrigada. Tento pensar em alguma outra rota de fuga quando percebo que ele ainda está com o pescoço esticado, olhando na minha direção. Ainda bem que não estou mais perto, ou sem dúvida ele enxergaria por baixo da minha saia quase imaginária. Pelo menos estou usando uma calcinha bonita, que hoje é minha única peça de roupa que não é preta.

Dou uma olhada no caderno que ele tem na mão. O braço apoiado por cima não me deixa ver o que está desenhando. Fico querendo saber se ele tem algum talento. Eu não sei desenhar nada. Aceno com a cabeça em agradecimento e me viro para tentar encontrar outro lugar para ir. Antes de me afastar, duas garotas saem pelo portão a toda a velocidade, quase passando por cima de mim e me fazendo despencar dos meus sapatos fabulosos. Falam mil palavras por minuto e nem reparam na minha presença, o que acho ótimo, porque consigo me esgueirar por entre as portas assim que elas saem. Entro no refúgio fresco e vazio do prédio de Inglês e volto a respirar.

Capítulo 3

Josh

Aguardo o quarto tempo ansiosamente. Já estou suado por ter ficado sentado no sol durante o almoço, mas na oficina também não tem ar-condicionado. Quando entro, na mesma hora me sinto em casa, ainda que o espaço esteja totalmente diferente do que era em junho. Não há ferramentas nem pedaços de madeira em todas as superfícies. Não há um tapete de serragem cobrindo o chão. Não há máquinas em funcionamento. O silêncio é que é enervante no início. Não deveria ser silencioso aqui, e só é assim nesta época do ano.

As primeiras semanas são uma revisão das normas sobre o uso de equipamentos e dos procedimentos de segurança que eu poderia recitar de cor se alguém pedisse. Ninguém pede. Todos sabem que já sei. Se eu quisesse, poderia dar esta aula. Largo os livros na mesa do canto mais distante, onde me sento todos os anos – pelo menos nos momentos em que devemos ficar sentados. Antes que eu puxe o banco que está debaixo da mesa, o Sr. Turner me chama.

Eu gosto dele, mas o Sr. Turner não liga para isso. O que ele quer é meu respeito, e o tem. Faço tudo o que ele manda. É uma das poucas pessoas que ainda esperam algo de mim. A esta altura, acho que aprendi tanto com ele quanto com meu pai.

O Sr. Turner ministra este curso desde sempre, muito antes de eu entrar, quando não passava de uma eletiva sem importância. Agora é um dos melhores cursos do estado. Ele o coordena como um negócio. Nas aulas avançadas, nosso trabalho paga os materiais e equipamentos. Recebemos encomendas, e o dinheiro que conseguimos é reinvestido no curso.

Não se chega às aulas avançadas sem passar pelos níveis básicos, e mesmo isso não é garantia. O Sr. Turner só aceita os alunos que atendem às suas expectativas em termos de ética e competência. É por isso que as turmas do nível profissionalizante são tão pequenas. Só se

entra com a aprovação dele, que, de tão bom que é, consegue fazer o que quer, mesmo numa escola de eletivas lotadas.

Quando chego à sua mesa, ele me pergunta como foi meu verão. Está tentando ser gentil, mas me conhece bem o suficiente para saber que não precisa se dar a esse trabalho. Sou aluno dele desde o nono ano. Ele sabe dos meus problemas e me conhece. Tudo que eu quero é construir móveis e ficar na minha, e ele me permite fazer as duas coisas. Respondo com o mínimo de palavras possível e ele assente com a cabeça, sabendo que a farsa já foi suficiente.

– O departamento de teatro precisa de prateleiras para o depósito de peças cênicas. Você pode ir lá, tirar as medidas, desenhar o projeto e fazer uma lista do material necessário? Não precisa ficar aqui para isso – diz ele, pegando uma pilha de papéis que deduzo serem cópias das normas e dos procedimentos e demonstrando certa dose de tédio e resignação. Ele também só quer construir móveis. Mas também não quer que ninguém perca um dedo. – No fim da aula, me mostre o que tiver preparado e eu arranjo o que for necessário. Acho que você termina isso em uma semana, mais ou menos.

– Tudo bem.

Tento não sorrir. O blá-blá-blá preliminar é a única parte chata deste curso, e acabo de ser liberado. Tenho algo para construir, mesmo que sejam só prateleiras. E posso fazer isso longe de todo mundo.

Rabisco minha assinatura no fim do termo de responsabilidade e o devolvo a ele. Então pego meus livros, justo quando alguns outros garotos entram na sala. Não deve ter muita gente nesta turma – talvez pouco mais de uma dezena de alunos. Conheço todo mundo que chegou até agora, menos uma pessoa: a garota do pátio, a que ficou me olhando. Não é possível que ela esteja nesta aula. E ela deve pensar o mesmo, a julgar por sua expressão ao observar o ambiente, examinando atentamente desde o teto alto até o maquinário industrial. Ela estreita um pouco os olhos com ar de curiosidade, mas é tudo o que eu vejo, pois desta vez ela se vira e me pega olhando para ela.

Eu observo muito as pessoas. Normalmente isso não é um problema, porque ninguém costuma olhar para mim e, quando olha, tenho muita prática em desviar o olhar depressa. Bem depressa. Mas não é que essa garota foi mais rápida? Sei que ela é aluna nova. Se não for, passou por alguma transformação drástica e lamentável durante o verão, pois conheço quase todo mundo desta escola e, ainda que não conhecesse, não me esqueceria da garota que vem para a aula parecendo uma prostituta zumbi. De qualquer jeito, saio pela porta dez segundos depois e tenho certeza de que até eu voltar já vão ter corrigido a grade de horários dela.

Eu me escondo no depósito do teatro durante todo o quarto tempo, medindo e esboçando projetos e listas de materiais para as prateleiras que eles precisam. Não há nenhum relógio por aqui e ainda não terminei quando o sinal toca. Enfio o bloco de anotações na mochila e me dirijo ao prédio de Inglês. Chego à sala da Sra. McAllister e passo por todos os que ainda estão

perambulando pelo corredor, aproveitando até os últimos segundos para socializar antes da próxima aula. A porta se abre e a professora levanta o olhar quando eu entro.

– Aaah, Sr. Bennett, por aqui mais uma vez.

Fui aluno dela no ano passado. Devem tê-la transferido do segundo para o terceiro ano.

– Sim, senhora.

– Educado como sempre. Como foi seu verão?

– É a terceira pessoa que me pergunta isso hoje.

– Isso não é resposta. Tente de novo.

– Quente.

– Sempre loquaz. – Ela sorri.

– Sempre irônica.

– Pelo jeito a consistência é nosso ponto forte.

Ela se levanta e se vira para pegar a lista de presença e três pilhas de folhas de papel que estão sobre o arquivo atrás dela.

– Poderia trazer aquela carteira aqui para a frente? – Ela aponta para uma carteira bamba no canto da sala. Largo minhas coisas num assento no fundo e vou pegar a carteira quebrada. – Coloque ali na frente – diz, apontando para o quadro branco. – Só preciso de um lugar para pôr isto tudo enquanto falo. – Ela apoia as pilhas de papéis na carteira no momento em que o sinal toca.

– A senhora precisa de um pódio.

– Josh, tenho sorte de ter uma mesa com uma gaveta que funciona – retruca ela com exasperação forçada enquanto caminha até a porta aberta da sala e emenda: – É melhor vocês entrarem antes de o segundo sinal tocar, seus paspalhos, porque não tenho o menor problema em dar advertências no primeiro dia de aula e marco a detenção para a parte da manhã, antes da primeira aula, não à tarde.

Ela diz as últimas palavras cantarolando, enquanto uma massa de alunos se atropela para entrar na sala antes de o sinal de atraso tocar.

Com a Sra. McAllister não tem conversa. Ela não se deixa intimidar pelos alunos populares nem pelos filhos de pais ricos, e não quer ser amiguinha de ninguém. No ano passado, conseguiu me convencer de que aqui de fato havia algo que valia a pena aprender sem me obrigar a falar na aula nem uma vez.

De modo geral, tenho dois tipos de professores. Há aqueles que me ignoram completamente e fingem que eu não existo e aqueles que me chamam e atraem a atenção para mim porque acham que isso é bom para mim – ou talvez por sentirem alguma espécie de barato por poderem fazer isso. A Sra. McAllister não é nenhum dos dois tipos. Ela me deixa em paz sem me ignorar. Então, para uma professora, está muito perto da perfeição.

Ela começa a fechar a porta no instante exato em que Drew se esgueira pela fresta.

– E aí, Sra. McAllister, como vai?

Ele sorri e pisca, sem a menor vergonha na cara.

– Imune a seus encantos, Sr. Leighton.

– Algum dia nós vamos recitar poesia um para o outro.

Ele se senta na única carteira vazia, bem na frente da sala.

– Não tenho dúvida. Mas só vamos estudar poesia no próximo semestre, então peço que guarde seus sonetos até lá. – Ela volta até sua mesa, retira da gaveta uma folhinha de papel amarelo e se dirige até ele de novo. – Mas não fique triste. Temos, sim, um encontro. Amanhã cedo. Às 6h45. No laboratório de informática.

Ela pisca de volta para ele ao pôr na carteira o aviso de detenção.

Nastya

A oficina do quarto tempo não foi tão horrível assim. O Sr. Turner quase não prestou atenção em mim, o que, numa turma de catorze alunos, é bem difícil. Logo de cara, ele verificou minha grade de horários para ter certeza de que eu estava no lugar certo e depois me perguntou por que me inscreveram para aquela aula. Dei de ombros. Ele também. Então me devolveu o papel e disse que eu não estaria no mesmo nível dos outros, mas que, se quisesse mesmo ficar, ele poderia me deixar como assistente ou algo assim. É óbvio que não faz questão de que eu participe, mas acho que vou ficar. É uma turma pequena em que provavelmente vão me deixar em paz, o que é o máximo que posso pedir no primeiro dia.

Chego ao quinto tempo sem ter que encarar nenhum daqueles jogos ridículos para as pessoas se apresentarem, o que acaba acontecendo na bosta da aula de Música – matéria da qual preciso me livrar de qualquer maneira. A professora, a Srta. Jennings, uma mulher bonitinha de 20 e poucos anos, cabelo loiro curto, pele pálida e mãos odiosamente perfeitas de pianista, faz a gente se sentar em círculo. Um *círculo*, tipo no ensino fundamental. Isso nos dá a oportunidade de ficar no ângulo ideal para observar e, em consequência, dissecar uns aos outros. Ah, e de nos conhecermos, claro. Isso também.

Para um jogo de apresentação, até que este não é dos piores que já enfrentei. Cada um tem que dizer três coisas sobre si, e uma delas deve ser mentira. Então a turma tenta descobrir qual é a mentira. Dá até certa pena o fato de que, na verdade, eu não vou participar do jogo, porque, se participasse, seria muito maneiro. Eu daria qualquer coisa para ouvir meus colegas e a professora loirinha adorável debaterem a possível veracidade de cada uma das minhas respostas:

Meu nome é Nastya Kashnikov.

Eu era uma pianista prodígio que não deveria estar nem perto de uma aula de Introdução à

Música.

Fui assassinada há dois anos e meio.

Debatam.

Em vez disso, quando chega a minha vez, fico calada, o rosto impassível. A Srta. Jennings me encara com ar de expectativa. *Verifique a lista de presença.* Ela continua me olhando. Eu olho para ela. Está rolando uma estranha troca de olhares entre nós. *Verifique a lista de presença. Eu sei que eles contaram a você.* Tento explicar por telepatia, mas meus superpoderes deixam a desejar.

– Que tal nos dizer três coisas sobre você? – pergunta ela como se eu fosse uma idiota que não entende o que está acontecendo à sua volta.

Finalmente, dou uma mãozinha e balanço a cabeça de maneira quase imperceptível. *Não.*

– Vamos lá, não seja tímida. Todos já falaram. É fácil. Não precisa revelar seus segredos mais obscuros nem nada – continua ela, com bom humor.

Que bom, porque é provável que meus segredos mais obscuros lhe deem pesadelos.

– Pode pelo menos nos dizer o seu nome? – pergunta ela por fim, obviamente não querendo medir forças comigo.

Ela está ficando sem paciência e tenta disfarçar.

Balanço a cabeça mais uma vez. Continuo sem desviar o olhar e acho que estou começando a assustá-la um pouco. Sinto um pouco de pena, mas ela devia ter olhado a lista de presença antes da aula. Todos os outros professores fizeram isso.

– Ceeeeerto... – Ela arrasta a palavra e seu tom de voz muda. Ela realmente está começando a ficar irritada, mas, até aí, eu também. Observo as raízes escuras de seus cabelos, pois são algo em que posso me concentrar enquanto a cabeça dela está baixa, olhando o que suponho ser a lista de presença numa prancheta à sua frente. – Vamos por eliminação. Você deve ser... – Ela faz uma pausa, seu sorriso hesita só um pouquinho e eu sei que a ficha caiu, pois ela torna a me olhar e diz: – Mil desculpas. Você deve ser Nastya.

Desta vez eu faço que sim com a cabeça.

– Você não fala.

Capítulo 4

Nastya

Todas as escolhas que fiz desde que minha vida entrou em combustão espontânea foram questionadas. Nunca faltou gente pronta para julgar o modo que escolhi para lidar com as coisas.

Pessoas que nunca passaram por merda nenhuma sempre acham que sabem como você deve reagir ao fato de sua vida ter sido destruída. E aquelas que passaram por situações complicadas acreditam que você deveria lidar com as dificuldades do mesmo jeito que elas. Como se existisse um roteiro preestabelecido para sobreviver ao inferno.

~

Quando estaciono na garagem de Margot, pouco depois das três da tarde, estou literalmente encharcada de alívio, ou talvez seja apenas suor, porque a umidade aqui é ridícula. Seja o que for, aproveito, porque é a primeira vez no dia em que sinto que consigo respirar. De modo geral, poderia ter sido pior. A notícia correu bem depressa depois do quinto tempo, mas pelo menos o dia estava quase no fim. Imagino que amanhã todo mundo vai saber e aí vamos poder tocar a vida.

Mesmo no sétimo tempo, a piada de mau gosto que é a minha eletiva Discurso e Debate correu razoavelmente bem, o que não é pouco, levando-se em consideração minha desvantagem no quesito discurso. Tivemos que fazer o maravilhoso círculo de novo, mas àquela altura eu já estava imune tanto ao meu pânico quanto aos sussurros que tinham começado a me seguir.

Meu grande camarada, Drew, também estava lá. Não se sentou ao meu lado, o que me deu uma sensação de alívio, porque apesar de seus comentários serem divertidíssimos e fáceis de ignorar, eu temia ter que me defender das mãos dele também. Meu alívio só durou até eu perceber que ele tinha se posicionado bem na minha frente no círculo. Então, toda vez que eu levantava a cabeça, via seu olhar de posso-te-fazer-mulher e seu sorrisinho de eu-sei-como-você-é-debaixo-dessas-roupas. Aposto que treina na frente do espelho. Acho que ele poderia dar aulas sobre como fazer isso. Fiquei de cabeça baixa, passando o dedo sobre os nomes entalhados na superfície da carteira, tentando não sorrir, não porque o achasse atraente, o que sem dúvida ele é, mas porque Drew é irresistivelmente divertido.

De certa forma, estou grata por ele estar lá. Pude me concentrar nele e ignorar as coisas insuportáveis da aula; por exemplo, *tudo*. Devo dizer que *tudo* inclui o babaca do pátio, de olhos e cabelos escuros, totalmente desprovido de charme, cujo nome parece ser Ethan. Ainda bem que havia muitas carteiras livres, então não precisei considerar sua oferta altamente tentadora de me sentar em seu colo. O problema é que uma dessas carteiras livres ficava ao lado da minha, e foi a que ele escolheu. Não fez mais nenhum comentário, mas deu vários sorrisinhos que não chegavam nem aos pés dos de Drew.

Eu entro, jogo a mochila sobre a mesa da cozinha e tiro tudo o que Margot precisa assinar, para que ela faça isso antes de sair para o trabalho. Ainda não terminei quando meu telefone vibra e tenho que parar para procurá-lo. Nem me preocupo em deixá-lo à mão. Não é como se eu precisasse dele toda hora. Só pode ser minha mãe ou Margot. Ninguém mais liga para esse número, nem mesmo meu pai.

Só utilizo o celular para coisas importantes: mensagens de texto, em geral unilaterais, delas duas para mim. Quando preciso, uso o telefone para avisar a Margot onde estou ou se vou me atrasar. Isso foi parte do acordo para que eu ficasse aqui. Mas essas são as únicas informações que compartilho. Nada de *Como foi seu dia?*, *Fez amizade com alguém?* ou *Já procurou um terapeuta?*. Apenas fatos logísticos básicos. Falar nunca foi o problema. A questão é a comunicação.

É uma mensagem de Margot. *Fui comprar comida para seu primeiro dia. Volto logo.* Ainda estou tentando me acostumar a jantar às quatro da tarde. Margot trabalha no turno da noite, então temos que comer cedo para dar tempo de ela tomar um banho e sair. Mas pelo visto o almoço no colégio é às 10h45, então acho que fica tudo certo.

Chuto os instrumentos de tortura longe e calço um par de tênis para ir correr depois do jantar matinê. Eu iria agora, mas está quente e sempre evito sair a esta hora do dia, quando o sol parece me perseguir e queimar lembranças na minha pele. Não vou nem até a caixa de correspondência se puder evitar. O celular vibra de novo. Olho para a tela. Minha mãe. *Espero que seu primeiro dia tenha sido bom. Te amo. M.* Ponho o telefone de volta na mesa. Ela não espera uma resposta.

Margot volta com várias opções de comida chinesa. Vamos ficar uma semana sem precisar

cozinhar. Isso é bom, porque não sei preparar nada que preste e, a julgar pela gaveta cheia de cardápios de entrega a domicílio, ela também não. Estou aqui há cinco dias e acho que a cozinha não foi usada nem uma vez sequer. Pelo menos as refeições com Margot não são desconfortáveis. Ela não se incomoda de falar por nós duas. Compensa diligentemente tudo o que eu não contribuo com a conversa. Nem sei ao certo se eu precisaria estar sentada aqui.

Em menos de uma semana, eu já sei quem ela namorou nos últimos três anos e com quem está saindo agora. Estou por dentro de todas as fofocas do trabalho, mesmo sem fazer ideia de quem são as pessoas que ela menciona. Aposto que Andrea não gostaria de saber que Margot me contou tudo sobre seus problemas financeiros, Eric preferiria que eu não soubesse que a namorada o chifrou e Kelly ficaria chocada por eu saber que ela é bipolar e por a minha tia ter me contado todos os remédios que ela toma. Quanto mais Margot fala, menos esquisito é meu silêncio, e prefiro conversar sobre gente com quem eu não me importo. Quando ela se refere a pessoas da família é ruim, porque não quero pensar nelas e não posso mandá-la calar a porra da boca.

Depois que terminamos de comer, ela corre para o chuveiro, para se livrar de um dia inteiro de transpiração e óleo bronzeador, enquanto eu guardo as diversas embalagens de sobras e espero o sol baixar para poder correr.

Nem passo da porta, porque o céu fica preto antes que o sol se ponha e desaba um temporal. Não me importo de correr na chuva, mas está caindo água demais até para os meus padrões. Fica muito difícil enxergar e impossível ouvir qualquer coisa debaixo de um aguaceiro desses. Quando olho pela porta de vidro dos fundos da casa, os pingos parecem cair quase na horizontal e eu não estou desesperada a ponto de sair com tantos raios. Chuto os tênis longe e sento e levanto e sento e levanto e sento e levanto de novo. Minha cabeça está em parafuso.

Não tem esteira ergométrica aqui, então faço polichinelos até ficar entediada, mudo para séries alternadas de supino e exercícios para as pernas, passo para vários tipos de agachamento e depois faço todas as flexões que consigo antes que meus braços cedam e eu caia de cara no carpete. Não é o tipo de exaustão profunda que estava procurando, mas por hoje vou ter que me dar por satisfeita.

Separo as roupas que vou usar amanhã, junto todos os papéis assinados e os enfio na mochila. Quase queria ter dever de casa, mas não tenho, então perambulo pela sala de estar. Margot deixa uma pilha de jornais ao lado da porta de entrada e me dou conta de que não confiro os anúncios de nascimentos há quase duas semanas.

Pego os periódicos e os folheio até encontrar as seções que quero. A primeira é uma decepção. Nada de novo. Todos os clássicos batidos e os modismos horrorosos que eu não usaria nem para um gato, quanto mais para uma criança. Meu nome, claro, nunca aparece, mas não é isso que estou procurando. Folheio quatro jornais; há três Alexanders, quatro Emmas, duas Sarahs, uma enxurrada de Jaden, Cayden, Braden e outros terminados em "den" – *blerg* –, vários que não lembro e um que merece ir para a parede. Eu o recorto e pego

o laptop. Abro o navegador e espero a página inicial carregar. Em poucos segundos, estou olhando para o adorável site de nomes de bebês, todo em rosa e azul, que me recebe toda vez que entro na internet.

Digito minha nova descoberta, Paavo, que revela ser nada mais que a versão finlandesa de Paulo. É um pouco decepcionante.

Gosto de nomes e os coleciono: nomes, origens, significados. É fácil fazer uma coleção disso. Não custa nada e quase não ocupa espaço. Gosto de olhar para eles e fingir que significam alguma coisa. Mesmo que não seja o caso, o faz de conta é legal. Colo a maioria nas paredes do meu quarto em casa – a casa onde eu morava. Fico com aqueles que ressoam. Nomes bons, relevantes. Não o lixo que todos parecem usar hoje em dia. Também gosto de nomes estrangeiros, aqueles incomuns que raramente se vê. Se eu tivesse um filho, escolheria um desses, mas um filho não é algo que vejo no meu futuro, nem mesmo a longo prazo.

Dobro os jornais para guardá-los e dou mais uma olhada neles. De relance, volto a ver uma das Sarahs e sorrio. Ela me faz lembrar do único momento divertido do meu dia.

Eu estava correndo até o meu armário entre as aulas quando vi Drew numa discussão acalorada com Barbie, a dois armários do meu, e tive que me esconder rapidamente na esquina do corredor para esperar. Decidi que era menos pior chegar tarde à aula do que ficar no meio daquele confronto verbal. Não era muito difícil me esquivar dos comentários nada sutis de Drew ao passar por ele sozinha, mas jamais arriscaria ouvir uma cantada dele na frente da namorada. Isso sem dúvida entraria na minha lista crescente de coisas desnecessárias. Então fiquei encostada na parede e esperei que eles terminassem.

– Me dá vinte dólares – ouvi Drew dizer a ela.

– Por quê?

Pelo visto, *irritada* é a única característica da voz dela.

– Porque eu preciso de vinte dólares.

O tom dele indicava que essa razão deveria ser suficiente.

– Não.

Então ouvi o que acredito ter sido a porta do armário dela batendo. Com força.

– Eu vou te pagar.

Vai nada.

– Vai nada.

Garota esperta.

– Tem razão. Não vou, não. – Dei uma espiada e o flagrei dando aquele sorriso convencido para ela. – O que foi? Pelo menos eu sou sincero.

– Por que não vai pedir para uma das suas biscates?

Uau.

– Porque nenhuma delas me ama tanto quanto você.

– Esse sorrisinho idiota pode funcionar com qualquer outra garota desta escola, mas você

sabe que comigo não cola, então nem vem.

– Sarah, você sabe que vai me dar, então anda logo.

Sarah. Eu sorri. Não pude deixar de apreciar a perfeição absoluta do nome: insosso, comum e sem originalidade nenhuma. E o melhor de tudo: significa *princesa*.

Ela bufou ruidosamente e, quando me inclinei para a frente, a vi procurando algo na bolsa. *Fala sério!* Ela vai dar o dinheiro para ele? Esse cara é melhor do que eu havia imaginado. Ou talvez eu tenha esperado demais dela. O meu amor-próprio pode não ser lá essas coisas, mas o dela é inexistente. Sarah tirou uma nota de vinte e a empurrou contra ele.

– Pronto. Só para você me deixar em paz.

Ele pegou a nota e começou a se afastar, mas não antes de ela gritar:

– Se não me pagar, eu vou contar pra mamãe!

Mamãe? *Ah.*

Essa pequena revelação foi divertida, mas me fez duvidar da minha capacidade de observação. Como pude deixar isso passar? Meu irmão, Asher, e eu pegávamos muito no pé um do outro, mas nosso nível de animosidade era bem menor do que o deles.

Jogo o último jornal no topo da pilha e volto ao laptop, tentando pensar em mais alguma coisa na internet para matar o tempo. Não tenho mais conta no Facebook nem em nenhuma rede social, então não adianta. Eu poderia me torturar usando o nome e a senha de Asher para ver o que os meus antigos amigos andam fazendo, mas decido que é melhor não. Não há nada que eu queira saber.

Os raios caem sem parar lá fora, zombando de mim a cada vez que iluminam o céu. Meu celular está na minha cama, sussurrando no meu ouvido como uma garrafa de uísque a um alcoólatra em recuperação, enquanto a chuva continua rindo de mim através da janela. Talvez eu esteja desesperada a ponto de sair mesmo com esse tempo. Realmente preciso correr.

Mais polichinelos. Levanto pesos. Faço mais flexões. Levanto mais pesos. Talvez não dê para pôr uma esteira aqui, mas acho que consigo um jeito de trazer um saco de pancada, mesmo que seja daqueles portáteis. Não acho que Margot vá me deixar pendurar um saco pesado na sala, mas não sou tão exigente. Neste momento, aceitaria de bom grado qualquer coisa em que pudesse bater.

Cookies. Preciso fazer cookies. É a segunda melhor coisa depois de correr. Na verdade não é, mas adoro cookies e não gosto daquela merda que vem em pacotes, que é o que Margot compra. O Oreo até que é aceitável, porque não importa o que você faça, é impossível replicar. Pode acreditar. Já passei vários dias na minha cozinha tentando. Nunca vai dar certo. Então o Oreo passa, mas cookies com gotas de chocolate industrializados que estão nas prateleiras há mais de seis meses são outra história. A vida é curta demais para isso. Vá por mim, eu sei.

Vasculho a cozinha de Margot e não sei por que me surpreendo por não ter nem farinha, nem bicarbonato de sódio, nem fermento, nem baunilha, nem qualquer outro ingrediente que possa ser usado para fazer cookies. Encontro um pouco de açúcar e sal e, milagrosamente, um

conjunto de medidores, mas isso não vai me levar muito longe. Decido que irei ao mercado no fim de semana. Não vou aguentar muito tempo sem cookies. Ou bolo.

Desisto, como meio pacote de jujubas, deixando as pretas porque são horríveis, e vou para o banho, tirar esta merda de dia do corpo. Tenho uma conversa instigante comigo mesma enquanto deixo o condicionador agir no cabelo. Falo sobre minha grade de horários ridícula. Conto a história da infeliz ironia que é a minha aula de Música e me pergunto se é pior que o absurdo daquela de Discurso e Debate. Especulo em voz alta se alguma mulher na escola, seja aluna ou professora, está a salvo dos encantos de um certo loiro chamado Drew. Respondo: EU. Ah, e Sarah, claro, embora ele consiga encher o saco dela até obrigá-la a fazer tudo o que ele quer.

Tenho essas conversas de tempos em tempos, só para me certificar de que minha voz ainda funciona, caso algum dia eu queira usá-la de novo. Voltar ao mundo das palavras sempre foi um objetivo, mas às vezes me pergunto se um dia chegarei lá. Em geral eu não tenho grandes novidades, então repito nomes ou palavras aleatórias, mas o dia de hoje foi digno de nota, garantindo frases inteiras. Às vezes até canto, mas reservo essa atividade para os dias em que me odeio tanto que tenho vontade de me machucar.

Eu me jogo na cama, que está coberta com um edredom verde-musgo com estampa floral igualzinho ao do meu quarto em casa. Provavelmente foi ideia da minha mãe, não de Margot. Acho que é difícil para ela entender que eu estava tentando me afastar daquele lugar, não trazê-lo comigo. Levanto o colchão e pego o caderno de redação que escondi ali. Preciso achar logo um lugar melhor para ele. Os outros estão no fundo do meu armário, dentro de uma caixa de papelão, debaixo de livros velhos. O que tenho nas mãos é preto e branco, com a palavra *Trigonometria* escrita em caneta hidrocor vermelha na capa. Assim como nos outros, as primeiras páginas estão repletas de falsas anotações de aula. Pego uma caneta e escrevo. Exatamente três páginas e meia depois, enfio o caderno de volta no esconderijo e apago a luz, imaginando que coisas terríveis o dia de amanhã trará.

Capítulo 5

Nastya

Eu vivo num mundo sem magia nem milagre. Um lugar onde não há clarividentes nem metamorfos, anjos ou garotos super-humanos para nos salvar. Um lugar onde as pessoas morrem e a música se desintegra e tudo é um saco. O peso da realidade nos meus ombros é tão grande que às vezes me pergunto como ainda consigo erguer os pés para caminhar.

~

Na sexta-feira de manhã, a primeira coisa que faço é pegar minha grade de horários corrigida na sala da orientadora educacional. A Sra. McAllister aprovou meu pedido para trabalhar como assistente no quinto tempo, então agora estou oficialmente fora de Introdução à Música, o que quer dizer que vou passar esse tempo fazendo fotocópias ou distribuindo papéis, e não querendo me matar.

Já estou melhor com os sapatos, ainda que sejam muito apertados na frente e meus dedos digam meia dúzia de desaforos para mim cada vez que os calço. Escolho meu segundo look mais desconcertante para os esforços de hoje: mais preto sobre preto, até porque é tudo que tenho. Mantenho o delineador preto grosso, o batom vermelho e o esmalte preto. Os saltos agulha, como sempre, são o ponto de exclamação de um conjunto que grita *Pavoroso!*. Sou um show de horrores em forma de piranha. Penso em botões de pérola e saias brancas bordadas e imagino o que Emilia vestiria se estivesse viva hoje.

Passei a semana toda me escondendo em corredores e banheiros durante a hora do almoço. O garoto artista despenteado, cujo nome eu descobri – dando uma espiada na capa do

seu caderno de desenho – ser Clay, teve a bondade de me passar, por iniciativa própria, uma lista das melhores opções de lugar para ficar sozinha quando me flagrou tentando abrir o portão do prédio de Inglês de novo no segundo dia. Já testei quase todos. Daqui a alguns dias, provavelmente vou poder fazer um mapa e marcar os melhores com uma estrela. Então poderei vendê-lo a outros fracassados como eu.

Em minhas caminhadas diárias, descobri que a configuração aqui é quase sempre igual. Parece até que há lugares marcados no pátio. Ninguém se afasta muito do ponto onde se sentou no dia anterior. Agora já reconheço mais rostos, mas mesmo esses não parecem me notar. Abençoadamente, ninguém me incomoda. Consegui assustar, ofender ou constranger a todos o suficiente para que ninguém se aproxime. Missão cumprida. Até o desconforto dos sapatos valeu a pena. Se eu não fizer nada de errado, as coisas devem continuar assim.

Estou decidindo que direção tomar hoje quando passo pelo garoto do campo de força. Eu me pergunto como ele faz isso. Talvez consiga descobrir qual é o segredo, pois adoraria ter um igualzinho ao dele. Às vezes acho que ele é invisível e eu sou a única que o enxerga, mas imagino que não seja o caso, porque, se fosse, tenho certeza de que alguém já teria ocupado esse banco. Talvez ele seja um fantasma e ninguém se aproxime do banco porque ele assombra o lugar.

Ele sempre se senta na mesma posição e fica completamente imóvel. Desde que me flagrou na segunda-feira, tento não olhar para ele mais do que poucos segundos por dia. Não levantou mais o olhar para mim. Ainda tenho a impressão de que ele está me observando, mas talvez seja só um desejo meu. Afasto logo essa ideia. A última coisa que preciso é a atenção de alguém.

Mesmo assim, é muito bom olhar para ele. Braços bonitos. Não são braços de marombeiro babaca, mas de *trabalhador*. Eu o vi no primeiro dia na oficina de carpintaria, só por um segundo, mas ele saiu e nunca mais voltou. Agora, o único momento em que o vejo é na hora do almoço. Aqueles míseros segundos que eu passo atravessando o pátio se tornam a parte mais interessante do meu dia. Se eu for sincera comigo mesma, esse precioso tempo é a única razão pela qual ainda atravesso esta droga todo dia.

No primeiro dia, fiz isso só para provar um ponto. No segundo, foi para ver se ele ainda estava lá e se continuava sozinho. No terceiro e no quarto, para ver se ele me olharia de novo. Não olhou. Hoje eu só queria olhar para ele. É o que estou fazendo quando a ponta do meu salto se prende na fenda entre duas lajotas. Maravilha.

Por sorte, como estava andando ridiculamente devagar para aproveitar o máximo minha experiência como perseguidora, não caio de cara no chão. Por azar, agora estou presa no ponto exato entre o banco dele e o da princesa Sarah e suas damas de companhia. Como quem não quer nada, balanço o calcanhar para tirar o sapato da fenda, mas ele não sai. Vou ter que arrumar um jeito de me ajoelhar e tentar soltá-lo com as mãos, o que será um teste de equilíbrio, mas me inclinar para a frente com este vestido não é uma opção.

Devagar, eu me ajoelho e tiro o pé do sapato. Então pego o salto com a mão direita e puxo com força. Ele sai com mais facilidade do que eu esperava e eu deslizo o pé de volta para o sapato. Dou uma olhadela para a esquerda e vejo que o Garoto Estátua ainda não se mexeu. Parece completamente alheio ao meu fiasco com o sapato. É um pequeno milagre, mas pequenos milagres são tudo o que posso esperar no momento, então agradeço por este. É uma pena que eu não tenha passado totalmente despercebida, porque o que ouço a seguir é:

– Isso foi feito para usar na esquina, não na escola.

Sarah. A frase é seguida de risadinhas e outra voz feminina:

– É! O seu pai sabe que você saiu do inferno vestida assim?

– Eu achei que o pai dela estivesse na Transilvânia.

Mais risadinhas. Sério.

Os insultos aqui deixam muito a desejar. Podiam ao menos tentar me atingir com algo minimamente divertido, se quisessem me obrigar a me virar. Olho para a direita para encontrar a fonte de sabedoria que lançou essa pérola. Várias garotas estão ao redor de Sarah me observando e, sim, continuam rindo. Acho que comemorei cedo demais. Analiso minhas opções mentalmente: a) atirar o sapato nelas; b) cobri-las de insultos; c) ignorá-las e sair andando; d) oferecer-lhes meu sorriso mais demoníaco e insano. Escolho a letra d, a única alternativa possível. Não vou ignorar a atitude delas, pelo menos não com o rabo entre as pernas. Além do mais, já que pareço a cria do demônio ou talvez do Drácula, dependendo de a quem você pergunte, então não vai fazer mal agir de modo meio louco só para dar a elas algo para pensarem no fim de semana.

Eu as encaro por mais alguns segundos, tentando decidir se solto o sorriso todo de uma vez ou se o deixo surgir aos poucos, quando sou interrompida por uma voz atrás de mim.

– Chega, Sarah.

A boca de Sarah, que estava aberta para formular outra demonstração de sua inteligência mordaz, se fecha tão rápido que tenho a impressão de ouvir os dentes dela batendo. Eu me viro, embora saiba que a única pessoa naquela direção é a última que eu esperaria aparecer como um cavaleiro de armadura brilhante. Não que a situação pedisse algo do tipo. Mal foi um ataque. Foi mais uma versão meio capenga de um caraoquê de insultos, um espetáculo encenado por amadores. Algo mais para fazer piada do que para temer. Sei que essas garotas não teriam parado por aí e, se eu fosse do tipo que se importa, poderiam me magoar, mas não sou dessas e não me magoo há muito tempo.

A esta altura, já me virei completamente e não sou só eu que observo o garoto na bolha. Aliás, há vários olhos fixos nele agora, esperando para ver se mais alguma coisa sairá de sua boca. Tenho a impressão de estar no meio de um episódio de *Além da imaginação* no qual tudo à minha volta está congelado e eu sou a única que se mexe. Mas não estou.

Os olhos do garoto estão cravados em Sarah, e sua cara de "não se meta comigo" combina com o tom em sua voz. Ele os desvia na minha direção por um segundo e então volta a encarar

as mãos como se nada tivesse acontecido. Agora penso em sair andando, mas parece que minhas pernas não reagem. Volto a me virar e dou de cara com Sarah me encarando. Sua expressão não é de ciúme nem de rancor, que é o que eu esperaria, mas sim de um sólido e profundo "Que porra foi essa?". Por mais que eu tente manter um ar neutro, suspeito que meu rosto transmita a mesma mensagem que o dela, mas é provável que por motivos muito diferentes.

Ela parece absolutamente perplexa por ele ter falado algo. Eu não conheço o garoto o suficiente para saber se sua interferência é o elemento mais surpreendente de toda a situação. Na minha opinião, o mais estranho é o modo como reagiram: todas calaram a boca. Não o questionaram, não riram nem perguntaram por quê, não o ignoraram e continuaram me ridicularizando, nem começaram a agredi-lo. Apenas *pararam*. Ele disse *chega* e pronto. *Porque eu mandei. Acabou. Não me façam repetir.*

Nos poucos segundos em que fiquei aqui parada, todos os outros voltaram às suas atividades anteriores. Talvez seja minha imaginação, mas parece que o nível de decibéis caiu um pouquinho, como se ninguém quisesse ser flagrado comentando o que acabara de acontecer. Mas *o que* acabara de acontecer?

Vou pensar nisso daqui a alguns minutos, ou depois da escola – talvez nunca –, mas agora só quero dar o fora deste pátio. Chego ao outro lado sem mais percalços com o sapato e vejo que alguém teve a compaixão de pôr um livro entre os portões do prédio de inglês para mantê-los abertos. Olho para baixo ao cruzar a porta e vejo que é um livro de história da arte. Sentado ao lado dele está Clay, dando um sorrisinho afetado, com o caderno de desenho na mão, como sempre. Quero muito lhe perguntar se ele entendeu o que tinha acontecido, mas não posso, então entro no edifício. Ando até a metade do corredor, subo alguns degraus da escada e me encosto contra a parede, grata por estar sozinha no silêncio.

Antes que eu possa refletir sobre o ocorrido, ouço o portão se abrir de novo. Pressiono as costas contra a parede da escada, tentando ficar o mais imperceptível possível. Se eu me apertar contra ela com bastante força, talvez consiga desaparecer.

Concentro-me na direção dos passos, que ficam mais altos a cada segundo. A cadência é lenta e um pé pisa ligeiramente mais leve que o outro. É um andar sólido, porém suave, nada desajeitado ou esquisito. É um movimento gracioso. Quem quer que seja, é mais alto que eu, pois precisa de bem menos passos para chegar até o meu esconderijo. Espero que o som passe por mim, mas não. Os passos viram bem na minha direção. Agora torço para que quem quer que seja apenas me ignore. Olho para o chão, evitando o contato visual, e espero que a pessoa vá embora logo.

Então, antes que eu me lembre de prender a respiração, um par de botas gastas de couro para na minha frente. Com bico de aço, se não me engano. Não preciso levantar a vista para saber a quem pertencem. Passei cinco dias observando essas botas sobre o assento de um banco de metal. Pelo jeito, a confusão e a curiosidade me deixaram burra por um momento,

porque, contrariando meu bom senso, olho para cima. Nunca estive tão perto dele.

– Não vou fazer aquilo de novo – diz ele, me fulminando com aqueles olhos azuis de uma perfeição revoltante, como se desejasse que eu não existisse.

Mas seu tom não é de raiva. É apenas uma constatação. Ele está totalmente calmo. Quase não há entonação em sua voz. Ele não espera nenhum tipo de reconhecimento ou resposta, ainda que agora eu esteja tão brava que poderia lhe dar uma, e com certeza não seria em forma de agradecimento. Então ele já atravessou meu caminho e passou pela porta do outro lado da escada, como se nunca tivesse estado ali.

Não vou fazer aquilo de novo? Ninguém pediu para você fazer nada, seu babaca. Será que ele acha mesmo que me fez um favor? Que, chamando a atenção para mim e me defendendo de um monte de garotas obsessivamente vaidosas – que sem dúvida vão querer manter a pose quando ele não estiver por perto –, ele me ajudou? Ele é mais insano do que eu. Gostaria de lhe dizer isso. Pena que nem sei o nome dele. E, se eu tivesse uma lista de perguntas agora, *Qual é seu nome?* provavelmente não entraria nela.

O que quero saber é por que todas o obedeceram. Elas se calaram como se tivessem levado uma bronca do papai zangado, pois seu tom de voz foi exatamente esse. Foi o mesmo que usou comigo agora. É quase surpreendente que ele não tenha terminado a frase com *mocinha*, para completar. É evidente que sou a única aqui que não entende por que deve lhe dar ouvidos. É como se ele impusesse um certo tipo de respeito ou reverência. Talvez o pai dele seja o diretor ou o prefeito ou um chefe da máfia e ninguém queira irritá-lo. Quem sabe? Tudo o que sei é que *eu* estou irritada.

Capítulo 6

Josh

Passei o resto do dia sem ver a garota de novo. Já me açoitei mentalmente por ter aberto minha boca idiota na hora do almoço. Se houvesse um bom motivo para isso, eu pegaria mais leve comigo mesmo, mas a garota nem parecia fazer o tipo desamparado. Talvez eu só estivesse tentando impedir que ela virasse inimiga daquelas vacas. Talvez só quisesse que Sarah calasse a boca porque sei que ela é melhor que isso. Talvez só quisesse que a garota olhasse para mim de novo.

Os corredores já estão se esvaziando quando abro caminho contra o fluxo de alunos restantes rumo aos fundos da escola. Quero ir até o prédio de teatro antes que tranquem as portas para pegar o nível que deixei por lá. Vou precisar dele esta tarde. Além disso, não o deixaria aqui durante a noite. É meu. Era do meu pai. É velho, de madeira e arcaico, mas não usaria nenhum outro e não posso correr o risco de perdê-lo, então volto para resgatá-lo.

Quando chego, ele está no lugar onde o tinha deixado, em cima de uma das estantes inacabadas em que passei a semana toda trabalhando. Verifico o meu progresso e passo as mãos pelas bordas. Até a próxima quarta já terei terminado tudo. Poderia enrolar até sexta, mas espero que o Sr. Turner termine a porcaria dos procedimentos preliminares antes disso. Quero voltar à oficina e me dedicar a algo mais interessante do que estantes. Pego o nível e me encaminho para o estacionamento.

Estou quase chegando ao carro quando ouço o meu nome.

– Bennett! Josh!

Drew se corrige quase de imediato, pois sabe que parece um idiota me chamando pelo meu sobrenome.

Ele está de pé na fila de carros seguinte, e não está sozinho. Quase nunca está, então não me surpreendo ao ver uma garota a seu lado enquanto ele se apoia contra o automóvel naquela pose já familiar, querendo aparentar indiferença ao tentar descobrir o caminho mais curto para baixar a calça da garota, abrir sua blusa ou levantar sua saia, dependendo do caso.

O que me surpreende é a garota com quem ele está falando. Basta uma olhada de relance para saber quem é: cabelo preto comprido, vestido preto justo que mal cobre a bunda e os peitos, sapato preto de salto agulha, aquela porra preta em volta dos olhos. Olhos que agora se voltam para se cravarem em mim. À medida que me aproximo, a expressão vazia que ela costuma adotar muda. É sutil, e duvido que a maioria das pessoas conseguisse perceber, porque a transformação está principalmente nos olhos, mas eu noto a diferença. Ela não está inexpressiva. Está furiosa e, se não me engano, é comigo. Não chego a ter a oportunidade de examiná-la, pois ela vai embora antes que eu os alcance.

– Me liga! – grita Drew para ela por sobre o ombro, rindo como se isso fosse uma piada.

– Você a conhece? – pergunto, colocando meus livros e o nível sobre o teto do carro dele.

O estacionamento já está quase vazio. Apesar da lerdeza dos carros para entrar aqui de manhã, o êxodo da tarde é quase instantâneo.

– Pretendo conhecer – responde Drew, sem olhar para mim.

Ele ainda está observando a garota se afastar. Ignoro a insinuação. Se eu precisasse comentar cada alusão sexual que sai da boca dele, não falaríamos de mais nada além disso, o que provavelmente o deixaria satisfeito.

– Quem é ela?

– Uma mina russa. Nastya alguma coisa que eu não aprendi a pronunciar. Estava começando a pensar que tinha perdido o meu charme, porque ela nunca tinha falado comigo, mas parece que ela não fala com ninguém.

– E você está surpreso? Só falta uma placa na testa dela dizendo “antissocial”.

Pego o nível do teto do carro e o movimento de um lado para o outro, vendo a água se mexer lá dentro.

– É, mas não é isso. Ela não fala. Ponto.

– Nunca? – Olho para ele, incrédulo.

– Nunca. – Ele balança a cabeça e sorri com uma satisfação pervertida.

– Por que não?

– Não sei. Talvez não fale inglês. Mas aí acho que ainda assim ela saberia dizer sim, não, essas coisas.

Ele dá de ombros, como se fosse algo irrelevante.

– Como você sabe?

– Porque ela está na minha turma de Discurso e Debate.

Ele dá um sorrisinho afetado diante da ironia. Eu não respondo. Estou tentando processar as informações, e Drew pode continuar a conversa sozinho.

– Não estou reclamando. É uma oportunidade de investir nela todo dia.

– Se você precisa investir nela, não é bom sinal. Talvez esteja *mesmo* perdendo seu charme – respondo secamente.

– Pare de falar besteira – diz ele com seriedade, olhando para o relógio. Volta a sorrir. – São três horas. É melhor você ir para casa.

E assim ele entra no carro e vai embora, me deixando de pé no estacionamento, pensando em garotas russas furiosas e vestidos pretos.

Capítulo 7

Nastya

Parece que estou esperando. Esperando algo que ainda não aconteceu. Algo que ainda não existe. Mas não sinto nada além disso. Não sei nem se eu existo. E aí alguém aciona um interruptor e a luz se apaga, a sala desaparece, a leveza se esvai. Quero pedir que esperem, eu ainda não terminei, mas não tenho a chance. Não há uma transição suave. Não tem conversa. Não há escolha. Eu sou arrancada. Puxada para fora, minha cabeça jogada para trás. Estou no escuro e tudo é dor. São sensações demais ao mesmo tempo. Todas as minhas terminações nervosas estão queimando. Como o choque do nascimento. E depois os flashes de tudo. Cores, vozes, máquinas, palavras duras. A dor não vem em flashes. A dor é constante, contínua, interminável. É a única coisa que eu sei.

Não quero mais ficar acordada.

~

Sobrevivi a mais uma segunda-feira na escola. Você pode imaginar que a estupidez constante de tudo esgotaria as minhas forças, mas pelo jeito não, porque eu ainda não consigo dormir. Já estou deitada há duas horas; sei que passa da meia-noite, mas não dá para ver o relógio daqui, então não sei exatamente que horas são. Penso no caderno de redação enfiado sob o colchão embaixo de mim. Estendo a mão para tocá-lo. Já escrevi minhas três páginas e meia, dei conta de cada palavra, mas continuo sem sono. Talvez ajude se eu escrever tudo de novo, mas isso não vai me fazer sentir aquela exaustão profunda pela qual o meu corpo está implorando, então recolho a mão e a apoio na barriga, abrindo-a e fechando-a no ritmo da minha

respiração.

Consigo ouvir que o temporal passou. Saio de baixo das cobertas e olho pela janela. Só que ela dá para os fundos e está escuro demais para saber se ainda está chuviscando, então vou até a frente da casa e dou uma olhada no feixe de luz de um poste da rua. Pelo reflexo amarelo sobre a calçada molhada, vejo que não está chovendo e, antes mesmo de voltar para o quarto, já estou tirando o pijama improvisado, animada com a ideia de correr para descarregar a tensão dos últimos dias, de martelar minha agressividade na calçada e deixá-la para trás. Em questão de segundos, visto um short de corrida, uma camiseta e calço os tênis. Meus pés me amam de novo. Olho para o relógio. Meia-noite e meia. Prendo uma lata de spray de pimenta na cintura e pego o *kubotan* com as minhas chaves, mesmo que seja superirritante correr com isso na mão. É a minha proteção. Apertado entre os dedos, me dá a ilusão de uma segurança que não existe.

Tranco a porta atrás de mim e me obrigo a começar correndo devagar, saindo da entrada da garagem e alcançando as ruas encharcadas pela chuva, mas não é fácil. Tenho vontade de destruir o asfalto até não conseguir respirar, até não ter mais oxigênio no mundo capaz de me impedir de sufocar. A umidade é cruel, sobretudo com esta temperatura de fim de verão, mas eu não ligo. Só vai me fazer suar mais, e isso eu aguento. Cada gota é o estresse sendo sugado de mim, levando embora com ele toda a ansiedade e a energia para eu poder desmaiar de sono esta noite ou de manhã ou quando eu me arrastar até a cama. Talvez fique na rua até a hora de ir para a escola e passe o dia todo feito uma sonâmbula. Melhor ainda.

Meus pés me desobedecem e disparam a correr poucos segundos depois de eu chegar à rua. Minhas pernas irão me odiar depois, mas vai valer a pena. Vou rápido e para longe, como me habituei a correr. Eu gostaria de estar num trecho reto e longo de uma autoestrada para poder continuar correndo sem ter que fazer curvas, pensar ou tomar decisões de nenhum tipo. Mas viro à direita e sigo meus pés sem raciocinar. Não presto atenção nas casas nem nos carros. Meu corpo e minha mente estavam sentindo falta disso nas últimas semanas: primeiro por todo o drama da minha mudança para a casa de Margot e depois por causa da chuva noturna constante que me deixou presa em casa. Se é isto que eu vou ter que fazer toda noite – esperar até a chuva parar, mesmo que já esteja no meio da madrugada –, não importa. Não vou mais passar tanto tempo sem correr.

Na primeira noite em que corri, acabei vomitando nos meus tênis. Foi uma das melhores noites da minha vida. Mas não começou assim. Começou comigo brigando com os meus pais. Depois comigo ouvindo meus pais brigarem por minha causa. Fiquei no quarto e fiquei no quarto e fiquei no quarto, em cima do edredom igualzinho ao que tenho aqui. Fiquei no quarto até não aguentar mais ficar lá. Não dava mais para ficar naquela casa, ouvindo mais uma briga que eu tinha provocado. Meu pai perguntava à minha mãe por que ela ficava se culpando e minha mãe perguntava ao meu pai por que ele não se importava e meu pai dizia à minha mãe que estava arrasado por dentro mas não via sentido em ficar se afundando naquilo

e minha mãe dizia ao meu pai que enquanto eu estivesse me afundando naquilo, ela também estaria. Era sempre a mesma briga num looping infinito.

Eram nove da noite e o primeiro calçado que encontrei foi um par de tênis, então enfiei meus pés sem meias neles e desci a escada correndo, escancarando a porta sem me dar ao trabalho de fechá-la. Foi a minha versão muito literal e pouco sofisticada de fugir. Eu corri e corri e corri. Não fui aquecendo aos poucos. Não havia ritmo nem propósito, apenas a vontade de fugir.

Nem sei se cheguei a ir longe naquela noite – provavelmente não – antes de ficar ofegante e sentir meus pulmões doerem e meu estômago se contorcer e eu vomitar bem onde estava. E foi incrível. Catártico e construtivo e destrutivo e perfeito. Então eu me sentei no chão e chorei – aquele choro feio em que você tenta inspirar tudo de uma vez e faz um som horrível quando o ar passa raspando na garganta. Então me levantei e fui para casa.

Depois disso, corri todas as noites. Aprendi a me controlar e aquecer e estabelecer um ritmo, mas sempre acabava forçando a barra, correndo muito rápido, por tempo demais. Minha terapeuta disse aos meus pais que isso era saudável. Não tanto a parte de vomitar, mas correr, de modo geral. Era uma *válvula de escape saudável*. Meus pais adoram a palavra *saudável*.

Meu pai tentou correr comigo algumas vezes. Ele bem que se esforçou, é verdade. Mas eu não ia mais devagar para esperá-lo e ele não conseguia me acompanhar. Acho que se extenuar a ponto de vomitar não o atraía tanto quanto a mim. A única razão pela qual eu corria era para esgotar cada gota de energia, até não sobrar mais o que gastar com arrependimentos, medo ou lembranças. Agora preciso de um esforço muito maior para ficar exausta. A cada dia eu corro mais. Ficou mais difícil alcançar aquele cansaço absoluto que eu adoro, porque, se vou correr, quero sentir como se tivessem me torcido até eu secar, mas ainda dá algum resultado. É a minha única terapia agora.

Meus pulmões estão bem, mas meu estômago está vacilante. Ultimamente andei meio parada, então espero jogar a toalha mais cedo hoje. A cada passada, vou deixando para trás toda a merda que carrego na cabeça, até não restar nada. Tudo vai voltar com a luz do dia, quando eu tiver me reabastecido o suficiente para tornar a pensar, mas por ora estou vazia e é o bastante. Meus pensamentos se perdem com os últimos vestígios da minha energia e da minha adrenalina, me deixando com aquela sensação de náusea familiar até demais. Diminuo o ritmo e depois passo a caminhar, tentando controlar meu estômago, mas não está funcionando.

Meus pés param e me dão um minuto para observar a rua e procurar um bueiro ou uma cerca viva num bom local para eu vomitar. Pela primeira vez desde que irrompi porta afora, presto atenção no ambiente à minha volta. Nunca estive nesta rua antes. Não sei quanto corri, mas é um lugar desconhecido. Está tarde. A maioria das casas está no escuro. Tento acalmar a minha respiração acelerada. Eu me lanço sobre a cerca viva mais próxima. Calculo mal a

distância e acabo me chocando contra ela. Espinhos. Claro. Sempre pode piorar. Os espinhos cortam minhas pernas a cada movimento, mas estou ocupada demais vomitando para retirá-los agora. Após esvaziar o estômago completamente, levanto as pernas com todo o cuidado possível, tentando minimizar o estrago, mas já era. Vejo o sangue começar a brotar da pele rasgada nas panturrilhas, mas essa é a menor das minhas preocupações no momento.

Fecho os olhos e torno a abri-los. Eu me obrigo a avaliar o entorno e lembrar onde estou e – o mais importante – onde não estou.

O enjoo é substituído por um novo tipo de apreensão. As casas são iguais, todas iguais. Não acho nenhuma placa com o nome da rua, mas sei que corri rápido e para longe e não prestei atenção em nada. Quebrei todas as minhas próprias regras e recebi o que mereço. No meio da noite, sozinha, perdida e no escuro.

Instintivamente, tateio o bolso em busca do telefone para poder usar o GPS. Vazio. É claro que não está aqui. Saí com tanta pressa que esqueci, porque sou descuidada, impaciente e não conseguia pensar em mais nada além de ar puro e meus tênis.

Sigo pela calçada. Devo estar nos limites do bairro, ao lado da reserva ecológica que cerca a região. Sei que esta calçada provavelmente circunda toda a área. É melhor permanecer nela, o que pode me ajudar a encontrar meu caminho. Mas não consigo me conter. Quero sair logo de perto de todas essas árvores. Não enxergo através delas, não controlo o que sai delas e há ruídos demais para processar.

Não há qualquer iluminação de rua onde estou agora, mas vejo o brilho amarelado e suave de um poste mais à frente. As casas do outro lado da rua estão mergulhadas em sombras, escuridão e sono. Como todas as pessoas normais a esta hora. Meu estômago continua embrulhado, mas essa sensação é suplantada pelo medo de estar perdida.

Rodopio o *kubotan* até que as chaves não são mais do que um borrão. Escuto o silêncio à minha volta. Consigo ouvir tudo: o zumbido dos postes de luz acima da minha cabeça, o canto dos grilos, vozes ininteligíveis vindo de uma televisão em algum lugar e um som que não consigo identificar de imediato. É rítmico e áspero. Seguindo a direção do som, olho através da escuridão e vejo uma luz vindo de uma casa no fim da rua. É mais intensa do que a claridade dos postes da rua. Me dirijo para lá, sem saber o que espero encontrar. Talvez alguém acordado que possa me indicar o caminho. *E você não tem como perguntar, sua idiota.* Ao longe, o ruído rítmico e áspero prossegue. É suave e quase musical e eu o sigo. Agora a casa está perto e o som, mais alto, apesar de continuar sem conseguir identificá-lo até o momento seguinte, quando chego lá.

Paro na entrada de carros, diante de uma casa amarelo-clara com a garagem aberta e bem iluminada. Quero olhar para saber se há alguém lá dentro antes de me aproximar demais, mas meus pés não me obedecem. Aquela visão me atrai. Assim que chego ao portão, fico paralisada, com apenas um pensamento na cabeça. *Eu conheço este lugar.* Dou mais um passo incerto, olhando à minha volta, recordando detalhes de um lugar onde sei que nunca estive.

Eu conheço este lugar. O pensamento invade meu cérebro repetidamente e, enquanto isso, enfim noto o som rítmico, que continua zumbindo nos meus ouvidos. Há alguém sentado numa bancada de trabalho contra a parede dos fundos da garagem, sua mão indo para a frente e para trás, lixando o canto de uma tábua de madeira. Meus olhos estão fixos naquelas mãos, como se me hipnotizassem. Desvio o olhar para acompanhar a poeira que cai no chão, refletindo a luz. *Eu conheço este lugar*. O pensamento me atinge outra vez. Perco o fôlego por um instante e preciso de um segundo para me recuperar. E mais um segundo para processar o que isto significa. *Eu conheço este lugar*. Mas, antes que eu me desse conta, as mãos param, o som cessa e a pessoa na garagem se vira e fica de frente para mim.

Eu conheço ele também.

Capítulo 8

Nastya

Iluminado pelas lâmpadas fluorescentes, Josh Bennett me observa do outro lado da garagem. Eu não me mexo nem desvio o olhar. Não percebo qualquer sinal de reconhecimento em seus olhos e me pergunto se ele sabe quem eu sou. Só agora me lembro de que devo parecer outra pessoa. Meu cabelo está preso num rabo de cavalo, e não tenho nenhum vestígio de maquiagem no rosto coberto de suor e provavelmente muito vermelho. Estou usando roupas de correr e tênis. Nem sei dizer se eu mesma me reconheceria se já não soubesse qual é a minha aparência por baixo daquela merda toda que passo na cara para ir à escola. Começo a desejar que eu estivesse ao menos maquiada, porque estou me sentindo muito exposta sob as lâmpadas fluorescentes com esse garoto me encarando. Ele está me fulminando com os olhos. Sei que estou sendo avaliada de alguma forma, mas não sei bem quais são os critérios.

– Como você sabia onde eu moro?

Ele está irritado e nem tenta esconder o tom de acusação de suas palavras.

É óbvio que eu não sabia, porque seria o último lugar no mundo aonde eu iria, mas acho que agora ele pensa que eu o estou perseguindo. Minha mão direita aperta o *kubotan* – apesar de eu não sentir que estou correndo perigo de verdade – e a mão esquerda faz o mesmo, embora não esteja segurando nada. Eu provavelmente pareço estar louca ou confusa – ou as duas coisas.

O olhar dele baixa até minhas pernas, cobertas pelos riscos ensanguentados deixados por aquele arbusto dos infernos, depois volta para o meu rosto e eu me pergunto o que ele vê. Será que percebe quanto eu me sinto derrotada? Eu não planejava que ninguém me visse assim, muito menos Josh Bennett, a quem aparentemente devo temer ou reverenciar mesmo sem

saber por quê. Ele está usando um anel? Está esperando que eu me ajoelhe para beijar sua mão?

Um de nós vai ter que piscar primeiro, então dou um passo hesitante para trás, como se tentasse fugir de um predador, na esperança de ele não perceber que estou me afastando até já estar longe. Ergo o pé para dar outro passo.

– Quer uma carona para casa? – Ele desvia o olhar antes de dizer isso e seu tom de voz fica menos incisivo.

Coloco o pé no chão com mais força do que pretendia. Se eu tivesse uma lista das coisas que Josh Bennett faria numa situação destas, oferecer uma carona não estaria nem entre as cinquenta primeiras. Como sempre, sua voz é desprovida de qualquer emoção. Aliás, não, eu não quero que ele me leve para casa, mas acho que preciso. E é uma droga precisar de um favor de alguém que claramente nos detesta, mas não sou orgulhosa a ponto de recusar.

Assinto com a cabeça, abrindo e fechando a boca depressa, pois realmente quero dizer alguma coisa, ainda que não saiba o que é que eu quero dizer. Ele se levanta e vai até a porta que conduz para dentro da casa, abrindo-a só o suficiente para estender o braço e pegar um molho de chaves que devia estar pendurado na parede interna. Ele se vira para fechar a porta, mas volta a olhar para dentro e fica imóvel por um instante, como se estivesse tentando escutar algo lá dentro. Imagino que deva estar vendo se seus pais estão acordados, mas eles provavelmente não estão. Devem estar dormindo a esta hora, junto com todo o resto do mundo civilizado. Menos eu. E Josh Bennett, que pelo visto gosta de fazer carpintaria até altas horas na garagem. Olho para tentar descobrir no que exatamente ele estava trabalhando, mas é só um monte de madeira e ferramentas que não sei identificar. Observo a garagem mais uma vez, gravando-a na memória, e, por mais que eu deteste admitir, sei que ainda vou voltar aqui.

Saio e fico esperando na entrada, ao lado da picape estacionada. É o único carro por aqui, então deduzo que ele não tem seu próprio automóvel. É linda. Até eu reconheço isso – e nem curto muito picapes. O pai de Josh deve cuidar bem dela. Queria que o meu carro fosse tão brilhante assim, mas detesto lavá-lo, então já fico satisfeita se dá para ver qual é a cor dele a esta altura.

Josh para diante de um frigobar que está no chão, sob uma das mesas de trabalho, e retira uma garrafa de água. Ele vem até o lugar onde estou e a entrega para mim sem dizer nada, antes de abrir a porta do carona. Pego a garrafa e fico olhando para ela, percebendo subitamente quanto devo estar suando. Subo na caminhonete, feliz por não estar de saia, porque sou muito baixinha e tenho que dar um passo bem grande para conseguir entrar no carro. Ele fecha a minha porta, dá a volta e entra pelo lado do motorista – e faz isso com muito mais graça do que eu, como se já tivesse nascido entrando e saindo desta caminhonete. Me pergunto se tenho permissão para odiar Josh Bennett, porque acho provável que eu comece logo, logo.

E aí ficamos lá, parados. Ele não olha para mim, mas também não dá a partida. Eu me

pergunto o que está esperando – e, afinal, vagar perdida no escuro talvez não seja o pior de tudo. Agora tudo parece interminável. No instante seguinte, minha burrice me dá um tapa na testa e percebo que ele não está sentado ali para me deixar desconfortável. Ele apenas não sabe para onde ir. É inútil procurar dentro do carro algo em que eu possa escrever. Não tem nada aqui. É o carro mais limpo que já vi. Quando eu entrar no meu amanhã de manhã, vou achá-lo parecido com um lixão em comparação com este. Antes de lhe lançar um olhar suplicante na esperança de que ele entenda, Josh estende a mão até o painel, pega o GPS e me entrega para eu digitar o endereço.

O trajeto é ridiculamente curto. Chegamos à casa de Margot em questão de minutos e eu me sinto uma idiota por depender da carona dele. Presto atenção em tudo pelo caminho. Digo a mim mesma que é para não me perder de novo, mas na verdade preciso saber como voltar lá.

Eu devia agradecer, mas ele não deve esperar isso e imagino que, de qualquer maneira, fique mais à vontade com o silêncio. Quando ele encosta na entrada, abro a porta quase antes de o carro parar, determinada a colocar um fim em nosso sofrimento de uma vez. Salto do carro e me viro para fechar a porta. Não digo obrigada. Ele não diz boa-noite, mas fala:

– Você está diferente.

E eu bato a porta na cara dele.

Capítulo 9

Nastya

Josh Bennett entra, vem direto até a minha mesa na oficina e eu tento não olhar, mas quero muito, muito olhar. Só não quero que ele saiba que estou olhando. Em questão de instantes, já não tenho escolha, porque ele está de pé na minha frente, me encarando. Eu o fito de volta e tenho vontade de gritar *O que foi?!*. Praticamente vejo a pergunta, com interrogação, exclamação e tudo, pairando diante dos meus lábios com um fervor mudo, pois ele é o único cara que eu conheço capaz de parecer furioso mesmo sem nenhuma expressão no rosto. Será que todo mundo o deixa irritado assim ou é só um dom especial que eu tenho? Ele parece profundamente perturbado com o fato de eu existir, ainda mais ocupando o mesmo espaço que ele em sua preciosa oficina de carpintaria.

– Eu me sento aqui – diz ele finalmente e, mais uma vez, não parece aborrecido.

É só uma constatação, como se esse fosse o jeito que as coisas são e eu devesse saber disso como todo mundo.

Isso quer dizer que eu deveria me levantar? Sentar em outro lugar? Onde? Aqui é onde o Sr. Turner me mandou ficar, e eu tento decidir se quero continuar encarando Josh Bennett ou se me levanto e troco de lugar, porque a nossa disputa quase silenciosa já tem público. Antes de eu tomar minha decisão, o professor o chama até sua mesa. Ele deixa os livros na minha mesa – ou dele? – numa demonstração óbvia de posse e de que não vai ceder, e caminha até a frente da sala. Vejo o Sr. Turner olhar na minha direção e de volta para Josh. Suponho que esteja lhe dizendo que foi ele quem mandou eu me sentar aqui. Não sei se Josh vai conseguir o que quer ou não, mas, do jeito que as coisas parecem ser por aqui, geralmente ele deve sempre conseguir o que quer. Eu não quero lhe dar a oportunidade de ficar se gabando disso, então,

antes de ele se virar para voltar, troco de lugar.

Nenhuma outra mesa está vazia. Eu estava sentada na única. Há lugares livres nas outras, mas não quero me sentar com ninguém; é muito constrangedor para mim e para a pessoa que é obrigada a ficar do meu lado. Além disso, gosto de me sentar no fundo porque sei que não tem ninguém atrás de mim.

Há uma bancada ao redor de toda a sala, com armários embaixo, então pego meus livros e os ponho em cima dela, torcendo muito para poder ficar sentada discretamente aqui. Apoio os braços para subir na bancada e me viro para a frente. Ao fazer isso, vejo Josh voltando. Ele não olha para mim, mas diz alguma coisa. Está de costas para o resto da turma e fala baixinho, então tenho certeza de que só eu posso ouvir.

– Eu não ia fazer você trocar de lugar.

Não sei ao certo se devo ficar irritada com o fato de ele imaginar que tem o poder de me obrigar a sair ou se devo me sentir mal por interpretá-lo de forma errada. Penso que nunca vou entender Josh Bennett e em seguida me pergunto por que eu tento.

~

– Tem uma festa hoje na casa do Trevor Mason. Quer ir?

Olho para Drew. Estamos na aula de Debate. São quase duas e meia da tarde e estou tentando achar na internet os cinco últimos fatos de que preciso para terminar minha tarefa antes de o sinal tocar, para não ter que pensar nisso hoje à noite nem em nenhum momento do fim de semana. Não sei o que Drew está fazendo além de dar em cima de mim, pois tenho a impressão de que ele não fez nada a aula inteira. Sem dúvida dará um jeito de conseguir um A com o menor esforço possível. É assim que as coisas funcionam para ele por aqui.

O que foi que ele me perguntou? Foi bem direto e incrivelmente sem rodeios, então fico embasbacada por um instante. Uma festa hoje à noite? Não é o que eu estava esperando. Desde o primeiro dia de aula ele fica se insinuando sexualmente para mim. Eu diria que é apenas uma piada, só que não parece ser o caso, já que a minha contribuição não passa de olhares penetrantes e gestos com a mão – ainda assim muito raros. Uns dias atrás, ele tentou fazer com que eu me comunicasse por escrito, mas cortei logo o barato dele. Isso é para ser usado apenas para informações factuais e relevantes, não para conversar.

Ir a uma festa com Drew? Por que não? Até eu fico surpresa comigo mesma, mas, de verdade: por que não? Está bem, deve haver uns cem motivos para eu recusar. Ele provavelmente não está me convidando por causa das minhas tiradas brilhantes e histórias divertidas. Mas, para a minha frustração, Drew é uma das poucas coisas no meu dia que eu não detesto completamente, porque pelo menos com ele eu tenho uma sensação de controle. Eu posso lidar com Drew. Ele não me assusta, e neste momento isso pode bastar. Percebo que, apesar de ele ser um galinha descarado, arrogante e convencido, eu gosto dele. Não *gostar*

gostar. Mas gosto dele e me pergunto o que isso diz a meu respeito. Ele é divertido e estou mesmo precisando de alguma diversão. Faço que sim com a cabeça. *Claro. Uma festa. Por que não?* Ele parece surpreso por um instante. Bom, até *eu* estou meio surpresa. Mas logo essa expressão dá lugar a um sorrisinho confiante de é-claro-que-você-ia-dizer-que-sim.

– Passo para te pegar às nove? – pergunta ele.

Eu concordo, pego um caderno na mochila e tiro uma folha. Arranco da mão dele a caneta que está segurando e anoto o endereço, porque esse é um motivo aceitável para escrever.

– Acho que você deveria ir de preto – diz ele brincando enquanto escrevo o endereço.

Foi a única cor que usei nas últimas duas semanas.

Entrego a folha a ele e vejo o brilho da conquista em seus olhos. Inclino a cabeça para o lado e observo da cabeça aos pés aquele almofadinha gostoso até que meus olhos param no rosto dele. Então, dou de ombros e vou embora.

Capítulo 10

Josh

Drew estaciona na entrada da minha casa pouco depois da meia-noite e sei imediatamente que nada de bom pode vir daí. Solto o lápis que estava usando para anotar medidas e o vejo saindo do carro e vindo em direção à garagem.

– Cara, preciso de um favor.

– Claro que precisa.

– Preciso que você fique com a Nastya.

Ficar com a Nastya? De início, não entendo bem o que ele quer, até que olho na direção do carro dele e a ficha cai.

– O quê? De jeito nenhum. – Olho para a silhueta escura caída no assento do carona. – O que você fez com ela? Ela está consciente?

– Nada. Não – diz ele na defensiva, acompanhando o meu olhar até o carro. Estamos os dois de pé na minha garagem, ele de braços cruzados, eu com as mãos enfiadas nos bolsos, observando pelo para-brisa do carro dele para ver se há algum sinal de movimento. – Ela bebeu demais.

– Bebeu o quê?

– Lança-chamas. – Ele evita o meu olhar ao falar.

– Quem foi o babaca que deu lança-chamas para ela? – Ele me olha sem responder, o que já é uma resposta. É um idiota. Lança-chamas é um destilado qualquer misturado com refresco de cereja. Era mais fácil dar logo clorofórmio para ela. – O que você tinha na cabeça? Ela pesa 12 quilos.

– Tá bom, papai. Valeu pelo sermão, mas isso não resolve o problema. Além disso, como eu

ia saber que ela não aguenta? Ela parece durona.

– Uma durona de 12 quilos.

É verdade. Ela tem cara de durona mesmo. Eu vi seus braços e ela é sarada, o que é estranho e assustador ao mesmo tempo, porque não combina com ela. É bem pequena e parece frágil mas, apesar disso, bem que poderia ser uma mercenária adolescente exótica e fortona, vestida de preto, pronta para acabar com a raça de alguém. Nada disso faz sentido. É meio desconcertante. É como uma ilusão de ótica: você olha por um ângulo, vê uma imagem e pensa que entendeu tudo, mas então o ângulo muda, a imagem se transforma em algo totalmente diferente e você não consegue mais ver a imagem original. É muito louco.

– Sério, Josh. Eu não posso levar ela para casa assim, e a minha mãe me mata se eu chegar depois da hora combinada de novo.

Ele não está usando o argumento certo. Eu daria um bom dinheiro para ver Drew finalmente se dar mal. A mãe dele é a mulher mais doce do mundo, mas há uma pessoa que consegue tirá-la do sério como ninguém. E essa pessoa está bem na minha frente, implorando para escapar da forca. Eu não vou dizer não. Ele sabia disso quando veio para cá. O pedido é só uma formalidade. Eu nunca digo não para o Drew.

Caminho até o carro e abro o lado do carona. Tento acordá-la para perguntar se ela consegue andar até a porta da frente. Ela se remexe um pouco e abre os olhos. Nem sei ao certo se estão focalizados em mim. E então sua cabeça cai para a frente e pende sobre o peito, como se fosse pesada demais, e eu percebo que ela não vai conseguir andar para lugar nenhum. Ela mal se mexe quando eu a arrasto para fora do carro, pego-a no colo e a levo para dentro.

– Que merda, Drew – resmungo.

Ele se apoia no carro e suspira.

– Pode crer.

Nastya

Quando finalmente consigo abrir os olhos, preciso de um minuto para tentar descobrir onde estou. E eu tento, tento mesmo descobrir onde estou, e não tenho a menor ideia. Isso me deixa completamente apavorada. Tiro o cabelo da frente dos olhos para observar à minha volta e determinar o que está havendo. As três únicas coisas que eu sei com certeza que aconteceram na noite passada foram um: duendes minúsculos escalaram meu corpo e deram inúmeros nozinhos no meu cabelo; dois: devo ter dormido de boca aberta, porque algum bicho entrou nela e morreu; e três: fui sugada por um vórtex para um mundo de desenho

animado em que uma bigorna caiu na minha cabeça.

Levo a mão até a testa e pressiono, procurando aliviar um pouco a dor latejante enquanto tento me sentar com muito esforço. Estou no sofá de alguém. O sofá de alguém. *O sofá de alguém*. E, assim que me lembro, desejo esquecer.

– Bom dia, Flor do Dia!

Josh Bennett Maldito da Silva. A esta altura, tenho certeza de que, se eu encontrasse a certidão de nascimento dele, estaria escrito exatamente isso. Não tenho tempo para entender por que estou aqui ou o que ele está tramando com essa animação falsa e exagerada, porque ele fala sem parar e eu me pergunto se o Josh Bennett de verdade foi abduzido por alienígenas. De repente os duendes o sequestraram depois de bagunçarem meu cabelo.

– Que bom que você acordou. Eu já estava começando a ficar preocupado. Sabe, depois daquele vômito descontrolado ontem à noite. – Eu me encolho de dor física ou vergonha, não sei ao certo. Ele nota meu constrangimento, mas nem por isso para. Acho até que se sente encorajado. – Não, não deixe essa sua cabecinha linda se preocupar – diz ele com falsa sinceridade, em tom de gozação, e então para e me observa. – Bom, talvez hoje não esteja tão linda assim, e ontem à noite definitivamente não estava. Mas, mesmo assim, não se preocupe. Só precisei de umas quatro ou cinco toalhas para limpar tudo, e acho que o cheiro deve sair logo, em um ou dois dias. E tomara que não seja muito difícil de desgrudar do seu cabelo. Eu fiz o que pude, mas provavelmente teria sido mais fácil se você estivesse com um rabo de cavalo.

Josh Bennett limpou meu vômito. Fabuloso. Resolveu se vingar agora e parece estar se divertindo à beça. Não consigo decidir o que é pior: o Josh Bennett papai zangado ou o Josh Bennett sarcástico e engraçadinho. Eu daria um soco nos dois neste momento, mas não sei se conseguiria levantar o braço.

Por que estou aqui? A última coisa de que me lembro é de estar com Drew numa festa superlotada, bebendo algo sem nenhum gosto de álcool, o que era suspeito. Olho para o meu corpo, eternamente grata pelo fato de estar com as mesmas roupas de ontem à noite, mesmo que estejam manchadas com o que agora tenho certeza de que são respingos de vômito. Pelo menos Josh Bennett não teve que tirar a minha roupa e vestir em mim a cueca samba-canção dele. Essa ideia não me reconforta tanto. Talvez porque acabei de notar que, apesar de estar vestida, meu sutiã sumiu. Tento olhar à minha volta para ver se ele está jogado no chão ou algo assim, mas mexer a cabeça dói demais.

Ele ainda não parou de falar, mas não faço ideia do que está dizendo, embora sua voz pareça estar dentro do meu crânio. Continua dizendo algo sobre o rabo de cavalo. Sobre ser uma exigência para garotas bêbadas. Ele nem tenta baixar o tom de voz. Talvez até pense que está num palco, projetando a voz até o fundo do teatro, de tão alto que está falando.

Olho para ele. Está com uma aparência terrível, e me pergunto se ele dormiu. É óbvio que está bravo – como não estaria? É sábado, seis da manhã, e tem uma garota estranha no sofá – a

mesma que vomitou o banheiro todo na noite anterior enquanto ele tentava segurar o cabelo dela. Acho que tenho que dar um desconto para ele – tipo, um desconto colossal –, sobretudo quando ele vai até a cozinha e volta com um copo de água gelada. Eu precisava disso desesperadamente. Olho para o copo que ele me oferece. É ridículo de pequeno. Será que ele é alguma espécie de ambientalista? Vou precisar de uns 18 desses. Pego o copo, muito grata, levo-o até os lábios e engulo tudo imediatamente. O líquido bate no fundo da garganta e volta com tudo. *Mas que porra é...?* Vodca. Cuspo tudo, sem nem saber onde, e começo a ter ânsia de vômito. Fico com o estômago embrulhado, mas não sai nada. Encaro Josh Bennett furiosa, e ele me olha com um ar de... o quê? Incredulidade? Arrependimento? Medo?

– Merda! Não imaginei que você fosse mesmo beber. – Ele pega o copo da minha mão. O que pensou que eu fosse fazer? Jogar na cabeça? – Achei que você perceberia o que era. – Josh olha para mim, arrependido. – Foi uma brincadeira. Idiota, obviamente – murmura ele enquanto corre de novo para a cozinha e volta com mais uma toalha.

Esse garoto vai lavar roupa o dia inteiro. Eu me pergunto como vai explicar isto aos pais dele. É um milagre que ainda não estejam aqui, querendo saber o que está havendo. Arranco a toalha da mão dele e me abaixo para limpar a minha própria sujeira. Mesmo que não tenha sido culpa minha dessa vez, prefiro não ficar lhe devendo mais nada. Ele fica de pé perto de mim enquanto enxugo os restos da vodca que borrifei pelo chão. Penso em como deve ser a cena: eu de quatro, com o cabelo, o rosto e as roupas refletindo a piada de mau gosto que foi a noite de ontem.

Olho para cima e o encaro com ódio. Josh foi testemunha da minha total humilhação e, por mais que ele se delicie com a minha situação, eu lhe devo alguma gratidão. Já Drew é outra história. A ele eu devo um destino pior do que a morte. Acho que eu teria preferido se ele tivesse me largado na porta de casa para a minha tia me encontrar, em vez de me deixar à mercê de Josh Bennett. No instante em que esse pensamento passa pela minha cabeça, sei que talvez não seja bem assim. Mas deveria. Então me dou conta de que eu continuei olhando para ele durante todo o meu raciocínio e me pergunto o que a minha expressão pode ter revelado, porque agora ele está sorrindo para mim. *Sorrindo.* E é quase um sorriso real, apesar de eu não poder ter certeza, já que nunca o vi sorrir de verdade. Na escola ele tem sempre a mesma expressão, que não muda, dia após dia, como se nada no mundo pudesse afetá-lo. E isso me traz de volta à teoria da abdução alienígena, que estou começando a considerar seriamente, quando ele fala:

– Você quer mesmo é me mandar à merda agora, não é, Flor do Dia? – Ele ainda não acabou de zombar de mim. Estreito os olhos quando ele me chama de "Flor do Dia" outra vez, o que é um erro de estratégia, pois agora já sabe que isso me irrita e algo me diz que ele curte me irritar. – O que foi? "Flor do Dia" combina com você. É radiante, graciosa e feliz. I-gual-ziii-nho a você.

É aí que eu perco a cabeça. Não consigo evitar – por pior que eu esteja me sentindo agora,

por mais horrorosa, furiosa comigo, com Drew, com a merda do Josh Bennett e as bebidas enganosas que só têm gosto de resfresco de cereja. O ridículo de toda a situação me atinge com tudo. Pela primeira vez em muito tempo, solto uma risada. Talvez nem seja uma risada real. Talvez seja a gargalhada insana de uma garota muito instável, mas não ligo, porque a sensação é boa e acho que não conseguiria segurar, ainda que tentasse. Agora o sorriso dele desapareceu. Passou da cara dele para a minha, e ele exibe a minha expressão de confusão. Está olhando para mim como se eu fosse maluca – o que sou mesmo. Acho que o deixei surpreso de verdade. Você ganhou, Josh Bennett. Você mereceu.

Quando meu ataque histérico passa, ele tira a toalha encharcada de vodca da minha mão e volta para a cozinha. Examino o cômodo pela primeira vez. É simples. Não tem muita coisa moderna. Exceto pelo sofá, quase tudo aqui é de madeira, o que não deveria me surpreender. Nada combina com nada. Acho que não há sequer duas peças de mobília que tenham algo em comum. Cada uma é de um estilo, de um tipo de madeira diferente, com outro acabamento. Será que ele fez alguma delas?

O mais estranho é que há três mesas de centro. A que está na frente do sofá onde estou não tem nada de especial. É quadrada, comum, e o acabamento está gasto. Provavelmente as pessoas passaram anos sem usar porta-copos. Ela não pareceria deslocada se não fosse pelo fato de que há outras duas mesas do outro lado da sala que são tudo, menos comuns. São coisas de outro mundo. Eu me levanto para olhá-las mais de perto. Nem parecem mesas de centro no sentido tradicional, mas não sei como chamá-las. Parecem antigas. Ornamentadas e discretas ao mesmo tempo. Não imagino por que foram empurradas sem cerimônia para o canto da sala. Eu me ajoelho e deslizo os dedos pelas pernas curvas de uma delas, mas então ouço os passos de Josh e volto para o sofá. Não quero que ele pense que estou... O quê? Acariciando a mobília? Não sei. Não quero que ele pense nada.

Quando ele chega, está com uma daquelas canecas de hospital, enormes e de plástico, na mão. Tenho uma coleção delas em casa. As minhas são brancas, com letras em azul-turquesa. A que ele está segurando é vermelha sobre branco. Ele me dá a caneca.

– Água. – Eu olho para ele, cética. – Desta vez é mesmo. Juro.

Consigo beber toda a água, além do comprimido de analgésico que ele me oferece. Então ele pega a caneca e, sem dizer uma palavra, volta para a cozinha e reaparece momentos depois com ela cheia. Ele me faz beber tudo de novo, o que não me agrada muito, pois só quero sair daqui. Estou um lixo, me sinto um lixo e não tenho ideia de como isto tudo vai terminar na segunda-feira. Mas depois eu penso nisso, quando a minha cabeça não estiver explodindo e eu não estiver no sofá de Josh Bennett.

Eu me levanto para sair, olhando para as minhas roupas e considerando se deveria ao menos perguntar.

– Está no chão do banheiro. – Ele sorri para o tapete, e não para mim, ao dizer isso. – Você parecia muito revoltada com ele por algum motivo e o arrancou por baixo da blusa, tirou pela

manga e, num movimento só, o arremessou do outro lado do banheiro. Foi impressionante.

Maravilha. O jantar de ontem, o que restava da minha dignidade e, pelo visto, minha roupa íntima também. O que mais eu deixei no chão do banheiro de Josh Bennett? Tenho que admitir que, mesmo em meio a tamanha degradação, acho engraçado ele não ser capaz de dizer a palavra "sutiã".

Ele indica a direção do banheiro e eu caminho o mais cautelosamente possível. Cada passo envia ondas de choque dos meus pés até o meu cérebro. Quando chego lá, meu sutiã está zombando de mim no chão de ladrilhos, jogado entre a banheira e o vaso. Pelo menos era um preto de renda bonitinho, porque lingerie feia seria a única coisa capaz de tornar esta manhã ainda pior. Eu me ajoelho para alcançá-lo e, no processo, me pergunto se teria como pegar de volta os restos do meu amor-próprio caídos pelo chão. Posso precisar deles.

Desta vez, Josh não precisa do endereço. Ele não fala nada durante todo o trajeto, e eu não consigo me decidir se estou grata por isso ou não. Ele me deixa na casa de Margot trinta minutos antes de ela chegar do trabalho. É o tempo certo para eu tomar um banho, me trocar e fingir que está tudo bem.

– Melhoras, Flor do Dia.

Ele não olha para mim, mas mesmo assim consigo ver um meio sorriso quando fecho a porta.

Penso no fato de que ele me deixou dormir no sofá quando Drew obviamente me largou lá. Ele segurou meu cabelo, limpou uma quantidade colossal de vômito, me trouxe um analgésico e me obrigou a beber um litro de água para não ficar desidratada. Não tenho nada de radiante nem gracioso, mas, depois dessa noite, ele conquistou o direito de debochar de mim o quanto quiser. Então, *sim*, eu penso, *ao menos por um tempinho, Josh Bennett pode me chamar do que bem entender*.

Capítulo 11

Josh

Às quatro da tarde de domingo, a campainha toca. Quando abro a porta, encontro a mãe de Drew, com um pote de plástico nas mãos.

– Hoje é domingo. Fiz molho de tomate. O Drew disse que você não vai jantar lá, então resolvi dar uma passadinha aqui.

Ela sabe que eu não consigo fazer molho de tomate por nada no mundo e morro de raiva disso, então ela sempre traz um pouco para mim.

– Obrigado. – Dou um passo para o lado e a convido a entrar. – A senhora podia ter mandado o Drew trazer. Não precisava vir até aqui.

– O Drew desapareceu hoje à tarde. Provavelmente foi atrás da garota da vez. – Ela levanta as sobrancelhas, questionadora, e eu continuo com cara de paisagem, me perguntando se sei ao certo que garota seria essa. Pego o pote e me viro para guardá-lo na geladeira enquanto ela se senta num dos bancos na bancada da cozinha, diante da travessa de cookies que apareceu na minha porta de manhã cedo. – Além disso, você sabe que eu gosto de vir ver como você está e perguntar sobre a sua vida de vez em quando. Mesmo sabendo que você não vai responder.

Ela sorri e pega um cookie.

– Obrigado – digo pela segunda vez em dois minutos, sem saber ao certo por que estou agradecendo: por vir aqui, por querer saber como estou, por não esperar uma resposta. É por alguma dessas coisas. Eu poderia agradecer à Sra. Leighton o dia todo, mas ela não esperaria isso de mim.

– Você podia facilitar as coisas e vir morar com a gente – diz ela, e nem tenta esconder o

sorriso amarelo.

Ela me convida para ir morar com eles toda semana desde que eu descobri que o meu avô ia embora. Ela sempre ouve a mesma resposta, mas nunca para de perguntar. Não sei bem como eu me sentiria se ela desistisse.

– Obrigado – digo mais uma vez, e agora já são três.

Não preciso mais dizer que não aceito o convite.

– Só estou sendo egoísta, você sabe. Preciso que você seja uma boa influência para o Drew. Alguém tem que salvar aquele menino dele mesmo. Eu não tenho idade para ser avó. – Ela me olha com cumplicidade.

– Eu não sou isso tudo que a senhora pensa.

– Josh, eu amo o meu filho, mas às vezes acho que talvez você seja a única coisa que ele tem de bom. É bem possível que essa seja a única razão para eu ficar com ele. – Ela balança a cabeça e eu sei que não está falando sério. No fim das contas, Drew é um filhinho da mamãe. Só que ele também enche o saco dela quase todo dia. – Você andou escondendo isso de mim. Quando foi que começou a fazer cookies? – Ela gira o cookie meio comido na mão, examinando-o.

– Não fui eu. – Olho para a travessa. Agora que parte do fundo ficou visível, enxergo a decoração quadriculada azul na beirada. Fico imaginando que, se for parte de um conjunto, eu deveria devolvê-la. – Alguém me deu.

– Alguém? – pergunta ela, desconfiada. Vejo que isso despertou seu interesse. Ela não faz mais perguntas sobre as garotas na vida do Drew porque elas vêm e vão tão depressa que nem faz sentido. Mas nunca parou de me interrogar, esperando o dia em que vou finalmente dar uma resposta de verdade. – Bom... – Ela dá outra mordida no cookie. – *Alguém* sabe cozinhar. Está uma delícia.

– Eu não estou sendo evasivo – sorrio, respondendo sem responder. – Não sei quem foi. Apareceram hoje de manhã na minha porta.

– Ah – diz ela, tirando o cookie de perto da boca e ficando séria.

– Acho que sei quem foi. A senhora está a salvo. – A expressão dela demonstra um ligeiro alívio. Eu faço mesmo uma boa ideia de quem tenha sido, mas não tenho certeza. Não havia nenhum bilhete junto com os cookies, mas não pude deixar de sentir que eram uma espécie de agradecimento. E, na verdade, não pode ter sido mais ninguém. – Além disso, eu já comi uns seis desses. Se alguém quisesse me envenenar, acho que teríamos percebido.

Conversamos por mais alguns minutos e ela se levanta para sair, me perguntando mais uma vez se não vou mesmo jantar com eles. Eu não vou e ela já sabe disso. Ainda estou puto com Drew por causa de sexta-feira e ainda não estou a fim de lidar com as merdas dele.

– Eu a esperei no estacionamento hoje cedo – diz Drew quando passo por ele antes do sinal, na segunda de manhã.

Ele me ligou ontem à noite, mas eu não atendi e apaguei o recado sem ouvir. Não falo com Drew desde que apareceu lá em casa no sábado à tarde, querendo saber o que tinha acontecido com Nastya depois que ele largou ela lá. Eu poderia dizer que ele a *deixou* lá, mas nós dois sabemos que esse não foi o caso. Seria outra história se ele realmente estivesse preocupado em saber se ela chegou bem em casa e como estava se sentindo, mas sua principal preocupação era descobrir se ela estava muito brava com ele, e eu não fiz nada para tranquilizá-lo. Espero que ela esteja brava. Deveria mesmo estar.

– Ela não está falando comigo – diz ele e ri, enquanto estamos a caminho da nossa primeira aula. – Bom, você sabe, ela não está fazendo nenhuma expressão facial para mim. Fez um gesto com o dedo do meio, mas pode ter sido um tique ou algum espasmo muscular.

– É claro – respondo.

– Você também ainda está puto comigo?

– Já passou.

– Acho bom. Pense bem, eu deixei uma garota supergostosa, bêbada e que não fala, na sua casa. É praticamente um presente.

Paro e olho para ele, me perguntando, mais uma vez, por que somos amigos. Eu o conheço o bastante para saber que não está falando sério. Drew é um babaca e um galinha, mas não é um completo canalha. Ainda assim, não posso deixar de dar uma chamada nele. Desta vez, ele merece.

– Desculpa – digo com total falta de convicção, voltando a caminhar. – Pensei que você só estivesse me pedindo para consertar a merda que você tinha feito. Não tinha entendido que estava sendo um bom amigo e me dando uma garota bêbada e inconsciente para estuprar. Da próxima vez, seja um pouco mais claro, assim eu não perco uma oportunidade de ouro como essa. – Não consigo esconder o sarcasmo na voz nem tento.

– Você sabe que eu estava brincando. – Ele tem a bondade de falar como se estivesse se sentindo mal. – Eu a deixei com você porque sabia que você não ia fazer nada.

Agora ele me faz parecer uma espécie de monge, e isso também não me agrada.

– Ela não sabe disso. Deve estar achando que você fez exatamente isso que disse que fez. Largou-a com um estranho sem nem pensar no que poderia acontecer.

– E o que aconteceu? Você estava tão puto comigo no sábado que não me contou nada.

– Talvez porque eu passei metade da noite limpando vômito e a outra metade tomando conta, para ela não sufocar em mais vômito. – Paro de andar e olho para ele, para ficar claro que não estou brincando. A quantidade de vômito que encarei na noite de sexta-feira não tem graça nenhuma. Pode ser que eu nunca volte a ser o mesmo de antes. – Quer saber o que aconteceu? Ela vomitou. Pra caramba. Desmaiou. Acordou. Eu a deixei em casa. Foi isso.

– Cara, eu te devo uma – diz ele, ainda enojado com a menção ao vômito.

– E como.

Nastya

Quando chego à oficina na segunda-feira, a travessa quadriculada da Margot está na bancada ao fundo da sala, onde costumo me sentar. Josh não está na mesa dele, mas deve ter colocado ela ali. Eu o vejo do outro lado da sala, onde fica o maquinário. Não quero olhar para ele até entender o que está fazendo, então enfio a travessa na mochila antes de ele voltar e se sentar. O sinal toca e ele se senta no lugar de sempre sem nem olhar na minha direção – e tudo está de volta ao normal. A normalidade não dura muito, o que não deveria me surpreender. Acho que nada envolvendo Josh Bennett é normal. Se bem que eu não deveria julgar a normalidade dele, ainda mais quando o observo de baixo do meu próprio teto de vidro.

– Ei, Bennett! É verdade que você se emancipou?

Emancipou? Olho ao redor para ver quem fez a pergunta. É um skatista meio punk. Acho que o nome dele é Kevin, mas não prestei muita atenção nele para ter certeza. Só sei que o cabelo dele é grande demais na frente, sempre usa calças largas e se acha o máximo. Mas quem fez a pergunta não importa. Estou interessada mesmo é na *resposta*.

Josh faz que sim com a cabeça, mas não diz nada. Está olhando para baixo, concentrado no desenho em escala, a tarefa que recebemos na sexta. Nem se dá ao trabalho de levantar a cabeça para olhar para Kevin ou qualquer um que esteja prestando atenção nele agora.

– Então quer dizer que você é, tipo, livre pra fazer qualquer coisa que quiser?

– Pelo jeito sim... – Ele muda o ângulo da régua e traça uma linha com um lápis. – Mas é claro que não posso assassinar ninguém, então isso tem lá suas limitações – acrescenta, seco, sem levantar a vista.

Preciso esconder o meu sorriso, sobretudo quando Kevin insiste, completamente alheio à insinuação dele.

– Cara, que maneiro! Eu ia fazer festa toda noite.

Kevin parece não captar a dica de que Josh não tem nada a dizer para ele e continua insistindo. Estou torcendo para Josh mandar esse garoto para aquele lugar, mas acho que isso é mais o meu estilo do que o dele.

Ouço alguém dizer a Kevin, em voz baixa, para calar a boca. As pessoas em torno dele estão entre curiosas, constrangidas e chocadas com tantas perguntas. Eu estou entre as curiosas, mas tento parecer desinteressada. E vejo que o Sr. Turner também está prestando atenção, porque fica dando umas olhadinhas naquela direção. Ele não vai se meter, mas com certeza quer saber o que estão dizendo. Parece estar quase incomodado. Sei que me falta alguma informação vital e que não posso perguntar a ninguém o que é. Por que ele foi emancipado? Os pais abusavam dele? Morreram? Foram presos? Deixaram o país? Talvez tenha a ver com alguma missão

secreta de espionagem.

Minha cabeça dá voltas enquanto a conversa continua. Ainda estou tentando entender por que Josh foi emancipado e o que isso tem a ver com o fato de que ninguém se mete com ele. No total, estamos sentados aqui só há uns 45 segundos, mas já dá para sentir que o clima na sala ficou mais pesado.

Josh

Posso ver as expressões deles sem nem olhar. Normalmente todo mundo me ignora, mas é pior quando não é assim. Tipo agora. Ou eu escuto as idiotices lançadas por imbecis como Kevin Leonard ou recebo os olhares de como-é-horrível-ser-você. Principalmente das garotas. Elas são as piores. Drew diz que eu deveria usar isso a meu favor, que desperdiço a eterna onda de azar que é a minha vida e que, já que tenho uma história tão trágica, deveria ao menos tirar algo de bom da situação. Mas sexo por piedade tem algo que não faz eu me sentir muito bem. É difícil desejar uma garota que me olha como se eu fosse um cachorrinho perdido que ela quer levar para casa e alimentar, ou uma criança miserável que precisa de colinho e proteção. Não há nada atraente numa garota com pena de mim. Talvez se eu estivesse desesperado... mas provavelmente nem assim.

Os adultos são ainda piores, porque adoram fazer aqueles comentários metidos a espertos e dizer como estou me virando bem, que me tornei uma pessoa bem ajustada e dou conta de tudo. Como se eles soubessem. A única coisa que aprendi a fazer bem é evitar os outros, mas todos preferem acreditar que está tudo bem. Assim, podem voltar para o abrigo daquela caverna onde se escondem. Eles acreditam que lá a morte não pode vê-los.

É assim até com os professores. Posso me safar de praticamente qualquer tarefa se eu sacar o trunfo da morte. Todos ficam desconfortáveis, então fazem qualquer coisa que eu quiser para que eu vá embora e eles possam fingir que nada aconteceu. Precisam se convencer de que me compreendem e fizeram a boa ação do dia. Quando dou sorte, simplesmente me ignoram, até porque é mais fácil para todos nós. Mais fácil do que reconhecer que a morte existe.

Mencionar a morte pode ser mais do que suficiente para ter uma boa desculpa por não ter feito alguma tarefa ou para me aproximar de uma garota. A esta altura, eu posso me safar de praticamente qualquer coisa. As pessoas começaram a fazer vista grossa há muito tempo. Talvez eu também.

Quando eu tinha 8 anos, fui assistir a um dos primeiros jogos de beisebol da temporada com meu pai. Uma vez por mês, meus pais se revezavam e cada um passava o dia comigo ou com minha irmã, Amanda. Um mês eu ia com meu pai, e Amanda com minha mãe. No mês

seguinte, trocávamos. Estavámos em março e era a minha vez de sair com minha mãe, mas, como era o dia do jogo, eu implorei para ir com o meu pai. Expliquei à minha mãe que ela podia sair comigo em abril e em maio, para compensar. É, porque eu era um tremendo prêmio. Minha mãe disse que parecia um bom negócio e apertamos as mãos para selar o compromisso.

Meu pai e eu chegamos em casa às seis da tarde. Eu tinha adormecido no carro, na volta para casa. Ele me acordou quando estacionamos, mas no fim teve que me carregar para dentro, porque não estava parecendo que eu ia sair do carro. Havíamos comido demais, dado risadas demais, gritado demais. Minha barriga doía. Meu rosto estava queimado de sol. Eu perdi a voz e não conseguia manter os olhos abertos. Foi o último dia feliz da minha vida.

Quando acordei, eu não tinha mais mãe nem irmã, mas pelo visto tudo acabaria bem, porque nós ganharíamos mais dinheiro do que jamais precisaríamos. Os advogados da empresa de caminhões de carga disseram que foi um acordo generoso. Os advogados do meu pai acharam justo. Uma justa compensação pela vida da minha mãe. Uma justa compensação pela minha irmã morta. Eles não levaram em conta o fato de que, na realidade, eu também perdi meu pai aquele dia. Algo nele se partiu, estilhaçou, derreteu, incinerou e desintegrou, como o carro em que minha mãe estava quando um caminhão de refrigerantes de nove eixos passou por cima dele. Mas tenho certeza de que, se houvessem considerado isso, também teriam chegado à conclusão que era mais do que justo. Generoso até. Eu não tenho uma irmã de quem reclamar nem uma mãe com quem conversar ou um pai para construirmos coisas juntos. Mas tenho milhões de dólares quase intocados em contas bancárias e fundos de investimento e a vida é mesmo justa pra caralho.

– É o máximo – respondo, esperando que concordar com Kevin o faça se virar para outro lado e passar a impressionar outra pessoa com sua ignorância e suas histórias sobre festas lendárias. – Ninguém está nem aí para o que eu faço. – É verdade em vários sentidos. Levanto o rosto e olho-o bem nos olhos, esperando que ele entenda.

Volto a me concentrar em terminar o desenho em escala no qual estou trabalhando, satisfeito porque a atenção de todos se voltou para coisas mais importantes, como provas de matemática e garotas gostosas. O Sr. Turner está andando pela sala, olhando por cima dos ombros de todos para monitorar o progresso de cada um. Ele passa pela minha mesa e olha para trás de mim.

– Nastya, não dá para desenhar sentada aí em cima. Por que não se senta naquela cadeira vazia, ao lado do Kevin?

Seu tom é quase de quem pede desculpas quando diz a ela para mudar de lugar. Eu já acho surpreendente que ele tenha alguma expectativa de que ela faça a tarefa. Até agora, ele estava agindo como se ela nem estivesse na sala, e nós dois sabemos que não deveria mesmo estar. Mas acho que ele foi obrigado a deixá-la na turma, porque ela continua aqui. Acho que Nastya deixa as pessoas desconfortáveis tanto quanto eu. O Sr. Turner nunca agiu de forma estranha

comigo, mas sem dúvida parece constrangido perto dela. Talvez sejam as roupas – ou a falta delas –, porque sempre parece que ele tem medo de olhar para ela. Eu tinha esquecido que ela estava todo esse tempo atrás de mim e que deve ter ouvido todo o diálogo anterior. Ela começa a pegar seu material e o Sr. Turner volta a atenção para mim.

– Está bom – diz ele, verificando o esboço à minha frente. – O que você vai usar?

– Freixo europeu, provavelmente. Acabamento natural – respondo.

Ele assente, mas continua ali parado por mais um segundo.

– Está tudo bem? – pergunta ele, e sei que se refere à situação de Kevin, o que é idiota, pois não deixo mais esse tipo de bobagem me incomodar.

– Tudo certo – respondo, mudando o ângulo da régua sobre o papel quando ele se dirige de volta à sua mesa.

Atrás de mim, escuto Nastya descendo da bancada, os saltos batendo no chão. Ela passa por trás de mim, contornando a minha mesa, até a mesa onde Kevin Leonard está dando uma gargalhada, todo satisfeito com ele mesmo. Agora cada um está trabalhando sozinho e o nível de ruído aumentou consideravelmente, então não sei ao certo se estou imaginando coisas ou se estou louco quando ouço uma palavra.

Mentiroso. Nem chega a ser um sussurro. Entra de fininho na minha consciência, tão suavemente que quase não tem forma, como se fosse feita de ar e saudade, mas eu juro que a escuto. Quando levanto o rosto, a única pessoa que poderia ter dito isso está se sentando num banco ao lado de Kevin Leonard e eu me repreendo por ser ridículo, porque sei que não pode ser real, sei que essa palavra é fruto dos meus próprios anseios.

Chego à aula de Artes em cima do laço, entro rápido e me sento numa carteira vazia no fundo, atrás de Clay Whitaker. Não curto muito arte, mas não dava para eu me inscrever em outras matérias extras na oficina. Já tinha feito todas. Então eu precisava de outra eletiva para completar minha grade de horários. De preferência alguma em que não tivesse que pensar ou fazer dever de casa. O caminho de menor resistência já foi muito trilhado pelas minhas botas. A Sra. Carson me deixa ficar desenhando móveis que admiro e o que eu estiver projetando no momento. Às vezes, desenho uns negócios que vejo em lojas de antiguidades. Coisas que eu gostaria de ter talento para fazer. Talvez um dia. Não sou grande coisa desenhando. Sou razoável. Nem horrível, nem incrível. Dou uma olhada na mesa à minha frente. Clay Whitaker é incrível. Com um caderno e carvão, ele faz o que eu gostaria de conseguir fazer com madeira e ferramentas. Puxo a minha mochila e a reviro, procurando a foto que imprimi da internet ontem à noite. Mal começo quando Clay se vira para trás e pergunta:

– O que você está desenhando?

Ele inclina a cabeça para ter uma visão melhor da foto diante de mim. É um aparador de meados do século XVIII, estilo George II, com tampo de mármore. Nossa tarefa era trazer uma fotografia para reproduzir, e eu escolhi essa.

– Aparador – digo.

– Um dia desses, você podia tentar desenhar alguma coisa com duas pernas, em vez de quatro.

Desenhar gente não me interessa; além disso, sou péssimo.

– O que você está desenhando? – pergunto.

– O quê, não. Quem – corrige ele.

Clay raramente desenha algo que não seja gente. Ele tem uma obsessão por rostos humanos. Eu vivo desenhando móveis; ele vive desenhando gente. E ele é muito bom! O realismo de seus desenhos chega a ser assustador. Seus traços têm algo de enigmático. De alguma forma, consegue fazer você enxergar além do rosto, dentro da pessoa. Eu já o vi transformar até o rosto mais comum e nada inspirador num desenho interessante de um jeito que nem encontro palavras para descrever. Tenho certa inveja desse talento dele. Se eu não tivesse também uma paixão assim, ficaria morto de inveja. Por sorte, posso apreciar a habilidade dele sem odiá-lo por isso, mas nem todos nesta sala conseguem fazer o mesmo. Às vezes penso que a própria Sra. Carson é uma dessas pessoas. Deve ser meio deprimente ter que dar aula para alguém cuja capacidade ultrapassa a sua em todos os aspectos.

Volto a atenção para Clay, que apanha uma fotografia em 10 por 15 da mesa dele e a entrega para mim, com um sorriso pretensioso de quem sabe de algo que eu não sei. Pego a foto das mãos dele e olho para ela. Não sei bem quem eu esperava que fosse, mas com certeza não imaginava que fosse a garota cujo rosto estou vendo agora. Ainda assim, não posso dizer que estou surpreso. Se há um rosto interessante nesta escola, é o de Nastya Kashnikov; talvez porque ela nunca abre a boca para acabar com o mistério. Observo a imagem um segundo além do que deveria. Ela olha mais ou menos na direção da lente, mas não diretamente. Devem ter dado zoom na foto, pois está um pouco fora de foco, e é óbvio que ela não sabia que estava sendo fotografada.

– Por que ela? – pergunto, devolvendo a foto com alguma relutância.

– O rosto dela é alucinante, mesmo com toda aquela merda que ela passa na cara. Se eu fizer justiça a ela, nunca mais vou precisar desenhar outra garota.

Ele olha para a fotografia como se imaginasse como ela é sem maquiagem. Tenho vontade de dizer que ele tem razão. O rosto dela na foto nem se compara à sua aparência sem nenhum vestígio de maquiagem e sem o cabelo jogado na cara. Era disso que eu gostaria de ver uma fotografia, em vez de ter que confiar na minha memória dela perdida e pingando de suor na minha garagem à uma da manhã.

– Não imaginei que ela fosse o seu tipo – digo.

Eu me obrigo a ignorar alguns pensamentos que não deveriam passar pela minha cabeça e a me concentrar em Clay de novo, esperando que talvez ele não perceba, mas ele sempre percebe. É um dos mais deslocados aqui, e sei que também é muito observador. Já vi um número suficiente de desenhos dele para saber quantas pessoas Clay observa sem que saibam

que ele está olhando. E, quando Clay olha, ele vê. Isso é o mais desconcertante de tudo.

– O meu pau não precisa estar a fim dela. Só o meu lápis.

Ele sorri de novo para mim, como se soubesse algum segredo meu. E provavelmente sabe. Ele sempre está de olho, como se não tivesse entendido que é para me deixar em paz. Por alguma razão, eu não ligo. Ele fica à margem das coisas e, tirando o que ele ainda precisa aturar por ter saído do armário, em geral passa despercebido. Volto à minha porcaria de desenho e depois minha boca se abre de novo, quase que por vontade própria.

– Como você conseguiu essa foto?

– A Michelle. – O nome é uma resposta por si só. Michelle do Anuário. Clay é o único que não complementa o nome dela com *do Anuário*. Ela se senta ao lado dele no almoço todos os dias, com a câmera presa quase que cirurgicamente às mãos. – Pedi a ela para tirar uma foto no pátio, quando Nastya não estivesse olhando. – Ele dá de ombros, demonstrando um pouco de culpa, mas sem se desculpar. Fala o nome dela como se a conhecesse, e me pergunto quanto disso será verdade.

– Ela cobriria você de porrada se soubesse dessa foto.

É algo idiota de se dizer. Não a conheço o suficiente para saber o que ela faria, mas estou falando dela como se a conhecesse. Sarada daquele jeito, cobriria nós dois de porrada. Aliás, ela devia ter feito isso quando lhe dei vodca sabendo que ela estava de ressaca, mas, em vez disso, riu da minha cara. Eu não sei mesmo de nada.

– Um monte de gente quer me encher de porrada – responde ele com a maior naturalidade do mundo, como se isso fosse um simples fato da vida.

É verdade que muitos dos babacas da escola querem bater nele, mas querer e fazer são coisas diferentes. Ainda falam muita merda sobre o cara, mas ninguém encostou mais um dedo em Clay desde o oitavo ano – e nós dois sabemos por quê.

Quando minha mãe morreu, eu passei pela fase da raiva. Tudo bem, pois a raiva é aceitável quando você está de luto, ainda mais quando é um menino de 8 anos. As pessoas arranjam um monte de desculpas para você. Eu lidei com a minha raiva aceitável fazendo coisas inaceitáveis, como encher de porrada as crianças que me irritavam. Não era difícil me irritar. Eu era bem flexível quanto ao que era o necessário para me deixar puto. Mas logo vi que até as coisas inaceitáveis que eu fazia com os punhos eram consideradas aceitáveis e jogadas para debaixo do tapete.

Dei um soco na cara de Mike Scanlon, duas vezes, porque ele disse que minha mãe estava sendo comida por vermes. Acho que o que sobrou do corpo dela depois do acidente não foi suficiente para alimentar nem um verme, mas não discuti com ele. Só lhe dei um murro na cara. Ele ficou com um olho roxo e o lábio cortado. Contou para o pai, que foi lá em casa. Eu me escondi num canto, ouvindo e imaginando o castigo que iria ganhar. Mas ele nem estava bravo. Disse para o meu pai que não tinha problema. Disse que compreendia. Não compreendia merda nenhuma, mas não aconteceu nada comigo. E sempre foi assim.

A única vez em que eu realmente tive que me explicar foi quando aconteceu na escola. Dei um soco em Jake Keller no campo de futebol, durante a aula de Educação Física, e pensei que iria me ferrar. O diretor mandou me chamar, o que nunca tinha acontecido na minha vida. Mas, por sorte, ele também compreendia, e eu escapei com uma advertência e algumas consultas com o psicólogo do colégio. Todos os meninos em quem eu batia aprenderam que eu não seria punido por nada que fizesse. Eu poderia bater neles em plena luz do dia, com dez testemunhas, e até os pais deles diriam para me dar um desconto.

Minha fase da raiva já tinha passado quando cheguei ao oitavo ano, bem a tempo de meu pai ter um infarto. Àquela altura, quase todo mundo me deixava na minha. Ninguém queria me dar um motivo para eu ficar irritado. Então, um dia, eu estava indo para casa e me deparei com três merdinhas cobrindo Clay Whitaker de porrada. Eu nem o conhecia, mas eles estavam chutando o menino com vontade, e eu só precisava de uma desculpa para chutar alguém também. Eu já tinha um monte de raiva saudável e aceitável acumulada, e eles seriam uma boa terapia. Eram três, e eu nem era dos maiores. Deviam ser capazes de me deixar estirado na calçada sem sequer suar. Mas eram movidos a uma crueldade ordinária. Eu era pura fúria.

Clay estava sentado no chão quando os outros garotos finalmente fugiram correndo. Eu estava machucado e sem fôlego, então também me sentei, pois não sabia para onde ir e não tinha medo de mais alguém ir me procurar para me bater. Ninguém foi. Eu provavelmente teria batido em quem quer que fosse. Clay não disse obrigado nem nada, o que foi bom, pois eu não merecia nenhum agradecimento. Não fiz aquilo por ele. Não havia nenhuma intenção nobre.

Eu não estava nem aí se me ferrasse. Não estava nem aí para Clay Whitaker, sentado a poucos metros de mim, ensanguentado e chorando. Não estava nem aí para nada. Aquela foi a última vez em que bati em alguém. Depois daquele dia, decidi que esperaria alguém me dar um bom motivo. Mas não importava, porque todos já tinham aprendido que eu nunca seria punido. Eu nem sabia ao certo o que seria um bom motivo, mas imaginei que saberia quando fosse o caso. E talvez nunca acontecesse.

Eu não disse nada para Clay quando finalmente me levantei e fui para casa. E nunca falamos sobre o que aconteceu. Já estava acostumado com o fato de as pessoas não me incomodarem, mas, depois desse dia, ninguém mexeu mais com Clay Whitaker também.

– Estou começando a entender por quê – murmuro, e ele sabe que não estou falando sério, mas levanta as mãos e entende a deixa.

– Está bem. Vou deixá-lo em paz com esse seu aparador tão instigante. Eu vou desenhar uma garota – diz ele com orgulho, então se vira e abre o caderno.

Capítulo 12

Nastya

Eu passava tempo demais pensando no que faria nos próximos vinte anos. Com frequência isso envolvia tocar piano em salas de concertos do mundo todo. O que significava muitas viagens internacionais e ficar hospedada em hotéis glamorosos e fabulosos, com toalhas fabulosamente fofas e roupões mais fofos ainda. Também haveria os príncipes que fariam turnês comigo, incrivelmente gostosos, de deixar as pernas bambas, com um talento musical inacreditável. Seria inevitável que ficassem perdidamente apaixonados por mim. Porque isso acontece. Eu seria reverenciada por ter herdado o talento do meu lado paterno da família e a beleza do lado materno. Usaria vestidos elegantes, de cores que ainda nem foram imaginadas, e todos saberiam o meu nome.

Agora, passo o tempo pensando no que vou fazer nas próximas vinte horas e torcendo para que envolva algo minimamente parecido com dormir.

~

Consegui correr todas as noites na última semana. O clima colaborou. Minhas pernas estão se recuperando. Eu me forço mais do que deveria, mas não vomitei de novo desde a primeira noite. Meu corpo está se lembrando. A melhor parte é que posso ficar exausta e deixar para trás toda a merda acumulada durante o dia. Assim consigo dormir. Ainda preciso dos cadernos, mas a corrida ajuda. Correr me traz algo de bom, ou, para ser mais precisa, leva embora as coisas ruins. Tanto faz. Sei que eu dependo demais disso, mas é uma das poucas coisas com que posso contar.

Exercícios, cadernos, ódio: as três coisas que não me decepcionam.

Agora já estou bem familiarizada com as ruas. Posso prestar atenção sem prestar atenção. Memorizei o som do ambiente. Sei o que faz parte dele e o que destoa. Sei onde a calçada está irregular, onde o pavimento foi levantado pelas raízes de alguma árvore violenta. Minha mente aprendeu o que esperar da noite. Saio sempre por volta do mesmo horário, mas nunca faço a mesma rota. Posso voltar para casa por uns dez caminhos diferentes se precisar. Não me sinto à vontade. Nunca mais vou me sentir à vontade ao sair de casa, mas me sinto preparada, o que é melhor do que da última vez e o máximo que posso esperar.

Nas últimas seis noites, evitei de propósito a casa amarelo-clara de estuque da Alameda Corinthian. A que tem a garagem perpetuamente aberta. Passo correndo por essa rua toda noite, mas não consigo ignorar a tentação de pelo menos observá-la da esquina. Pela iluminação, sei dizer se a porta da garagem está aberta ou não, e até agora ela nunca decepcionou. Nunca está fechada, não importa a hora. Sempre tento imaginar o que ele diria se eu aparecesse lá de novo. Sei que não seria muita coisa, mas mesmo assim fico pensando quais seriam suas palavras. Será que ele diria alguma coisa? Será que me ignoraria e continuaria trabalhando como se eu não estivesse lá? Será que me pediria para ir embora? Ou para ficar? Não, isso ele não faria. Josh Bennett não pede para ninguém ficar. Eu poderia pensar em mil possibilidades, mas realmente não consigo imaginar qual delas estaria mais próxima da realidade. Então, só por um instante, eu perco a concentração. Paro de pensar no que ele me diria e começo a refletir sobre o que eu diria a ele. É nesse instante que piso mais forte, acelero na direção contrária e vou para longe da Alameda Corinthian e dos meus pensamentos autodestrutivos absurdos.

Chego à casa de Margot às 21h25 e vou direto para o banho. Falo mais sozinha debaixo daquele chuveiro do que falei em meses. Na segurança da casa vazia, com a água corrente abafando o som, eu me lembro de todas as complicações que podem surgir quando abro a boca. Tento gastar todas as palavras e ficar vazia. Digo a Ethan Hall que ele é um babaca enquanto visualizo um golpe perfeito com a base da mão na cara dele. Ou um garfo no olho, o que é igualmente interessante. Digo à Sra. Jennings que, ao contrário do que a maioria pensa, Bach não foi mais prolífico do que Telemann; só é mais reverenciado. Digo a Drew quais cantadas dele funcionam melhor e com quem ele realmente deveria usá-las, em vez de desperdiçá-las comigo. Digo ao meu pai que ele pode continuar me chamando de Milly, pois, mesmo sendo um apelido ridículo, isso o deixa feliz, o que também me deixa feliz de uma forma que eu já não sei mais ser. Agradeço aos meus terapeutas, mas digo que nada do que eles façam ou digam – ou tentem me fazer dizer – vai ajudar. Falo até a água ficar fria e a minha voz ficar rouca. Espero que seja o suficiente para me ajudar a ficar de boca fechada. Eu não digo uma palavra sequer a outro ser humano há 452 dias. Escrevo minhas três páginas e meia, guardo meu caderno de redação e me deito na cama, sabendo quanto cheguei perto de não completar 453.

~

Tenho me saído bem em evitar Josh na escola. Tirando o quinto tempo, a única hora em que tenho que vê-lo é na oficina, que sempre é uma experiência de humildade, já que todo mundo ali se vira bem com madeira e ferramentas elétricas, e eu tenho sorte de ao menos saber identificar um martelo – ou talvez nem isso. Outro dia, um tal de Errol me pediu para lhe passar um martelo e, quando o atendi, ele me olhou como se eu fosse uma idiota. Pelo jeito, há uns quatrocentos tipos diferentes e eu não peguei o certo. Agora não me pedem mais nem para pegar as coisas.

Eu podia ter tentado sair dessa matéria, mas decidi escolher bem minhas batalhas com o departamento de orientação, e a oficina era o menor dos males em comparação com Discurso e Debate e Introdução à Música. Entre essas duas, imaginei que eu sobreviveria a Debate, pois o Sr. Trent tinha dito que eu garantiria minha nota fazendo pesquisa e encontrando materiais para interpretação. Além do mais, o gostosíssimo do Drew está lá para me entreter, e faço qualquer negócio em troca de um pouco de diversão. E, se eu for totalmente sincera comigo mesma, o que em geral tento evitar, senti desde o primeiro dia que eu tinha mesmo era que cair fora de Introdução à Música. Aquela matéria era uma falha geológica bem na superfície da minha mente instável. Seria melhor evitar. Eu sou boa em evasivas.

Além disso, ser assistente na aula da Sra. McAllister no quinto tempo está sendo muito mais legal do que eu poderia esperar. É o equivalente escolar a assistir ao *Big Brother*: posso bisbilhotar os dramas alheios, mas com zero esforço mental. Drew está lá, além de Josh, o nojento do Ethan, o babaca do Kevin Leonard e uma garota marrenta chamada Tierney Lowell, com quem Drew vive discutindo. Acho que ela não é a minha maior fã também. Nunca me disse diretamente, mas me olha como se eu matasse o tempo assassinando cachorrinhos, então acho provável que ela não goste de mim.

A oficina também não é tão ruim, ainda que me faça sentir incompetente e inútil a maior parte do tempo. Ninguém me incomoda, e o Sr. Turner não espera que eu consiga fazer muita coisa. Pelo visto Josh é uma espécie de deus por lá. Caminha pela sala como se tivesse construído o lugar. Deviam dar uma linha telefônica exclusiva para ele, pois toda vez que o telefone toca acontece a mesma coisa: Turner atende, Turner chama Josh, Josh sai. Ele recebe essas tarefas com frequência. Estantes quebradas? Chame Josh Bennett. Gavetas travadas? Ligue para o Josh. Precisa de um conjunto de móveis de jantar feitos sob medida e ricamente elaborados? Josh é o cara.

Só não peça para ele falar. Ele não me dirige a palavra na escola desde o dia em que me disse que não ia me obrigar a sair de sua mesa, como o bom déspota benevolente que ele é. Eu, é claro, também não disse nada a ele.

Capítulo 13

Josh

Drew entra na minha casa por volta das 11h10 no domingo de manhã. Esqueci de trancar a porta quando saí para pegar o jornal mais cedo, então ele vai entrando direto. Preciso cancelar essa assinatura. Eu não leio jornal. É outro vestígio do meu avô. Tentei convencê-lo a ler pela internet, mas ele se recusava. Dizia que gostava da sensação de segurá-lo nas mãos e do cheiro do papel. Eu detesto essa sensação e gosto ainda menos do cheiro. Escrevo um lembrete para telefonar hoje e cancelar a entrega. Não quero ver mais nenhum jornal na porta de casa.

– E aí? – pergunto enquanto ele entra, se sentindo em casa.

– Sarah. Casa. Garotas. Demais – ele suspira, cai duro no sofá e fica olhando para o teto.

– Eu não sabia que era possível ter garotas demais no seu mundo.

– No caso das amigas da Sarah, eu abro uma exceção.

– Você nunca abre exceções.

– Tá bom. É verdade. Mas deveria.

Eu não o culpo. As amigas de Sarah são um saco. São bonitas de olhar, mas elas sabem disso, o que diminui o encanto. Representam tudo o que eu não suporto nas garotas da escola, e Sarah está ficando igualzinha a elas. Acho que tenho sorte de intimidá-las, porque, depois que elas tentam o joguinho da paquera comigo uma vez, geralmente percebem que não vão provocar nenhuma reação e param de insistir.

– Você já pegou pelo menos três delas. Aprendeu a lição finalmente?

– Acho que elas é que aprenderam. Além do mais, a Sarah bateu o pé e disse que não posso mais ficar com as amigas dela. Está proibido.

– Ela acha mesmo que você vai obedecer?

– Ela bateu o pé com elas. *Elas* é que estão proibidas de ficar comigo.

– Devem estar em crise de abstinência.

– Não tem graça. É verdade. Eu sou tipo um rito de passagem.

– Por que você veio aqui?

– Já falei. Não posso ficar em casa. Sinto os meus níveis de testosterona caindo a cada segundo que eu fico lá.

– É, mas por que você veio para *cá*?

Em geral, a minha casa não é a primeira escolha quando Drew precisa sair da casa dele. Era até uns anos atrás, mas não é mais. Acho que deve ter alguma coisa a ver com o fato de eu possuir um cromossomo Y.

– Não tenho mais para onde ir.

– Você podia comprar uma garrafa de destilado e ir fazer uma oferta de paz.

– Não vou lá sozinho. Talvez nunca mais encontrem meu corpo.

– Vai desistir tão rápido? – Tem umas outras cem garotas de quem ele poderia estar a fim; mas essa eu não entendo.

– Não. Só preciso mudar de estratégia. Alguma ideia?

Não tenho nenhuma ideia e, mesmo que tivesse, não o ajudaria. Mas tenho algumas dúvidas, mais perguntas a cada dia que passa.

– Você acha que ela não fala por quê?

– Ninguém sabe. Eu usei meu melhor repertório com ela e, a julgar pelos olhares que recebi, ela não tem nenhuma dificuldade com a língua inglesa. Eu diria que ela não tem cordas vocais.

Tenho certeza de que não é o caso. Ela riu naquele dia que estava aqui – uma gargalhada sonora. Eu pesquisei. É preciso ter cordas vocais para produzir aquele som, então sei que não é isso. Pode ser também algum outro problema físico. Mas, apesar de não entender nada disso, algo me diz que não é – o que me deixa ainda mais intrigado. Que motivo alguém teria para não falar? Será que antes ela falava e de repente parou? Talvez nunca tenha pronunciado uma palavra sequer. Não sei. Só sei que ela presta atenção, observa tudo o tempo todo, mesmo quando nem está olhando. Acho que não perde nenhum detalhe. Isso me assustaria se eu não compreendesse. Fico pensando se ela enxerga coisas que eu não vejo, mas, de qualquer jeito, ela não me diria, até porque eu nunca perguntaria.

– Ela não faz o seu tipo – digo.

Com raras exceções, Drew tende a escolher garotas sem graça, bonitinhas e populares. Com relação a elas, a filosofia dele é sempre a do caminho mais curto e, para a sorte dele, essa filosofia parece se aplicar a quase todas as garotas da escola. Acho que ele jamais ouviu um não, ainda que todas conheçam sua reputação e ele nunca tenha tentado disfarçar. Nunca precisou falar de amor nem fingir qualquer tipo de sentimento por uma garota para fazê-la dormir com ele. Não tem que usar nenhuma chantagem emocional. Elas mesmas se

encarregam disso.

A maioria das garotas pensa que vai acabar namorando ele, mas isso nunca acontece. Poderíamos pensar que ao menos uma delas cobraria isso dele publicamente, tentaria fazê-lo assumir a responsabilidade e reconhecer o erro, mas nenhuma faz isso, pois, no fim das contas, sabe que Drew fez exatamente o que Drew sempre faz, e a maior parte delas acaba percebendo que não devia era ter alimentado a fantasia de regenerar o babaca.

Eu gostaria de pôr a culpa nele, mas é difícil quando ele não nega nem se justifica ou pede desculpas. Ele é assim. É pegar ou largar. Eu não seria capaz de fazer o que ele faz, mas não porque isso não tenha certo encanto. Eu mentiria se dissesse que nunca me passou pela cabeça ser assim, mas é responsabilidade demais para mim. Essas garotas têm sentimentos de mais, e eu não sou bom em desviar deles. Já Drew parece impermeável a eles. As lágrimas e os insultos e o ressentimento nem chegam a perturbá-lo. Eu já tenho responsabilidades de mais e não quero ainda precisar me preocupar com os sentimentos alheios. Já bani os meus há muito tempo, e nem a pau vou lidar com os dos outros.

– Ela é mulher. É gostosa. Requisitos preenchidos – diz ele, categórico.

– Parece que ela odeia você.

Ela parece odiar todo mundo, mas não menciono essa parte. Estou mesmo tentando descobrir por que ele está perdendo tempo com ela. Não combina com o jeito dele. E já devia ter desistido dela há um tempão.

– Então! É um desafio.

– Exato. Fazer esforço não vai contra a sua filosofia pessoal?

– Vai, mas talvez eu esteja entrando numa fase de crescimento pessoal. Tentando ser uma pessoa melhor.

Abafo uma risada ou um engasgo. Não sei ao certo.

– A sua falta de confiança é um insulto – prossegue ele. – Além disso, nem todo mundo tem sexo garantido, sem compromisso e sem esforço.

Ele me encara deliberadamente. Não posso discordar. Não faz sentido agir como se eu fosse o dono da razão quando não preciso nem me preocupar em conseguir uma garota para transar.

Eu tenho Leigh, apesar de ela estar meio sumida porque está na faculdade. Mas isso só facilita as coisas. Fica só a umas duas horas daqui e ela vem me ver sempre que volta para casa nos fins de semana e feriados. Depois vai embora de novo. Ela não diz que me ama. Não pergunta se eu a amo. Não a amo e nunca vou amar. Temos um acordo fácil e que não envolve emoções: nós usamos um ao outro e depois vamos para casa. É a situação mais perfeita possível. Mesmo se eu não tivesse Leigh, acho que não ficaria desesperado a ponto de descer ao nível de Drew. É claro que eu gosto de transar, mas me conheço e sei que me sentiria um babaca e acabaria namorando a garota durante meses só por me sentir culpado.

– Você não pode me julgar. Aliás, à luz dos meus novos objetivos de ser uma pessoa

melhor, vou vencer meu medo de ser esfolado vivo e vou até a casa dela agora mesmo.

Ele pula do sofá e vai em direção à porta.

– Boa sorte – digo, sem a menor sinceridade.

Passo o resto da tarde envolvido em graus variados de negação. Finalmente peguei o telefone e cancelei o jornal, o que eu não tinha certeza se faria. Então pensei em, já que estava resolvendo as coisas, ligar para a casa de repouso e pedir que viessem buscar a cama hospitalar que entregaram para o meu avô dois meses atrás. Ele já foi embora há duas semanas, mas parece que faz uma eternidade. Se não tivesse esses telefonemas para fazer, talvez eu até duvidasse de que ele realmente morou aqui.

Quando desligo depois de falar com a casa de repouso, olho para o telefone e penso em ligar para o meu avô. Pensei em ligar para ele ontem e antes de ontem e antes de antes de ontem. Mas não liguei. Falei com ele na semana passada e foi péssimo. Ele está cem vezes pior desde que foi embora daqui. Sua mente já não é mais dele. Agora pertence à oxicodona, à morfina e a todos os analgésicos que conseguem lhe enfiar goela abaixo para tornar as coisas mais fáceis. Falar com ele nem é mais falar com ele. É só um corpo do outro lado da linha; a mente se perdeu. Quase dá para ouvir o cérebro dele lutando para processar as palavras enquanto eu falo. Ele não consegue entender nada, e sei que fica frustrado, e, se ainda resta alguma parte intacta no meu coração, ela se quebra ao ver a confusão dele. Ainda assim, às vezes sou egoísta e telefono para ele. Por mim. E eu falo. Digo coisas que não diria a mais ninguém, porque sei que, quando desligar, será como se eu nunca tivesse dito mesmo.

Até a última conversa de verdade que tivemos na noite de sábado logo antes de o meu tio-avô e a mulher dele virem buscá-lo ficou comprometida pelas drogas. Ele se sentou comigo para me dar os conselhos que pensava que eu ainda precisasse. Disse para eu me sentar no sofá e se acomodou na poltrona à minha frente, como fazia toda vez que queria transmitir os ensinamentos que achava importantes àquela altura da minha vida. Eu nunca dei muita atenção porque não achava que precisasse dos ensinamentos dele. Naquela noite eu me sentei. E prestei atenção. Queria escutar qualquer coisa que ele dissesse. Estava sedento por aquilo, desesperado para ouvir as palavras que ele tinha para mim, mesmo que fossem ditas através da névoa confusa das drogas.

Ele me contou muitas coisas naquela noite e eu me lembro de todas elas. Falou sobre mulheres e coisas imperdoáveis, sobre balanços na varanda e casas de tijolos vermelhos e lembranças que ainda não existiam.

Tenho que estar às seis horas na casa de Drew para o jantar, então preciso tomar banho agora e achar roupas melhores para vestir. A mãe dele gosta quando a gente se veste bem para o jantar de domingo. Não é nada sofisticado, mas, segundo a Sra. Leighton, se vestir bem torna a ocasião especial, então é isso que fazemos. Tentei escapar dessa vez, mas ela não deixou,

porque já tem três semanas que não vou ao jantar de domingo. Eu não acho horrível. Na maioria das vezes, é até bem legal. Eu como comida de verdade que não precisei cozinhar e Drew não se comporta como um babaca perto da família. Só que, quando eu vou lá, me sinto meio fora do lugar. Aquela normalidade toda me faz lembrar em detalhes do quanto a minha vida é ferrada. Eu poderia passar o dia inteiro pensando em todas as razões para não ir, mas sei que não tem escapatória, então me conformo, pego umas roupas decentes no armário e entro no chuveiro.

Capítulo 14

Nastya

Na sua mão e no seu punho existem 27 ossos. Eu quebrei 22 deles. Em termos relativos, minha mão é tipo um milagre. Está cheia de placas e pinos e, mesmo após várias cirurgias, ainda não parece totalmente no lugar. Mas ela está funcionando melhor do que previram. E não é que eu não consiga fazer nada; só não consigo fazer a única coisa que eu queria. Aquilo que me fazia ser quem eu sou.

Nunca tive uma vida social muito agitada, mesmo antes. Depois da escola, eu passava meu tempo na sala de música ou tendo aula particular, e aos sábados tocava piano em casamentos. Às vezes, durante a temporada de casamentos, eu fazia três no mesmo dia. Saía correndo de uma igreja, entrava no carro com a minha mãe, que me esperava na porta, e ia para outra. Era uma loucura e eu raramente tinha um fim de semana livre, mas o dinheiro que ganhava era incrível e o tempo de trabalho, mínimo, além de ser fácil.

A maioria dos cerimonialistas e das noivas não é muito original. Eu revezava entre umas cinco peças que tinha: aquelas músicas tradicionais que ouvimos em todo casamento. Nem me preocupava com elas; poderia tocá-las com a mão nas costas. Eu também revezava entre três vestidos, todos conservadores e femininos, com graus variados de formalidade dependendo da cerimônia. Imagino o que os noivos teriam feito se eu tivesse aparecido com um dos modelitos que uso hoje em dia.

Quando não estava tocando em casamentos, tocava em shoppings e restaurantes refinados. No início, eu era uma grande novidade. Era a queridinha de todo mundo. Nem sei se alguém sabia o meu nome; em geral, me chamavam de Menina Pianista de Brighton, o que não tinha

problema, porque era isso mesmo que eu era. Quando fiquei mais velha, todos já tinham se acostumado a me ver aqui e ali, mas, no início, quando eu tinha uns 8 anos, a maioria das pessoas parava para conferir. Eu usava meus vestidinhos com babados e o meu cabelo estava sempre preso, deixando o rosto livre, com uma fita combinando. Eu sorria e tocava Bach, Mozart ou qualquer peça manjada que me pedissem. Todos me conheciam e as pessoas sempre aplaudiam no final e me cumprimentavam toda vez que me viam. Eu amava cada segundo daquilo.

Quando fui obrigada a parar, já tinha bastante dinheiro guardado. Estava economizando para pagar o curso de verão no conservatório de música de Nova York. Passei três anos babando por ele e, aos 15 anos, finalmente tinha idade para me candidatar. Meus pais tinham dito que, se eu queria ir, precisava trabalhar para conseguir o dinheiro, mas trabalhar não passava de brincadeira para mim, porque isso significava tocar, e tocar nunca era trabalho. Entre os casamentos, a escola, as aulas particulares e os recitais, não sobrava muito tempo para a vida social, mas esse era um sacrifício pequeno. Aliás, para ser sincera, não era sacrifício nenhum. Eu não ia a festas e era muito nova para dirigir. Gostava de Nick Kerrigan, mas a maior parte do tempo a gente só se olhava e depois desviava o olhar.

Eu não tinha um grupo de amigas para ir passear no shopping e, de qualquer forma, minha mãe comprava quase todas as minhas roupas. Mesmo com 15 anos, eu aparentava ser mais jovem do que isso. Fazia o estilo moça elegante da igreja. As minhas poucas amigas eram como eu. Passávamos todo o tempo livre praticando, porque era isso que nós éramos. Meninas pianistas. Meninas violinistas. Meninas flautistas. Isso era a normalidade. Minhas notas não eram grande coisa e eu era o contrário do que se pode chamar de popular, mas tudo bem. Era melhor do que ser normal. Eu nunca quis ser normal. Eu queria o extraordinário.

As pessoas normais tinham amigos. Eu tinha a música. Não estava perdendo nada.

Hoje em dia, sinto saudade de tudo. Sou assombrada pela música – que posso ouvir, mas nunca mais tocar. Há melodias que me atormentam nota a nota, zombando de mim pelo simples fato de existirem.

Ainda tenho todo o dinheiro que guardei para o conservatório. Eu tinha mais do que o suficiente, mas nunca cheguei a ir. Passei aquele verão entrando e saindo de hospitais, em recuperação, fazendo fisioterapia, aprendendo a pegar moedas sobre a mesa e em sessões com terapeutas que me explicavam por que eu estava com raiva.

Agora já recuperei boa parte do controle da mão e provavelmente poderia martelar algo no piano se tentasse, mas nunca seria como antes, do jeito que deveria ser. A música tem que fluir a ponto de não sabermos onde termina uma nota e começa a outra; a música deve ter graça, e não restou nenhuma graciosidade na minha mão. Tem pinos metálicos, nervos danificados, ossos estilhaçados, mas nenhuma graça.

Hoje é domingo e não tenho nada para fazer. Eu nunca tinha casamentos aos domingos, mas geralmente passava as manhãs tocando na igreja luterana, quando precisavam de mim. Eu

não era religiosa; fazia um favor para uma amiga da minha mãe. Quase sempre passava as tardes no piano de cauda do andar de cima do shopping perto de Nordstrom. Depois, à noite, eu praticava de verdade e de vez em quando fazia o dever de casa.

Agora, o dever é a única coisa que tenho para fazer, então, milagrosamente, tem estado em dia. Mas eu ainda não me saio bem.

Margot passa as tardes à beira da piscina até a hora de se arrumar para ir trabalhar. Eu não posso tomar sol. Ele não é muito bom para uma pele translúcida, e ficar sentada, imóvel, não é a minha. Ocasionalmente eu me lambuzo de filtro solar, faço uma trança no cabelo e nado até não conseguir mais me mexer. Como não posso correr à tarde, essa é uma boa alternativa.

Ainda estou na 25ª volta quando tiro a cabeça da água e vejo Margot de pé na beira da piscina, ao lado de Drew Leighton, com aquele sorrisinho permanente no rosto. Fico perplexa por um momento, me perguntando como ele sabia o meu endereço, quando me lembro de que ele veio me pegar para a fatídica festa da semana passada.

Olho para mim mesma através da superfície da água e percebo que não vou escapar tão cedo. Sem condições de sair desta piscina na frente dele, toda molhada e praticamente nua. Posso ir para a escola quase pelada, mas quase pelada e com este biquíni minúsculo são coisas completamente diferentes, e eu não pretendo ensinar isso a ele. Já é ruim o suficiente que eu não esteja maquiada, mas não posso fazer nada em relação a isso agora, então é melhor deixar para lá. Pego os óculos escuros que deixei na beirada da piscina e me mantenho o mais longe possível dele.

– Eu sou a tia da Nastya. – Margot se apresenta para Drew. – Suponho que vocês já se conheçam.

Ela se vira na minha direção e dá um sorriso cúmplice. Desde o primeiro dia de aula, ela insiste que eu faça amigos e tenha algum tipo de vida social, então deve estar numa euforia sem tamanho. Drew está com um jeitinho de menino que aposto que já conquistou muitas mães desconfiadas. Ele provavelmente vai ter que se esforçar mais com Margot. Ela é mais jovem, bonita e está mais acostumada a ser paquerada. Conhece esse joguinho dele. Ainda assim, sua desconfiança é contrabalançada pela vontade de me ver curtindo a vida minimamente. Ela se afasta, me deixando à mercê dele, e retorna para a espreguiçadeira com seu exemplar da *Cosmopolitan*. Mas não me engana. Sei que vai fazer de tudo para ouvir cada palavra.

Se não estivesse presa na piscina devido ao meu estado de seminudez, eu poderia tirar mais proveito da situação. Drew não pode usar seu arsenal de cantadas insinuantes agora, pois está sendo observado. Ele tira os sapatos e se senta na beira da piscina, balançando os pés na água.

– Acho que já paguei minha penitência. Você devia me perdoar.

Eu só olho para ele. Nem me dou ao trabalho de mudar minha cara. Vai ter que se esforçar um pouco mais para eu desperdiçar minhas expressões faciais com ele.

– Você nem olhou para mim a semana toda. Está acabando com a minha reputação.

Tenho a impressão de que nem uma bomba nuclear seria capaz de acabar com a reputação dele a esta altura, muito menos uma semana sem a minha atenção, mas acho legal que me dê esse crédito.

– Deixe eu me redimir. Venha jantar na minha casa. Hoje à noite.

Fico desconfiada e tenho certeza de que ele notou. A inocência não combina com Drew. Isso não condiz com a sexualidade nua e crua que sai pelos seus poros. Eu o olho nos olhos e espero a pegadinha.

– Você nem vai ter que ficar sozinha comigo. Toda a família vai estar lá.

Talvez ele pense que está me convencendo. Não está. Eu não me importo com os pais dele. Aliás, sempre me dei muito bem com os pais dos outros. Agora é provável que nem tanto, mas não são eles que me preocupam. Eu não pretendo chegar perto é da irmã dele. Ela já está de olho em mim. Mesmo antes do ato de heroísmo indesejado de um certo Josh Bennett no pátio. Não tenho a menor vontade de me colocar de volta no olho do furacão comparecendo a um jantar de família de braços dados com o irmão dela. De jeito nenhum. Não rola. Nem pensar.

– Tenho certeza de que adoraria ir – diz Margot cantarolando por cima da revista. Nem para fingir que não estava bisbilhotando. Minha convicção a toda prova durou três segundos. – Eu tenho que trabalhar. Não tem por que você jantar aqui sozinha.

Valeu, Margot. Lanço a ela o sorriso reservado apenas para meus inimigos mortais. Ela me olha com o rosto cheio de inocência e os olhos cheios de malícia. Sabe que estou encurralada. Maldito mutismo autoprovocado. Essa palavra existe? Irrelevante. Balanço a cabeça negativamente, mas não posso dar nenhuma desculpa e, de qualquer jeito, nem tenho uma, embora saiba que seria fácil pensar em algo plausível: dever de casa, esvaziar penicos no asilo, cólera. Mas tudo isso fica preso na minha garganta e só consigo observar como o destino da minha noite é decidido por minha tia intrometida e um adolescente cheio de si. Margot sabe que não tenho nada para fazer e Drew não vai me dar a oportunidade de escapar dessa. Ele fica de pé num instante e se prepara para sair antes que o plano possa ser cancelado.

– O jantar é às seis. Pego você às quinze para as seis. Vá bem vestida. A minha mãe gosta de fingir que a gente é civilizado uma vez por semana.

Ele dá um sorriso conspiratório na direção de Margot. Sabe que precisa agradecer a ela por isso. Não é segredo que, se eu tivesse escolha, nunca teria concordado. Tenho mais raiva é de mim. Desta vez, cavei minha própria cova. Quem abre mão de falar abre mão do livre-arbítrio. O que será que Margot pensaria se soubesse a verdade sobre Drew Leighton, o vulcão sexual ao qual ela acaba de me oferecer em sacrifício?

– Não precisa se levantar – diz ele. – Eu dou a volta na casa. Foi um prazer conhecê-la. – Ele se volta para mim. – Nos vemos mais tarde.

Parece uma ameaça.

Se ao menos Margot não tivesse ouvido a campainha, eu poderia passar a noite maravilhosamente sozinha e confortável, como deveria ser. Não estaria nesta saia justa, às cinco horas, olhando para o armário e pensando o que se costuma vestir para um jantar de domingo na casa do não-namorado. Passei a tarde alternando entre adiar a decisão e pensar em ferimentos que eu pudesse causar a mim mesma para me livrar dessa.

Uma vez selado o meu destino, gastei a maior parte do dia na cozinha, assando e confeitando um bolo de chocolate de três camadas. Minha mãe falaria à beça se eu aparecesse num jantar como convidada de mãos abanando, e eu só sei fazer sobremesas mesmo. Evitei o inevitável enquanto pude, mas, a menos que eu vá com esta toalha na qual estou enrolada, preciso escolher logo algo para vestir. Meu tempo está se esgotando.

Como prometido, Drew bate na minha porta exatamente às 17h45. Fico um pouco surpresa por ele não buzinar e esperar que eu vá correndo. Bom, na verdade, não. Por mais que seja doloroso admitir, ele tem boas maneiras, por incrível que pareça. Deve ser útil para seduzir as garotas, imagino. Não vou dar muito crédito a ele.

Pego o bolo e o seguro na frente do corpo como se fosse um escudo, como se isso realmente impedisse Drew de ver o que estou vestindo. É um vestido simples, sem mangas, com uma gola redonda discreta e saia ligeiramente evasê, logo acima do joelho. É a coisa mais conservadora que tenho no armário. Minha mãe o comprou para mim antes de eu sair de casa, além de vários outros, que nunca usei. Fiquei com esse só porque era preto. Parece que estou indo para uma entrevista de emprego. Acho que não será remotamente adequado para um jantar de domingo, mas deve ser melhor do que o que tenho vestido na escola.

Ele abre a porta do carro para mim e eu me sento, com o bolo no colo.

– Não precisava fazer isso – diz Drew, inclinando a cabeça na direção do bolo. Eu dou de ombros. Não me importo. Gosto de arrumar uma desculpa para fazer doces e não tenho tido muitas ultimamente, o que significa que faço doces mesmo assim, mas acabo comendo quase tudo sozinha. O açúcar tem um lugar muito especial e desproporcional na minha pirâmide alimentar. – Mas você vai ganhar uns pontos com a minha mãe. Ela está grávida. De novo – acrescenta ele, com ênfase. – E adora chocolate.

Estacionamos uns dez minutos depois na casa de Drew, que mora num condomínio de casas a alguns quilômetros da casa de Margot. Ele desliga o motor, mas não faz menção de sair. Parece estar desconfortável, o que me deixa desconfortável. Espero que ele não dê em cima de mim no carro, na frente da casa dos pais dele, porque eu vou ter que me irritar e o bolo provavelmente não vai sobreviver. Ele se vira para mim e respira fundo. Não está sorrindo e, quando fala, o tom de sua voz é completamente diferente daquele a que estou acostumada. Não há qualquer sinal da pretensão de sempre, o que me deixa nervosa. Já estou habituada à confiança exagerada e atrevida dele. Estou sempre preparada para isso e assim ficamos no mesmo nível, como se nenhum de nós fosse real.

– Eu sinto muito, de verdade. – A sinceridade dessas palavras me pega desprevenida. Eu

saberia encarar um ataque direto de cantadas sensuais e criativas, mas estou totalmente despreparada para o pedido de desculpas puro e verdadeiro que estou ouvindo. Talvez seja um novo ângulo seu. Ele volta o olhar para o para-brisa e eu fico aliviada, pois me sinto mais à vontade sem ele me encarando. – Você estava segura com o Bennett, sabe? O Josh é a melhor pessoa que eu conheço. Eu não teria deixado você em nenhum outro lugar. Sei que mandei mal e provavelmente devia tê-la levado para casa e tomado conta de você eu mesmo, porque meio que foi culpa minha. Quando tenho duas opções, quase sempre escolho a errada, mas não fiz isso para ser um babaca. É um talento natural. – Ele para de falar e fica em silêncio durante um minuto antes de voltar a me olhar. – Estamos de bem?

Inclino a cabeça e o observo. Estamos? É, acho que sim. Por mais que eu tenha vontade de questionar as motivações dele, em parte também quero acreditar que ele não é uma pessoa completamente detestável. Assim ao menos vou ter uma desculpa para não conseguir deixar de gostar dele.

– Mais ou menos de bem? – insiste ele.

Concordo com a cabeça. *Isso. Mais ou menos de bem.*

– Ótimo – e o tom de paquera volta a surgir em sua voz. Ele relaxa a postura e parece mais aliviado. Está de volta ao território conhecido. – Vamos entrar logo, antes que eu não resista à fantasia de cobrir você com esse bolo e lamber toda a cobertura.

Olho feio para ele. Sinto certo alívio por ter este Drew de volta. Reviro os olhos e balanço a cabeça. Ele dá de ombros, resignado.

– Desculpe. O instinto é uma merda. Não dá pra evitar por muito tempo.

Ele dá a volta no carro para abrir a porta e se oferece para levar o bolo, mas recuso com a cabeça. Preciso segurá-lo. Eu me agarro ao bolo como a uma tábua de salvação enquanto ando até a casa, torcendo para a minha mão esquerda não resolver vacilar e me fazer derrubá-lo. Um bolo de três camadas com cobertura de chocolate derretido, enfeitado com um monte de raspas de chocolate amargo, provavelmente foi um exagero, mas espero que cumpra a sua função e eles prestem atenção nele, e não em mim.

Entramos no hall, de pé-direito alto, e passamos a uma sala de estar mobiliada com extremo bom gosto. Impecável. Penso que eu deveria tirar os sapatos para não marcar o tapete com os saltos, mas isso provavelmente seria estranho. Além disso, por mais que os sapatos machuquem meus pés, eles me confortam. Eu costumava me apresentar diante de um público, e agora me escondo atrás de bolo e salto alto. Drew me conduz até uma sala de jantar formal. A mesa deve acomodar umas dez pessoas, no mínimo. Já está posta, com pratos de porcelana e guardanapos de pano dobrados em forma de cisnes. Drew deve ter notado que fiquei pasma.

– Eu disse que a minha mãe gosta de fingir que somos civilizados uma vez por semana. – Civilidade é uma coisa. Isto aqui é totalmente diferente. – Em geral não é tão exagerado. Acho que ela passou um pouquinho do ponto porque falei que ia trazer você. Geralmente somos só nós e o Josh. E ele não conta como visita.

Como assim? Não sei qual parte dessa pequena explicação deve me deixar em pânico primeiro: a parte em que a mãe dele parece ter se preparado para receber a rainha por minha causa ou a parte em que Josh Bennett também está sendo aguardado. As duas são igualmente aterrorizantes, mas acho que Josh leva vantagem. Por mais que eu esteja com medo do escrutínio da mãe de Drew, é um pouco pior imaginar uma refeição na mesma mesa do garoto que limpou meu vômito e me viu tirar o sutiã e arremessá-lo longe. Passei boa parte da tarde angustiada, pensando no que vestir e temendo encarar a irmã de Drew. Jamais me passou pela cabeça que Josh Bennett pudesse estar aqui. Não tenho mais tempo para me acostumar com essa ideia, porque a campainha toca e então a porta se abre antes que alguém possa ir atendê-la. Josh não é visita por aqui. É claro que ele não espera ser convidado a entrar.

Antes que eu entenda o que está acontecendo, a mãe de Drew vem na minha direção e tira o bolo das minhas mãos. Eu quero me agarrar a ele e segurá-lo na minha frente mais um pouquinho, mas isso não é uma opção, então o entrego a ela. Sinto as mãos muito vazias.

– Você deve ser a Nastya!

O sorriso dela vem de todas as partes de seu rosto. Não há dúvida quanto a quem Drew e Sarah puxaram na aparência. A mãe deles é linda. Não posso evitar olhar para a barriga dela. Não deve estar grávida há muito tempo, pois nem dá para notar. Tento imaginar quantos anos ela tem. Deve ter no mínimo 40. É estranho que alguém queira outro bebê com essa idade, mas acho que, se você pode, por que não? Ela muda coisas de lugar na geladeira para abrir espaço para o bolo. Não pedi que ela fizesse isso, mas fico feliz. O calor e a umidade já começaram a estragar a cobertura no caminho até aqui.

– Querida, é muita gentileza sua trazer a sobremesa. É lindo! – diz ela, fechando a porta da geladeira e se voltando para mim.

Num instante, ela atravessa o espaço que nos separa e, antes que eu compreenda o que está fazendo, me abraça. Eu não abraço as pessoas. Não gosto que me toquem, mesmo quando não há nenhuma ameaça envolvida. É íntimo demais e me incomoda. Ela não parece notar como meus braços estão rígidos contra o meu corpo, mas me solta um segundo depois, quando Drew começa a falar.

– Por que você a chama de *querida* e nunca usa expressões carinhosas comigo? – Ele finge se queixar.

– Eu uso, sim – diz a Sra. Leighton, dando um tapinha de leve no rosto dele enquanto passa por nós. – Na semana passada eu chamei você de "a cruz que eu carrego".

– É mesmo – diz ele. – Nesse dia você estava inspirada.

É difícil não querer sorrir ao observá-los. Não faz tanto tempo assim, a ponto de eu ter esquecido como era quando a minha família também era feliz.

É só uma questão de segundos até Josh Bennett nos encontrar. A julgar por sua expressão, ele também não sabia que eu estaria aqui. Acho que ele literalmente deu um passo atrás quando me viu.

A mãe de Drew se põe entre nós dois antes que um constrangimento excessivo se instale. Ela o abraça e ele a abraça de volta. É esquisito. Estou acostumada a vê-lo longe de qualquer contato humano num raio de dois metros, então preciso de um minuto para processar a cena, ele aqui todo vivo e afetuoso, tocando a mãe de Drew. Espero que eu não esteja de boca aberta. Vou ter uns 15 quilômetros para pensar quando eu sair para correr hoje à noite. Além de ter que processar a sinceridade inesperada de Drew, agora também tem o fato de Josh Bennett não ser tão intocável assim.

Instantes depois, Sarah aparece na cozinha. Ela obviamente sabia que eu viria, pois seu rosto não demonstra nenhuma surpresa. Só desprezo.

– Imagino que vocês já se conheçam – diz a Sra. Leighton, nos salvando do fingimento. – O jantar vai ficar pronto em dez minutos. Sarah, você serve as bebidas. Drew, vá com o Josh ver se seu pai precisa de alguma coisa na churrasqueira. Digam a ele para não deixar os filés passarem do ponto de novo. Nastya, você pode me ajudar a levar a comida para a mesa.

Eu aceno com a cabeça, grata por ela ter arranjado algo para eu fazer. Assim não preciso ficar ali parada, me sentindo não só deslocada como também inútil. Eu a acompanho até o forno e ela me dá dois descansos para pôr na mesa. O fato de me pedir ajuda tem algo de reconfortante e inquietante ao mesmo tempo. Não estou sendo tratada como alguém de fora. Hoje de manhã, meus planos consistiam em chupar pirulito assistindo a subcelebridades comendo testículos de búfalo em reprises de *reality shows*. Agora estou no meio de uma pintura de família feliz, de sapatos pretos com salto agulha. Mais pensamentos para processar mais tarde. Devia fazer uma lista para não me esquecer de nada.

Na verdade, o jantar é a coisa mais agradável que fiz em meses. Apesar de toda a pompa e circunstância da mesa, os pais de Drew são totalmente pé no chão. O pai faz piadas sobre si mesmo e é engraçado. A mãe é rápida no gatilho e não dá mole para eles. Drew está dando uma de garoto educado e simpático e reduziu as insinuações assim que entrou em casa. Como está sentado ao meu lado e Josh está do outro lado dele, não dá para ver Josh durante a refeição. Faço uma nota mental para agradecer por essa bênção especial hoje à noite. Sarah está na minha frente, então não posso evitar olhar para ela. Ela não diz nada para mim e fala incrivelmente pouco com os demais, mas é tanta falação na mesa que ninguém parece notar. Eu a pego olhando para mim várias vezes e não consigo descobrir se está com raiva ou desconfortável. Talvez esteja com medo de que alguém mencione o jeito como ela me tratou na escola e não queira que os pais descubram a típica patricinha idiota que ela é. Mas eles já devem imaginar. Eu vi como ela se comporta com Drew, e não é possível esconder isso o tempo todo. Talvez a rivalidade entre irmãos seja aceitável por aqui, mas tratar os outros feito lixo, não.

Depois do jantar e de todos ajudarem a tirar os pratos, a Sra. Leighton traz o bolo para a mesa junto com uma torta de maçã. Sarah vem atrás dela com uma pilha de pratos e garfos e um pote de sorvete de baunilha, e a ajuda a servir.

– Que delícia de bolo, Nastya! Onde você o encomendou? Preciso de uma sobremesa para um jantar aqui em casa daqui a umas duas semanas e adoraria servir um desses.

Eu balanço a cabeça e aponto para mim.

– Você? – Ela parece mais intrigada do que chocada. Eu assinto. – Você fez tudo?

Concordo novamente. Sempre faço tudo. Não tenho nada contra comprar misturas prontas, mas sinto que é como trapacear e que não posso levar o crédito. É apenas um bolo. Não é música, mas já é alguma coisa.

– Eu não sei fazer doces – diz ela. Tenho certeza de que ela poderia aprender se quisesse. Não é tão difícil; basta saber as proporções, e depois dá para começar a variar. No fundo, é matemática e ciências, o que é engraçado, porque sou péssima em matemática e ciências. – Josh conhece uma pessoa que faz uns cookies, não é? – Ela olha para ele e sinto que a pergunta não é totalmente inocente. Olho para o meu prato e empurro a fatia de bolo sobre o sorvete derretido.

– É... Da escola.

Ele parece tão desconfortável quanto eu. Desejo mentalmente que todo mundo deixe esse assunto para lá e penso que Josh talvez esteja fazendo a mesma coisa. Não quero mesmo que ele explique em que circunstâncias aqueles cookies apareceram na porta dele. É óbvio que ele não achou difícil descobrir que eu os tinha deixado lá, o que significa que ele sabia exatamente por que os recebera.

– Quem? – pergunta Drew com a boca cheia de bolo de chocolate.

Interessante, mas não inteiramente surpreendente. Ele não contou ao Drew. Como será que a mãe dele sabe? Josh está demorando um pouco demais para responder, e vejo o olhar da Sra. Leighton se alternar entre ele e eu. Ela parece satisfeita. Já conseguiu sua resposta.

– Drew, fale com a boca cheia mais uma vez e você será o garçom na minha próxima reunião do clube do livro – diz ela, apontando o garfo na direção dele, que fecha a boca na mesma hora. Está claro que é uma ameaça de proporções monumentais. Ele levanta as mãos e se rende para a mãe.

Quando terminamos de retirar os pratos de sobremesa, a Sra. Leighton faz café e todos nos sentamos nos enormes sofás brancos da sala. Eu não aceito o café porque, não importa quanto açúcar eu ponha, continuo achando que tem gosto de água suja. Talvez seja porque as minhas papilas gustativas estejam tão insensíveis ao sabor doce que qualquer coisa que não contenha pelo menos 90% de açúcar fica com um gosto esquisito. Mesmo se eu fosse viciada em cafeína, num futuro distópico em que o café fosse uma substância ilegal controlada e eu não tomasse nem uma gota sequer há três dias, ainda assim eu recusaria. Nunca me recuperaria do horror se minha mão decidisse vacilar ao segurar a xícara cheia num daqueles sofás brancos de brocado. Sarah também não toma, então acho que ninguém julgou estranho. Josh bebe três xícaras – não que eu esteja contando.

Ouço todos conversarem até que o assunto começa a escassear e o bule de café fica vazio. O

telefone toca, dando a Sarah a oportunidade de fugir que ela devia estar esperando desesperadamente, a julgar pela velocidade com que se levanta do sofá ao ouvir o som. Drew vai até a mãe e pega a xícara vazia dela. Josh pega a do Sr. Leighton e segue o amigo até a cozinha. Eu não tenho xícara de café para usar como desculpa para sair, então fico sentada, num silêncio constrangedor, torcendo para não demorarem muito a voltar. Observo a mesa de centro, evitando fazer contato visual com os pais de Drew. Ela me parece familiar. Inclino a cabeça para olhar as pernas e percebo que é de um estilo quase idêntico à que vi na sala de estar de Josh naquela manhã que não devemos mencionar. Há claras semelhanças no projeto, mas esta certamente é mais nova. A superfície da madeira e o acabamento estão impecáveis. Eu me inclino sobre ela sem me dar conta e passo os dedos pela madeira curva do pé da mesa, quando o pai de Drew fala:

– É linda, não é? Foi o Josh que fez. – Ele olha para a mesa com orgulho. Felizmente não está olhando para o meu rosto. Minha mão fica imóvel, mas não tiro os olhos da mesa. Recolho o braço e volto a me reclinar no sofá bem a tempo de ver Josh de pé na porta da cozinha, nos observando. O Sr. Leighton ergue o rosto. – Foi presente de quê, Josh? Natal?

– De aniversário da Sra. Leighton. – Josh está com as mãos enfiadas nos bolsos e o olhar nos atravessa para se fixar na mesa. Não dá outro passo na direção da sala de estar até que Drew chega por trás dele, obrigando-o a andar.

– A merda da sua caminhonete está trancando o meu carro – diz ele, dando um tapa nas costas de Josh. – Foi mal, mãe.

Ele se volta para ela, fingindo lamentar a linguagem usada. Já vi sair coisa muito pior da boca dele. Não sei se ele acredita mesmo que engana a mãe, pois aposto que ela conhece o filho muito bem.

– Clube do livro... – ameaça ela, erguendo a mão como se segurasse uma bandeja.

– Entendido – responde ele, voltando a atenção para Josh. – Pode fazer a gentileza de tirar a sua picape, para eu levar Nastya em casa? – implora ele, sarcástico.

– Você não disse que ela mora perto do Josh? – pergunta a Sra. Leighton. Acho que quase dá para ouvir a malícia dessa pergunta.

Ah, não, isso não. Não, não, não, não, não. Por favor, não.

– Josh, você pode dar uma carona para ela? Não faz sentido Drew ir até lá se Josh já vai mesmo naquela direção.

Ela parece olhar para nós três ao mesmo tempo. Como consegue? Nem estamos perto um do outro. Isso me dá nos nervos.

Entre Josh e eu, não sei quem está mais horrorizado. Acho que nós dois estamos igualmente apavorados. Ele assente com a cabeça, resignado, e eu tento dar a entender que é um bom plano. Um plano bom, lógico, prático e nem um pouco desconfortável.

Drew e os pais nos acompanham até o carro. Sarah nunca reapareceu depois do telefonema, o que por mim está ótimo. Josh destranca a caminhonete com o controle remoto e

Drew abre a porta para mim enquanto tento calcular quanto tenho que levantar o vestido para subir na picape sem rasgá-lo. Tudo que não quero é encerrar a noite exibindo minha calcinha de coraçõezinhos cor-de-rosa para o pai de Drew. Quando consigo entrar no carro, a Sra. Leighton vem até o lado do carona. Por sorte já estou sentada, então não preciso me preocupar com outro abraço, mas o que vem a seguir é quase pior.

– Obrigada por vir. Foi um prazer conhecê-la. Nos vemos no próximo domingo às seis? – E isso não é bem uma pergunta. Ela inclina a cabeça e olha para Josh. – Você pode pegá-la quando estiver vindo, não é?

E aí está: ela fez de novo. Ela é boa. Tento balançar a cabeça. Eu deveria responder por escrito. Esse tipo de coisa justifica escrever um recado. Procuro freneticamente um papel, mas a picape continua tão impecável quanto da primeira vez em que andei nela. A esta altura, torço para Josh me salvar – salvar a nós dois. Talvez ele tenha outros planos e precise recusar o convite. Assim eu posso fazer que sim com a cabeça e concordar com ele. Mas não tenho essa sorte.

– Claro. Obrigado pelo jantar, Sra. Leighton. Obrigado, Sr. Leighton – diz ele, acenando para o pai de Drew.

– Um dia vamos convencê-lo a nos chamar de Jack e Lexie. – Ele ri, como se soubesse que isso nunca vai acontecer. – Talvez quando você tiver 30 anos.

– Boa noite, Sr. Leighton – responde Josh.

Drew acena da porta, já falando no celular, enquanto Josh vai saindo de ré. Dez minutos no carro com Josh Bennett parecem muito mais do que dez minutos no carro com Drew, que preenche todo o silêncio sem nem perceber. Josh se dissolve no silêncio como se fizesse parte dele. Não diz uma palavra em todo o trajeto, até parar na porta da casa de Margot, agora pela terceira vez.

– Você pode se safar dessa se quiser, sabe? Mas devia ir. Ela gosta de você.

Eu assinto com a cabeça e abro a porta da picape. Não consigo alcançar o chão apenas esticando a perna, e tentar dar um salto com estes sapatos, por menor que seja a distância, não vai terminar com meus tornozelos intactos. Eu me inclino para a frente e tiro o sapato do pé esquerdo, depois o do direito, pulo do carro e então me viro para fechar a porta.

– Você vai precisar de um sapato melhor se quiser chegar perto das ferramentas. O Sr. Turner nunca vai deixar você entrar na área de construção com um desses.

Ele balança a cabeça como se não acreditasse que está me dizendo isso. Acho possível que falar comigo lhe cause uma dor física. Não sei qual é a melhor resposta. Creio que o Sr. Turner não pretende me deixar chegar perto das ferramentas de qualquer jeito, não importa o sapato que eu esteja usando. Assinto de novo e fecho a porta.

Já são quase dez da noite. Normalmente, eu já estaria calçando os tênis e trocando de roupa a esta hora. Estou dividida entre a necessidade de correr e a consciência de que hoje a corrida não dará conta de tudo. Pela primeira vez em duas semanas, não tenho certeza se

quero correr. Eu penso melhor quando estou em movimento e hoje tenho muito no que pensar – mas esse é o problema. Aqui eu não tenho esteira para correr dentro de casa, então tenho que sair; mas, quando estou correndo na rua, preciso fragmentar minha atenção. Uma parte dela precisa estar plena e constantemente ciente de cada ruído, cada eco, cada movimento à minha volta. Assim fica mais difícil colocar a cabeça no lugar. É parecido com o modo como preciso dividir a concentração sempre que estou perto de outras pessoas, para não responder a algo ou alguém sem querer. É natural querer falar, então preciso estar sempre alerta para não deixar nada escapar. Pensei que se tornaria cada vez mais fácil, que seria mais difícil apenas no início, assim que deixei de falar, mas é o contrário. Quando parei, não havia absolutamente nada que eu quisesse dizer. Eu nunca ficava tentada. Agora, a cada dia há mais coisas que fico desesperada para falar. Elas bombardeiam a minha cabeça constantemente e eu preciso engoli-las. É exaustivo.

Decido ficar em casa. Não quero encarar bravamente a agressão aos meus sentidos. Esta noite já me exauriu o suficiente.

Capítulo 15

Josh

– Festa na Kara sexta à noite. Você está dentro?

Olho para Drew como se a pergunta fosse retórica. Deveria ser.

– Alguma hora vou convencer você a vir comigo. – *Não vai, não.* – Está bem. Eu tenho um plano B. E aí está ela.

Levanto o olhar e vejo Nastya no corredor, vindo na nossa direção. Continua com aqueles sapatos. Logo vamos começar a construir coisas e o que eu disse a ela era verdade. O Sr. Turner não vai deixá-la chegar perto da oficina se não usar calçados decentes que protejam os pés. Obviamente ela nem liga.

– Seu plano B não deveria ser eu?

– Você provavelmente não deveria ser plano nenhum, mas alguma hora eu convenço você.

– Se deixá-la bêbada de novo, acho bom ela vomitar no seu sofá.

– Você nunca vai esquecer isso?

– Não.

É verdade. Acho que as coisas que eu vi naquela noite irão me assombrar para sempre.

– Fala, russa! – Drew se afasta de mim e caminha depressa para alcançá-la logo antes de ela chegar à porta da oficina. Meio que espero que o olhar com que ela o fuzila o mate instantaneamente. – O que foi? – Eu o escuto tentando bajulá-la quando me aproximo. – É um apelido carinhoso.

Se essa for sua nova tática, temo pelo bem dele. Antes que eu possa me preocupar demais com a segurança dele, o rosto de Nastya muda sutilmente. Acho que ela tenta evitar, mas não consegue, porque dá um meio sorriso para ele. Talvez nem seja um sorriso. Os cantos dos

lábios dela se erguem levemente, mas é algo tão raro que a expressão se destaca em seu rosto. Eu ficaria decepcionado se esse tipo de bobagem funcionasse com ela, mas não acho que seja o caso. Acho que está achando divertido. O sorriso desaparece em instantes e ela entra na sala, deixando Drew no corredor no momento em que o alcanço. Ele nem perguntou se ela quer ir à festa.

– Você se saiu muito bem.

– Ela não me machucou – diz ele sorrindo, aparentemente satisfeito com o resultado.

– Mas deveria – diz Tierney Lowell, que está fechando o armário do outro lado do corredor e se vira na nossa direção.

Na realidade, na direção de Drew. Nem sei se ela me enxerga. A calça jeans dela está tão apertada que me pergunto se não está impedindo sua circulação, e ela usa um sutiã preto debaixo de uma camiseta branca que acaba um pouquinho acima da cintura, mostrando só o suficiente para ser provocante. Ela tem um corpo perfeito para isso e não sente vergonha. Eles dois ficaram no ano passado, e o desfecho não foi lá muito bonito. Tierney foi descartada e não reagiu muito bem. Isso não me surpreendeu. O que me surpreendeu foi o fato de que eles tenham ficado, para começo de conversa. Ela é bem intensa e ele é o Drew. Na minha cabeça, nunca fez sentido. Drew nem me contou o que tinha acontecido até depois de a notícia se espalhar, e aí já tinha terminado. Ele já estava com outra garota, Tierney estava furiosa e as pessoas comentavam que ela não tinha noção da realidade se tinha ficado surpresa. Acho que nunca pareceu surpresa, apenas decepcionada.

Drew não responde e ela se afasta sem dizer mais nada.

– Aquela ali foi um erro desde o começo – diz ele.

A maioria delas é um erro, na minha opinião. O drama constante não parece valer a pena. Entro na oficina, Drew vai para a secretaria e pode passar o próximo tempo entregando recados pela escola, paquerando nos corredores e, de modo geral, evitando qualquer tipo de responsabilidade.

Nastya está sentada ao lado de Kevin Leonard, na mesa em que o Sr. Turner a mandou ficar há uma semana. Acho bom ela ter ficado lá, porque me deixava nervoso saber que ela estava atrás de mim o tempo todo. Gosto de poder observar todo mundo sem que me vejam. A maioria das pessoas já aprendeu a não olhar para mim, mas Nastya não é como a maioria das pessoas desde o dia em que pisou aqui.

Quando o sinal toca, o Sr. Turner olha para a gente, conferindo quem está presente. Então, diz para uma pessoa de cada mesa ir até a frente da sala e pegar uma caixa de material. Sou o único na minha mesa, então me levanto. Todas as outras mesas têm duas pessoas, exceto a de Nastya, onde há três: Nastya, Kevin Leonard e Chris Jenkins. Ela não faz menção de ficar de pé e Chris vai pegar a caixa. Dentro dela há vários pedaços de madeira, um martelo, pregos de diferentes tamanhos, lixa e alguns outros itens que parecem variar de uma caixa para outra. Kevin pega a caixa das mãos de Chris e vira seu conteúdo sobre a mesa. A caixa de pregos se

abre ao bater na superfície e os pregos saem rolando em todas as direções. Isso chama a atenção de todo mundo, mas ninguém se mexe para pegá-los.

– Arrume isso, Leonard – diz o professor, não parecendo nada surpreso com a idiotice.

Eu sei por que o Sr. Turner o deixou se inscrever nesta matéria. Por mais que eu preferisse ignorar o fato, Kevin é muito bom em construir coisas. Não tem muito senso artístico ou de estilo, mas tem uma compreensão inata sobre construção e equilíbrio. Pena que seja tão babaca.

Nastya está ajoelhada no chão, catando os pregos e colocando-os em sua mão esquerda. Chris está reunindo os que se espalharam pela mesa e varrendo-os para dentro da caixa. Kevin está rindo. Nastya já pegou quase todos os pregos do chão e está com a mão cheia. Acho que está prestes a se levantar quando vejo os pregos espalhados de novo pelo chão. Não sei ao certo o que aconteceu. Parece que ela apenas os largou e não está surpresa. Simplesmente começa a catá-los de novo. Acho que sou o único que percebeu. Ninguém a ajuda. Nem mesmo eu.

O Sr. Turner explica a tarefa. Teremos quatro aulas para desenhar, planejar e construir algo que seja útil ou esteticamente agradável com o material contido na caixa. Podemos acrescentar outros dois itens de nossa escolha e mais nada. Já examinei o que tem na minha e sei o que vou construir. Passo o resto do tempo medindo, esboçando e projetando, enquanto todos os outros ficam só discutindo qual é a melhor ideia e o que devem fazer. Amanhã vou começar a construção. Os demais provavelmente vão continuar brigando.

~

Passei uma hora vasculhando todas as gavetas de todos os armários de ferramentas da minha garagem e não consigo descobrir onde pus meu localizador de vigas. Bato a última gaveta do último armário e olho para o relógio na parede. São dez e meia da noite. Está tarde demais para ir comprar outro. Não que eu precise muito dele agora, mas não tenho mais nada para fazer neste momento, e isso já seria alguma cosia.

Fico de pé e olho ao redor, em busca de algo para ocupar meu tempo, e ela está na entrada da garagem. Por sorte eu não me assusto nem faço algo patético, porque, se fizesse, provavelmente teria que cortar minhas bolas e entregá-las a ela de bandeja. Eu não mereceria continuar com elas.

Ela está quase exatamente igual à primeira vez que apareceu aqui, só que não está perdida nem assustada. Veio de propósito. Ficamos nos olhando durante um minuto e percebo que estou esperando que ela diga alguma coisa, o que obviamente não vai acontecer. Não sei o que dizer, então, numa jogada ousada e inédita, eu não faço nada. Dou as costas e continuo procurando o localizador de vigas que sei que não está aqui. Finjo não me importar com o que ela está fazendo, mas fico completamente alerta a cada respiração dela. Noto o segundo exato

em que ela decide que não vai continuar ali parada. Só que ela não vai embora como eu esperava; ela entra na garagem.

Agora não posso fingir que não a estou vendo. Fico de olho para ver o que vai fazer. Ela olha ao redor, como fez na noite em que apareceu toda suada, perdida e linda. Não está olhando para mim no momento; está muito mais interessada no ambiente. É só uma garagem cheia de madeira e ferramentas. Não sei o que há de tão interessante, mas não discuto, porque enquanto ela se concentra em observar a garagem eu posso observá-la. Está sem maquiagem de novo e com o cabelo preso, então dá para ver seu rosto. Mesmo no jantar na casa do Drew, ela estava toda maquiada: lápis de olho preto, lábios vermelho-escuros, o escambau. Fica horrível e não faz o menor sentido quando você vê o que há por baixo.

Ela não está encharcada nem sem fôlego como da outra vez, mas deve ter vindo correndo. Será que ela corre toda noite? As pernas são puro músculo, assim como os braços. Não combinam com o rosto dela, que me lembra os das bonecas de porcelana que ainda estão nas estantes do quarto da minha irmã. Infantil. Macio e firme e impecável e frágil.

Ela anda pela garagem, deslizando a mão pelas bancadas, e para ao lado do torno no extremo de uma das mesas de trabalho. Gira a alavanca algumas vezes, vendo-o se fechar, antes de colocar a mão entre as placas e continuar apertando. Eu nem consigo me mexer, tentando entender o que está acontecendo, mas, quanto mais ela gira, mais o torno aperta sua mão e não sei quanto tempo vou conseguir continuar ignorando isso antes de correr até lá e perguntar se ela é doida ou o quê. Sinto que estou na garagem observando essa garota decidir se vai ou não esmagar a mão. Ela para um pouquinho antes desse ponto, afrouxa o torno apenas o suficiente para retirar a mão e então continua inspecionando o ambiente.

Desvio os olhos um instante antes de ela me pegar olhando para ela e começo a vasculhar as mesmas gavetas que já revirei duas vezes hoje, antes de começar a procurar nas bancadas. A mesa de trabalho que meu pai e eu construímos juntos anos atrás cobre todo o perímetro da garagem. De acordo com Mark Bennett, superfície de trabalho nunca é demais. Quanto mais, melhor. Por isso construímos o máximo que coubesse aqui. Acho que talvez fosse só algo para fazer.

Escuto seus movimentos enquanto continuo de costas, e, quando me viro, ela está sentada numa das bancadas do outro lado da garagem. Simplesmente se instalou lá e ficou à vontade. *Certo*. Ela sentada na garagem, me observando, está me dando nos nervos. Porque é isso o que ela está fazendo agora. Fica me olhando e nem tenta disfarçar. Eu meio que quero gritar para ela cair fora, mas também meio que quero que fique. O que faz de mim o idiota que eu sou.

Por fim, eu me sento e fico verificando as superfícies cortadas de umas tábuas que vou usar num projeto. Depois começo a aplainá-las. É um trabalho silencioso, então posso fazê-lo à noite, porque preciso me manter ocupado ou vou acabar numa competição com essa garota para ver quem pisca primeiro, numa tentativa de ler a mente dela ou algo assim. À meia-noite, ela desce da bancada e sai por onde entrou, sem uma palavra ou sinal, do mesmo jeito que

veio.

~

Não presto muita atenção nas três primeiras aulas e ninguém repara. Na hora do almoço, fico alerta para ver se ela vai olhar para mim. Não a vejo cruzar o pátio, mas, quando me levanto para ir para a ala da oficina logo antes do sinal, ela está encostada na parede com Clay Whitaker. Sigo em outra direção.

Pego a caixa de material da aula de segunda-feira, levo-a até a minha mesa e tiro os meus planos da mochila. Ela entra na sala e se dirige à bancada dos fundos, atrás da minha mesa, para pegar a caixa com a qual está trabalhando com Kevin e Chris, que ainda não apareceram.

– Bom dia, Flor do Dia.

Eu nem sequer penso antes de as palavras saírem da minha boca, mas pelo menos não falei alto o suficiente para mais alguém escutar.

Provavelmente eu não devia ter feito isso, não devia ter reagido de forma nenhuma à noite passada, mas não pude evitar. Sinto que ela estava tirando uma com a minha cara ontem e quero dar o troco. Não quero que ela fique pensando que pode aparecer na minha casa para fazer joguinhos mentais doentios quando lhe der na telha.

Ela está atrás de mim, mas é quase possível senti-la retesar-se ao ouvir essas palavras. Ótimo. Se não quiser ser lembrada da noite em que pôs os bofes para fora no meu banheiro, talvez ela pense duas vezes antes de entrar na minha garagem de novo, como se fosse a casa dela. Não sei o que é preciso para ela entender que vive no mesmo mundo que os outros e que, nesse mundo, as pessoas me deixam em paz.

Ela se recupera depressa e retorna para sua mesa sem olhar para mim. Kevin e Chris aparecem um minuto depois e o sinal toca. O Sr. Turner nos manda trabalhar e a sala fica barulhenta quase que imediatamente. É incrível a quantidade de ruído que catorze alunos são capazes de produzir quando combinados ao som de serras e martelos.

Até o meio da aula, Nastya nem se moveu do banco, mas não pode fingir desinteresse. Ela observa tudo o que Chris e Kevin estão fazendo. A certa altura, estende a mão e coloca o desenho em escala que Chris fez diante de si, o estuda alguns minutos e depois o empurra de volta na direção deles. Eles não dizem nada, mas vejo Kevin olhar para o decote dela quando ela se inclina e fico com vontade de dar um soco na cara dele.

Alguns minutos depois, Kevin se levanta e vai até a mesa do professor. O Sr. Turner responde algo e Kevin sai da sala, deixando Chris com Nastya. É evidente que Chris precisa de ajuda e fica olhando para ela como se não soubesse bem se pode pedir. Finalmente, a frustração fala mais alto e eu o escuto pedindo a ela para segurar os pedaços de madeira no lugar para ele poder pregá-los. Ele lhe mostra onde colocar as mãos, ela concorda com a cabeça e põe uma mão de cada lado, imitando-o. Depois eles fazem o mesmo com o conjunto

seguinte. Parece que ele está pregando quatro pedaços idênticos da mesma forma. Dou uma olhada para ver o que eles já fizeram. Não consigo ver o desenho e tento adivinhar o que estão construindo. Parece interessante.

Nesse momento, Kevin retorna à sala.

– Acho bom não ter ficado enrolando enquanto eu saí – diz ele, sem nem olhar para Chris antes de lhe dar um tapa nas costas.

Eu gostaria de dizer que o que vem a seguir ocorre em câmera lenta, como nos filmes, quando acontece algo catastrófico e tudo fica mais lento para que vejamos exatamente o que houve e como foi. Nada fica em câmera lenta, mas vejo tudo mesmo assim. A mão de Kevin bate nas costas de Chris, que já estava com o martelo em movimento. A força que ele já estava fazendo, aliada ao tapa nas costas, faz o martelo descer ainda mais depressa, só que não onde deveria. O martelo acerta o dedo anular da mão esquerda de Nastya, que estava aberta sobre a mesa, com o polegar segurando o pedaço de madeira no lugar.

Concentro toda a atenção no rosto dela. Observo seus olhos se arregalarem de modo quase imperceptível com o choque inicial da dor, antes de voltarem a se estreitar. Os olhos se enchem de água e ficam vidrados com lágrimas que não escapam. Como é possível ela não chorar? Eu vi a força com que o martelo a acertou. Ouvi a força com que o martelo a acertou. Acho que até eu teria chorado. Eu me sentiria um idiota depois, mas provavelmente teria chorado mesmo assim. Deve ter doído demais. Ela nem se mexe. Nem Chris ou Kevin. Ficam só olhando para ela, com a mão ainda estendida na mesa. *Peguem gelo para ela, porra!* Chris parece horrorizado. Kevin parece não ter nem ideia do que acabou de acontecer. Agora ela se inclina para olhar para a mão, sem tirá-la do lugar. Realmente torço para alguém se levantar logo e pegar gelo, senão eu mesmo vou ter que fazer isso. Já devia ter feito, mas por alguma razão também estou paralisado aqui. Não consigo parar de observá-la. Por que ela não chora? Chris finalmente parece romper o transe e corre até a geladeira que fica na oficina com a única finalidade de termos gelo à mão. O Sr. Turner já está na mesa dela, verificando seus dedos. Eu a vejo se encolher muito sutilmente quando ele testa os movimentos, mas fora isso seu rosto parece de pedra. Ou talvez de porcelana.

Chris volta com uma bolsa de gelo e a oferece a ela. Ela parece surpresa, quase como se fosse recusar. Isso me faz lembrar do torno e me pergunto se ela é louca. Então vejo que muda de ideia e aceita a bolsa, sem nenhum gesto de reconhecimento ou agradecimento. Fico feliz por ela não agradecer. Ele está se sentindo incrivelmente culpado. Olhando para o rosto dele, parece até que está doendo mais nele do que nela, mas ele ainda não pediu desculpas. É Kevin quem deveria implorar perdão, mas não espero nada dele. O Sr. Turner retorna da mesa dele e manda Valerie Estes, a única outra garota da sala, acompanhar Nastya até a enfermaria, levando seus livros.

Não podem ter se passado mais do que poucos segundos entre a martelada no dedo e o momento em que Chris trouxe o gelo, mas pareceu muito mais. Talvez o tempo realmente

tenha passado mais devagar. Foi só quando ela saiu da sala e tudo se acalmou que repassei toda a cena na cabeça. Só então percebo que, mesmo quando o martelo desceu, mesmo quando toda a força da martelada atingiu sua mão e a dor deve ter sido insuportável, ela não emitiu um ruído sequer.

Você só pode estar de sacanagem.

É meu primeiro pensamento ao vê-la entrar na minha garagem pela segunda noite consecutiva. Meus olhos imediatamente procuram sua mão e vejo que dois dedos estão enfaixados juntos. Hoje ela não hesita. De início, penso que vai se instalar na bancada onde ficou sentada ontem e por um minuto ela parece pensar o mesmo. Mas depois se senta de pernas cruzadas no chão, encostada nos armários atrás dela. Não parece se importar com a camada de serragem que cobre o piso, mas não entendo por que ela escolheria se sentar ali. Não que a bancada esteja particularmente limpa, mas não está tão suja quanto o chão. Só então percebo que é provável que ela não consiga dar impulso para subir na bancada com apenas uma das mãos.

Retorno ao que estava fazendo antes e ficamos assim, em silêncio, por pelo menos meia hora. Eu trabalhando, ela observando.

– Não doeu? – finalmente pergunto, porque quero saber, mesmo que ela não vá responder.

Ela gira a mão para lá e para cá diante do rosto, como se tentasse decidir se doeu ou não. Dá de ombros. Boa resposta. O que eu estava esperando? Deixo passar mais alguns minutos, tentando me concentrar em recalibrar minha serra de mesa, e então faço a verdadeira pergunta:

– O que você quer?

O tom de voz é mais grosseiro do que eu pretendia, mas deve ser melhor assim. Nada. Já estou enlouquecendo, tentando entender o que é que ela tem para ficar vindo aqui. Não sou particularmente receptivo. Talvez hoje ela entenda a deixa e não volte mais. Tento me convencer de que me sinto aliviado com essa possibilidade, mas não consigo. Jogo o pensamento para escanteio e me concentro na serra.

O silêncio persiste. Não sei por quanto tempo ela planeja ficar aqui, pairando, observando. É como ter um fantasma na garagem. Sinto como se estivesse sendo assombrado. Com todos os mortos à minha volta, seria de se esperar que algum deles continuasse por aqui. Aliás, eu torcia para isso acontecer. Ser assombrado por fantasmas seria uma dádiva. Eu rezava para isso acontecer. Minha mãe, minha irmã, meu pai, minha avó. Após cada um deles morrer, eu criava esperanças de que voltariam, ao menos uma vez, para que eu os visse de novo. Que me dessem um sinal. Que indicassem que havia algo além, que era bom e que eles estavam bem. Mas nenhum deles jamais voltou. Antes de ir embora, meu avô me garantiu que havia vida após a morte, pois ele já a havia visto por um breve momento, muito tempo atrás. Eu o escutei, mas não acreditei. Eram a doença e os remédios falando, não recordações e verdade. Ele vai morrer logo e eu não vou esperar um sinal dele. Vou apenas ficar aliviado por não ter mais

ninguém para perder.

Às dez e meia da noite, a fantasma se levanta, limpa a serragem da calça com a mão boa e torna a desaparecer.

Capítulo 16

Nastya

Josh chega às 17h45 de domingo, pontualmente. Corro até a geladeira enquanto ele estaciona o carro. Fiz tiramisu de sobremesa, já que todos parecem gostar de café – exceto Sarah, mas não estou nem aí para ela. Ainda estou com os dedos enfaixados, então tenho que pegar a travessa com apenas uma das mãos, o que se mostra difícil. Margot a colocou na geladeira para mim de manhã, porém saiu cedo para trabalhar, então estou sozinha. É complicado, mas dou um jeito de esticar a mão sobre a borda e segurar com firmeza. A campainha toca assim que eu alcanço a porta, mas agora estou com a travessa na mão direita e não consigo girar a maçaneta com a esquerda. Fico um momento ali parada, segurando o tiramisu e olhando para a porta. Finalmente, sou obrigada a colocar a travessa no chão e usar a mão direita para abrir a porta.

Josh está de pé do outro lado, as mãos nos bolsos, com cara de que veio me buscar para um encontro. Como de costume, o cabelo cai sobre a testa, um pouco mais comprido do que deveria, como um garoto que não tem mãe para pegar no pé dele e lhe mandar cortar cabelo. Detesto admitir, mas ele sabe se arrumar, de camisa polo vinho e calça social cáqui. Não que eu me importe com o jeans surrado que ele costuma vestir. Ainda estou surpresa ao ver que não está calçando botas. Eu já estava começando a pensar que elas eram fisicamente grudadas nele.

Temos que correr para chegar antes da chuva. Dá para ver a tempestade se formando no céu atrás dele. Como passei o dia inteiro na cozinha, ainda não tinha percebido. Em geral, gosto de ficar sentada perto da janela da frente vendo as nuvens que se aproximam e o céu que se transforma, porque aqui tudo acontece tão rápido que é possível ver a mudança do tempo em questão de minutos.

Hoje fiquei ocupada demais fazendo tiramisu, brigando comigo mesma por não ir ao shopping comprar um vestido novo e, no fim das contas, tentando pensar num plano brilhante para me safar deste jantar. Diarreia estava no topo da minha lista de justificativas hoje. Teria sido muito mais fácil se os pais de Drew houvessem me esnobado e a noite do último domingo tivesse sido desconfortável e forçada, mas não foi. Eu nunca vou me encaixar do jeito que eles fingem que me encaixo. Nem sei ao certo por que ela me convidou para voltar. Minha única contribuição foi o bolo – apesar de Drew dizer que não se deve subestimar o poder que um bolo exerce sobre a mãe dele. Imagino que estejam me aceitando por causa de Drew. Se esse for o caso, eles provavelmente não esperam que eu continue a aparecer por muito tempo. Eu me pergunto quantas garotas já passaram pelo jantar de domingo dos Leighton uma única vez, para nunca mais serem vistas.

Acabei nem me dando ao trabalho de escolher um bom vestido conservador e inocente. Acho que quanto mais cedo a verdade vier à tona, melhor, e poderemos seguir cada um com a sua vida. Estou usando uma blusa preta frente única decotada e uma minissaia preta – ênfase no míni – com botas de couro de salto agulha que vão até o joelho. Se eu já parecia deslocada semana passada, nada será comparável a isto. Depois desta noite, as coisas poderão voltar ao normal. Drew pode escolher uma garota legal para fazer sexo com ele sem compromisso e eu posso retornar a uma existência confortável e sem expectativas.

Josh me observa por um instante, estudando minha aparência com atenção, como se procurasse uma resposta para uma pergunta não proferida. Seu cumprimento se resume a três palavras: "Flor do Dia". O meu se resume a nada.

Eu me ajoelho para pegar o tiramisu no chão, mas não consigo enfiar os dedos debaixo da travessa para levantá-la. Me pego amaldiçoando em silêncio os martelos e os garotos sem noção. Estou a ponto de tentar usar a palma da mão esquerda para empurrar a travessa sobre a direita quando Josh dá um passo à frente e se ajoelha, chegando perto demais de mim, e pega a travessa. Ele não cheira a serragem, e isso é esquisito. Por mais bonito que esteja, Josh Bennett sem botas e sem cheiro de serragem é estranho em todos os sentidos.

Paramos na entrada da casa dos Leighton e mal tenho tempo de saltar da picape e sair correndo antes de o céu desabar. Passo o braço em torno da travessa e a aperto contra o peito. Misteriosamente, o tiramisu e meus tornozelos sobrevivem intactos ao salto. Quanto chego ao chão, Josh já está ao meu lado, tira a travessa das minhas mãos e corre para baixo do pórtico. Conseguimos alcançar a varanda sem ficar completamente encharcados. Antes de abrir a porta, ele me devolve o tiramisu, estende as mãos e segura meu rosto entre elas, passando os polegares suavemente pela pele abaixo dos meus olhos. Imagino que eu esteja de queixo caído, porque não faço ideia do que ele está fazendo.

– Essa merda preta – diz ele a título de explicação, e então percebo que a maquiagem dos meus olhos deve ter escorrido.

Em seguida ele abre a porta para mim sem dizer mais nada.

Quando entramos, tudo se desenrola quase precisamente igual à semana anterior. A mesa não está tão sofisticada, o que me deixa aliviada, pois quer dizer que já não sou mais uma novidade. Mas aí preciso encarar o fato de que, se não sou mais novidade, isso significa que tenho um lugar aqui e não quero isso de jeito nenhum.

Passamos pela sala de jantar para ir até a cozinha e noto que há mais um lugar na mesa. Me pergunto quem mais deve vir. Drew está brigando com o aparelho de som; pelo visto é sua vez de escolher a música do jantar. Nem imagino o que iremos ouvir.

Quando entro na cozinha, me preparo para o olhar de repulsa que sei que vou receber quando a Sra. Leighton reparar nas minhas roupas, mas isso não acontece. Ela apenas sorri e abre espaço na geladeira para guardar a minha travessa enquanto diz que eu não precisava ter tido esse trabalho todo. Tenho um déjà-vu monstruoso e sei que, dentro de instantes, vou ganhar um abraço, querendo ou não.

Sentadas em dois bancos diante da bancada de granito ao lado da cozinha estão Sarah e uma garota que reconheço da escola. Tenho quase certeza de que foi ela que me chamou de filha do Drácula. Estão rindo e tentando amarrar o cabelo de uma no da outra. É o ápice da imaturidade feminina adolescente. Tenho vontade de caçoar delas, mas fico chocada com o fato de a cena me deixar triste.

Por um momento, me sinto uma sobrevivente em um mundo pós-apocalíptico, olhando por uma janela e imaginando uma parte da minha vida que já não existe. Penso em como seria ter pelo menos uma amiga. Já tive algumas, mas elas não eram assim. Só pensavam em música e eram completamente obcecadas pelo assunto, assim como eu. Esse era o nosso vínculo. Outras meninas comparavam esmaltes de unha e falavam de meninos; nós comparávamos as músicas das audições. Nossa amizade nunca estava em primeiro lugar, porque a música era sempre mais importante. Se tirássemos a música da equação, não sei se eu teria alguma outra coisa em comum com elas. Mesmo que tivesse, ainda assim eu precisaria me afastar delas de qualquer jeito. Era doloroso demais ficar perto delas.

Minha amiga Lily continuou me ligando durante meses, mas ela só falava de audições, recitais e ensaios. Eu tentava ficar feliz por ela, mas não conseguia. Sentia inveja e raiva. Era como ver a minha melhor amiga extasiada por ficar com um ex-namorado meu por quem eu ainda estivesse completamente apaixonada; vê-la ter tudo o que eu amava e não podia mais ter. Em outras palavras, era doloroso, deprimente e nada saudável. E se há algo que levo a sério é ser saudável.

Mesmo que eu falasse – porque, convenhamos, o lance do silêncio definitivamente é uma barreira em termos de fazer amizades – é provável que eu ainda assim não tivesse amigos. Perdi o meu 16º ano de vida quase inteiro. Enquanto outras garotas da minha idade estavam pensando em bailes de fim de ano, aulas de autoescola e em perder a virgindade, eu pensava em fisioterapia, reconhecimento de suspeitos e tratamento psiquiátrico. Saía de casa para ir ao médico, não a jogos de futebol. Falava com detetives de polícia, não com o gerente da loja da

moda.

Com o tempo, meu corpo se curou o máximo que pôde. Minha mente também começou a se acertar, mas acho que os pedaços ficaram meio fora do lugar. Parecia que, quanto mais meu corpo se curava, mais a minha cabeça piorava, e não há fios e pinos suficientes para consertar o que se partiu ali.

Então não fiz as coisas normais que deveria fazer com 15 e 16 anos. Na idade em que a maioria das pessoas tenta descobrir *quem* é, eu me esforçava para entender *por que* eu existia. Eu não fazia mais parte deste mundo. Não é que eu quisesse ter morrido, mas sentia que isso deveria ter acontecido. É por isso que é tão difícil quando todos esperam que eu fique grata apenas por estar viva.

Isso tudo me deixou com muito tempo para pensar, muito tempo para ficar com raiva e sentir pena de mim mesma. Para perguntar *por que eu?*. Para perguntar *por quê?* e ponto. Sou faixa preta em sentir pena de mim mesma. Era uma especialista na área. Ainda sou. É uma habilidade que você nunca esquece. Nem preciso dizer que pensar tanto e todas essas perguntas não me levaram a lugar nenhum. Foi aí que comecei a me concentrar na raiva. Parei de tentar ser educada, de me preocupar em não magoar os outros e dizer o que esperavam que eu dissesse; de me recuperar como esperavam que me recuperasse para que todos acreditassem que eu já estava bem e pudessem seguir com a vida. Meus pais precisavam acreditar que eu estava bem, então durante muito tempo tentei convencê-los disso. Também tentei convencer a mim mesma, o que era muito mais difícil, porque eu sabia a verdade. Eu não estava nada bem. Constatei que me sentiria um lixo de qualquer maneira, que provavelmente me sentiria assim pelo resto da vida, uma vida que eu nem deveria estar vivendo ainda. Uma vida que devia ter me deixado partir. Então fiquei com raiva. Depois fiquei com muita raiva. Depois fiquei com mais raiva ainda. Mas a raiva só vai até certo ponto antes de se transformar em ódio. Parei de sentir tanta pena de mim mesma e troquei esse sentimento pelo ódio. Enquanto me lamentar era patético, o ódio dava resultado. O ódio fortaleceu meu corpo e definiu a minha determinação, e o que decidi era que eu queria vingança. O ódio me pareceu perfeitamente saudável.

Apesar disso, aprendi que, embora o ódio seja bom para algumas coisas, ele não ajuda a fazer amigos. Eu me afasto de Sarah e da garota a quem fui apresentada, Piper. *Piper*. Reviro o nome na minha cabeça. É um nome sem propósito, sem significado (a menos que se pense em *tocadora de flauta,* em inglês, mas essa ideia me faz rir porque, bom, é bem sugestiva), bem adequado a alguém como ela. Enquanto me dirijo para a sala de jantar, vejo que faz todo sentido eu não ter amigos.

Apesar da presença de Sarah e Piper, o jantar é divertido outra vez. Nós – ou melhor, *eles* – falamos sobre possíveis faculdades, a construção do carro alegórico da festa de fim de ano, audições de teatro e a mudança drástica da legislação tributária. A última parte é uma cortesia do Sr. Leighton, que é contador público. Àquela altura eu paro de prestar atenção, pois as

complexidades da legislação tributária estão um pouco além da minha esfera de compreensão, mas depois a conversa passa para a aula de Debate.

– Vamos ter uma competição daqui a dois sábados – Drew conta para os pais.

– O que vão debater? – pergunta o pai dele, tornando a encher a taça de vinho.

A Sra. Leighton olha para ele como se desejasse arrancar a garrafa da mão dele, mas acho que não pode fazer isso. A gravidez deve ser um obstáculo a essa coisa toda de tomar vinho. Não a culpo. Eu também gostaria de arrancar a garrafa da mão dele.

– Ainda não sei ao certo. Algo em torno da importância da conservação de tecidos. – Ele olha na minha direção, em especial para as minhas roupas, ou a falta delas, brincando. – O Sr. Trent escolheu a Nastya para me ajudar na pesquisa, então quero escolher algo que ela defenda fervorosamente.

Nesse momento, Sarah engasga com o que quer que tenha na boca. O Sr. Leighton continua girando o vinho na taça, como se realmente acreditasse no que Drew disse e considerasse a relevância dos argumentos do tema. Piper nem parece ter captado a piada. Vejo, com o canto dos olhos, o queixo de Josh se contrair, único indício de que ele está na mesa com o resto de nós, ouvindo a conversa. Ainda o estou observando enquanto ele luta para manter a atitude estoica e distanciada quando ouço o som do sapato da Sra. Leighton acertando a canela de Drew.

Capítulo 17

Josh

Meu pai começou a me ensinar carpintaria depois que a minha mãe e a minha irmã morreram, quando eu tinha 8 anos. Não sei se ele queria mesmo fazer isso ou se não teve escolha, já que eu vivia atrás dele. Ele passava o tempo todo enfiado na garagem e, se eu quisesse vê-lo, tinha que vir aqui. Ele não falava nada, mas eu fazia o que podia. No início, passava a maior parte do tempo observando. Aprendi bastante coisa só prestando atenção, mas, quando finalmente coloquei as mãos nas ferramentas, constatei que eu sabia muito pouco. A primeira coisa que construí foi uma casinha de passarinhos torta. Tive que fazer quatro até acertar. Já faço isso há quase dez anos e às vezes ainda sinto que não sei nada.

Fico pensando em quanto Nastya consegue aprender. Ela observa tudo que acontece na oficina, mas não tocou em um prego sequer desde o incidente com o martelo. Nas últimas duas semanas, tem vindo aqui de noite e fica olhando tudo que eu faço. Não consegui fazê-la ir embora, então desisti. Ontem, tentei ser simplesmente grosso. Pensei que, se dizer para ela cair fora não funcionasse, nada mais daria jeito, então foi o que eu fiz. Ela não caiu fora – pelo menos não até ficar com vontade de ir embora, uma hora mais tarde.

Agora ela está sentada no lugar de sempre sobre a bancada, me olhando, então acho que não tem jeito mesmo. As pernas dela balançam sem parar, para a frente e para trás, me provocando, como se dissessem: *Ha ha, estamos aqui e você não pode nos obrigar a ir embora, então acostume-se.* Imagino que estão usando uma voz de crianças zombeteiras cantando no parquinho. Quero dizer a elas para calarem a boca. Estou tirando a bateria da furadeira e colocando-a no carregador e tentando decidir...

– Por que você tem tantas serras?

Seria de se pensar que neste momento eu me virasse para ela rápido, em alguma espécie de choque, mas é quase como se eu estivesse esperando que ela falasse comigo desde o dia em que nos conhecemos e só tivesse tentado imaginar o que ela iria dizer. Admito que já fantasiei várias situações, e em nenhuma delas ela me perguntava sobre a quantidade de serras que eu tenho. Eu me viro porque preciso olhar para ela agora, mas é de uma maneira bem mais lenta e controlada do que eu tinha planejado.

– Cada uma é para diferentes finalidades, diferentes tarefas, diferentes tipos de madeira. É complicado. Eu levaria horas para explicar todas elas.

Está bem, não é tão complicado assim. Exigiria apenas uma explicação muito longa, chata e monótona, e neste momento eu não quero pensar em serras. Nem acredito que é disso que estamos falando. Dizer que esta situação é *surreal* seria pouco.

– Acho que eu não quero nada, mas vou embora se é isso que você quer.

Demoro um instante para me dar conta de que ela está respondendo à pergunta que fiz há mais de uma semana. Está pagando para ver se blefei? Olho para o chão um pouco desconcertado, pois é óbvio que ela está me desafiando. Tenho que decidir se realmente quero que vá embora, porque, se eu pedir para ela ir desta vez, não tenho dúvida de que ela vai.

Eu deveria dizer que sim. Claro que sim. Estou tentando me livrar de você desde que você apareceu, mas isso é mentira e nós dois sabemos disso. Ainda não estou preparado para responder, então faço outra pergunta. Ela está falando e quero que continue assim. Parte de mim sabe que há uma possibilidade muito real de ela não voltar mais depois que sair daqui hoje, independentemente do que eu diga, e talvez eu nunca mais escute a sua voz. Mais uma vez sou atingido pela constatação de quanto ela me lembra um fantasma e de que a qualquer instante pode simplesmente desaparecer.

– Quem mais sabe que você fala? – pergunto, não só para mantê-la falando mas porque realmente quero saber.

Será que Drew sabe e não me contou? Ela fala com a família? Drew disse que ela morava com uma tia – aliás, ele disse que era uma tia gostosa –, mas isso é tudo o que sei.

– Ninguém.

– Você falava antes?

– Sim.

– E vai me dizer por que fez esse voto de silêncio?

– Não – diz ela, olhando bem nos meus olhos. Nenhum dos dois desvia o olhar. – E você nunca vai perguntar. Jamais.

– Está bem, nunca vou perguntar. Entendido – digo em tom casual. – E por que eu concordei com isso?

– Não concordou.

– E por que deveria?

– Não sei se deveria.

– Então eu não concordei em guardar o seu segredo e você não pode me dar nenhuma razão para eu fazer isso. A coisa não está boa para o seu lado. O que a leva a pensar que não vou contar isso a ninguém?

– Eu acho que você não quer contar.

E é aí que ela me ganha, mesmo sem saber ainda. Está certa. Eu não quero contar para ninguém. Quero o segredo dela só para mim, mas ela não tem como saber disso.

– É uma aposta e tanto da sua parte.

– É? – Ela inclina a cabeça para o lado e me observa.

– Você não tem por que confiar em mim.

– Não, mas confio mesmo assim – diz ela, se encaminhando para a porta da garagem.

– E espera que eu confie em você? – digo a ela, que está de costas para mim.

Essa garota é mesmo doida se acha que é só ir entrando, do nada, que pode ficar esperando isso de mim.

Ela para e se vira para me encarar antes de ir embora:

– Você não tem que confiar em mim. Eu não sei nenhum segredo seu.

Ela vai embora antes que eu possa responder. Ela mal se sentou, mas, nos poucos minutos em que esteve aqui, tudo mudou. Talvez esteja me dando tempo para decidir se eu quero isto – o que quer que isto seja. O segredo dela? A amizade dela? A história dela? Talvez eu não queira. Sei que *não deveria* querer, e isso pode definir a minha decisão agora mesmo.

Eu sei algo sobre ela que ninguém mais sabe. Há anos não tenho um segredo. Todos conhecem a minha história. Mãe e irmã mortas num acidente de carro. *Trágico.* Pai tem um infarto. *Morre.* Avó luta contra um câncer de ovário. *Perde.* Um ano depois, avô pega o bastão do câncer. Não sei se agora é a minha vez de morrer ou se o meu destino é ser o último que restou.

Há dias em que não consigo deixar de pensar se meu nome nunca vai significar outra coisa.

Não vou contar sobre ela a ninguém. Disso eu sei. Ainda tenho mil perguntas dando voltas na cabeça, mas só uma fica se repetindo o tempo todo: *por que eu?* É a pergunta mais óbvia, a pergunta que ainda me perturba, horas depois de ela ter ido embora. É a pergunta que eu não faço, porque não quero saber a resposta, não importa qual seja. Eu não ligo.

~

Já se passaram dias desde que ela falou comigo. Esperei que ela aparecesse na noite seguinte, mas não veio. Nem no dia seguinte. Nem no outro. Eu a vejo todos os dias na escola, mas ela nem sequer olhou na minha direção. Estou começando a pensar que foi tudo fruto da minha imaginação. Talvez eu é que seja o louco de pedra nesta história toda. Passei os últimos dias tentando me convencer de que estava feliz por ela ter parado de aparecer e que não dava a

mínima. Afinal, é o que eu queria. Argumentei comigo mesmo de diversas formas. Não fui muito convincente.

Eu nem tive a desculpa de vê-la na casa de Drew no domingo. Leigh passou o fim de semana aqui e eu fiquei com ela. Deveria ter facilitado as coisas, mas acho que piorou.

– Você não tem sotaque.

Quando ela enfim aparece, exatamente uma semana depois de falar comigo, é a primeira coisa que eu digo.

– Não.

– Pensei que você tivesse. O nome.

Não suporto o nome. Algo nele não se encaixa. Se bem que talvez nada nela se encaixe. Ela reflete um pouco sobre isso e acho que vai dizer algo, mas não diz nada. Fica só caminhando pela garagem e pegando algumas ferramentas e passando as mãos por móveis inacabados e isto está começando a me irritar.

– Você é russa? – pergunto, na esperança de distraí-la.

– Você fez as perguntas no outro dia. Agora é a minha vez.

Ela não respondeu a pergunta, mas pelo menos parece ter tirado temporariamente o foco de todas as minhas coisas.

– Não me lembro de ter concordado com isso.

– Não me lembro de lhe dar escolha.

E ela torna a circular pela garagem, estudando-a. Chego a pensar em agarrar a minha virilha para conferir se as minhas bolas ainda estão no lugar, porque acho que talvez elas estejam no bolso dela e eu precise pegá-las de volta. Isso tudo foi divertido ou diferente ou instigante durante um tempinho, mas já deixou de ser. Uma coisa é se sentar e ficar observando, mas, se ela pretende começar com o interrogatório e a inevitável psicanálise de garota adolescente, estou fora. E digo:

– Sabe quem é que gosta de conversar? O Drew. Por que você não dá uma passada lá e alegra o dia dele?

Preciso me afastar. Finjo que estou precisando de algo da caixa de ferramentas do outro lado da garagem. Ela se senta sobre a bancada e suas pernas começam a balançar imediatamente.

– Acho que ele iria preferir que eu fizesse outras coisas com a boca.

Seu tom de voz não tem nada de pudico nem de sugestivo. Ela diz isso como se estivesse falando sobre ajudá-lo a estudar trigonometria.

– Você disse isso mesmo?

– É o que parece – diz ela, como se não fosse nada.

– Bom, se você fizer isso, vai alegrar a semana inteira dele.

– Eu poderia alegrar o ano inteiro se quisesse.

Garota confiante. Ela me faz pensar se daria mesmo conta do recado, mas isso nem deveria

passar pela minha cabeça. As pernas continuam balançando, e isso está me tirando do sério.

– E você quer? – Não é o que eu queria perguntar. Será que iria doer muito se eu cortasse a minha língua fora?

– Sou eu que vou fazer as perguntas.

– Para mim, não vai não. – *Toma essa!*

– Você mora aqui sozinho? – Ok, até que durou um tempinho.

– Sim.

– Por que você se emancipou?

– Por necessidade.

– Muito difícil?

– *Como é que é?*

– É muito difícil se emancipar?

Eu sabia que era isso o que ela queria saber. Sério.

– Não, é tão fácil que chega a ser vergonhoso.

Ela não fala logo em seguida, o que, ironicamente, é algo incomum agora. Olho para ela e a vejo me observando.

– O que foi?

– Estou tentando descobrir se você está sendo sarcástico.

– Não, é mesmo fácil demais. Basicamente, se resume a duas coisas: idade e dinheiro. E, na verdade, o dinheiro é que é o mais importante. Acho que o governo nos deixaria livres com 12 anos se tivesse certeza que não gastaria nem um centavo para nos sustentar.

– E o que você precisou fazer?

Se as perguntas que ela vai fazer são essas, eu dou conta. Contanto que fique longe de qualquer assunto pessoal, eu digo o que ela quiser saber. Ela mora com a tia. Talvez queira se emancipar, apesar de ter quase 18 anos, então agora nem faria muito sentido. Meu avô e eu cuidamos disso no ano passado, assim que ele descobriu que estava doente.

– Você preenche uma papelada, entrega a documentação que prova que você tem pelo menos 16 anos e recursos financeiros para se sustentar. Aí seu guardião assina, tem uma audiência rápida e pronto, você vira adulto.

Ela assente com a cabeça, como se a explicação fosse aceitável. Não pergunta sobre o dinheiro. Talvez ela tenha algum traquejo social.

– Quem era o seu guardião legal?

Pergunta interessante, mas não vou abrir essa porta. Ela poderia perguntar a qualquer um. Todo mundo conhece a história, mas não acho que corro esse risco ainda. Ela vai descobrir, mais cedo ou mais tarde. Não vou me enganar pensando que esse assunto não vai vir à tona de alguma forma, mas é bom saber que existe pelo menos alguém que não conhece toda a minha tragédia. Pelo menos durante um tempinho.

– Por que você quer saber?

– Só fiquei curiosa pensando se seria essa a pessoa que visitou você no domingo. Drew disse que você tinha um hóspede no fim de semana e por isso não foi ao jantar.

Eu estava acompanhado mesmo e definitivamente não era o meu avô, mas não vou chegar nem perto de comentar o lance da Leigh com esta garota. Nem agora nem nunca.

– Uma amiga estava na cidade.

Espero outra enxurrada de perguntas, mas ela fica calada. Tenho várias coisas para perguntar também, mas parece que ela já cansou de falar e receio que, se eu puxar mais conversa hoje, provavelmente vou acabar me arrependendo.

Após uns dez minutos de pernas balançando e silêncio, ela recomeça com as perguntas. Não são do gênero que eu esperava, mas tudo é assim com essa garota. São perguntas que não me incomodam. Ela quer saber sobre ferramentas e tipos de madeiras e construção de móveis. Não sei quantas perguntas ela faz, mas sei que estou rouco no fim da noite.

Quando ela desce da bancada – seu símbolo universal para "Agora vou embora" –, digo o que esteve a noite inteira na minha cabeça:

– Você não é como eu esperava que fosse.

Nossos olhares se cruzam e ela realmente parece um pouco surpresa e muito curiosa, mas acho que tenta disfarçar.

– Como você esperava que eu fosse?

– Caladinha.

Capítulo 18

Nastya

A voz da minha mãe. É a primeira coisa de que me lembro depois de abrir os olhos.

Minha menina linda. Você voltou para nós.

Mas ela estava enganada.

~

Se é verdade que a infância é o reino onde ninguém morre, então a minha terminou quando eu tinha 15 anos. E acho que durou mais que a do Josh, pois, segundo o que ouvi de Drew, a dele acabou aos 8. Não sei mais do que isso, porque não pergunto a Josh sobre assuntos que eu mesma não esteja disposta a responder.

Preciso ir para casa este fim de semana. Minha mãe esperava uma visita minha no mês passado. Fico surpresa por ela ainda não ter aparecido aqui. Charlotte Ward não é de esperar.

Não tenho muito para colocar na mala. Deixei a maioria das minhas roupas antigas lá. Não vou ver ninguém, exceto a minha família e uma terapeuta, então deixo meu figurino hollywoodiano na casa de Margot, o que significa que meus pés ficarão felizes pelo menos durante dois dias. Tenho que faltar à aula na sexta para chegar a Brighton a tempo de ir à sessão de terapia que minha mãe marcou. Pensei em contar ao Josh que eu iria, mas acabei não mencionando isso por várias razões, principalmente porque não devo satisfações a ele. Talvez eu pudesse voltar no domingo antes das seis para ir à casa de Drew, mas pode ser melhor eu deixar o jantar para a semana que vem.

Quando passo da porta da frente da residência em estilo vitoriano totalmente fora de

contexto em que fui criada, me sinto em casa. A sensação dura apenas um instante. Não é real. É apenas um reflexo condicionado, um eco de um sentimento que existia antes. Ao menos uma vez, eu gostaria de vir para casa e que as coisas fossem do jeito que eram. Mas talvez eu só esteja imaginando anos dourados que existiram mais na minha memória do que na vida real.

Minha mãe está à mesa de jantar que só usamos em datas comemorativas. Há provas espalhadas sobre toda a superfície. Minha mãe é fotógrafa, o que é meio engraçado, porque ela é linda de morrer mas nunca sai nas fotos – é sempre ela que as tira. Trabalha como freelancer e nunca está sem trabalho, já que ela é muito boa, e por isso dita as regras, aceita os projetos que quer, vai e vem conforme prefere. As paredes do meu quarto, no andar de cima, eram cobertas com as fotos dela. Todas as minhas favoritas. Eu me sentava à mesa, olhava as provas com ela e escolhia as que chamassem a minha atenção. Sempre havia uma imagem que me tocava mais do que as outras; eu a apontava e ela fazia uma cópia para mim. Era o nosso ritual. Eu nem lembro qual foi a última. Não sabia que seria a última. Eu poderia caminhar até ela, me sentar à mesa e escolher uma foto agora mesmo, mas não vou fazer isso. Agora as minhas paredes estão cobertas com um papel de parede novo.

Assim que ela me vê, já está de pé. Acho que com menos de três passos ela alcança a porta e me envolve com os braços. Eu a abraço de volta porque ela precisa, mesmo que eu não precise. É diferente de abraçar a Sra. Leighton, mas não como seria de se esperar. Abraçar a minha mãe é muito mais complicado. Ela se afasta e eu vejo a expressão em seus olhos; a expressão com a qual já me acostumei, que vi mil vezes nos últimos três anos. É o olhar de quem olha pela janela, à espera de alguém que essa pessoa sabe que nunca vai voltar.

Eu não sou a única que não é mais a mesma. Nenhum de nós é. Eu gostaria de poder ter feito tudo ser diferente para eles, de lhes ter dado tudo o que acreditavam ter recuperado no dia em que me encontraram viva, e não morta. Quem sabe como estaríamos agora se minha mãe tivesse tido a oportunidade de me ver afastando-me dela aos poucos? Ela teria perdido a garotinha dela de qualquer forma, só que mais tarde e de forma gradual. Não como aconteceu, de repente. Mesmo que tudo não tivesse ocorrido daquela maneira, a criança em mim ainda assim teria desaparecido. Só que imperceptivelmente, com o tempo. Mas eu amadureci demais, rápido demais. Tudo de uma vez só.

E ela não estava pronta para dizer adeus.

Sou salva pelo aparecimento do meu irmão, Asher, que desce a escada correndo. Ele é um ano mais novo do que eu e uns 60 centímetros mais alto. Ele me dá um abraço de urso e me levanta do chão. Já recebeu umas cinquenta vezes a dica de que eu não gosto que me toquem, mas não se deu ao trabalho de tomar conhecimento ou não dá a mínima. Ele se recusa a seguir qualquer regra ou limite em relação a mim, deixando meus pais aborrecidos e me irritando de um modo que só um irmão é capaz de fazer. Asher sempre acaba pagando para ver e eu deixo. E é o único. Ele não tem medo de me perder ou de me afastar, porque sabe que não dá para ficar pior, então não tem nada a perder.

Tenho uma hora antes da sessão de terapia. Asher diz que vai me levar de carro. Eu dou de ombros. Eu mesma poderia dirigir, mas a consulta é às três e meia da tarde, que para mim é a hora em que meus fantasmas estão à solta. Então aceito a companhia. Além disso, estou com saudade dele. Asher pode ser mais novo que eu, mas acho que ele não se dá conta disso. Ele lutaria contra o mundo todo se isso pudesse consertar as coisas, e acho que se sente um fracassado porque não pode.

No caminho, ele me brinda com várias histórias da escola. Está no segundo ano e faz parte da galera popular. Jogar beisebol em vez de tocar piano tem essa vantagem. Está namorando uma garota chamada Addison. Eu gostaria de dizer que esse nome tem a infelicidade de significar *filho de Adão*, mas ele nem ligaria, pois, segundo ele, ela é *a maior gostosa*. Sinto que essa não é a história toda. Asher pode falar o que quiser para manter as aparências, mas eu o conheço bem e sei que ser *a maior gostosa* não seria suficiente para ele, que a garota também tem que ter alguma substância. Ele não precisa se preocupar; eu não vou contar a ninguém que ele não consegue ser um babaca. Já tem babacas demais no mundo. Fico feliz por meu irmão não ser mais um. Ele tem duas matérias preparatórias para a universidade este ano, ou seja, duas a mais do que eu, e daqui a poucas semanas vai prestar o teste classificatório para as universidades, então está se matando de estudar. Fui convidada a ajudá-lo no fim de semana, se eu quiser, só que não sei o que essa ajuda significa, mas desconfio que meu silêncio seria um grande obstáculo. Então é melhor ele estudar sozinho. Durante o trajeto de 15 minutos, eu me vejo envolvida nas últimas sete semanas do mundo descomplicado de Asher Ward. Não é à toa que o nome dele significa *abençoado.*

Vou à sessão de terapia e fico lá, sem dizer nada, porque todos pegam leve comigo quando eu vou. Nem sei que benefício sessões de terapia inconsistentes podem trazer, mas, pelo visto, o fato de eu ao menos aparecer demonstra que estou me esforçando. Eu não estou. O único esforço que faço é o mínimo suficiente para que me deixem em paz.

Sou especialista em todos os tipos de terapia. Só não sou especialista em fazê-las funcionar. Meus pais me puseram para fazer terapia antes mesmo de eu sair do hospital, o que é a medida recomendada quando o diabo coloca as mãos na sua filha de 15 anos e o além a cospe de volta à vida.

Fiquei na terapia por tempo suficiente para entender que nada do que me aconteceu foi minha culpa. Não fiz nada para causar ou merecer aquilo. Mas isso só piora tudo. Talvez eu não me sinta culpada pelo que aconteceu, mas, quando nos dizem que algo foi completamente aleatório, também estão nos dizendo outra coisa: que nada do que fizermos importa. Não faz diferença se fazemos tudo certo, se nos vestimos do jeito apropriado e agimos da maneira correta e seguimos todas as regras, porque o mal vai nos encontrar mesmo assim. O mal é muito engenhoso.

No dia em que o mal me encontrou, eu estava vestindo uma blusa de seda rosa com botões de pérola e uma saia branca rendada até os joelhos. Estava indo a pé para a escola. Ia gravar

uma sonata de Haydn para o meu teste para o conservatório. O mais triste é que eu nem precisava fazer isso. Já tinha gravado essa peça uma vez, junto com um estudo de Chopin e um prelúdio e fuga de Bach, mas não tinha ficado satisfeita com a sonata e queria regravá-la. Talvez, se eu tivesse aceitado viver com essa pequena imperfeição, não estaria vivendo com uma imperfeição tão enorme agora.

De qualquer forma, eu não estava fazendo nada de errado. Estava em plena luz do dia no meio da tarde, e não andando furtivamente por becos escuros. Não estava matando aula nem nada. Estava indo exatamente aonde deveria ir, exatamente na hora que deveria. Ele não estava atrás de mim. Ele nem sabia quem eu era.

Dizem a você que foi aleatório para que não se sinta culpada. Mas o que eu escuto é que não tenho nenhum controle e, se não tenho nenhum controle, sou impotente. Preferiria que me culpassem.

Também já passei por grupos de apoio, mas os detestava até antes de parar de falar. Nunca entendi por que ouvir as histórias horríveis dos outros deveria fazer com que eu me sentisse melhor em relação à minha. Todos ficam sentados se lamentando pela vida de merda que tiveram. Talvez eu apenas não seja sádica. Não me conforta ver outras pessoas tão aniquiladas quanto eu. Nesse caso a união não faz a força. Só traz mais infelicidade, e já tenho bastante.

Além disso, os grupos de apoio ficam um pouco contrariados quando não falamos. É como se você se apossasse da dor deles mas não oferecesse nada em troca. Eles me olhavam como se eu fosse uma espécie de ladra. Certa vez, uma garota loura chamada Esta – nome para o qual não encontrei significado algum, a menos que se considere o pronome demonstrativo em espanhol ou português – me disse que eu tinha que "contribuir ou calar a boca". Eu não sabia ao certo como reagir a isso, mas meio que teria valido a pena falar só para lhe perguntar o que é que ela andava fumando. Depois eu soube que Esta havia sido esfaqueada pela própria mãe, e zombar dela deixou de parecer tão divertido.

Ouvi casos de estupros, ferimentos à bala e crimes de ódio, gente que conhecia os responsáveis por seus ataques, gente que não conhecia, gente cujos agressores foram punidos, gente cujos agressores não foram punidos. Não há nenhum consolo nisso. Se a ideia é que bisbilhotar os pesadelos alheios vai me fazer sentir melhor, eu prefiro continuar me sentindo péssima. Acho que contar a minha história de horror para os outros não me faria bem algum. Além do mais, supostamente eu nem tenho uma história para contar.

Então era assim toda semana. Eu me sentava num círculo e um monte de gente que tinha passado por desgraças parecidas com a minha me olhava como se eu tivesse entrado de penetra sem pagar. E eu tinha vontade de gritar e dizer que tinha pagado o mesmo preço que todo mundo ali, que só não estava a fim de ficar esfregando o recibo na cara deles.

Hoje, a terapeuta não fala sobre culpa. Fala sobre falar. Eu gostaria de dizer que escuto, mas passo a maior parte do tempo pensando em como melhorar minha receita de pão de ló e em técnicas corretas de kickboxing.

No caminho de volta para casa, vem o tipo de conversa que eu já esperava.

– A mamãe ainda acha que você vai voltar – diz Asher sem olhar para mim. Eu nem sei se ele se refere a voltar para casa ou voltar ao que era antes. – Você não vai voltar. – Ele nem tenta fazer com que isso soe como uma pergunta. E então fica melhor ainda: – Querem que você fale com a detetive Martin de novo. – É claro que Ash é o encarregado de soltar a bomba. Sei que detesta ser colocado nessa posição, mas por alguma razão ele se tornou o caminho de menor resistência para chegarem até mim. – Ela pode ir lá em casa, para você não precisar ir até a delegacia, mas querem que você veja umas fotos. Eles sabem que você não se lembra de nada, mas querem tentar mesmo assim. De repente isso pode trazer sua memória de volta.

Olho pela janela para não ter que olhar para a cara dele ao mentir com meu silêncio. Não preciso que a minha memória volte. É a minha memória que me inferniza. Eu me lembro de tudo.

De cada detalhe.

Todas as noites.

Nos últimos 473 dias.

No sábado, eu me encontro com a detetive Martin. Olho as fotos. Vejo os retratos falados. Faço que não com a cabeça. Ele não está ali. Nunca está. Eles não fazem ideia do que estão procurando. Ela nos dá outro cartão de visitas. Já nem sei quantos nós temos.

Eu deveria abrir o jogo. Sei que deveria. Mas ele é meu. Não quero que tenha a chance de ficar impune. Quero que ele pague e quero que seja eu quem vai decidir como.

No domingo de manhã, meu pai faz panquecas para o café da manhã, como sempre costumávamos fazer. Desço a escada e sinto cheiro de bacon fritando e sei que daqui a dois dias ainda vou sentir o aroma residual de gordura pela casa. Não vou estar aqui para sentir, mas o cheiro continuará mesmo depois que eu for embora.

Asher desce só de short e minha mãe imediatamente o manda de volta para vestir uma camiseta. Ele resmunga mas faz o que ela mandou. Ele vai à praia com a famosa Addison Hartley, que irá passar para pegá-lo dentro de menos de uma hora. Na verdade, estou animada para conhecer a garota que faz meu irmão se esforçar para não parecer um bobalhão apaixonado. Estou feliz por ele, porque ir à praia com alguém por quem você está estupidamente apaixonado é algo incrivelmente normal. Ele me convida para ir junto, mas eu balanço a cabeça em negação, resoluta.

– Vem com a gente. Vai ser legal. – Ele tenta me convencer. Tenho certeza de que seria legal, se fossem só ele e a namorada. Apesar de eu estar pálida a ponto de chamar a atenção, até pensaria na ideia, se não fosse por todas as outras pessoas que sei que estarão lá. Eu posso ter ido embora de Brighton, mas nunca vão se esquecer de mim. Balanço a cabeça de novo.

– Por que você não vai com ele? Todos os seus antigos amigos vão estar lá – diz minha mãe, esperançosa.

É difícil ver a esperança no rosto da sua mãe sabendo que você vai acabar com ela. Não sei em que parte ela está mais equivocada: se por achar que isso vai me convencer ou por pensar que eu tenho amigos antigos. Os únicos amigos antigos que eu tinha provavelmente vão passar o domingo com um instrumento musical, não seminus na praia.

– Nada impede que você vá, Mil... – diz meu pai, interrompendo-se antes de terminar a frase.

Está certo, pai. Exceto o fato de que tenho que ficar de camiseta o tempo todo para esconder as cicatrizes e encarar mil perguntas que eu não iria querer responder mesmo se falasse. Ser empalada por um prego de trilho de trem.

Se eu tivesse que decidir quem mais sofreu com toda essa situação de merda, diria que foi o meu pai. Ele é durão e calado. Meigo, protetor e, se necessário, capaz de matar alguém para defender os filhos. Como todos os pais deveriam ser. O problema é que ele não me protegeu. Porque não podia. Ninguém podia. Mas acho que ele não enxerga as coisas dessa forma.

– Em algum momento, você vai ter que retornar ao mundo – começa ele. Pressinto o sermão sobre *nada de arrumar desculpas*. Nunca deixaram que Asher e eu arrumássemos desculpas para nada, mesmo agora. Suspeito de que ele não esteja falando apenas sobre ir à praia. – Você não teve escolha quanto ao que aconteceu com você. Nem nós. Mas *você* pode escolher o que acontece agora. Nós não. É você quem está no comando, e tudo o que nós podemos fazer é ficar ao lado do campo e observar, por mais que você continue fazendo as jogadas erradas, uma atrás da outra. – Pronto, estamos entrando no território das metáforas esportivas. – Não vamos obrigá-la a fazer nada que não esteja pronta para fazer. Você já teve que se sujeitar a muita coisa. Mas precisa decidir quanto tempo vai deixar que isso defina a sua vida.

Agora acho que meus pais percebem que eles mesmos se puseram num beco sem saída ao insistir para que Asher e eu fizéssemos nossas próprias escolhas enquanto crescemos, que assumíssemos a responsabilidade e arcássemos com as consequências. Agora não podem voltar atrás. Estão fadados a me deixar tomar as minhas decisões, erradas ou não, e a me ver tendo que viver com elas, pois foi assim que me ensinaram.

Não tinha problema quando o que definia a minha vida era ser a Menina Pianista de Brighton. Quando eu fazia as escolhas *certas*. Quando todas as minhas decisões eram influenciadas pelos meus pais. Eu me deixava levar pela correnteza deles, sendo moldada lentamente, até ficar perfeita. Mas assim que isso aconteceu, fui arrancada da água, arremessada e estilhaçada em mil pedaços que não tenho mais como juntar. Nem sei onde foram parar. E há tantos pedaços faltando que os que restaram não se encaixam mais.

Acho que sempre vou estar despedaçada. Posso trocar os fragmentos de lugar, rearrumá-los, dependendo do dia, dependendo do que eu preciso ser. Posso mudar num piscar de olhos e ser muitas garotas diferentes, sem que nenhuma delas tenha que ser eu.

Nós nos sentamos à mesa e comemos panquecas feitas com mistura pronta. Até Asher não

fala mais nada. Depois do café da manhã, vou para o meu quarto e procuro mais nomes para colocar nas paredes. Pela janela, vejo Addison chegar mas não desço. Não chego a conhecê-la, mas Asher tem razão: ela é mesmo a maior gostosa.

~

Entro no meu carro pouco depois das cinco da tarde no domingo. Todos me acompanham até o carro. Minha mãe me lembra de mandar uma mensagem de texto quando eu chegar à casa de Margot, para ela saber que cheguei bem. Meu pai me abraça e fecha a porta do meu carro – agora superlimpo –, que ele lavou e convenceu Asher a ajudar. Assim que entro, tranco as portas, desligo o rádio e vou embora.

Voltar para casa é como um choque cultural. Casa diferente, cara diferente, roupas diferentes, nome diferente. O mesmo edredom. Às vezes penso que gostaria de embrulhar Asher, enfiá-lo numa caixa e trazê-lo comigo para a casa de Margot. Mas aí ele veria como eu sou aqui. Veria que eu provavelmente piorei, ao invés de melhorar, e eu teria que encarar as mesmas decepções e esperanças perdidas das quais fugi. Além disso, depois de ele me olhar, duvidar dos próprios olhos e me reconhecer, é provável que enchesse de porrada qualquer cara que virasse o pescoço para admirar o meu glorioso estilo "Branca de Neve encontra Victoria's Secret".

Quando eu chegar à casa de Margot, já vai ter passado das sete da noite. Planejei isso de propósito, para não ter que decidir se iria ou não à casa de Drew. Estou começando a me sentir culpada porque nem Josh nem eu fizemos qualquer menção de contar a Drew sobre o tempo que passamos juntos. Não é que me importe tanto de ele saber; acho que ele finalmente aceitou o fato de que não há álcool suficiente no mundo que me convença a transar com ele... Então nem é essa a questão. O problema é que ele inevitavelmente começaria a se perguntar como nós passamos tanto tempo juntos sem dizer nada e, mesmo que essas suspeitas não se confirmassem, eu prefiro evitá-las. Além disso, para ser sincera, as horas que passo naquela garagem com Josh, longe da escola, de Margot e de tudo mais, são minhas. Ainda não quero dividi-las com mais ninguém. Pelo visto, Josh também não disse nada a ele.

Capítulo 19

Josh

– Nastya não vai poder ir ao jantar e me pediu para trazer isto aqui quando estivesse indo para o trabalho.

A mulher loura na porta me entrega um bolo muito alto e todo elaborado. Vejo a decoração azul quadriculada ao redor da borda da travessa. Da última vez que vi essa travessa, estava na minha porta, cheia de cookies.

– Ela pediu? – pergunto, cético. Será que ela fala com as outras pessoas e mentiu para mim? Não sei por que, mas isso me deixa aborrecido. Muito.

– Ela escreveu este endereço depois das palavras *Levar domingo* e *5h45*. No fim do bilhete, ainda acrescentou: *por favor*. Foi a maior comunicação que tive da parte dela em anos.

Ela parece estar irritada por ter que se explicar para mim.

– Está bem. Obrigado. – Pego o bolo de suas mãos e ela me olha como se estivesse esperando alguma coisa.

– Quem é você? – pergunta ela.

– Josh Bennett. – *Quem é você?*

– Posso entrar?

O pedido me deixa meio desnorteado, mas não quero ser grosseiro. Olho de novo para ela. É muito magra e bronzeada e loura e não lembra nem remotamente nenhum dos psicopatas da minha imaginação. Também não lembra Nastya, mas suponho que seja a tia de quem Drew falou, então abro a porta e a deixo entrar. Realmente não sei o que ela quer de mim, a menos que Nastya esteja mexendo comigo mais do que eu imagino e essa mulher saiba de coisas que eu não sei.

– Margot Travers. Nastya mora comigo. – Ela estende a mão. Como resposta, mostro o bolo que estou segurando. – Olhe, vou direto ao ponto porque tenho que ir trabalhar e, francamente, porque eu sou assim mesmo. – *Certo.* – Mesmo que não tivesse que trazer o bolo, eu teria vindo aqui este fim de semana para entender o que está acontecendo. – Não consigo decidir se estou mais nervoso ou curioso, mas definitivamente estou prestando atenção. – O telefone de Nastya tem um rastreador. – Ela faz uma pausa. Acho que está me dando um tempo para reagir. Não faço nada. – Eu o verifico periodicamente e, algumas semanas atrás, apareceu este endereço, então comecei a verificar com mais frequência. E você sabe o que eu descobri? – É claro que sei, e sei que você sabe. Você só pergunta isso para dar um efeito dramático, mas vai dizer mesmo assim. – Este endereço passou a aparecer sem parar. Às nove da noite, às dez, às onze. Às vezes à meia-noite. – A informação parece correta. Eu não confirmo nem nego. Deixo ela continuar falando até me fazer uma pergunta direta. – Há algo que você queira me contar? – pergunta ela, em tom de expectativa.

– Há algo que você queira saber? – Sinto que estou competindo com esta mulher para ver quem vai piscar primeiro.

– O que está havendo?

– Por que não pergunta para ela?

Ela me olha como quem diz *Ah, claaaro.*

– Ela não fala comigo.

Toda vez que ela faz uma pausa, seus olhos vasculham a sala como se procurasse minha coleção de pornografia ou a entrada para o meu laboratório de metanfetamina. Estou começando a ficar um pouco ofendido com o fato de que esta mulher praticamente empurra Nastya porta afora para sair com Drew – logo ele – mas está aqui me interrogando. Talvez seja porque Drew chega, bate na porta e a convida para acompanhá-lo num jantar de família no domingo, enquanto eu deixo ela vir aqui secretamente e se esconder na minha garagem, tarde da noite, sem a supervisão de adultos.

– Então por que eu deveria falar? – respondo. Agora estou apenas sendo infantil. Mas então percebo o que ela está realmente perguntando, o que quer saber de verdade. E não é o que eu imaginava. Esta mulher não está tentando descobrir se a sobrinha tem vindo escondida aqui para transar comigo. Quer saber se ela *fala* comigo. Respiro fundo, porque agora quero que isto termine logo e dar alguma resposta talvez seja suficiente para ela perder o interesse em mim. Além disso, tenho o pressentimento de que ela vai começar a ditar regras ou fazer ameaças, e não lido bem com nenhuma das duas coisas. Posso não saber se quero que Nastya fique vindo aqui ou não, mas não gosto da ideia de outra pessoa tomar essa decisão por mim. Vou dar uma resposta a ela, mas é pelo meu bem. – Ela faz aula de carpintaria comigo. Como está muito atrás de todo mundo, então vem aqui à noite, quando sai para correr, e fica me vendo trabalhar.

Ela fica olhando para mim por tempo suficiente para eu começar a me perguntar como será

que vai reagir.

– É só isso? – Ela parece decepcionada. Volta a estreitar os olhos: – Seus pais não se incomodam por ela passar tanto tempo aqui?

– Não se incomodam nem um pouco.

Não chega a ser uma mentira. Não mesmo.

– Cadê a Nastya? – pergunta o pai de Drew assim que eu entro, chegando para o jantar.

O comentário faz a mãe dele aparecer um segundo depois. A música já está tocando e eu sei que foi Sarah quem colocou. Eu preferiria ouvir o barulho de uma serra, mas não podemos criticar a música que o responsável pelo som escolher.

– Nastya não vem? – pergunta a Sra. Leighton, pegando o bolo das minhas mãos e parecendo genuinamente decepcionada. – E de onde veio isto?

– A tia dela deixou lá em casa hoje à tarde e disse que ela pediu para trazer.

– Ela é a mais fofa! – exclama ela, levando o bolo para a cozinha.

Não sei se há alguma outra pessoa no planeta que pudesse se referir a Nastya como a mais fofa, mas talvez ela enxergue algo que o resto de nós não vê.

Acabamos sendo só nós cinco, como em tantos outros jantares que já tivemos aqui. Não falamos nada sobre Nastya até a hora da sobremesa, quando chega o bolo.

– Ela é uma aberração – diz Sarah, satisfeita por finalmente poder falar mal dela pelas costas, e me olha ao dizer isso.

Eu desvio o olhar, porque ela me irrita.

– Sarah, nem todos têm uma vida tão fácil. Algumas pessoas têm problemas e você precisa aprender a se colocar no lugar do outro, em vez de julgar. – Vejo a Sra. Leighton fuzilando-a com aquele olhar que mantém nós três na linha há anos. Quatro, se contarmos com o Sr. Leighton.

– É por isso que ela é convidada? – Merda. Não sei se a minha voz saiu com um tom tão irritado quanto eu acho que saiu.

– Não, nós realmente gostamos dela.

Ela parece surpresa com a pergunta. Sua resposta é sincera, mas é isso que me tira do sério. Antes que eu possa responder, Sarah abre aquela boca idiota dela e me salva, pelo menos por enquanto:

– Fale por você.

– Cala a boca, Sarah – retruca Drew com a frase que deve repetir centenas de vezes por dia.

– Drew! – A Sra. Leighton apoia o garfo ao lado do prato e é evidente que fez um grande esforço para não batê-lo na mesa.

– O quê? Ela pode falar merda e eu não posso dizer a ela para calar a boca?

Drew fica de pé e afasta a cadeira da mesa.

– Sente-se, Drew.

A calma forçada na voz da mãe é um alerta, e Drew se senta. Ele está se preparando para receber seu merecido castigo, mas eu ainda não terminei:

– Como sabe que gosta dela? Você nem sequer a conhece.

Eu devia deixar isso para lá, sei disso, mas não entendo. É como se ela fosse uma curiosidade ou um bichinho de estimação. *Olhem só a garota muda, perturbada e perdida que nós acolhemos. Não somos incrivelmente generosos e compreensivos?* Detesto isso e não quero que a mãe de Drew aja dessa forma.

– Não sei até que ponto é possível conhecer de verdade alguém que não consegue falar – diz ela, num tom compreensivo.

Não consegue, não. Não quer falar, eu corrijo mentalmente. *Ela sabe falar, mas não quer.* Disso eu sei.

Agora, a atenção da Sra. Leighton está voltada para mim. Ela tenta se explicar, mas parece que também quer convencer a si mesma. Mas isso não é necessário. Eu já sei. A resposta é *Não tem como.* Você não tem como conhecê-la – pelo menos não Nastya –, porque ela não revela nada, e o que mostra aos outros não é real. Ela pode até falar comigo, mas eu também não a conheço.

– Então, como pode dizer que gosta dela? – Já não estou mais tão irritado, mas realmente quero saber.

– Está na cara que ela é uma boa garota. Tem boas maneiras. Nunca aparece de mãos vazias. – Não entendo como é que ter boas maneiras e ser uma boa pessoa significam a mesma coisa, mas fico de boca fechada. Ficar puto com a Sarah é uma coisa. Já com a Sra. Leighton é algo totalmente diferente. Acho que ela nunca tinha feito nada que me irritasse. É um saco sentir isso. Eu nem sei por que estou assim. – É óbvio que está acontecendo algo na vida dela e não podemos julgar...

– O que é, então? Ela é convidada por pena ou para você ensinar Sarah a ser uma pessoa melhor?

Eu tinha que interrompê-la. Estava se aproximando demais do ponto em que começaria a análise psicológica, e eu não podia deixar isso acontecer. Não queria escutar. A sensação seria como se eu mesmo estivesse sendo analisado, como se eu deixasse que me abrissem e dissecassem cada ação, escolha e motivação, só para eles se sentirem superiores e sãos. Não queria que fizessem isso com Nastya sem ela estar aqui. É claro que me sinto como se eu tivesse me aberto inteiro para eles, lhes poupado o trabalho, despejando todos os meus sentimentos para eles se debruçarem sobre a mesa de jantar e os cutucarem com uma vareta.

– Josh... – Ela diz muito só com essa palavra. Como se estivesse chamando a minha atenção, me julgando, me questionando e sentindo pena de mim. Todos estão olhando para mim. Não posso culpá-los. Fui eu que causei isso sendo o babaca que não consegue ficar de boca fechada. Não foi nem um acesso de raiva. Em nenhum momento eu levantei a voz. Acho que meu tom de voz nem chegou a mudar, mas de qualquer forma eles não estão

acostumados. No mundo de Josh Bennett, isso é o equivalente a tatuar o nome dela no peito. Digno de arrependimento, idiota e definitivamente constrangedor. – Desculpe – prossegue a Sra. Leighton, e agora sei que ela pensa que estou me iludindo, mas não sou eu quem costuma adotar vira-latas. Não estou tentando salvar ninguém.

– Ela não é uma atração de circo.

Eu a interrompo de novo pois não quero as desculpas dela. Não é a mim que ela deve desculpas. Eu deveria calar a boca, mas essa seria a coisa inteligente a fazer – e hoje não estou sendo muito inteligente.

– Ela se veste como se fosse. – É óbvio que Sarah também não está sendo muito inteligente.

– Eu gosto do jeito como ela se veste. – Não sei se Drew está tentando acalmar os ânimos nos lembrando de como ele é idiota ou se está só sendo um idiota mesmo.

– Dá menos trabalho para você – retruca ela.

– Qual é o seu problema, Sarah? – pergunto.

– Qual é o seu? Os meus pais não podem ser legais com ela e eu não posso *não* ser legal. Quem tem problema aqui é você.

Sarah não se importa em levantar a voz. Mas o pior de tudo é que ela está certa. Sou eu quem tem problema, e nem sei que problema é.

Não sei como chegamos a este ponto, mas sinto que a culpa é minha. Eu podia ter ficado de boca fechada, só observando enquanto eles brincavam de *Decifre a Flor do Dia* e pronto. Mas não.

A Sra. Leighton dá um jeito de me encurralar na picape antes de eu ir embora. Eu gostaria que ela me deixasse em paz, assim como todo mundo, mas pelo visto ela me escolheu, quer eu goste disso ou não.

– Qual de vocês dois está saindo com essa garota?

– Nenhum dos dois...

Talvez Drew esteja, mas duvido. Pelo menos "saindo" não seria o termo correto, mas não quero pensar muito nisso.

– Acho que o Drew.

– Duvido muito. – Ela me olha com cumplicidade.

– Então, por que perguntou?

– Josh... – Eu gostaria que ela parasse de dizer meu nome dessa forma suave, como quem não quer nada. – Basta ver o jeito como ela se veste, como cobre o rosto com aquela maquiagem toda e o fato de não falar. Ela pode ficar em silêncio, mas está gritando por ajuda.

Sinto como se estivesse assistindo a um capítulo de uma novela mexicana.

– Então por que ninguém a ajuda?

– Talvez ninguém saiba como ajudar. Às vezes é mais fácil fingir que não há nada de errado do que encarar o fato de que está tudo errado, mas não podemos fazer nada.

Não sei bem se ela está falando de mim e acha que está sendo sutil.
– Por que está me dizendo isso? Não devia estar conversando com o Drew?
– Drew não se importa.
Sua acusação é clara, e eu respondo:
– Nem eu.

Capítulo 20

Nastya

Eu odeio a minha mão esquerda. Odeio olhar para ela. Odeio quando ela trava e treme e me lembra que eu perdi minha identidade. Mas ainda assim olho para ela, porque ela também me lembra que eu vou achar o garoto que tirou tudo o que eu tinha. Vou matar o garoto que me matou, e farei isso com a minha mão esquerda.

~

Clay Whitaker está vindo atrás de mim no caminho para a primeira aula de quinta-feira, com o cabelo tão desarrumado quanto suas roupas, igualzinho a um refugiado da Ilha dos Garotos Desajustados. Como sempre, ele está com o caderno de desenho fechado, enfiado embaixo do braço, como se ficasse preso ao corpo dele. Eu adoraria ver o que tem ali. Quantos desses cadernos ele deve ter e com que velocidade será que os preenche? Não pode ser sempre o mesmo caderno. De repente ele preenche os cadernos de desenho da mesma forma que eu faço com os de redação. Provavelmente tem uma pilha deles no armário, do chão até o teto, e aposto que se os folheássemos não encontraríamos o mesmo desenho em todas as páginas. Ao contrário dos meus cadernos. Os dele devem ser como um álbum de recordações, que ele pode olhar e se lembrar do exato lugar em que sua mente estava quando ele fez cada desenho. Os meus não são assim. Não tenho como passar as páginas, ler o que escrevi e saber o que estava acontecendo na minha vida, na minha mente, naquele momento. Só sei dizer o que aconteceu num dia específico, o dia do qual eu não deveria me lembrar.

– Ei, Nastya! – Ele está ofegante quando me alcança, sorrindo enquanto toma fôlego. Eu

paro e vou para perto da parede, para não ficarmos no meio do corredor. Estou curiosa porque Clay me cumprimenta se eu passo por ele, mas nunca me procura. – Eu queria pedir um favor, então pensei que, já que você me deve uma, vai dizer que sim.

Você jura? Não estou preocupada com o que ele vai pedir, mas tento imaginar por que devo uma a ele. Estreito os olhos e o encaro, mas seu sorriso continua lá.

– Quantas vezes você entrou no prédio de Inglês na hora do almoço porque um certo livro estava segurando a porta aberta? Aliás, ficou tão amassado que eu provavelmente vou ter que pagar pelo livro, então você meio que me deve em dobro.

Tenho que concordar com isso. *Certo. Pode falar.* Faço um gesto com a mão.

– Eu quero desenhar você.

Não é o que eu esperava, mas também não parei para pensar no que eu poderia esperar. Não é um pedido muito inusitado, considerando que é feito por Clay Whitaker, mas não sei por que eu. Espero que ele não esteja querendo que eu pose nua, porque não há chance de isso acontecer. Toco no caderno dele e gesticulo para que o abra. Morro de curiosidade para ver o que tem ali e ele não poderia ter me dado uma desculpa mais perfeita para isso. Como se fosse possível, o sorriso dele fica ainda maior, mas agora também é genuíno. Ele não está mais tentando me convencer, embora seja exatamente isso que os desenhos vão fazer.

Estávamos frente a frente, mas agora ele fica ao meu lado, com as costas apoiadas na parede, ombro a ombro comigo. Deixa a mochila no chão e abre o caderno. O primeiro desenho é de uma mulher, mais velha, de rosto enrugado e lábios finos. Tem os olhos fundos; é muito deprimente. Olho para ele e vejo que está aguardando a minha reação. Ainda não sei como reagir, então faço o gesto para ele virar a página. A imagem seguinte é o rosto de um homem. Parece uma versão mais velha de Clay e deve ser seu pai, a menos que seja alguma espécie de autorretrato futuro. Assim como o primeiro desenho, é tão real que chega a ser perturbador. Juro que, observando os olhos desses retratos, dá para saber o que estão pensando. Não é apenas inspirado, é quase assustador. O que vem a seguir é de uma mulher com olhos que eu sei que estão vermelhos mesmo no desenho em preto e branco, e minha reação é quase visceral. Dá para senti-lo. Quero tocá-la e descobrir o que há de errado com ela. Mas isso não é nada em comparação com o que sinto ao virar a página.

Estou olhando para mim mesma. Sou eu na imagem, mas não sou eu. É uma versão de mim que ele nunca viu. Meu rosto está mais jovem e meus olhos, mais claros. Não há nenhum vestígio de maquiagem e o cabelo está esticado para trás, preso num rabo de cavalo que pende sobre meu ombro direito. Esse desenho eu toco. Não consigo evitar. Minha mão age por conta própria. Eu a retiro assim que meus dedos tocam o papel. Preferiria que ele não tivesse me mostrado isso aqui. Não consigo mais olhar. Fecho o caderno e o empurro contra ele.

Agora já não tenho tanta certeza de que o segundo desenho não era mesmo um autorretrato no futuro. Sei que ele conseguiria facilmente olhar para um rosto e envelhecer não só a pele, como a própria pessoa por trás dela. É o contrário do que fez comigo. Ele me

rejuvenesceu. Retirou a idade e os dias e os anos e tudo o que aconteceu neles e me desenhou do jeito que eu era antes.

Quando eu me viro para olhar para ele, não sei o que há na minha expressão. Pode ser qualquer uma das mil emoções que não quero tentar analisar neste momento, no meio da escola, antes do primeiro tempo. O sinal já vai tocar e o corredor à nossa volta está ficando cheio de gente.

Clay me encara. Está esperando e não está mais sorrindo. Deve ter ficado me observando todo o tempo em que eu olhei o caderno, sondando minhas reações enquanto me mostrava sua alma. Por mais orgulho que ele tenha, sei que me mostrar seu trabalho deve ser como arrancar as roupas e rodopiar nu na minha frente, aguardando um veredito. Eu sentia o mesmo quando tocava alguma composição minha.

– E aí?

Retiro um caderno da mochila. Os dois primeiros sinais de aviso acabam de tocar, ensurdecedores, e eu tenho que correr para a aula. Escrevo *Lugar e hora?* e lhe entrego o caderno no instante em que a Michelle do Anuário passa correndo e o puxa pelo braço.

– Anda logo! Vamos chegar atrasados!

Acho que ela nem notou que ele estava falando comigo.

– Me encontre no almoço! – grita ele por sobre o ombro, enquanto eu caminho na direção oposta, assombrada pelo meu próprio rosto.

~

– Para a direita. Só um pouquinho. Mais para trás. Esqueça. A luz aqui é uma droga. Vamos descer. A cozinha é o único lugar desta casa com luz natural decente.

Clay pega o bloco de desenho, os lápis de carvão e outros trecos de arte e eu vou atrás dele, de volta para o andar de baixo do sobrado onde já passei vários dias. Ele está obcecado. Não posso culpá-lo. Conheço essa sensação. Sei como é a necessidade incontrolável de criar algo. Eu o vejo desenhando e o odeio só um pouquinho. Não chego a me sentir mal por isso. Tenho minha justificativa. Sinto saudade. Queria tanto voltar a experimentar essa sensação que seria capaz de destruir a minha mão novamente só para ter outra coisa para sentir. Às vezes, essa vontade quase me mata de novo.

É meio devastador estar rodeada de gente que faz aquilo que você não pode mais fazer. Gente que cria. Gente cuja alma não habita mais o corpo, derramando-se sobre suas obras. Josh. Clay. Minha mãe. Quero roubar isso deles para me permitir viver.

– Vão descer de novo?

Maddie Whitaker esteve aqui todos os dias em que eu vim. Ela trabalha em casa, fazendo processamento de dados, então Clay disse que está sempre por aqui. Ele vê o pai nos fins de semana, do outro lado da cidade, e foi por isso que me pediu para posar para ele durante a

semana.

– Droga de luz – diz ele, e é uma resposta satisfatória para ela.

Sorrio ao passar por ela, então me lembro de que não estou usando maquiagem e instintivamente olho para o chão. No instante em que entrei aqui no primeiro dia, Clay me mandou para o banheiro para tirar "essa coisa" do rosto. Ele não pediu, apenas mandou. Pelo visto, eu também devo isso a ele. Eu poderia discutir, mas já vi muito bem o que as mãos de Clay são capazes de fazer e não quero atrapalhar.

Passo a hora seguinte sentada, quieta, observando Clay com o carvão na mão e as sobrancelhas apertadas, do jeito que ele fica quando está concentrado. Ainda não me deixou ver nada do que fez. Nem sei quantos desenhos já produziu. Eu pensei que tivesse concordado em fazer um retrato, talvez dois, mas acho que já deve ter feito uns oitenta.

Ele finalmente tem pena de mim e me deixa ir ao banheiro.

Quantos mais?, escrevo num bloco de recados que encontro na bancada da cozinha, enrolando antes de ter que me sentar de novo.

– Não sei. Vou saber quando chegar ao último, mas não sei quanto falta até eu terminar.

Enigmático, não?, rabisco de volta. Se vou passar tanto tempo com ele, tenho ao menos que poder me comunicar um pouquinho. Além disso, Clay não vai contar a ninguém.

– Não é de propósito. Algumas pessoas eu consigo capturar com um desenho. Para a maioria, são dois ou três. Para você, são mais.

Agora ele me fisgou. Estou dentro. *Por que precisa de tantos desenhos para capturar um rosto?*

– Não estou tentando capturar um rosto. Estou tentando capturar todos os rostos. – Ele para e me olha para ver se estou entendendo. – A maioria das pessoas tem mais de um. Você tem mais do que a maioria.

Ele desmonta os rostos e depois os reconstrói num todo completo, como eu faria com uma peça musical. Eu era capaz de tocar qualquer uma delas cem vezes e transmitir uma emoção diferente a cada vez, tentando encontrar sua verdade. Ele faz isso com rostos, só que não tenta encontrar a verdade neles; ele extrai a verdade de cada um. Ele procura a minha verdade. Fico pensando se vai conseguir encontrá-la e, se conseguir, que talvez possa me mostrar onde ela está.

Capítulo 21

Josh

Minha tupia está dando problemas pela segunda noite consecutiva. Ontem eu pensei que havia conseguido fazê-la funcionar direito de novo, mas agora está me enchendo o saco outra vez. Queria terminar esta cadeira até o fim da semana porque tenho três outros projetos que eu devia ter começado antes deste. Mas queria fazer a cadeira e não consegui tirar isso da cabeça. Então vou passar os próximos dias aqui na garagem, até conseguir tirar o atraso. Eu não ligo. Há lugares piores onde poderia estar.

O silêncio aqui fora é estranho. Não deveria ser. Estou acostumado com ele, mas bastaram dois dias sem ela para passar a notá-lo. Anos trabalhando aqui sozinho arruinados por menos de dois meses da companhia dela. E agora já tem dias que ela não vem. Talvez seja bom, pois é óbvio que preciso cair na real. Tento trabalhar com a porta da garagem fechada, só para eu saber que consigo. Não vou mais me acostumar com ninguém. Ela pode vir, ficar aqui, me passar ferramentas, me fazer perguntas. Pode me usar para gastar sua vontade de falar. Dou conta da companhia dela, contanto que não passe a criar expectativas demais. Não sei quando ela vai voltar, mas me pergunto quanto tempo consigo manter a porta fechada antes de começar a ficar sufocado.

Nastya

Venho correndo mais quilômetros esta semana do que nas anteriores. Grande parte do meu tempo dedicado à corrida tem sido gasto numa certa garagem e estou tentando diminuir isso. Mas sinto saudade dele. Não é como passar alguns dias sem ver um amigo. Em termos de amizade, ele é tudo que eu tenho agora. Tem também Drew, e em algum momento parece que conquistei Clay, mas Josh é minha válvula de escape. Meu esconderijo.

Faz dias que não vou à casa dele. Passei a semana passada inteira sentada numa cadeira na casa de Clay, me sentindo impaciente e ridícula, morrendo de vontade de me levantar e me mexer. Odeio ficar parada. Após passar meses na cama, esperando seu corpo se curar, e depois numa cadeira tentando fazer a mão funcionar, você logo enche o saco e quer sair correndo. Então, todo dia, quando saio da casa de Clay, eu tenho que correr. É a única coisa que mantém intactas as bordas já desgastadas da minha sanidade. E, como Margot baixou a guarda há umas semanas e me deixou comprar um saco de pancada portátil, agora tenho algo em que bater e também passo boa parte do tempo fazendo isso.

Na sexta à noite, não consigo mais evitar. Nem sei se ele vai estar em casa, mas meus pés me levam até lá mesmo assim. Será que ele também sentiu saudade de mim? Corro mais devagar antes de chegar à porta da garagem. Ele está lá dentro, ajustando uma das serras, de costas. Procuro algum lugar na bancada onde eu possa subir para sentar, mas não encontro. Cada centímetro da mesa de trabalho está ocupado. Pilhas de restos de madeira, ferramentas diversas e caixas cobrindo tudo. Nunca fica tão entulhado aqui. Do jeito que Josh é meticuloso, isso significa que essa bagunça é proposital. Será que é um recado? Talvez ele tenha percebido como é bom quando eu não estou aqui, ocupando seu espaço. Fez as pazes com a solidão e descobriu que sentia falta dela.

Mas ainda não estou disposta a ir embora. Se vou ser rejeitada, quero o pacote completo, incluindo a humilhação. Espero que ele vá sair de trás daquela serra idiota e me dizer alguma coisa, mas não parece estar com muita pressa. Vejo com o canto do olho, em frente à porta lateral onde termina a bancada de trabalho, a cadeira na qual ele estava trabalhando na semana passada. Reconheço as pernas, o desenho meticulosamente entalhado nelas. Deve tê-la terminado esta semana, e não sei se fez por encomenda ou para ele mesmo. É primorosa. Cada vez que vejo algum trabalho dele, o odeio um pouquinho por isso. Minha inveja é um organismo vivo. Mudando, se transformando, crescendo. Assim como a minha raiva e a tristeza da minha mãe.

Corro as mãos pelo arco do encosto e me ajoelho para examinar as pernas. Os braços são largos e curvos, combinando com as linhas do encosto. Não sei se ele já começou a construir outra igual, pois ela parece fazer parte de um conjunto. Meus dedos ainda estão percorrendo o outro lado quando, antes de pensar duas vezes, eu acabo me sentando, e é então que a perfeição dela me surpreende. Essa cadeira não deveria ser confortável, mas talvez eu nunca mais queira me levantar. Descanso os braços nos apoios laterais, me reclino para trás e levanto o olhar, me deparando com Josh, que me observa. O modo como ele me encara me dá nos

nervos, por mais que eu tenha me habituado a ele, e quase preferiria que não fosse tão bonito, porque assim seria mais fácil desviar o olhar.

A expressão em seu rosto é quase de ansiedade, mas também há um toque de malícia. É o mesmo olhar de Clay ao me mostrar o desenho que tinha feito de mim. Está esperando para ver a minha reação, esperando aprovação. Olho para a cadeira e de volta para ele, mas não está mais olhando para mim. Ele está ajustando a serra de novo, como se tudo tivesse voltado a ser do jeito que deve. E é só aí que cai a ficha. Ele fez tudo isso de propósito. Não deixou nenhum lugar livre para eu me sentar na bancada, para eu ser obrigada a notá-la. Porque a cadeira foi feita para mim.

A constatação é suficiente para me fazer pular da cadeira. Ele ergue o olhar, assustado com o movimento súbito, e por um momento ficamos só olhando um para o outro. Devo parecer um animal ensandecido, prestes a sair em disparada, como na primeira noite em que entrei aqui. Posso dizer a ele o que estou pensando, mas não preciso. Ele já sabe.

– É só uma cadeira – diz ele como se tentasse me acalmar.

– Não posso aceitar – respondo, tentando soar como se ele é que não fosse razoável por querer dar a cadeira para mim.

– Por que não?

– Você deveria vendê-la.

– Eu não preciso.

– Eu não vou aceitar. Dê para outra pessoa.

– Você precisa de um lugar para se sentar. Estou cansado de você ficar tirando tudo do lugar e me atrapalhando enquanto eu trabalho. Agora você tem onde se sentar. Então, sente-se.

Ele inclina a cabeça para indicar que devo me sentar e eu obedeço. A cadeira parece ainda mais perfeita do que antes. Ele se inclina sobre mim, apoia as mãos sobre as minhas e olha bem nos meus olhos, o que me faz gelar um pouquinho.

– É uma cadeira. Pare de ficar analisando demais. Não vou vender nem dar para outra pessoa. Eu fiz para você. É sua. – Ele se afasta e fica parado, reto. Só após ele retirar as mãos de cima das minhas é que percebo que é a primeira vez que ele me tocou de verdade, e desejo que ele as coloque de volta. – Além do mais, já coloquei seu nome nela.

– Onde?

– Olhe embaixo. Eu ia pôr no encosto, onde daria para ver, mas não deu certo.

Deslizo da cadeira e me abaixo, torcendo o pescoço para ver de que ele está falando. Então vejo e é inconfundível. Ali, na parte de baixo do assento, há uma flor e um sol gravados.

Naquele momento, eu sei o que ele me deu, e não é uma cadeira. É um convite, uma mensagem de boas-vindas, a confirmação de que sou aceita aqui. Ele não me deu algo para me sentar. Ele me deu um lugar.

Capítulo 22

Nastya

Fico surpresa de ver quanto as pessoas têm medo do que pode acontecer no escuro, mas não pensam duas vezes sobre sua segurança durante o dia, como se o sol oferecesse alguma espécie de proteção definitiva contra todo o mal do mundo. Não oferece. Tudo o que ele faz é nos iludir e atrair com seu calor, para então nos derrubar de cara no chão. A luz do dia não nos protege de nada. Coisas ruins acontecem a qualquer momento. Não esperam até depois do jantar.

~

Eu nunca tinha ido à casa de Josh de dia. Ela fica diferente à tarde. Eu não estaria aqui agora se a bateria do meu carro não estivesse completamente arriada quando saí da escola hoje. Não moro muito longe da escola e poderia ir para casa andando, mas, à tarde, eu não vou a pé a lugar nenhum. Até consigo dar conta da manhã, mas há um intervalo de tempo durante a tarde em que odeio estar fora de casa. Nem a noite me incomoda tanto. A escuridão não me faz sentir tanto medo quanto o dia. O sol da tarde tem um jeito especial de me perseguir, queimando lembranças nas minhas costas. Josh sempre se oferece para me levar em casa à noite quando estou na garagem dele. Ele acha que correr sozinha de noite deve me deixar nervosa, o que é verdade. Não sou idiota a ponto de pensar que posso estar segura na rua, em qualquer lugar, a qualquer hora. Só que fico mais nervosa de dia.

Então agora estou aqui, no sofá de Josh Bennett, às 15h15, assistindo à novela. Josh passou o último intervalo comercial pacientemente me atualizando sobre as reviravoltas da trama – o

máximo que pôde em três minutos e meio, enquanto eu comia a maior quantidade possível de jujubas. Quando o intervalo terminou, ele parou abruptamente e me informou que me contaria o resto no intervalo seguinte. Acho que não prestei muita atenção na televisão; fiquei a maior parte do tempo olhando para Josh e tentando desvendar quem ele é. Desenvolvi uma teoria de que talvez Josh seja na verdade um par de gêmeos idênticos e haja dois dele, pois estou convencida de que ele não é a mesma pessoa de um dia para outro. É como naquele filme com Christian Bale em que os irmãos gêmeos dividem a mesma vida e a pessoa nunca sabe com qual dos dois está. É assim que me sinto quando estou com ele.

Amasso o embrulho vazio e vou até a cozinha.

– Onde fica o lixo?

Apesar de passar tanto tempo nesta casa, nunca entrei de verdade. Nós praticamente vivemos na garagem.

– Debaixo da pia – diz ele, sem desviar o olhar da TV. – Você só come doce?

Faço uma lista mental do que comi hoje: duas barras de proteína, dois pacotes de M&M's de amendoim (mas eram dos pequenos, então na verdade contam como um só), mais a jujuba que acabei de comer.

– Às vezes – respondo.

Na realidade, eu nem comeria as barras de proteína se não precisasse delas depois de malhar. Quando eu morava com meus pais, nós nos sentávamos à mesa e fazíamos refeições de verdade, do tipo que comemos na casa de Drew aos domingos. Margot não cozinha e temos que jantar muito cedo para ela conseguir chegar a tempo no trabalho, então geralmente não estou a fim. Talvez, quando tiver 80 anos, eu goste de jantar às quatro da tarde, mas agora não rola.

Volto a me sentar no sofá ao lado dele e assistimos ao resto do programa. Às quatro eu sei mais do que gostaria sobre as famílias dessa novela. Eu não deveria zombar dele. Durante os vários meses em que fiquei no hospital, tive a minha dose de novelas ruins. E programas de entrevistas ruins. Virei especialista em tudo o que passava na televisão durante o dia. Só não assistia a essa novela especificamente. Depois de hoje, já sei o suficiente para fingir que assistia.

Assim que a novela termina, entramos na picape de Josh para ele me levar para comprar uma nova bateria para o meu carro. Temos que parar de novo no estacionamento da escola, porque eu sei a marca e o modelo do meu carro, mas meus conhecimentos terminam por aí. Pelo visto, isso não é o bastante para saber de que tipo de bateria eu preciso.

Josh olha para o meu carro, anota alguma coisa e então pega a minha chave e abre o capô. Ainda estou segurando a minha mochila com todos os livros, então saio da picape para jogá-la dentro do meu carro, assim não tenho que ficar carregando todo esse peso. No momento em que faço isso, desejo que eu não fosse tão preguiçosa, pois é quando vejo Tierney Lowell vindo na nossa direção pelo estacionamento. Ela não é a única. Vários alunos estão saindo da escola, e percebo que acabou de dar quatro horas, e a maioria dos treinos e reuniões de grupos

termina neste horário. Mas é ela que eu noto porque, por algum motivo, ela parece me odiar. Bom, a maior parte das garotas não gosta de mim e sou um alvo fácil por causa das roupas que uso. Já entendi isso. Mas ela me fuzila com o olhar como se tivesse me flagrado dando chocolate para o cachorro dela. Normalmente eu não ligo, pois ela é fácil de ignorar e consigo evitá-la sem grande esforço. Entretanto, neste momento estou saindo do carro de Josh Bennett e ele está ao lado do meu carro, e daqui a um minuto vamos embora juntos. Esse é um ato de exibicionismo que ainda não estava nos meus planos.

Entramos na picape na mesma hora, com a necessidade compartilhada e não declarada de sair dali o mais depressa possível. Após nos afastarmos, eu olho pela janela, vasculhando os carros à nossa volta. Os vidros do carro de Josh são escuros, mas prefiro não correr riscos. Quando me certifico de que ninguém está olhando, faço a pergunta que eu vinha segurando desde que saímos da casa dele.

– Você vê novela mesmo?

Não que eu precise de confirmação. Tenho certeza que sim. Ele não olha para mim, mas vejo seus lábios darem aquele meio sorriso de quando ele fica com vergonha de alguma coisa, que na verdade é só um sorriso real que ele tenta abafar.

– Vejo – diz ele. Certo, respondeu a pergunta, mas o que eu queria mesmo saber era por que ou como ou qualquer coisa que me explique isso, porque *vamos combinar, não é?* Mas se algo me surpreende mais do que essa nova informação de que Josh é um fã de novela enrustido é o fato de que ele continua falando e me dá uma explicação que eu nem sequer pedi. – A minha mãe assistia a uma novela que já estava no ar há muitos anos. Religiosamente. Nunca perdia um capítulo. Meu pai e eu tirávamos sarro dela o tempo todo por isso. Quando ela morreu, eu ficava pensando que talvez ela fosse voltar e, quando voltasse, eu queria poder contar tudo o que tinha acontecido, para ela não perder nada. Então eu assistia. Todo dia. Depois de um tempo, percebi que ela não ia mesmo voltar, mas àquela altura eu já estava viciado. Então nunca mais parei.

Ele dá de ombros como se tivesse aceitado o fato, só que não sei ao certo se é o fato de que a mãe dele não vai voltar ou de que ele é viciado em novela. Talvez ele também não tenha certeza.

– Quantos anos você tinha?

– Oito anos. Acho que eu já tinha idade suficiente para entender. Mas eu não queria... Sei lá... Meu pai tentou me explicar, mas não tem como explicar que uma pessoa que você viu todos os dias da sua vida não *existe* mais. Alguém apertou o Delete e ela sumiu. Tive muita dificuldade em entender que era possível chegar em casa uma noite e constatar que a pessoa que tinha dado risadas com você e o abraçado naquela manhã tinha deixado de existir. Eu não acreditava que isso fosse possível. Não queria acreditar... então, enfim, eu assistia à novela.

Não desviei o olhar nem por um instante enquanto Josh me contava essa história. Foi a primeira coisa real que ele me contou. Senti vergonha, pois eu nunca lhe contei nada

verdadeiro. Nem mesmo o meu nome.

Ele se vira e olha para mim por um segundo, com uma expressão no rosto que é quase um pedido de desculpas. Resignação, talvez? Em seguida, volta a atenção para a estrada e, um minuto depois, estacionamos em frente à loja.

Agora eu sei um dos segredos de Josh Bennett. Ele me contou. E eu gostaria de poder retribuir.

Capítulo 23

Josh

Sempre que alguém bate à porta, uma parte de mim ainda meio que espera que seja alguém trazendo comida. Nos dias e semanas após a morte da minha mãe e da minha irmã, fiz um curso intensivo sobre luto. Aprendi como funciona: uma parcela era sobre como eu deveria reagir, mas a maior parte era sobre como os outros deveriam reagir. Acho que não existe nenhum manual, mas é como se existisse, porque todo mundo parece agir da mesma forma. E muitas vezes isso envolve comida. Em algum momento, minha avó me explicou o lado psicológico disso, mas eu não prestei atenção, já que não dava a mínima. As pessoas precisam saber que não é porque nós temos que comer que elas podem aparecer na sua casa sem parar, com tigelas de ensopado e bolos nas mãos, usando-os como desculpa para bisbilhotar a sua tristeza.

Fui doutrinado em todos esses rituais de condolências sem sentido aos 8 anos e acabei percebendo que eles nunca mudam. Eu sempre podia contar com uma quantidade absurda de comida e compaixão, que não tinha nenhuma utilidade para mim.

Às vezes, as pessoas tentam contar alguma história engraçada, que geralmente não tem graça nenhuma e só é triste mesmo. Aí um fica olhando para o outro, todo mundo constrangido, até que elas se levantam e vão embora e você agradece a visita, mesmo que só tenham feito você se sentir pior.

Tem também aqueles que só querem uma desculpa para entrar e ver se sua cara está inchada de tanto chorar, se você está acabado, para poderem contar aos vizinhos. *Você viu o pobre do Mark Bennett e o menino? Que tragédia... É tão triste...* Ou algo ridículo desse tipo. Mas eles trouxeram comida, então estão no seu direito.

Dez minutos depois, a campainha toca de novo e começa tudo outra vez. É assim durante dias. Pedidos de desculpas em excesso e um monte de comida. Principalmente lasanha.

Talvez algumas pessoas encontrem consolo em palavras ditas por obrigação e comida requentada; meu pai e eu não éramos desse tipo. Agradecíamos a todos mesmo assim. Aceitávamos as travessas e as condolências. Depois jogávamos tudo no lixo e pedíamos pizza. Eu me pergunto se existe alguém no mundo que se console com um ensopado.

Mas então penso em Leigh e sei que, às vezes, alguém aparece na sua porta e oferece algo melhor do que palavras e comida. Às vezes, alguém traz algo de que você realmente precisa, e não é a droga de um bolo.

A primeira vez que vi Leigh, ela estava de pé na minha varanda, segurando a tradicional travessa coberta de papel-alumínio. Minha avó tinha morrido dois dias antes e àquela altura eu tinha uma meia dúzia dessas na geladeira e mais algumas na bancada. Eu tinha 15 anos e acho que visivelmente bufei de repulsa ao ver a travessa. Mas não ao ver a imagem dela. Ela estava com um vestidinho de verão verde e muito curto – e era muito gostosa. São os únicos detalhes de que me lembro. Reconheci-a da escola, mas ela cursava dois anos acima do meu e nunca tínhamos nos falado. Eu nem sabia o nome dela até aquele dia.

Peguei a travessa, que na verdade tinha sido mandada pela mãe dela, que conhecia a minha avó. Eu a convidei para entrar porque tinha aprendido que é isso que se deve fazer. Meu avô não estava em casa, então tive que fazer o papel de anfitrião do luto. Tivemos aquela conversa obrigatória, passando por todos os principais temas e obviedades. Após alguns minutos de pé na cozinha, favoritos candidatos ao título de mais desconfortáveis de todos, ela perguntou se tinha alguém em casa e se eu queria ir para o meu quarto. Acho que foi o jeito de ela dizer que sentia muito e o meu jeito de agradecer pelo ensopado.

Essa foi a primeira vez que Leigh veio aqui. Mas não foi a última. Nós nunca namoramos. Nunca passamos tempo juntos. Ela aparecia e ia sorrateiramente até o meu quarto à noite, ou acabávamos em algum lugar no carro dela, mas o nosso envolvimento ia só até aí, e tem sido assim há uns três anos. Mesmo agora que ela está na faculdade, conseguimos manter certa regularidade. Às vezes conversamos, mas nunca sobre algo real.

Talvez tenha sido errado. Talvez seja errado. Errado ou não, eu não me sinto mal. Eu já estava lá pela quarta morte quando ela apareceu. Faltava só mais uma. Precisava de algo que fosse normal e Leigh me deu isso, sem eu ter que dar qualquer emoção ou sentimento ou comprometimento em troca. Eu não tinha que amá-la. Gosto dela, mas nem sei ao certo se isso teria feito diferença. Nem acho que ela se importe com isso. Continuamos aplicando a política de oportunidades iguais de uso, sem perguntas. Ela é carinhosa e relaxada e linda de morrer. Mas, se ela fosse embora amanhã, eu não sentiria sua falta. As pessoas desaparecem o tempo todo. Talvez eu nem notasse.

~

Não é um bolo que Nastya traz nas mãos quando entra na minha garagem pouco depois das oito da noite. Se bem que, se fosse, certamente teria sido feito em casa, coberto de canela e inacreditavelmente delicioso. Ela carrega duas sacolas de mercado. Passa por mim sem dizer uma palavra e estende uma das mãos, meio sem jeito, para abrir a porta e entrar em casa sem soltar as sacolas.

– Flor do Dia? – Ela não responde, então eu vou atrás dela e a encontro abrindo o congelador e enfiando nele não menos do que quatro potes de dois litros de sorvete. – O que você está fazendo?

– O que parece? – retruca ela.

– Você está grávida?

Ela se vira de frente para mim.

– *Como é que é?*

Pelo visto não. Levanto as mãos, em sinal de "me rendo". É óbvio que ela está de mau humor.

– Desculpa, é que... – Eu me aproximo do congelador aberto. Ela ainda segura um dos potes. – Isso é sorvete à beça.

– É, porque eu teria que estar grávida para querer sorvete. Agora você vai dizer que eu devo estar menstruada porque essa é a única razão pela qual as mulheres ficam putas, mas você é um cara, então é claro que não vai dizer "menstruada", e sim algo bem babaca, tipo "naqueles dias".

Ela bate a porta do congelador. Agora pode ser um bom momento para jurar profusamente que eu não tinha a menor intenção de mencionar a menstruação dela, muito menos de dizer "naqueles dias", mas sinto que é mais seguro ficar de boca fechada e deixar a bola com ela.

Com qualquer outra garota, é provável que funcionasse a estratégia infalível de me aproximar, abraçá-la e colocar a cabeça dela no meu ombro. É um truque barato, mas dá resultado. Drew jura que dá. Mas tenho receio de que, nesta situação em particular, isso pudesse resultar numa série de palavrões inovadores ou no joelho dela no meu saco. Eu apostaria no joelho.

– Eu gosto de tomar sorvete, e nunca tem na sua geladeira. Acontecem coisas ruins quando passo muito tempo sem sorvete – diz ela, parecendo ligeiramente mais calma.

– Tem certeza que aí tem o suficiente?

– Vá à merda.

– Acho que você deveria abrir um desses agora – sugiro.

É o que fazemos. Só que não abrimos só um, mas todos os quatro, e comemos direto dos potes na mesa de centro horrorosa que fica na frente do meu sofá. Eu deixo ali porque é um lixo e eu não ligo para o que aconteça com ela. Não tenho que me preocupar com porta-copos ou os sapatos de Drew apoiados nela. Acho que vou deixá-la aí até ele ir para a faculdade ou até alguma garota finalmente matá-lo.

Nastya não come do meio do pote, como uma pessoa normal. Quer dizer, uma pessoa normal que toma sorvete direto do pote. Ela espera até começar a derreter e raspa a parte derretida da borda. Segundo ela, o sorvete meio derretido é mais gostoso do que o completamente congelado. Não sei se ela tem razão, porque me manda comer a parte mais dura do meio e me ameaça se eu tentar comer da beirada. Acabamos com boa parte de cada pote e ela com certeza fica mais Flor do Dia e menos joelhada depois disso. Tomo nota mentalmente de que, da próxima vez que ela estiver irritada, precisando de estabilizadores de humor, o sorvete funciona.

Depois de todo aquele sorvete, ficamos os dois agitados pelo excesso de açúcar e acabamos voltando para a garagem, porque tenho uma lista de projetos para terminar. Imagino que ela vá correr, já que é o modus operandi dela quando está cheia de carboidrato, mas ela resolve ficar.

– Arruma alguma coisa para eu fazer? – pede, com um toque sutil de cautela na voz.

– O que você quer fazer? – pergunto, avaliando a situação.

– Nada com ferramentas elétricas ou algo assim. Alguma coisa que eu possa fazer com a minha mão direita.

– Quer lixar? – ofereço. – É um saco, mas...

– Eu lixo. Só me mostre como fazer.

Pego uma folha de lixa e mostro como prendê-la ao bloco de lixar.

– Isso aqui nós temos que lixar na direção do veio da madeira.

Pego as mãos dela para mostrar a pressão certa, e são tão macias que eu odeio a ideia de colocar uma lixa perto delas.

– Como eu sei que já está bom? – pergunta ela, começando a trabalhar.

– A regra do meu pai era que, quando você acha que acabou, provavelmente está na metade do caminho.

Ela inclina a cabeça de lado e me olha como se eu não prestasse.

– Tá. Então como eu sei que já está bom?

Eu sorrio.

– É só me mostrar quando você achar que já está bom. Você vai começar a entender depois de fazer algumas vezes.

Ela continua me olhando um segundo além do necessário antes de voltar à madeira. Sei que as perguntas estão ali. Pude vê-las em seus olhos assim que mencionei meu pai. Como? Quando? O que aconteceu? Mas ela não pergunta. Só continua lixando, e eu não a interrompo. Detesto lixar.

Já passa de meia-noite quando decidimos parar. Nem sei como as mãos dela aguentaram tanto tempo. Ela lixou absolutamente tudo que dei a ela. Não cheguei a perguntar por que ela estava tão brava quando chegou.

Capítulo 24

Nastya

Quando chego à casa dele às 19h40, Josh está na porta da garagem, encostado na lateral da picape. Assim que me vê, destrava as portas e contorna o carro para abrir a do carona para mim.

– Até que enfim, Flor do Dia – diz ele. – Eu estava prestes a desistir de você.

– Eu não sabia que você tinha planejado uma excursão – respondo, depois de entrar no carro e fechar a porta.

– Preciso chegar na loja de material de construção antes que feche.

– Não precisava me esperar. – E não precisava mesmo. Eu não ficaria triste por perder as compras semanais de material de construção.

– Não, mas eu sabia que você ia aparecer mais cedo ou mais tarde e ia encontrar a garagem fechada e se sentir abandonada. E aí eu ia ficar culpado e eu detesto me sentir culpado. Então era mais fácil esperar.

Ele levanta um dos cantos da boca, num meio sorriso.

– Sua vida é tão difícil... – digo, secamente.

– Você é a única pessoa que sequer pensaria em me dizer uma coisa dessas. – O tom de voz dele demonstra uma estranha satisfação.

– O campo de força ainda não me afastou.

– Como assim?

Dirijo a ele um olhar penetrante, porque tenho certeza de que ele é capaz de entender sozinho. Ele continua olhando para mim, então finalmente dou de ombros e solto um suspiro para deixar claro que fico exasperada por ter que explicar isto a ele.

– Na escola, ninguém chega perto de você. Da primeira vez que vi você no banco do pátio, tive a impressão de que tinha uma espécie de campo de força à sua volta. Eu meio que quis arrumar um para mim também. Você sabe ficar escondido mesmo quando está no meio de todo mundo. É incrível.

– Campo de força – repete ele, parecendo se divertir um pouco com a ideia. – Talvez até seja. Antes, chamavam de "zona morta" – acrescenta, mas sem entrar em detalhes. – Talvez você tenha superpoderes.

Imagino que esteja se referindo à minha capacidade de romper o campo de força, mas não digo mais nada.

Não tenho nenhum superpoder. Disso eu estou certa, porque já passei muito tempo lamentando a falta deles. Tenho uma capacidade incomum de ficar amargurada e muita raiva mal direcionada, mas acho que isso não conta. Eu me sinto um pouco enganada. Nos últimos anos, passei um tempão lendo livros e assistindo a filmes, e, em todos eles, quando você morre e o trazem de volta à vida, receber algumas habilidades sobrenaturais faz parte do pacote. *Lamentamos por você não ganhar o grande prêmio da paz eterna, mas você não vai para casa de mãos vazias!* Talvez você retorne com defeito e todo errado, mas pelo menos ganhou um prêmio de consolação cósmico, como a capacidade de ler a mente das pessoas ou falar com os mortos ou detectar mentiras. Qualquer coisa legal assim. Já eu não consigo nem manipular os elementos da natureza.

Claro, se eu levasse os livros ao pé da letra, também teria que acreditar que todos os garotos adolescentes chamam as garotas de *gata*, porque pelo visto essa é a senha para o amor. Ele foi um babaca um minuto antes, mas aí solta um *gata* e está tudo resolvido. Você fica de perna bamba e disposta a abrir mão de qualquer espécie de amor-próprio. *Aaaah, ele me chamou de* gata*! Minha calcinha está molhada e eu estou apaixonaaaaada.* Os garotos de verdade chamam mesmo as garotas de *gata*? Não tenho experiência suficiente para saber. Só sei que, se um garoto me chamasse de *gata*, eu provavelmente daria risada na cara dele. Ou apertaria o pescoço dele.

Josh estaciona em frente à loja e me espera saltar da caminhonete para me acompanhar até as portas automáticas. Uma vez lá dentro, sigo Josh por vários corredores. Ele está quase tão à vontade quanto na garagem de casa. É como se fosse controlado por fios invisíveis que o conduzem até as coisas que ele está procurando. Está no piloto automático, nem precisa pensar. Deve ter passado metade da vida aqui.

– Vou comprar a madeira na próxima vez – diz ele. – Não estou a fim de cuidar disso hoje. Além do mais, acho que de qualquer maneira vamos ter que ir à madeireira para conseguir o que eu preciso.

A parte do *vamos* gruda na minha cabeça.

– O que você está fazendo? – pergunto, dando uma olhada no corredor para me assegurar de que está vazio antes de falar.

– Tenho um serviço para um dos professores da escola. Depois preciso fazer duas cadeiras Adirondack.

– Você vende tudo o que constrói?

– Algumas coisas eu dou. Outras eu vendo. É assim que pago pela madeira e pelas ferramentas.

– Foi por isso que você não se inscreveu em nenhuma faculdade?

– Oi? – diz ele, colocando mais duas latas de verniz no carrinho.

– Eu ouvi a Sra. Leighton falando com você. Você ainda não se inscreveu. Não quer ir para a faculdade?

– Eu nunca curti muito esse lance de estudar.

– Os seus pais queriam que você fizesse faculdade?

– Não sei. Nunca chegamos a falar disso.

– E o que você vai fazer?

– Provavelmente a mesma coisa que estou fazendo agora. Só que mais.

Entendo. Antes eu pensava exatamente da mesma forma, mas a diferença é que ele pode mesmo fazer isso.

– Dá para pagar as contas? – pergunto.

Estamos diante de um mostruário cheio de pequenas gavetas que contêm todo tipo de parafuso que se possa imaginar, e ele pega as coisas sem sequer olhar.

– Eu posso pagar qualquer coisa que eu quiser.

Não sei ao certo o que ele quer dizer com isso, mas fala com certa amargura e, se isso é algo que o faz se sentir assim, não quero entrar nesse assunto.

Logo chegamos ao caixa de autoatendimento e eu começo a tirar as coisas do carrinho e entregá-las a ele, uma de cada vez, para passá-las pelo leitor de código de barras. Fico surpresa em perceber como essa cena é totalmente doméstica. Ele poderia ter vindo sem mim, porque não ajudei em nada mesmo. Eu poderia ter usado esse tempo para correr, e provavelmente é o que deveria estar fazendo. Se eu tivesse aparecido na casa dele e ele não estivesse lá, neste momento eu estaria correndo até exaurir toda a minha energia. Mas ele tem razão quanto a uma coisa e me pergunto se tem ideia de que está muito certo e se foi por isso que me esperou. Se eu chegasse à casa dele e encontrasse a garagem fechada, teria me sentido abandonada e talvez nunca mais voltasse.

Quando voltamos à casa dele, pouco depois das nove da noite, eu o ajudo a carregar as sacolas para dentro da garagem e o observo enquanto guarda tudo. Ele é pura graça e harmonia neste lugar; nenhum movimento desperdiçado. Tudo o que faz tem um propósito. Eu não me sinto desconfortável por observá-lo. Ele também me observa. Temos um acordo não declarado: eu o deixo me olhar; ele me deixa olhá-lo. Nunca chamamos atenção para isso. É um presente que damos um ao outro. Nada de condições, nada de expectativas, nada de ler nas entrelinhas.

Somos como um mistério. De repente, se eu conseguir desvendá-lo e ele me desvendar, a gente possa se explicar para o outro. Talvez seja disso que eu esteja precisando. De alguém que me explique.

Quando tudo está em seu devido lugar, Josh fecha o portão da garagem e entra em casa, esperando que eu vá atrás dele antes de bater a porta.

– Você já comeu? – pergunta ele.

– Já, antes de vir. E você?

– Também. Eu podia esquentar algo para você se estivesse com fome. Quer dizer que você cozinhou hoje? – Ele me lança um olhar cético.

– Tsc – dou uma risadinha de desdém. – Não.

– O que você jantou?

– Cookies de manteiga de amendoim.

– Não preciso perguntar se você está falando sério, não é? Não sei como você consegue fazer tanto exercício, comendo desse jeito.

– Manteiga de amendoim tem proteína – retruco, cheia de falsa indignação. – Além do mais, eu estava testando a receita. Precisei comer um monte para ver se tinha acertado.

– E acertou? – pergunta ele, tirando uma garrafa de água da geladeira e bebendo a metade antes de passá-la para mim.

– Não sei. Vou trazer alguns e você me diz.

– Eu como os cookies se antes me deixar fazer comida de verdade para você.

– Você vai cozinhar para mim?

Quase engasgo com a água antes de devolver a garrafa a ele.

– Eu sempre cozinho. Que diferença faz se você estiver aqui?

– Não quero incomodar.

– Não incomoda – diz ele sorrindo, enquanto eu dou a volta na bancada e pego o tocador de MP3 que está ao lado do telefone.

– O que você anda ouvindo? – pergunto, ligando o aparelho.

– Nada. Pensei em emprestar a você. Ele vive guardado. Achei que talvez você quisesse usá-lo para correr.

Ah. Eu o desligo sem olhar e o coloco de volta na bancada.

– Entendi. Não precisa, mas obrigada mesmo assim.

– Como é que pode? Você é a única pessoa que eu já vi correr sem ouvir música. Não fica chato?

É uma pergunta válida, mas não, não fica chato. Nunca fica tão silencioso a ponto de ficar chato, e definitivamente não tenho a menor intenção de enfiar uma merda dessas no ouvido. É tipo um convite para alguém me atacar. Dou de ombros, empurro o MP3 para um pouco mais longe na bancada e me afasto.

– Na verdade, não. Eu soube que você e a minha tia tiveram uma conversinha – digo em

tom sarcástico, enquanto vou até o sofá.

Chuto os sapatos longe e dobro os pés sob o meu corpo.

– Eu fiquei me perguntando se ela ia contar a você.

– Por que você não disse nada? – pergunto.

Ele dá de ombros. Nós dois fazemos muito isso. Talvez seja por essa razão que eu finalmente tenha começado a falar com ele. Meus ombros ficaram cansados.

– O que ela disse? – pergunta ele, desabando ao meu lado no sofá.

– Ela disse que não era idiota e eu não devia tratá-la como se fosse.

– Então você não devia mais vir aqui?

– Não. Está tudo bem. Ela só quer que eu avise onde estou de agora em diante. Basta mandar uma mensagem.

É verdade. Margot me deu um sermão. Fez com que eu entendesse plenamente a gravidade da minha falta de consideração e tentou me fazer compreender que, se alguma coisa acontecesse comigo, seria ela quem teria que enfrentar a ira da minha mãe, uma mulher de 1,60 metro capaz de apavorar um viking. Além disso, também me mostrou que ela é uma santa, pois também não tentou me encurralar com regras e ultimatos – o que foi bom, já que eu os teria ignorado. Não porque eu queira me rebelar contra ela ou impedir que me digam o que fazer, mas porque eu não iria deixar de ir à garagem de Josh.

– Olha, Em – dissera ela. – Eu não sou ingênua. Também já fui jovem. Tenho 32 anos e ainda tenho uma lista de coisas que nunca vou contar para a minha mãe. Se a minha mãe fosse a Charlotte, essa lista seria maior ainda, então, acredite, eu entendo. Mas você também precisa entender que hoje está sob a minha responsabilidade e, mais importante que tudo isso, que eu amo você. – Acho que eu me encolhi ao ouvir isso, mas ela me ignorou e prosseguiu. – Logo você vai fazer 18 anos e sei muito bem que é inútil tentar proibi-la de fazer o que quer que seja, mas preciso que me respeite o suficiente para me dizer onde está, com quem está e o que está fazendo. Se fizer isso, está tudo certo. Se não, eu não vou pensar duas vezes antes de obrigar você a se entender com a sua mãe.

Ela fez questão de enfatizar que sabia que eu sou uma garota inteligente e que as garotas inteligentes com frequência fazem as coisas mais idiotas, e então me abraçou e me disse que eu podia contar tudo para ela, que nunca iria me julgar. Acho que foi a versão de Margot da conversa sobre sexo.

Eu a abracei de volta, pois era o meu único jeito de agradecer a ela por me deixar continuar com ele sem ter que brigar por isso. Ela não iria dificultar as coisas, e eu precisava desesperadamente de algo na vida que não fosse difícil.

Capítulo 25

Josh

– Como foi que você aprendeu a cozinhar?

Hoje à noite as pernas balançam da bancada da minha cozinha, não da de trabalho. Agora ela sempre janta aqui. Às vezes ajuda. Às vezes olha. Sempre fala.

Estendo o braço e abro o armário em cima da geladeira, onde minha mãe costumava guardar os livros de culinária. Ela observa a prateleira lotada. Realmente só uso alguns, os da frente, mas o armário é bem profundo e há três fileiras de livros até o fundo.

– Você aprendeu a cozinhar lendo livros de receitas?

Ela ergue as sobrancelhas.

– Não é assim que a maioria das pessoas faz? – pergunta ele.

– Não a maioria dos garotos de 17 anos.

– Acho que a maioria dos garotos de 17 anos não aprende a cozinhar, ponto.

Essa ficou sem resposta. Eu não disse isso para fazê-la se sentir mal, mas acho que foi o que aconteceu, pois aquele silêncio toma conta, aquele que todos pensam que precisam preencher mas não conseguem porque estão ocupados demais tentando pensar no que dizer. Então, enquanto ficam parados, pensando, o silêncio se alonga até não existirem mais palavras que não tornem tudo mais desconfortável ainda. Todas as coisas razoáveis que poderiam ter sido ditas se dissolveram no silêncio enquanto as pessoas estavam ocupadas demais pensando no que dizer.

– Se ficar ruim, podemos pedir uma pizza? – pergunta ela.

O silêncio não tem chance contra ela. Não a intimida nem um pouco. Quando você passa mais de um ano sem falar com ninguém, acho que aprende a lidar com os vazios.

– Não vai ficar ruim – respondo.

– Estamos cheios de confiança, hein? – caçoa ela.

– Por acaso eu já deixei você com fome?

– Por incrível que pareça, não. Mas isso aí está com uma cara esquisita.

Ela dá uma olhada na tábua de corte.

– Os legumes?

– É.

– Quantos anos você tem? Oito? – pergunto.

– Quantos anos *você* tem? Quarenta? – retruca ela.

– Não vai ficar ruim – repito. – Confie em mim. Faz tempo que eu cozinho.

– Quanto?

– Uns três anos, mais ou menos. – Foi na época em que a minha avó ficou doente demais para continuar cozinhando. Mais ou menos no mesmo período de tempo em que aprendi a lavar roupa e esvaziar o aspirador de pó.

– Desde os 14 anos? Por quê?

– Cansei de jantar cereal seco direto da caixa toda noite, então um dia peguei os livros e comecei a ler.

– Eu não sei cozinhar nada.

– Você faz bolos e cookies.

E como! Ela trouxe aqueles cookies de manteiga de amendoim na semana passada, cobertos com açúcar em um padrão quadriculado. Assim que olhei para eles, lembrei que a minha mãe também fazia cookies assim, mas eu tinha esquecido completamente. E isso me fez pensar em quantas outras coisas sobre ela eu devo ter esquecido.

– Não é a mesma coisa.

– Você poderia aprender se quisesse. Eu até empresto um livro se quiser – digo num tom meio sarcástico. Ela não parece muito entusiasmada. – Não é tão difícil.

– Talvez não para você. Nem todos somos excelentes em tudo como o Josh Bennett – diz ela como se eu fosse um completo idiota.

– Sabe quantas refeições o excelente Josh Bennett estragou no começo?

Agora eu é que falo como se fosse um completo idiota.

– Me esclareça.

– Digamos que eu não tenha parado de comer cereal nos primeiros meses. E, mesmo assim, o meu avô e eu comemos muita comida seca e meio queimada.

– Você podia comer na casa do Drew toda noite.

– É, se eu quisesse aturar o Drew toda noite.

Não sou masoquista, mas ela tem razão: eu sempre fui convidado.

– Ele é o seu melhor amigo. Não que eu tenha a menor ideia de como isso aconteceu.

– Jogávamos juntos no time infantil de beisebol. Quando todo mundo começou a morrer e

todos os outros começaram a me ignorar, ele não me ignorou. Continuava voltando e voltando, por mais que eu tentasse me livrar dele. Até que percebi que ele não iria largar do meu pé.

– Isso é a cara do Drew.

É a sua cara também, Flor do Dia.

– Time infantil de beisebol? – pergunta ela, com um sorrisinho.

– Não durou muito – respondo. – Quando notei que estava mais interessado em descobrir como se faz um taco do que em dar tacadas, saí do time.

Ela me observa enquanto corto legumes, mas sei que não vai oferecer ajuda com nada que envolva mãos e facas afiadas.

– Eu também estraguei todos os bolos que tentei fazer no começo – ela me conta, retornando à conversa anterior.

Acho difícil de acreditar. Imagino que ela já nasceu segurando um cupcake e uma espátula.

– Quando você começou?

– Com 15 anos. – Ela olha para a mão esquerda, girando-a de um lado para outro. Como estou habituado a receber respostas dela só com o mínimo de informação, suponho que já tenha terminado de falar. No melhor dos casos, ela é intencionalmente vaga, mas agora ela me surpreende e prossegue: – Minha mão ficou destruída e tive que fazer muita fisioterapia. Recomendaram que eu amassasse massa de pão para recuperar a força. Então, em algum momento, pensei que, já que eu passava tanto tempo sovando massa, fazia sentido colocar o pão no forno.

Ela dá uma risada que parece uma tosse.

– Falar é mais fácil do que fazer, imagino.

– E como. – Ela abre um sorriso franco, que é o contrário de tudo o que estou habituado a ver nela. – Da primeira vez, não cresceu nadinha. Saiu uma coisa redonda, achatada e dura. Meu pai comeu mesmo assim e disse que não ficou tão ruim. Você tinha que ver a cara dele tentando mastigar. Não sei como conseguiu. – Ela continua sorrindo enquanto me conta tudo isso. Vejo a recordação se refletindo em seu rosto e percebo que parei totalmente de picar os legumes e estou só olhando para ela. Então me obrigo a voltar ao trabalho antes que ela note. – Eu tentei de novo e de novo e de novo. Era sempre um problema aqui ou ali. Não acertava por nada. Aquilo me tirou do sério.

– E você finalmente desistiu? – pergunto, e ela me olha como se essa ideia fosse um absurdo.

– De jeito nenhum eu ia me deixar abater por uma droga de pão. Nossa, gastei tanta farinha... A minha mãe teve que começar a comprar no atacado. Uma vez fiquei tão irritada que joguei a massa no teto. Pensei que a minha mãe fosse me banir da cozinha quando me encontrou no alto de uma escada, tentando limpar a sujeira com uma espátula de metal. Mas enfim consegui. Levei meses, mas acabei conseguindo fazer um pão decente. – Ela dá de

ombros, voltando a olhar para a palma da mão e dobrando os dedos. – E a mão ficou mais forte.

Eu a vejo examinando a mão e tento imaginar o que ela quer dizer com "destruída". Olhando de perto, dá para perceber que os dedos não são lá muito retos e às vezes a mão tem uns espasmos ou solta as coisas. Quando isso acontece, nós dois fingimos que não notamos. E tem as cicatrizes, algumas mais claras do que outras. Mas eu conheço todas elas. Passo tanto tempo observando as mãos dela que poderia fazer um mapa das cicatrizes.

– Você ainda faz pão? – pergunto.

– Deus me livre! – Ela ri com desdém, como se fosse a pergunta mais absurda que eu poderia fazer. – É um saco. Demora demais e é um inferno conseguir fazer com que dê certo com a umidade daqui. Eu só tinha que provar a mim mesma que era capaz. De qualquer forma, gosto mais de coisas cheias de açúcar. – Ela aponta com o queixo para a tábua à minha frente. – Acho que você já deu conta disso aí.

Olho para os pimentões que aniquilei enquanto a ouvia falar.

– Não é minha culpa se você é tão bonita que me distrai.

Preciso de um instante para confirmar com a parte furiosa ainda em funcionamento do meu cérebro que, sim, eu disse isso mesmo. Que coisa mais estúpida para se dizer. Ignorar e fingir que nada aconteceu parece ser a melhor coisa a fazer no momento, e torço para que ela faça o mesmo, mas Nastya escolhe a outra alternativa:

– Drew diz que eu sou sexy pra caralho.

Ela dá de ombros como se isso não fosse nada e livra a minha cara.

– Isso também. – Dou um sorriso e nossos olhares não se cruzam enquanto junto o que restou dos pimentões com a faca. Ponho óleo na panela e alinho os legumes na bancada. – Acende pra mim a boca da frente, põe no oito. – Aponto para o fogão e ela se estica para ligá-lo bem na hora que a porta da frente se abre. Nós dois ficamos mudos.

– Ei, o que está acont...

Drew para no meio da frase ao se deparar com Nastya. Não sei se o choque estampado em sua cara é pelo fato de ela estar aqui, sentada na bancada como se fosse dona da casa, ou por estar quase irreconhecível para ele. Está de short branco e camiseta rosa e não há nenhum sinal de maquiagem no rosto dela, que está completamente visível, pois o cabelo está preso numa trança. Ela parece mais jovem, como sempre quando está assim, e, perto do couro cabeludo, dá para ver a cicatriz irregular que ela tenta constantemente esconder. Eu já me acostumei com esta Nastya, mas sei que Drew nunca a viu assim, parecida com uma garota de verdade, e eu nunca mencionei isso para ele.

Não sei se foi uma traição não ter contado a ele. Se foi, eu deveria me sentir culpado, e uma parte de mim se sente assim. Mas também me sinto justificado. Por mais egoísta que seja. Ele que fique puto o quanto quiser. Ainda assim terá valido a pena.

Nastya desce da bancada e penso que vai sair e me deixar sozinho para lidar com as

explicações, mas não. Ela atravessa a cozinha, abre o armário de cima, onde estão os pratos, e retira outro prato de jantar. Depois pega mais um garfo e uma faca da gaveta e os coloca na mesa. Drew vai até a mesa, puxa uma cadeira e se senta. Ainda não desgrudou os olhos dela. É como se estivesse tentando desvendar a verdade por trás dela. É a ilusão de ótica de novo. Os meus olhos já se ajustaram, mas ele ainda está tentando encontrar o foco.

– Então, não vai me apresentar a sua namorada? – pergunta ele, agora olhando diretamente para mim. Há mais curiosidade do que malícia na pergunta. Ele talvez também esteja só um pouco impressionado.

– Não é minha namorada.

Com uma das mãos, dou a Nastya os descansos para ela colocá-los na mesa e, com a outra, continuo mexendo a panela. Não olho para o rosto dela de propósito.

– Bom, sendo assim... – ele estende o braço e puxa Nastya enquanto ela põe os descansos na mesa, fazendo-a se sentar no seu colo. – O que tem para o jantar?

Capítulo 26

Josh

– Como você sabe que Deus não existe? – Tierney Lowell provoca Drew aos vinte minutos do debate acalorado a que estamos assistindo desde que o sinal do quinto tempo tocou.

Começou com uma discussão sobre um conto que tivemos que ler na semana anterior que, de alguma forma, descambou para um embate direto sobre a existência de Deus.

– Como você sabe que ele *existe*? – retruca Drew.

Ele nem está se esforçando. É preguiça ou apenas pura apatia. Eu já o vi praticando para a aula de Debate e isto aqui não é nada para ele. Está apenas curtindo provocar Tierney para se divertir.

– Eu nunca disse que eu *sabia*. Fé não é conhecimento. É por isso que se chama fé, seu idiota.

– Srta. Lowell?

– Besta, burro, estúpido, otário, Drew – dispara Tierney.

É uma regra da Sra. McAllister. Quem usa uma palavra inaceitável tem que dizer outras cinco para substituí-la. Ela deixa passar "Drew".

– Quando foi que você ficou tão religiosa? – Drew não perde o ritmo.

Todos estão prestando atenção, movendo a cabeça de um lado para outro, como o público de uma partida de tênis. Gente imoral debatendo a existência de Deus é um dos campeões de audiência. Principalmente quando há uma tensão sexual no ar. O único outro som que se ouve na sala é o ruído periódico do grampeador que a Flor do Dia está usando no canto. Está grampeando apostilas desde que a aula começou. Ela está de costas para a turma, mas quase consigo vê-la prestando atenção.

– Odeio religião. Eu acredito em Deus.

– Acreditar em Deus é para os fracos.

Drew parece quase entediado, mas é óbvio que está curtindo.

– Então é estranho que você não acredite.

Ela se reclina para trás na cadeira, mas Drew não morde a isca.

– As pessoas acreditam em Deus porque não acreditam em si mesmas. Precisam depender de algo ou culpar alguém, em vez de assumir a responsabilidade pela própria merda... Bosta, excremento, sujeira, erros, falhas.

– Isso é bem elaborado, vindo de alguém que não assume nenhuma responsabilidade por nada.

– Eu nunca neguei as minhas ações.

– O que o transforma num modelo moral.

– Moral?

Drew engasga com a palavra, que provavelmente está queimando sua língua, e continua.

– Olha só a maconheira falando do esfarrapado.

Kevin Leonard e os outros maconheiros da sala reagem como se fosse a coisa mais incrível que já ouviram.

– Não venha me dar sermão, T. Eu assumo a responsabilidade por tudo o que eu faço.

– Nem tudo.

– Se vai fazer acusações, precisa de algum embasamento. Dê algo para fundamentá-los. Senão, seus argumentos não significam nada.

– Não estamos na aula de Debate, Drew.

Ela não parece vencida. Parece traída.

– É como se estivéssemos. As regras são as mesmas. Se quer dizer alguma coisa, precisa de algum embasamento. Senão, não saia falando por aí, porque isso só deixa seu argumento mais fraco. Como as pessoas que acreditam em Deus.

A Sra. McAllister muda de assunto e dá a discussão por encerrada. É surpreendente que ela a tenha deixado se estender tanto. A conversa pode ter chegado ao fim, mas a troca de olhares zangados entre Drew e Tierney prossegue até o fim da aula, e me pergunto se vão começar a arrancar as roupas um do outro aqui mesmo.

Nastya

– Vá se sentar. Deixe comigo.

Josh me afasta da pia após tirarmos os pratos do jantar. Agora eu janto aqui quase todo dia.

É a minha única refeição adequada do dia. Ele faz comida de verdade para mim e eu forneço as sobremesas.

– Você cozinhou. Eu posso lavar os pratos – protesto.

– Não pode, não.

Ele tira a esponja da minha mão e fecha a torneira enquanto eu vou retirar o resto das coisas da mesa e colocá-las na pia. Caímos num padrão curiosamente doméstico e é meio patético quando você para pensar no porquê disso.

– Eu não posso lavar a louça? – pergunto, incrédula.

– Não. – Ele balança a cabeça.

– Por que não?

– Porque você lava muito mal.

– Eu lavo mal?

Quem é que lava mal a louça? Isso não é ciência de foguetes. É só limpar a comida de uma panela.

– É. Como é que você não percebe? Eu tenho que lavar tudo de novo toda noite, depois que você vai embora.

– Mentira. – *Será?*

Ele me olha e sei que é verdade.

– Você tem TOC.

– Pois é, eu gosto de comer em pratos limpos. Tenho problemas – diz ele, com a maior cara de pau.

Penso que cheguei mesmo no fundo do poço. Não consigo nem lavar louça direito. Ele cozinha, lava a louça, constrói móveis. Móveis! Eu me sinto imprestável por aqui. A secadora apita e eu arranjo algo para fazer.

– Está bem. Vou dobrar as roupas então.

E me viro na direção da lavanderia.

– Não vai, não. Fique sentada aí.

– Também não posso dobrar as roupas?

– Você *não* vai dobrar minhas cuecas.

– Está de sacanagem.

– Não. É esquisito. – Ele estende o braço com a mão molhada na minha frente e abre uma gaveta cheia de panos de prato. – Aqui. Enxugue.

Ele joga o pano em cima de mim, respingando água.

– Posso ir pegar uma cueca *boxer* sua para enxugar os pratos.

Sempre consigo me superar na infantilidade.

– Como você sabe que eu uso cueca *boxer*?

– Era só uma esperança. – A alternativa não tem a menor graça.

Ele dá de ombros e me passa um prato.

– Você que sabe. É você que tem que comer neles.

– Ninguém gosta de você – respondo, porque resmungar baixinho como uma adolescente emburrada é o máximo.

Acabo usando o pano de prato, e Josh tem razão. Ele lava a louça melhor do que eu, sim. Principalmente porque sou preguiçosa com tudo que tenha a ver com limpeza, mas ele não precisa saber disso.

– Qual foi o lance do Drew com a Tierney na aula de inglês hoje? – pergunto.

– O quê? O negócio sobre Deus? O Drew e a Tierney sempre discutem. Ele defenderia os méritos do celibato se a Tierney fosse contra.

– Talvez. Parecia pessoal.

– O Drew gosta de irritar a Tierney. Ele só estava pegando no pé dela hoje. Se quisesse, acabava com ela.

– Me surpreende que não tenha feito isso. Ele ganha de qualquer um na aula de Debate. – É impressionante. Se ele quiser, é capaz de investir verbalmente contra alguém a ponto de a pessoa mal ficar de pé no final. Ele venceu todas as rodadas do campeonato do qual participamos algumas semanas atrás, e nem precisou usar seu arsenal completo de charme.

– Ele não precisava. Ela não tem chance contra ele. Nem valia a pena o esforço.

É verdade. Drew é assim. Ele se diverte até ficar achando chato. É como um gato que fica atacando uma lagartixa até ela estar tão estropiada que perde a graça.

– Por que a professora deixou rolar? Nem era o tema da discussão que ela propôs.

– É assim que ela vai conhecendo cada um. Ela é capaz de entender como você é só de escutar você falar. Descobre como cada um pensa, seus pontos fortes e fracos.

É como uma missão de reconhecimento. Impressionante. Mas não é tão eficiente assim quando só duas pessoas estão discutindo.

– Ninguém mais se meteu – digo.

– Ninguém mais é burro o suficiente para querer debater a existência de Deus. É uma discussão impossível de ganhar.

Ele termina de guardar a louça no armário.

– De qual dos lados?

– Dos dois.

– Você acredita em Deus?

– Acredito – responde ele cheio de convicção. Minha expressão deve me trair, porque ele pergunta: – O que foi?

– Só estou surpresa. Achei que você não acreditasse.

– Só porque eu sou amaldiçoado e todo mundo perto de mim morre? – pergunta ele, sem nenhuma emoção.

Eu não quero confirmar, mas era isso que estava pensando.

– Eu acredito em Deus, sim, Flor do Dia. Sempre acreditei que Deus existe – diz ele.

E o que vem a seguir não é pena de si mesmo nem angústia nem melodrama. É a verdade:

– Só sei que ele me odeia.

Talvez isso que ele disse devesse me chocar, mas não me faz nem piscar. Talvez eu tivesse que interferir imediatamente e dizer que ele não devia pensar desse jeito. Que é claro que Deus não o odeia. Que é ridículo acreditar em algo assim. Só que não é. Não tem nada de ridículo. Quando você vê cada pessoa que ama ser sistematicamente retirada da sua vida até que, aos 17 anos de idade, não sobrou mais ninguém, como pensar outra coisa? Faz tanto sentido que a única coisa que me surpreende é que eu mesma não tenha pensado nisso antes.

Capítulo 27

Josh

– Você está ridícula.

Flor do Dia já está na minha garagem às oito da noite, vestida para ir a uma festa com Drew. Ela detesta as festas, mas ele sempre a convence a ir.

Nossa rotina virou, bem, uma rotina. Fazemos o dever de casa, preparamos o jantar e depois ficamos na garagem. Às vezes ela sai para correr um pouco e depois acaba voltando para cá, e fica lixando peças ou me vendo trabalhar e fazendo um milhão de perguntas sobre cada coisa que eu faço. Ela lixa toda e qualquer coisa, mas não chega nem perto das ferramentas elétricas porque não confia na própria mão.

– O que foi? Você acha que não combina? Eu não vou colocar meus sapatos de volta.

Ela olha para as botas velhas e desgastadas que pegou emprestado. Ficaram enormes em seus pés, e ela puxou e amarrou os cadarços do jeito mais apertado possível para elas ficarem ajustadas. Ela chegou usando um vestido preto que me atormenta e sapatos abertos na frente. Hoje estou usando muitas ferramentas, então ela só poderia ficar se trocasse os sapatos. Parte de mim torcia para Nastya decidir ir embora, assim eu não teria que ficar olhando para ela naquele vestido, lutando para o meu pau ficar sob controle, mas ela não colocou fim ao meu sofrimento. Semanas atrás, quando finalmente aceitei o fato de que ela não iria embora, prometi a mim mesmo que não vou chegar nem perto dela. Não sou tão autodestrutivo assim. Mas, quando ela aparece usando um vestido preto apertado e minhas botas de trabalho, eu me pergunto por quanto tempo vou conseguir manter minha promessa.

– Tem certeza de que não quer vir? – pergunta ela.

Ela sempre me chama quando vai sair com Drew, mas eu não vou me sujeitar a isso, nem

para ficar perto dela.

Drew para o carro na entrada e me poupa de ter que responder.

– Gostei das botas. Talvez eu deixe você ficar com elas.

Ela mostra o dedo médio para ele, mas isso não quer dizer nada.

– Você devia vir – diz ele para mim. – Posso arranjar alguém pra você.

– Arranje alguém pra você. Eu estou bem assim.

– É, nós sabemos. – Ele olha para Nastya. – Eu também estou bem assim. Tenho minha própria Flor do Dia para me deixar quentinho.

Algo dentro de mim se contorce ao ouvir isso. Ele sai com ela, ele coloca as mãos nela, ele diz umas merdas que ninguém deveria poder dizer para ela. Mas não pode chamá-la de Flor do Dia. Estou martelando um prego numa tábua para esconder a minha raiva e não explodir. Daqui a um minuto eles já terão ido embora. Por mim, já podiam ter ido.

– Se me chamar de Flor do Dia de novo, eu mato você, seu filho da puta.

Não sei qual cabeça se vira mais depressa, a minha ou a do Drew, mas sou eu que estou mudo na garagem agora. Ao registrar essas palavras, não sei se fico em choque ou satisfeito e tenho que conter o sorriso, pois é óbvio que ela também não gosta que ele a chame de Flor do Dia.

Não sei ao certo quando ela tomou a decisão de falar com ele, mas sei que não foi neste momento. Posso não entender quase nada sobre ela, mas já saquei que tudo que ela faz é uma escolha consciente. Ela pondera as repercussões de cada ato. Essa garota não entende a palavra *espontaneidade*. Ela planeja cada respiração.

– Você falou? Você falou! Ela falou!

Ele me olha para ver minha reação, mas não faço nada. Estou surpreso, mas não chocado. Continuo tentando reprimir o sorriso.

Por incrível que pareça, os olhos dele ficam ainda mais arregalados.

– Seu safado! Você sabia! – Ele alterna entre Nastya e eu, sem conseguir decidir para quem olhar. Nenhum de nós dois está olhando para ele.

Ele está recuperando a compostura e tenho a presença de espírito de fechar a porta da garagem. Minha casa fica bem no fim da rua, então não dá para olhar para dentro dela, mas Drew está falando absurdamente alto e não precisamos de plateia.

– Ora, ora, ora...

Agora ele está muito satisfeito consigo mesmo, mas não há razão para isso. Drew sempre dá um jeito de transformar tudo num triunfo pessoal. É evidente que seus encantos são tão irresistíveis que ele é capaz até de fazer uma garota não exatamente muda falar. Ou talvez apenas esteja achando que entendeu alguma coisa.

– Há quanto tempo? – pergunta ele, e não entendo bem o que ele quer saber até ele fazer um gesto indicando Nastya e eu. – Vocês dois. Há quanto tempo?

– Nós dois nada. Nós conversamos. Só isso.

Eu olho para ela, que está apoiada na bancada de trabalho. Ela fica olhando para mim. Não sei bem se quer me dizer alguma coisa ou se quer algo de mim. Sinto uma mistura de alívio e ressentimento. Estou feliz de poder parar de esconder isto de Drew, mas não consigo deixar de sentir que perdi algo irrecuperável e que foi ela que me fez abrir mão disso sem me consultar.

– Só isso? Ela não fala com ninguém desde que chegou. Nem uma palavra. Exceto com você, pelo jeito. E é só isso?

– Não tive a intenção de decepcionar você.

Acho que sou eu quem está decepcionado. Agora sei que ela é um pouquinho menos minha do que até alguns minutos atrás.

– Ela nem tem sotaque. – Ele dirige a atenção de volta para Nastya.

– Está decepcionado? – A voz dela parece mel temperado com arsênico e é completamente diferente da que ela usa comigo.

– Extremamente. Pensei que seria excitante. Nunca ouvi alguém gritar o meu nome com sotaque antes. Estava ansioso por isso.

– Você é nojento.

Agora o tom é mais de diversão do que de reprovação.

– Já faz tempo que você queria me dizer isso, não é? Foi bom?

– Não tanto quanto eu pensei que seria. – Ela arrebita o nariz enquanto pensa, com uma expressão irresistível. Mas dá o assunto por encerrado, pois caminha até o fundo da garagem e aperta o botão para abrir a porta.

– Ei! – Drew chama antes de ela apertar o botão, como se acabasse de se lembrar de algo importantíssimo. – Você me chamou de filho da puta?

Os olhos dela se iluminam e um canto da boca produz o tênue vestígio de um sorriso.

– Pode crer.

A malícia nos olhos dele combina com a dela. O sorriso dele é uma mistura de orgulho e incredulidade, e eu entendo por que ela decidiu falar com ele.

– Bem-vinda à festa, Flor do Dia.

Capítulo 28

Nastya

A festa na casa de Jen Meadows é um saco e quando chegamos lá já sabemos que provavelmente não vamos ficar muito. É um alívio, porque, mesmo sendo dentro de casa, o barulho nessas festas sempre me dá nos nervos. É difícil demais filtrar os sons e saber de onde vem cada um. Já cheguei ao ponto de conseguir relaxar um pouco dentro de casa com pessoas em volta, mas, se eu puder escolher, prefiro o silêncio.

Drew fica do meu lado de forma mais obstinada do que o normal. No geral, ele passa o braço sobre meus ombros quando entramos, numa demonstração bem clichê de propriedade, e, depois que isso fica claro, eu sou liberada. Ele nunca deixa eu me afastar demais e nunca me arrisco a ir muito longe, mas hoje ele não quer me largar.

Fica me olhando de rabo de olho e sorrindo como se estivéssemos conspirando. Eu devia, mas não me arrependo do que fiz – mesmo que ele tenha passado todo o trajeto até aqui tentando me obrigar a lhe contar por que não falo, até que por fim expliquei, em detalhes vívidos, o destino que se abateria sobre ele se perguntasse isso mais uma vez. Não perguntou mais. Acho que teve alguma coisa a ver com o amor que ele sente por suas partes íntimas.

A mão de Drew contorna minha cintura e ele me apoia contra a parede bem a tempo de eu ver, por cima de seu ombro, Tierney Lowell entrando pela porta. Chris Jenkins está com um copo na mão e sussurra algo em seu ouvido antes de ela atravessar a sala de estar.

Drew desliza a mão pelo meu braço e entrelaça os dedos nos meus, me puxando em direção à escada, bem à vista do resto da sala. Tenho duas escolhas: posso impedi-lo na frente de todo mundo, o que consistiria em ficar parada e me recusar a me mexer quando ele tentar me levar escada acima, ou ir com ele. A opção A é a que vai chamar mais atenção. Drew e eu

desaparecendo escada acima e entrando num dos quartos durante a festa não vai surpreender ninguém. Todos acham que já estamos transando há semanas. Isso não me incomoda. Drew teve várias oportunidades de tentar se aproveitar de mim, mas nunca fez nada. Fora passar o braço pelos meus ombros e ocasionalmente segurar a minha mão, ele nem me toca. Nunca rolou nem uma mão-boba. Ele sempre está comigo por alguma razão, mas, qualquer que seja o motivo, estou quase certa de que não se trata de sexo.

– Por que você quer que todo mundo pense que estamos juntos? – sussurro quando ele me puxa para dentro de um quarto vazio e fecha a porta atrás de mim.

Ele gira a chave. A única iluminação entra por baixo da porta e pela janela, vindo de um poste da rua. É um quarto de hóspedes, com uma cama que obviamente já foi ocupada esta noite. A música ainda está tão alta que não preciso me preocupar que alguém nos ouça, mas mesmo assim falo baixo e Drew também.

– Porque a gente devia estar.

Ele se apoia contra a porta, se senta no chão e fecha os olhos. Está me dando uma cantada, mas não está falando nem um pouco a sério.

– Com você não tem esse negócio de "estar junto". Só ficadas.

– Posso abrir uma exceção.

Ele me olha da cabeça aos pés, mas não está interessado de verdade e eu nem sei por que se dá ao trabalho.

– Pode, mas, se abrisse uma exceção, não seria para mim.

– O que faria se eu beijasse você agora?

– Provavelmente eu deixaria, só para ver por que tanto alarde. Depois eu arrancaria os seus lábios e daria para você comer, o que não seria muito fácil porque, tipo, você não teria lábios.

Ele concorda com a cabeça, sem olhar para mim, e diz:

– Você dá medo.

– Então você não vai me beijar?

– Não, mas não é por causa do lance de arrancar os lábios, apesar de isso ser bem convincente.

– Você deve ter um bom motivo para preferir arruinar a sua reputação.

– Não preciso arruinar nada. O que você acha que a gente está fazendo? Conversando? Você nem fala, então as opções ficam limitadas. Todo mundo lá embaixo sabe que eu estou comendo você agora mesmo.

Ele tira a camiseta e amarrota a roupa.

– Eu estou curtindo?

– Eu sou o melhor que você já teve – diz ele hipnoticamente, como se estivesse usando um truque mental Jedi em mim.

– Sem dúvida. Então por que não fazemos o que já estamos fazendo mesmo?

– Eu poderia pagar pra ver, sabe? – Ele abre um olho só para me olhar.

– Mas não vai. – Eu até ficaria um pouquinho decepcionada se não estivesse tão aliviada. – Você podia ao menos me dizer o motivo. Eu já abri o jogo.

Ele não cede nem um milímetro, embora claramente exista algo ali.

– Então que sentido têm os últimos meses se você nunca teve a intenção de chegar a lugar nenhum?

– Se as pessoas pensarem que estou ficando com você, não vão ficar esperando que eu tente comer todo mundo.

– Mas não é isso que você faz?

Eu nunca engoli totalmente essa imagem dele – ao menos não a ponto de supor que ele se resumisse a isso. Mas era ele quem contribuía para todo mundo pensar isso. Fui levada a acreditar que, se você procurasse *depravação moral* no dicionário, a definição seria Drew Leighton. Esta cena de agora está destruindo essa imagem em mil pedacinhos.

– Eu gostava muito mais de você quando não falava.

– É, eu sei. Não dá para voltar atrás. Você não dá valor ao que tem até perder. A nostalgia é uma merda. Responda a pergunta.

Ele revira os olhos e bufa, para eu sentir todo o peso de sua irritação.

– É o que esperam que eu faça. Se eu parar, todo mundo vai querer saber por quê. Aí VÃO começar a especular. Um subterfúgio desses é muito mais prático.

– Por que eu?

– Imaginei que você nunca fosse contar a verdade para ninguém. – Ele dá de ombros e, se Drew Leighton soubesse fazer cara de encabulado, eu diria que está tentando, mas essa não é sua especialidade. – Desculpa. No começo não era assim. Se a faz se sentir melhor, eu realmente planejei usar com você as mesmas táticas de sempre. Se tivesse caído nessa, nós teríamos ficado na primeira oportunidade e não estaríamos aqui agora. Mas você sempre pareceu levar tudo na brincadeira, e foi um alívio. Fiquei aliviado por não ter que insistir nisso e, quanto mais eu corria atrás, menos você me levava a sério. Então a verdadeira pergunta é: por que *você* aturou isso tudo?

– Pela mesma razão que você. Se as pessoas achassem que eu sou sua namorada, não ficariam dando em cima de mim. Tirando o babaca do Ethan, quase todo mundo me deixa em paz. Assim todos saem ganhando.

Eu não dou a mínima para o que as pessoas falam de mim. Não ligo para mentiras e boatos. É a verdade que eu não quero que ninguém espalhe.

– E onde o Josh entra nisso? – pergunta ele, finalmente me olhando nos olhos.

– Não estamos falando do Josh.

– Não?

– O Josh está transando com outra pessoa.

Some-se a isso o fato de que ele não quer gostar de mais ninguém pelo resto da vida; ele é meio que um sonho impossível.

– E daí? Josh Bennett tem uma amizade colorida. – Ele dá de ombros como se tivesse acabado de me dizer algo óbvio e sem importância. É o mesmo tom de voz de quando ele deu em cima de mim pela primeira vez, e é um saco. – Como é que você acha que ele conseguiu manter as mãos longe de você esse tempo todo? Não quer dizer nada. – O olhar que eu lanço para ele diz o contrário. – Não banque a moralista. Ele é um cara legal, não um santo.

– O que ela significa para ele? – Tento não soar como se estivesse com ciúme ou jogando verde, mas na verdade estou fazendo as duas coisas.

– Ela – diz ele olhando para o meu peito, porque, afinal, ainda é o Drew, antes de erguer a vista e encontrar meus olhos – não chega aos pés da Flor do Dia.

Acho muito difícil acreditar nisso, porque Josh nunca chega nem perto de mim.

– Ele não me dá nem uma olhadinha, quanto mais tentar me tocar.

– Você tem razão. Ele não dá uma olhadinha; ele olha diretamente para você e nem tenta disfarçar. A única coisa pela qual já vi Josh babando assim tinha quatro pernas e era de mogno, e não acho que ele tivesse planos de convidar a mesa para sair.

– Não deixe ele fazer isso, Drew. Não comigo. Ele vai ouvir o seu conselho.

– Não vai, não. – Ele faz uma pausa para olhar para mim. – Acho que essa tábua ele já cortou, Nastya.

– Cortou o quê? Que tábua?

– Tipo... já é tarde demais, o leite já derramou, agora já era. Eu só tentei fazer uma metáfora de carpintaria, mas meus conhecimentos são limitados demais. Não funcionou, né?

– É, acho que não.

– Não se preocupe. Josh gosta de manter a vida livre de complicações desnecessárias. Acho que você está a salvo por enquanto.

Ele ergue a mão e se descabela de propósito.

– Temos que ficar aqui por mais quanto tempo?

A conversa sobre Josh já deu. É melhor deixar algumas coisas em paz, e essa é uma delas. Olho para os lençóis bagunçados na cama e acho melhor não. Escorrego pela parede até o chão, me sento ao lado de Drew e cruzo as pernas. Ele me puxa e apoia a minha cabeça em seu ombro.

– Pelo menos mais uns vinte minutos. Eu tenho uma reputação para manter.

Capítulo 29

Josh

– Merda!

A lâmina da serra corta a minha mão e, em questão de segundos, o sangue está encharcando a minha calça no lugar onde pressiono o corte com a palma da outra mão. Não lido muito bem com sangue. Aliás, não sei lidar nem um pouco com sangue, então esta situação é terrível para mim.

Eu me abaixo até o chão e apoio as costas no armário. Preciso estancar o sangramento, mas me sentar é mais importante porque acho que vou desmaiar.

– Caramba, Josh!

Nastya faz menção de segurar a minha mão e quero dizer a ela que pare, porque é muito sangue, mas acabo soltando outro palavrão.

– Aqui. – Ela faz pressão sobre o corte e eu tento estender o braço direito e pegar a toalha que está sobre a bancada. Ela a afasta.

– Isso está coberto de graxa e serragem. Merda! – diz ela quando o sangue começa a deslizar por seu braço enquanto aperta o corte. – Segure isto! – Ela pega a minha mão direita e a pressiona sobre o corte na minha palma esquerda, de onde está jorrando sangue.

Cometo o erro de olhar antes de ela apertar minha mão de novo sobre o ferimento e minha cabeça começa a rodar. Sangue é a minha kryptonita. Posso dar conta de baldes de vômito, mas não de sangue. Muito menos o meu.

– É muito sangue – murmuro.

– Não é, não – diz ela, pressionando a mão sobre a minha.

– É, sim – consigo dizer, porque dessa vez estou certo.

Se estou sentado no chão feito um frouxo, então vou insistir em dizer que é uma quantidade pavorosa de sangue.

– Não – diz ela enfaticamente, e não há margem para discussão quando olha bem nos meus olhos e me obriga a prestar atenção nela. – Sério. Não é. – Ela continua olhando ao redor, procurando alguma coisa para estancar o sangramento. – Dá pra ficar de pé? – pergunta.

Porra. Vou desmaiar na frente dela se ficar de pé agora. Antes de conseguir assimilar plenamente a humilhação desse pensamento, ela distrai minha atenção. Tirando a camiseta. Num único movimento já está sem camisa e começa a enrolá-la na minha mão antes de eu sequer perguntar o que ela está fazendo. É quase tão impressionante quanto a manobra do sutiã.

– Não era eu quem devia tirar a camiseta? – pergunto, para aliviar a tensão. Ao menos para mim; ela não parece nem um pouco afetada.

– Se eu achasse que você seria capaz de tirar a camisa antes de perder mais um litro de sangue, pode acreditar que eu teria ido por esse caminho. – Ela puxa a camiseta com força ao amarrá-la em volta da minha mão e fica segurando. – Além disso, eu preciso me concentrar, e ver você sem camisa pode me deixar sem fôlego. Aí acabaríamos nós dois desmaiados. – Espertinha e sarcástica.

– Eu não desmaiei. – *Ainda.*

– Ainda – diz ela sorrindo, e então levanta a minha mão e confere seu trabalho. – Agora pelo menos você não vai sangrar no tapete. Para dentro – ordena, mas estou ocupado demais olhando seu sutiã de renda cor-de-rosa.

Não sei bem se estou mais chocado por estar de cara com os peitos dela ou pelo sutiã ser rosa, e não preto. Ao menos parei de pensar no sangue. Então, antes mesmo de eu começar a fazer menção de me levantar, meu pau dá sinal de vida. Estou me esvaindo em sangue no meio da garagem. Dez segundos atrás, meu maior medo era desmaiar na frente dela. Não é mais. Ele dá outro sinal de vida e estou indiscutivelmente de pau duro. Agora eu *tento* pensar no sangue, mas ela está bem na minha frente, se oferecendo para ajudar a levantar, e já é tarde demais. Ela olha para baixo. *Claro* que ela olha para baixo.

– Você está de sacanagem, né? – Ela volta a olhar para o meu rosto e, se eu ainda tivesse sangue sobrando, provavelmente ficaria vermelho. Para a minha sorte, já gastei tudo o que tinha entre o meu pau e a minha mão. – Fala sério. Isso é hora? *Você jura?* – Ela balança a cabeça e dá uma risada, e isso quase faz todo o constrangimento valer a pena. – Deve ser uma merda ser homem.

– É tudo culpa sua. Foi você quem tirou a camisa.

– Se você fizer o favor de entrar em casa, eu posso vestir outra.

Ela me puxa com cuidado pelo braço.

Eu me levanto o mais devagar que consigo. Como a camiseta está amarrada bem forte na

minha mão e o sangramento já está sob controle, consigo entrar em casa sem ter que sacrificar o que restou do meu cromossomo Y.

Poucos minutos depois, ela sai do meu quarto vestindo uma das minhas camisetas, e é quase pior do que vê-la sem nada. Ela põe o kit de primeiros socorros na mesa à nossa frente.

– Você só tem isso? Acho que vou precisar de mais coisa.

– No lavabo. Embaixo da pia.

Agora temos um vidro enorme de água oxigenada e mais gaze, e ela me olha meio nervosa antes de desamarrar a camiseta da minha mão.

– Não olha, tá?

– Pensei que não fosse tão grave.

– Não é. Mas acho que você desmaiaria até com um corte causado por uma folha de papel, então feche os olhos, olhe para o outro lado ou sei lá.

Escolho o *sei lá*. Estendo a mão boa, levanto a bainha da camiseta que ela está vestindo e sigo com o polegar uma das cicatrizes em seu abdômen, que não pude olhar direito antes porque estava ocupado demais com os peitos dela. O contato faz sua respiração parar de forma quase imperceptível antes de ela dar um tapa na minha mão e me fazer soltar a camiseta.

– Você não perdeu tanto sangue a ponto de eu não poder bater em você. E, se eu eu fizer isso, vai doer.

Não duvido nem por um segundo.

– O que foi isso? A cicatriz.

– Cirurgia.

– Nossa, jura, Flor do Dia? E essa na cabeça?

Fazia séculos que eu queria perguntar. A outra eu só descobri hoje à noite, junto com um sutiã rosa de renda e músculos abdominais incríveis.

– Briga de mulher.

– Nisso eu acredito.

– Que bom. Pare de falar. De boca fechada você já está quase desmaiando.

– Então fale comigo. – Reclino a cabeça para trás e fecho os olhos enquanto ela examina minha mão.

– Sobre o quê?

– Não sei. Algo que não tenha a ver com sangue. Conte uma história.

– Que tipo de história? – Ela fala comigo cantarolando, como se eu tivesse 5 anos, que é exatamente a idade que eu pareço ter agora. Ponho a culpa na perda de sangue.

– A verdade.

– Você disse para eu não falar sobre sangue.

Não sei o que ela quer dizer com isso, mas sei que significa alguma coisa. Mais uma peça do quebra-cabeça. Só que, quanto mais ela revela, mais abstrata fica. É como se fossem peças de três quebra-cabeças diferentes – se tentamos juntá-las, nunca se encaixam e, se forçarmos, a

imagem fica toda errada.

A esta altura, já desenfaixou a minha mão e eu observo seu rosto enquanto ela limpa a ferida. Não parece se incomodar nem um pouco. Depois de já estar um pouco limpa, não consigo evitar e dou uma olhada. O corte vai da base do polegar, na diagonal, por toda a palma da mão, em direção ao pulso. Dói demais. Ela passa um treco antibiótico e enfaixa com gaze, já que não tem nenhum Band-Aid grande assim aqui.

Ela vai para a cozinha e eu a escuto abrir a geladeira e vasculhar os armários. Quando retorna, me dá uma lata de refrigerante e uma barra de chocolate. Além do sorvete, ela passou a estocar outros doces aqui também. Daqui a pouco ela vai ter uma prateleira no armário de remédios e uma gaveta na minha cômoda. E, depois que isso acontecer, fico me perguntando quanto deverá demorar até ela partir.

– Estou morrendo? – pergunto.

– Acho que você vai sobreviver. Por quê? – Ela parece se divertir.

– Porque para você me dar um doce seu eu só posso estar morrendo.

– Considere uma transfusão de sangue. Você está tão pálido quanto eu. Isso dá medo.

– Pensei que você não tivesse medo de nada.

– Pelo menos não tenho medo de sangue. Ao contrário de certas pessoas... – Ela dá um sorrisinho.

– Fico devendo uma camisa para você. Não precisava ter feito isso.

– Você estava sangrando pra caralho e eu não tinha tempo para tentar tirar a sua camisa. Além do mais, sabe quanta gente já me viu sem roupa? Eu não me importo.

Não quero nem chegar perto dessa última parte. Gosto de pensar nela sem roupa, mas não gosto de pensar em mais ninguém vendo.

– Você não tinha dito que não era tanto sangue assim?

Ela aperta a gaze e volta a apoiar a minha mão na mesa.

– Em termos relativos, não era.

– Relativos a quê? Perder a perna?

– Você precisa levar pontos. – O olhar que dou a ela está dizendo que isso não vai acontecer. – Vai cicatrizar mais rápido. Além disso, tem que ver se não cortou um tendão ou algo assim.

Eu me encolho ao ouvir esse comentário e a flagro dando outro sorrisinho. Ela já deu vários sorrisinhos às minhas custas hoje.

– Quanto mais demorar para curar, mais tempo vai levar até você poder usar seus brinquedinhos de novo – diz ela, cantarolando. Eu capto o duplo sentido e provavelmente poderia dar uma resposta tosca dizendo que ainda tenho a mão direita, mas ela sabe que tem razão e eu presto atenção. – Então vamos achar um meio-termo.

Ela pega o telefone e digita uma mensagem de texto.

– Margot está de folga hoje. Se estiver em casa, ela pode dar uma olhada na sua mão.

Alguns segundos depois, o telefone apita: *Venham para cá.*

Uma hora depois, já estamos de volta na minha casa. Minha mão está com um curativo e jurei ficar pelo menos uma semana longe das ferramentas, dependendo da cicatrização da ferida.

– Agora a sua mão esquerda também está imprestável. – Ela segura e observa a mão enfaixada, girando-a para lá e para cá. – Você vai surtar, né?

– É bem provável.

Pensar em ficar uma semana sem poder trabalhar me deixa mais deprimido do que eu gostaria de admitir.

– Nem vai conseguir lavar a louça.

Ela está adorando isso tudo.

– Vamos usar pratos descartáveis – respondo secamente.

– Eu acompanho você na sua terapia – diz ela, e eu levo uns segundos para entender do que está falando. A garagem, as ferramentas, a madeira, o trabalho. Minha terapia. A única coisa que não me deixa enlouquecer. – Quer me acompanhar na minha?

A terapia dela é correr à noite. Não é dar uma corridinha – é correr mesmo. Há três dias seguidos ela me deixa no chinelo, tipo uma treinadora militar em miniatura. Estou exausto e arrasado. Vomitei todas as vezes. Gostaria de poder dizer que odeio isso.

Não consigo acompanhá-la – pelo menos não por uma distância razoável. Minhas pernas são mais compridas e eu ganho dela numa corrida curta, mas não tenho resistência. Ela aguenta o ritmo pesado por muitos quilômetros, mas o jeito que ela corre não tem nada a ver com exercício. É como se estivesse fugindo de alguma coisa.

– Vai ficar mais fácil com o tempo – diz ela a alguns metros de distância enquanto vomito nos arbustos da casa de algum azarado.

– Só se eu continuar fazendo isso – respondo, pensando que eu deveria passar a correr com um frasco de enxaguante bucal ou uns chicletes, pelo menos.

– E você não vai continuar? – Não está surpresa nem curiosa. Parece decepcionada.

Não lido muito bem com a ideia de decepcionar alguém – especialmente ela. Vou continuar correndo, se é isso que ela quer. Talvez acabe se cansando de me esperar e me mande de volta para casa, onde posso ficar escondido na garagem. O lance dela é fugir. O meu é me esconder.

Quando terminamos, vou direto para o banho e me ofereço para levá-la em casa depois. Preciso me arrancar do chuveiro, ou eu ficaria ali a noite toda. Cada pedacinho do meu corpo está doendo.

Quando volto para a sala, tem um bilhete na mesa de centro.

Tive que sair correndo – sem trocadilho. Não podia confiar em mim mesma sabendo que

você estava molhado e pelado bem aqui do lado. Não quis dar chance ao azar. A gente se vê amanhã.

P.s.: Dobrei a sua roupa lavada. Não se preocupe, não toquei nas suas calcinhas.

O bilhete está assinado com o desenhinho de um sol e uma flor com um rosto feliz – nunca vi algo que combinasse tão pouco com ela.

Vou até a área de serviço e há uma pilha de roupas perfeitamente dobradas em cima da máquina de lavar. Quando abro a secadora, não há nada além das minhas cuecas *boxer*.

Capítulo 30

Nastya

– Sorvete.

Conheço essa palavra. Gosto dessa palavra. Ergo os olhos do livro de física que tem sido meu fiel companheiro nas últimas três horas. Nunca vou passar nessa prova. Jamais deveria ter me inscrito nessa matéria. Eu já ia mal desde o início. Josh está ao meu lado e se inclina na minha direção, fechando o livro. Sinto que isso deve ter alguma coisa a ver com a enxurrada de palavrões que saiu da minha boca uns instantes atrás.

Estudar nunca foi meu forte. Não sou muito inteligente, fato que não tenho dificuldade alguma em provar para mim mesma várias vezes ao dia. Asher é o inteligente. Foi ele quem assinalou esse item na lista de qualidades da família. Ele tem o beisebol e a escola. Eu tinha o piano. Agora não tenho nada.

– Você precisa. Vamos lá comprar. Agora. – Voz de papai zangado de novo.

– Agora?

– Agora. Lembra quando você disse que acontecem coisas ruins se você passa muito tempo sem tomar sorvete? Coisas ruins estão acontecendo. Você está toda estressada e mal-humorada, tipo um adolescente sem sexo há muito tempo.

– Bela analogia. – *Eles ficam mal-humorados?*

– Desculpe, mas é verdade. E ninguém gosta de ver a Flor do Dia de mau humor. É contra as leis da natureza. – Ele afasta a minha cadeira da mesa, comigo ainda em cima.

– Você se comporta como se eu fosse uma menininha petulante de 4 anos. – *Petulante: atrevida, insolente, metida, temperamental, desrespeitosa.* Essa eu aprendi com Asher quando ele estava estudando.

– É assim mesmo que você está agindo, mas com um vocabulário mais interessante. Entre na picape. Vamos. – Ele pega a chave e fica de pé na entrada, segurando a porta aberta e me esperando.

Paramos numa galeria por volta das oito e eu vou atrás dele até uma sorveteria escondida nos fundos da praça de alimentação. Se alguém não soubesse que ela fica aqui, provavelmente nunca a encontraria. Hoje é terça-feira e o lugar está quase vazio, exceto por uma família numa mesa de canto com um menininho cujas roupas tomaram mais sorvete de chocolate do que ele. Nunca vim aqui antes. Prefiro tomar sorvete direto do pote na bancada da cozinha, onde ninguém pode me ver. O sorvete me deixa feliz. Gosto de me concentrar nessa alegria.

O lugar é o paraíso do tom pastel. É pequeno e cada centímetro exclama QUE GRACINHA! a plenos pulmões. Há seis mesas com tampo de vidro espalhadas na frente da loja. Deve ser um pesadelo mantê-las limpas num lugar repleto de sorvete derretido. As cadeiras são metálicas, combinando com a base das mesas, com almofadas em tons pastel de rosa, amarelo, azul e lavanda. Olho para as minhas roupas – preto sobre preto. Pareço Mortícia Adams invadindo um comercial cheio de crianças felizes.

Uma garota que não conheço está limpando as mesas na frente da loja, mas a que está atrás do balcão eu reconheço. É uma aluna do terceiro ano, Kara Matthews, que estava na minha turma na aula de Música. Quando entramos, ela fica olhando para a gente. Depois deve se dar conta do que está fazendo, pois desvia o olhar, mas o que ela está pensando é bem óbvio. *Nastya Kashnikov e Josh Bennett entrando juntos numa sorveteria terça-feira à noite*. Parece o início de uma piada ruim. Ou o Apocalipse.

– Você quer de quê? – pergunta Josh, sabendo que não posso responder aqui. Ergo as sobrancelhas, impaciente. Ele abre as mãos como quem se rende ao meu olhar. – Não quero ser acusado de machista, mas, se você não disser o que quer, vou ter que adivinhar. – O tom de voz é de quem está aprontando alguma, e não confio nele. Dou de ombros. Sou mestre na arte de dar de ombros, que só fica atrás da minha habilidade de fazer que sim com a cabeça.

Não há nada que eu possa fazer. Vou me sentar virada para a vitrine da frente, assim não preciso olhar para Kara Matthews nem deixar que ela fique olhando para mim. Pelo menos ainda estou com as roupas da escola. Josh vai até o balcão e escuto sua voz, mas não entendo o que ele está dizendo. Escuto Kara falando:

– Sério? – Ela ri.

Fico curiosa para saber o que ele disse, mas falou baixo demais e não deu para ouvir. Pensar que Josh Bennett está flertando com Kara Matthews está fora do campo de possibilidades da minha imaginação. Passo o dedo pelo contorno da mesa de vidro e tento adivinhar com que mistura esdrúxula ele vai aparecer só para implicar comigo. Sorbet de limão com sorvete cremoso de manteiga de amendoim ou alguma outra combinação repugnante desse tipo. A espera parece uma eternidade. Pedir um sorvete não deveria ser tão demorado. Quase me dou por vencida e me viro para trás quando escuto os passos irregulares cujo som já

conheço de cor.

– Seu jantar – diz Josh, aparecendo por trás de mim com o que só pode ser descrito como uma bacia de sorvete.

Ele a coloca na minha frente. Deve ter pedido todos os sabores da loja. Isso me lembra algo que meu pai faria. Algo tão ridículo que não me deixasse alternativa senão me animar e esquecer qualquer tragédia que tivesse se abatido sobre a minha existência infantil. Isso antes de eu saber o que é uma tragédia de verdade. Quando eu sofria porque Megan Summers tinha roupas melhores do que as minhas ou porque havia cometido algum erro durante uma apresentação. Charles Ward era mestre na arte de me alegrar quando eu era pequena. Melhor do que um cesto cheio de cachorrinhos. Talvez melhor até do que sorvete derretendo.

– Não sabia qual você queria, então trouxe todos. – Ele não está mentindo. Olho para a bacia e tenho quase certeza de que os únicos sabores que não estão aqui são os que ainda não foram inventados. Ele se senta na minha frente e apoia os cotovelos na mesa, tentando sem sucesso reprimir o sorriso largo e abobalhado de satisfação.

Não tenho caneta e aqui eu não falo, então pego meu telefone na bolsa e mando uma mensagem para o garoto que está bem na minha frente. O telefone dele apita um segundo depois, ele o tira do bolso e lê a mensagem de três palavras que enviei.

E o seu?

E então ele faz algo que choca até a mim. Josh Bennett, rei dos estoicos caladões, dá uma gargalhada. Josh Bennett dá uma gargalhada, e é um dos sons mais naturais, lindos e sem-vergonha que já ouvi. Sei que Kara Matthews está olhando e que a escola inteira vai comentar amanhã. Mas não estou nem aí. Josh Bennett dá uma gargalhada e, por um minuto, tudo no mundo está em seu devido lugar.

– Vamos viajar no feriado de Ação de Graças – diz minha mãe ao telefone, quando chego da casa de Josh.

São dez horas da noite e havia três recados dela, além de uma mensagem de texto que dizia apenas *Por favor me ligue*. Dez horas nunca é tarde para a minha mãe. Pelo menos não é mais. Ela fica examinando fotografias até altas horas. Antes do ataque, eu não me lembro de vê-la virar a noite trabalhando, como faz agora. Mas depois ela parecia só fazer isso. A minha recuperação foi o período mais produtivo de sua vida profissional. Ela dizia que queria estar por perto caso eu acordasse e precisasse de alguma coisa, mas acho que ela não conseguia dormir. Era mais fácil se arrastar até um computador cheio de fotografias do que para uma cama cheia de pesadelos. Às vezes eu ficava com ela, já que também não conseguia dormir. Eu a observava, impressionada com o que uma pessoa movida a chá e tristeza era capaz de realizar.

– Vamos ficar numa casa linda. Gostaríamos que você viesse.

Ela fica à espera de uma reação minha. Sempre fica. Há uma esperança que minha mãe

nunca perde de que, um dia, eu preencha essa pausa. Ela provavelmente nem se importaria com as palavras a esta altura, desde que estivessem lá.

– Pensamos que seria legal esquiar.

Esquiar? Fala sério, mãe! Com esta mão assim? Não quero sair de férias. Certamente não quero esquiar. Preferiria tomar uma bolada na cara. Repetidas vezes.

– Já falei com a Dra. Andrews. Podemos marcar uma consulta para ela examinar a sua mão de novo antes de irmos. Ela acha que estaria tudo bem, contanto que você não a forçasse por um período muito longo. Se começar a incomodá-la, podemos nos sentar perto da lareira e tomar um café.

Detesto café. Não sei esquiar. Sou da Flórida. Não tenho equilíbrio nem coordenação motora e tenho uma mão que gosta de falhar aleatoriamente, nos momentos mais inoportunos. Isso sem contar o fato de que está tão cheia de placas e pinos que dispararia todos os detectores de metais do aeroporto.

Meu irmão é que é o atleta. Ele deve estar nas nuvens. Não quero que eles deixem de ir por minha causa, mas não acho que essa vá ser a questão. Eles vão de qualquer maneira, com ou sem a minha presença. E eu não vou. Se for, vou ficar toda triste, e aí todos vão ficar tristes também e a culpa vai ser minha. Mais uma vez. Estou cansada de ser responsável pela tristeza dos outros. Já não dou conta nem da minha.

Minha mãe continua falando. Ela não tem medo de ser interrompida, mas quer usar todo o seu arsenal de argumentos. Como se, quanto mais depressa lançasse mão deles, mais convincentes fossem.

– A casa é grande. É do Mitch Miller, o chefe do seu pai, e ele não vai para lá este ano, então a ofereceu para nós. A Addison também vai.

A Addison vai? Faz sentido. Minha mãe nunca se importou com moralismo, apenas com excelência. Asher e eu provavelmente poderíamos trepar com metade do país sob seu teto, desde que não perdêssemos o foco. Eu me pergunto se isso ainda valeria para mim, agora que não sou boa em nada. Conhecendo Asher, é possível que ele ainda nem esteja dormindo com a garota, mas, como é fácil usar essa informação para julgar a minha mãe, não penso duas vezes.

Dou três batidinhas no telefone, indicando que vou desligar.

– Por favor, ao menos pense nisso. A Margot também vai e não quero que você passe o feriado de Ação de Graças sozinha.

Desligo o telefone antes de ela ter tempo de dizer que me ama. Não porque eu não queira ouvi-la dizer isso, mas porque não quero que ela fique sem escutar resposta alguma.

~

Apesar de a minha vida fora da escola ter ficado praticamente irreconhecível, quase nada

mudou entre as 7h15 e as 14h45. Josh e eu mal nos olhamos, Drew me lança cantadas o tempo todo e eu tento passar raspando pelas infrações ao código de vestimenta. Passo o resto do tempo evitando tudo o que precisar ser evitado naquele dia. Olhares agressivos de Tierney Lowell. Ethan Hall me chamando para sair. Todo mundo no horário de almoço.

Estou passando pelo pátio, a caminho do meu banheiro vazio preferido, onde posso desfrutar de 25 minutos inteiros de aflição sem interrupções antes de ir para a oficina. Olho para Josh antes de começar a travessia. Ele já está lá. O terceiro tempo dele é bem aqui do lado, então ele costuma chegar primeiro. Só me permito olhar para ele agora porque está tão longe que ninguém vai reparar. Quando me aproximo, sempre desvio os olhos, pois tenho medo de me trair e o mundo inteiro descobrir tudo o que se passa pela minha cabeça. Estou caminhando e, com o canto do olho, vejo que ele está com a cabeça baixa, fitando as mãos, exatamente na mesma posição em que o vi pela primeira vez, e começo a me perguntar se ele se senta assim porque sabe que fica com os braços lindos de morrer nessa posição.

– Flor do Dia.

É tão baixinho que eu quase não escuto, e por sorte não dá para mais ninguém ouvir, mas sei que é real. Ele não ergue o rosto até eu parar e encará-lo, sem entender o que deu nele. De repente, está me olhando como se não se importasse se alguém nos visse.

– Senta.

Eu me aproximo dele, saindo do meio do pátio. Estou de costas para o resto das pessoas quando o encaro e estreito os olhos. *O que você está fazendo?*

– Kara Matthews deve ter passado a noite toda no telefone – diz ele, sem qualquer emoção na voz.

Eu já sei disso. A esta altura, já fiquei sabendo que Josh e eu transamos às escondidas há semanas, mas que agora ele e Drew estão me dividindo. Imagino que ele também tenha ouvido isso, mas não tenho por que reagir. Apenas me faço de boba e saio andando. E duvido que Josh também deva explicações a alguém. Até me surpreende que alguém tenha se aproximado a ponto de ele ouvir as fofocas. A maioria das pessoas tem pavor de morrer se ficar muito perto dele – ou, pior, de ter que reconhecer que ele existe. Não sei o que isso tem a ver com ele me chamar no meio do pátio. Dar mais munição aos outros não faz muito o seu gênero.

– Senta – repete ele num tom amável. Não é uma ordem. Não é um pedido. É apenas a única coisa que me resta fazer. – Não tem por que você continuar se escondendo no banheiro. Pode se esconder aqui. Eu tenho um campo de força, sabia? – Ele baixa a voz ao dizer isso, como se estivesse me contando um segredo, e então dá um microssorriso que ninguém além de mim perceberia, antes de voltar a ficar sério e dizer baixinho: – Ninguém vai incomodar você.

Então eu me sento. Ele fica sobre o encosto e eu no assento. Não nos tocamos. Não nos falamos. Nem estamos à altura dos olhos um do outro. E hoje, pela primeira vez desde que

cheguei a esta escola, percebo que o pátio não é tão horrível assim.

Capítulo 31

Josh

Meu avô morreu hoje de manhã. Nada mudou.

Eu pensei que, quando ele morresse, eu ficaria arrasado e choraria e encheria a cara e quebraria tudo porque acabou, porque ele era o último. Mas não. Não fiquei acabado. Não dei socos na parede. Não arrumei briga com todos os babacas da escola. Apenas toquei a vida como se nada tivesse acontecido. Porque tudo estava incrivelmente normal.

~

– Aonde estamos indo? – Flor do Dia pergunta ao subir na picape.

Não estou a fim de ficar aqui. A garagem não tem nada a me oferecer hoje. Esta oficina é a única coisa no mundo com que posso contar, e não quero pensar que não há nada que ela possa fazer por mim agora. Prefiro me afastar um pouquinho. Assim não fico com medo de tê-la perdido também. Eu não sei aonde estamos indo. Apenas quero ir.

Dirigimos durante muito tempo. Não falamos nada desde que entramos no carro. Eu não cheguei a responder à sua pergunta. Flor do Dia lida bem com o silêncio. Ela encosta a cabeça na janela e olha para fora e me deixa dirigir.

Acabamos deitados na caçamba da caminhonete, olhando para o céu, no estacionamento de uma antiga concessionária de carros.

Ainda não comecei a contar. Não sei se sou só eu ou se é assim com todo mundo: sempre que alguém morre, começo a contar quanto tempo passou desde sua morte. Primeiro conto em minutos, depois em horas. Conto dias, depois semanas, depois meses. Então, um dia, percebo

que não estou mais contando e que nem sei bem quando parei. Esse é o momento em que a pessoa partiu de verdade.

– Meu avô morreu – digo.

– Se eu tivesse um telescópio, mostraria o Mar da Tranquilidade para você. – Ela aponta para o céu. – Está vendo? Ali na Lua. Não dá para ver direito daqui.

– É por isso que você tem uma foto da Lua no seu quarto? – A esta altura, já sou especialista em acompanhar as digressões que ela faz.

– Você notou?

– Era a única coisa na parede. Pensei que você devia curtir astronomia.

– Não. Só deixo lá para me lembrar que é a maior bobagem. O nome dá a entender que se trata de um lugar lindo e cheio de paz. Tipo para onde a gente desejaria ir depois de morrer. Silencioso, com água por todos os lados. Um lugar que nos engoliria e nos aceitaria de qualquer forma. Eu tinha toda essa imagem na cabeça.

– Não parece ruim ir parar num lugar assim.

– Não seria, se ele fosse real. Só que não é. Nem é um mar. É só uma sombra grande e escura na Lua. O nome é uma mentira. Não quer dizer nada.

Sua mão esquerda está apoiada sobre a barriga, abrindo e fechando. Ela faz isso o tempo todo, mas não acho que se dê conta disso.

– Então esse seu fascínio maluco vai além dos nomes das pessoas?

– Na verdade, todos são mentiras. O seu nome pode significar *exímio* e você pode ser imprestável, incompetente em tudo. Podemos dar um nome a qualquer coisa, chamá-la como quisermos, mas isso não a torna real. Não a torna verdadeira. – Ela parece amargurada. Ou apenas desiludida.

– Mas, se todos os nomes são tão idiotas e sem sentido, por que você é tão obcecada por eles?

Já perdi a conta de quantos jornais mutilados ela já deixou na mesa da minha cozinha depois de recortar os anúncios de nascimentos. No início, eu pensava que ela era uma daquelas garotas que leva ao extremo a vontade de escolher os nomes dos futuros filhos, mas aparentemente isso não passa de um passatempo esquisito.

– Porque é bom quando você encontra um que realmente significa alguma coisa. Faz valer a pena todos os nomes vazios e sem sentido.

Um sorriso quase imperceptível cruza seu rosto e tento imaginar em que ela estará pensando, mas Nastya não me dá a oportunidade de perguntar.

– Onde você acha que ele está? – pergunta ela, ainda olhando para o céu.

– Em algum lugar bom, eu acho. Sei lá. – Eu espero e ela também. – Uma vez, eu perguntei a ele se tinha medo. De morrer. Depois percebi que era sacanagem perguntar isso para alguém que está morrendo, porque, se ele não estava pensando nisso antes, definitivamente pensaria a partir daí.

– Ele ficou chateado?

– Não. Ele riu. Disse que não tinha medo algum. Mas ele estava tomando um monte de remédios, não estava com a cabeça muito boa. Contou que sabia para onde iria porque já tinha estado lá antes. – Paro de falar. Acho que só quero compartilhar até aí a loucura toda do meu avô. Ele não foi sempre assim. Só no fim, por causa dos remédios e da dor. Mas ela fica me olhando com a curiosidade de mil perguntas no olhar, e sinto que preciso responder. – Quando ele tinha uns 20 e poucos anos, estava trabalhando numa construção e caiu. Seu coração parou. Então, tecnicamente, ele ficou morto durante cerca de um minuto. Ele contou essa história mil vezes.

– Então por que você acha que era por causa dos remédios, se já ouviu a mesma história antes?

– Porque ele sempre dizia que não se lembrava de nada. Todo mundo perguntava se tinha visto a luz e aquela bobagem toda, mas ele sempre dizia que, quando acordou, não se lembrava de nada. Aí, na véspera de ir embora, me fez sentar e disse que havia duas coisas que queria me falar: um conselho final e seu último segredo. Foi então que me contou que sempre soube para onde tinha ido quando morreu. Disse que lembrava exatamente como tinha sido.

– O que ele disse?

– Ele disse que não tinha forma nem fazia sentido. Era como sentir sem saber. Como um delírio quando se está com febre. Como o sonho das segundas chances. Disse que a única parte que conseguia distinguir claramente era um balanço de varanda numa casa de tijolos vermelhos, mas, como naquela época não sabia o que isso significava, não contou a ninguém. Depois ele me mostrou uma foto antiga, ele sentado com a minha avó num balanço de varanda na casa de tijolos vermelhos onde ela morava quando eles se conheceram.

– Que fofo – diz ela, mas há um toque de decepção em sua voz, e eu gostaria de poder me virar e tocar em seu rosto ou em sua mão.

– É, é fofo – concordo, mas falo só por falar. – Acontece que ele só conheceu a minha avó três anos depois do acidente. Por isso que, na época, não entendeu o que aquilo significava. Mas quando viu a casa e o balanço, ele soube. Soube que não deveria morrer. Ele tinha que voltar e conhecê-la, porque o céu dele era onde ela estava, mesmo que não soubesse disso no momento do acidente. E é por essa razão que não estava com medo.

Eu me viro para ela e a vejo observando a Lua, o vestígio de um sorriso brincando em seus lábios onde instantes atrás estava a decepção. Olho para o céu querendo ver o que está vendo, e ela se aproxima e apoia a cabeça em meu peito. Não me importa se é só porque ela está com frio ou porque a caçamba metálica da picape é dura demais. Não questiono; apenas passo meu braço em volta dela e a puxo contra mim como se fizesse isso há anos.

– Como eu disse: um monte de analgésicos.

~

– O conselho era bom? – pergunta ela na volta para casa. Está com a cabeça encostada na janela e observa a estrada.

– O quê?

– Você disse que o seu avô lhe deu um último conselho. O conselho era bom? – Agora ela se senta direito e olha para mim.

– Não. – Eu rio quando penso nisso. – Aposto que é o pior conselho do mundo. Mas vou pôr a culpa nos remédios de novo.

– Agora você tem que me contar. Eu preciso saber o que pode ser considerado o pior conselho do mundo. – Ela gira o corpo na minha direção e enfia uma das pernas embaixo da outra.

– Ele disse – e estou quase com vergonha de contar isto – que toda mulher tem algo que para ela é imperdoável, o que ela nunca seria capaz de superar; e para cada uma é algo diferente. Talvez seja que mintam para ela, que venham a traí-la, sei lá. Ele disse que o segredo dos relacionamentos é descobrir qual é essa coisa imperdoável e nunca cometer esse erro.

– Foi esse o conselho?

– Eu bem que avisei. Ele também disse que tinha um guaxinim na cozinha naquela noite, ou seja...

– Você acredita nisso?

– No guaxinim ou no conselho?

Ela olha para mim e inclina a cabeça com impaciência. Dou uma olhada nela antes de voltar a atenção para a estrada outra vez.

– Me diga você. Você é uma garota. Não é uma daquelas garotas que querem ser chamadas de mulher não, né? Eu acho isso esquisito.

– Não, claro que não – diz ela secamente.

– Então, qual é a sua? – pergunto.

– Minha o quê?

– Sua coisa imperdoável. Supostamente, você tem que ter uma.

– Nunca pensei nisso. – Ela torna a se virar para a janela. – Imagino que assassinato não vale.

– Assassinato não vale. Você estaria morta, então perdoar seria irrelevante.

– Não necessariamente, mas digamos que eu concordo com você, só para facilitar a discussão. Então acho que eu escolheria me amar demais.

– Amar você demais seria imperdoável? Vou dar uma de Sra. McAllister aqui e exigir mais detalhes.

– Obrigações demais. As pessoas gostam de dizer que o amor é incondicional, mas isso não é verdade. E mesmo que fosse incondicional, o amor nunca é de graça. Sempre vem acompanhado de uma expectativa. Todo mundo sempre quer algo em troca. Tipo, querem que

você seja feliz, ou o que for, e isso nos torna automaticamente responsáveis pela felicidade dos outros, porque eles não serão felizes a menos que você também seja. Você tem que ser quem eles pensam que tem que ser e se sentir do jeito que eles pensam que tem que se sentir, porque eles amam você. E quando você não consegue dar o que eles querem, eles ficam infelizes, e aí você também fica infeliz e todo mundo fica infeliz. Eu só não quero ter essa responsabilidade.

– Então você prefere não ser amada por ninguém? – pergunto. Queria não estar dirigindo, para poder olhar para ela por mais do que um segundo.

– Não sei. Só estou pensando em voz alta. É uma pergunta sem resposta.

Ela descruza as pernas e apoia a cabeça contra o vidro.

– É o pior conselho do mundo – digo.

Estou acostumado a ficar sozinho, mas esta noite me sinto mais sozinho. Não estou apenas sozinho em casa – estou sozinho no mundo. E talvez isso seja uma bênção, porque agora nunca mais vou ter que passar por isso de novo.

Hoje, quando me deito na cama, nem me dou ao trabalho de contar.

Capítulo 32

Nastya

Eu não parei de falar imediatamente. Falei até o dia em que me lembrei de tudo o que aconteceu, mais de um ano depois. Esse foi o dia em que me calei. Não foi um subterfúgio nem uma tática. Não foi psicossomático. Foi uma decisão. E eu a tomei.

Eu só sabia que, de repente, tinha respostas. Tinha todas as respostas para todas as perguntas, mas não queria dizê-las em voz alta. Não queria soltá-las no mundo e torná-las reais. Não queria admitir que aquelas coisas aconteceram e que tinha sido comigo. Então escolhi o silêncio e todas as suas consequências porque eu não sabia mentir bem o suficiente para poder falar.

Sempre planejei contar a verdade. Eu só precisava de um tempo. Precisava ter a chance de encontrar as palavras certas e a coragem para dizê-las. Não fiz um voto de silêncio. Não fiquei muda subitamente. Apenas não encontrava as palavras. E ainda não encontro. Nunca as encontrei.

~

Não me sinto nem um pouco diferente ao acordar no dia do meu aniversário de 18 anos. Não me sinto mais velha, madura nem livre. Na melhor das hipóteses, me sinto inadequada, porque eu sei o que eu deveria ser aos 18 – e não é o que sou agora. O irmão do meu pai, meu tio Jim, ficou muito deprimido quando eu tinha 14 anos e foi passar um tempo com a gente para fazer uma "reavaliação". Minha mãe explicou que isso às vezes acontece quando você fica mais velho. Você chega na metade da vida e percebe que não fez nada daquilo que queria ter

feito nem se tornou quem esperava ser, e isso é desalentador. Será que ela imagina como é desalentador chegar a esse ponto da vida aos 18 anos?

O carro de Margot não está na garagem quando chego da escola. Normalmente, ela está dormindo na cama ou na espreguiçadeira da piscina a esta hora. Sei que está de folga hoje, porque Margot adora aniversários e está mais empolgada do que eu.

Jogo a mochila na cama e quase estou chegando na cozinha quando a campainha toca. Do outro lado da porta estão Margot, minha mãe, meu pai, Asher e Addison. Minha mãe está segurando um bolo e seu sorriso titubeia ligeiramente antes de voltar a se firmar. Estou com as roupas da escola e a maquiagem. Minha mãe nunca me viu assim. Ela já deve ter visto de relance, mas nunca o efeito completo de uma vez, e acho que isso a deixa um pouco arrasada. Margot está com cara de Margot, meu irmão parece resignado, meu pai mal me olha e Addison não sabe que expressão adotar. Imagino que ela esteja se perguntando o que está fazendo aqui tanto quanto eu.

Eles fazem toda a cena do "Surpresa! Feliz aniversário!" na frente de casa, então eu saio da frente para eles entrarem, carregando o bolo, presentes e tudo mais. Meus pais dão a sugestão de irmos a um restaurante, mas eu não quero sair. São três e meia e há uma grande probabilidade de encontrar alguém da escola, então Margot pede pizza e põe o bolo na geladeira enquanto todos se acomodam na sala de estar e esperam a comida chegar.

– Ainda deve dar para comprar a sua passagem se você quiser viajar com a gente – dispara a minha mãe.

Demorou exatamente 45 segundos desde que ela pisou em casa para tocar nesse assunto.

– A casa é irada. Você tem que ver, Em. Três lareiras. Varanda. *Banheira de hidromassagem*.

Addison fica vermelha e meu irmão olha para ela com cara de quem está se desculpando. Mencionar a banheira de hidromassagem na frente dos pais é coisa de amador.

– Você também pode levar alguém, se quiser.

Ela já está apelando. Eu preferiria que parasse de tentar. A esperança da minha mãe é uma arma. Vejo que Margot me observa da cozinha. Não sei o que ela contou a eles – se é que disse alguma coisa – sobre as minhas atividades extracurriculares.

– Margot disse que você janta com a família de um garoto todo domingo. Qual é o nome dele? – pergunta ela, olhando para Margot.

– Drew Leighton.

Margot continua olhando para mim. Nenhuma menção a Josh Bennett e me pergunto por que ela não falou nada sobre ele mas contou sobre Drew.

– Drew – repete a minha mãe. – Isso mesmo. Por que não telefona para ele? Ele pode vir comemorar com a gente. Adoraríamos conhecê-lo. Você o conheceu na escola?

Faço que sim com a cabeça.

– Eles estão na turma de Debate juntos – responde Margot por mim.

– A Addison faz aula de Debate – interrompe Asher, e talvez agora possamos mudar de assunto e começar a falar dela, porque de Drew Leighton para Josh Bennett é um pulo, e a minha família não pode nem chegar perto de Josh Bennett.

– O Drew Leighton do Debate? – É a primeira vez que ouço a voz de Addison. É toda suave e feminina como ela. Sentada ao lado de Asher, ela está segurando a mão dele, o que me deixa um pouco irritada. – Sei quem ele é! Ele... – Addison hesita antes de continuar e eu sorrio para ela. Não consigo evitar. Nós duas sabemos exatamente o que ela estava a ponto de dizer. – Ele é um debatedor muito bom. Todo mundo sabe quem ele é.

– É mesmo? – Asher olha para ela com ar desconfiado e depois para mim, e sei que ele planeja descobrir a verdade mais tarde.

Eu assinto, ela reprime o sorriso e prossegue num papo mais apropriado.

– Ele ficou em terceiro lugar no campeonato estadual no ano passado e todos sabem que ele é a maior ameaça nas modalidades Extemporâneo e Lincoln–Douglas. Ninguém quer ter que enfrentá-lo este ano.

Ela fala quase com reverência. É compreensível quando você já viu Drew debatendo, como ela sem dúvida deve ter visto, ou ao menos conhece bem sua fama. Fico um pouco orgulhosa de ouvir alguém falar a respeito de Drew pelos motivos que as pessoas realmente deveriam falar dele – o que é raro – e me pego sorrindo de verdade para ela. Talvez eu não fique mais tão irritada assim por vê-la de mãos dadas com o meu irmão.

Comemos pizza, todo mundo fica relaxado e eu acabo sentindo saudade da minha família e me perguntando se tudo não passou de um exagero meu. Talvez não fosse tão forçado e desconfortável assim. Mas pode ser que eu só esteja pensando isso porque estou olhando de fora. Eles vieram até aqui por causa do meu aniversário, mas estão à vontade e eu apenas observo. Até Addison tem seu lugar neste quadro, com a minha família. Eu é que sou a outsider.

Asher fica falando sobre a escola, o beisebol e o baile de boas-vindas. Margot fala da falta de enfermeiros no trabalho e diz que está começando a se cansar da agenda apertada. Meu pai não fala muito. Só me olha de relance de vez em quando e tento desvendar o que ele está vendo quando olho em seus olhos, mas eles não me dizem nada e me pergunto se serão apenas um reflexo dos meus. Desde o dia em que eu lhe disse que não me chamasse mais de Milly e parei de falar com ele, interagimos muito pouco. Minha mãe ainda tenta, mas meu pai perdeu toda a esperança. Talvez ele seja o mais esperto. Mas isso não me faz me sentir melhor. Ele se fechou e isso é pior do que se tivesse raiva ou estivesse decepcionado comigo. O homem que era a origem de todos os meus sorrisos agora não consegue mais sorrir. Sou uma covarde e uma fraude e assassinei seu bom humor. Saber que deixei meu pai com o coração partido faz com que eu me odeie um pouquinho mais.

Terminamos o jantar, mas comemos tanta pizza que ninguém consegue nem pensar em cortar o bolo ainda. Exceto eu, talvez. Sempre consigo pensar em bolo.

Minha mãe e Margot transferem um monte de presentes da bancada para a mesa à minha frente. Há presentes demais, mas eu preferiria que não houvesse nenhum, porque não quero me sentir grata e, de qualquer maneira, não há nada que possam me dar que eu esteja precisando.

Abro todos e me sinto como se estivesse sob um microscópio, cada expressão facial minha é cuidadosamente observada. Isso me dá vontade de gritar, mas, como não posso, apenas engulo tudo como terra e sangue.

O último presente é a menor caixa. A expressão ansiosa no rosto da minha mãe me diz que eu deveria ficar com medo. Ou talvez seja o rosto do meu pai que conte a verdadeira história, pois ele está com cara de que acha aquilo uma péssima ideia e de que provavelmente já disse isso para a minha mãe cem vezes. Rasgo o papel e me vejo segurando um iPhone novinho em folha.

Minha mãe começa a exaltar as virtudes do telefone, como se eu não soubesse tudo o que ele faz, como, por exemplo, revelar a minha localização exata a qualquer momento. Não preciso ouvir o discurso ensaiado de vendas, mas caio na real quando ouço o desfecho:

– Você pode ficar com o telefone e nós pagamos a conta. A única condição é que você telefone para a gente e *fale* conosco pelo menos uma vez por semana.

Eu sorrio. Não consigo evitar. Até dois minutos e meio atrás, eu estava genuinamente curtindo este dia. Tinha até me repreendido por ter ficado aborrecida com a vinda deles e me permiti pensar que este poderia ser o momento da virada. Mas não é nada disso. É uma emboscada.

Minha família pegou o meu aniversário e o transformou numa intervenção. Eles começam a se revezar explicando como ficam magoados por causa do meu comportamento. Fico sabendo, nos mínimos detalhes, quanto o fato de eu não falar afeta cada membro da família. Eu escuto tudo. Não me amarraram à cadeira para eu não poder fugir nem pediram ajuda a uma terceira parte neutra para transmitir a dose certa de culpa e nos manter concentrados no problema em questão: *eu*. Não há nenhuma razão para eu ficar aqui e ouvir isto, mas fico até todos terminarem de falar.

Menos Addison. Ela parece apenas desconfortável. Acho que eles a ludibriaram também com toda a ideia de festa de aniversário surpresa. Ela está com cara de que quer sair correndo tanto quanto eu, e meio que fico com pena dela. Será que poderíamos tentar fugir juntas?

Quando todos terminam, eu sorrio. Eu amo a minha família e eles me amam, todo mundo sabe disso. Abraço o meu irmão. Aceno para Addison e Margot. Beijo minha mãe e meu pai no rosto. Deixo meu fantástico iPhone na mesa e saio porta afora.

A câmera da minha mãe ainda está na bancada, intocada. Ela não tirou nem uma foto.

Entro na garagem de Josh e me sento na bancada cruzando as pernas. Como ele queria passar outra camada de verniz na minha cadeira, não dá para eu me sentar nela agora. Por mim, ela

já estava boa, mas ele ficou explicando por que não estava até eu desistir e deixá-lo fazer o que queria.

– A minha mãe transformou a minha festa de aniversário numa intervenção – digo.

Assim que as palavras saem da minha boca, estremeço ao perceber que é provavelmente ridículo reclamar sobre os seus pais para alguém que não tem pai nem mãe. É um pouco como se queixar dos sapatos apertados para alguém que esteja andando descalço sobre cacos de vidro.

Essa é a ironia entre Josh e eu, e fico envergonhada sempre que penso nisso. Ele não tem família. Ninguém para amá-lo. Eu estou rodeada de amor, mas não queria estar. Desdenho das coisas pelas quais ele agradeceria a Deus. E, como se eu precisasse de mais provas de que sou uma desalmada, aqui está.

– Quando foi seu aniversário? – pergunta ele, olhando para mim.

– Hoje.

– Feliz aniversário. – Ele está sorrindo, mas é um sorriso triste.

– Tá.

– Você não me contou – diz ele, indo colocar a furadeira no carregador antes de se virar para mim.

– Essas pessoas que saem por aí fazendo propaganda do próprio aniversário são umas idiotas. Isso é fato. Pode procurar na Wikipédia.

– Fizeram uma intervenção? – pergunta ele, inclinando a cabeça.

– Pois é.

– Eu não estava sabendo do seu problema com drogas. Será que tenho que esconder a prataria?

– Acho que não precisa.

– Alcoolismo?

– Não. Mas talvez você discorde.

– Verdade. Eu vi o lado ruim do seu problema com a bebida e espero nunca ter que passar por isso de novo. – Ele dá a volta e se senta na bancada ao meu lado. Tão perto que sua perna encosta na minha, o que me dá uma sensação de segurança. – Mas então, intervenção por quê?

– Por causa do silêncio. – Ele me lança um olhar desconfiado quando respondo. – Querem que eu fale.

– Se você passasse todas as noites na garagem deles, talvez eles mudassem de ideia.

– Seu idiota.

– Agora sim é a Flor do Dia que eu conheço – diz ele, chutando meu pé.

– Me deram um iPhone com a condição de eu telefonar e falar com eles uma vez por semana.

Junto a serragem numa pilha ao lado da minha perna e faço um buraco no topo, para ficar

parecendo um vulcão.

– Não era o que você queria, né?

– Eu estava torcendo para me darem implantes de silicone.

Ele assente, pensativo.

– Sempre ajuda na hora de procurar emprego depois da faculdade.

Ficamos um minuto sentados sem dizer nada. Minhas pernas começam a balançar por instinto, e ele estica o braço e as segura para deixá-las paradas, mas não diz nada. Até que finalmente...

– Pelo menos o bolo estava bom?

Ele me conhece mesmo.

– Nem chegamos a cortar o bolo.

– Essa é a verdadeira tragédia. Esqueça a intervenção.

– Não estou com fome.

– Não estou falando do bolo em si – diz ele, segurando a minha mão e me puxando da bancada antes que eu tenha tempo de protestar. – Estou falando do desejo.

Ele me faz esperar enquanto entra em casa e, poucos minutos depois, estamos na picape dele com um baldinho de praia vermelho cheio de moedas no assento entre nós dois.

Ainda não anoiteceu quando ele para o carro no estacionamento de um shopping center a céu aberto. O balde está tão cheio que ele tem trabalho para tirá-lo do carro sem deixar nenhuma moeda cair. Josh segura a alça com uma das mãos e põe a outra por baixo, para apoiar o balde enquanto fecha a porta com o pé.

O sol está começando a se pôr e as luzes da praça central se acendem. É um daqueles lugares de classe alta, com lojas em que ninguém de verdade faz compras e restaurantes com comida cara demais. Mas o chafariz é incrível. Bem no meio de toda aquela pretensão, é um espetáculo ainda mais pretensioso. De tempos em tempos, os jatos de água mudam e as luzes trocam de cor. Há uma passarela que forma uma ponte por cima dele, sob arcos de água que se dividem em dois nas laterais, permitindo que as pessoas passem por baixo deles sem se molhar. Parece mágica e eu me sinto uma garotinha. Queria ter trazido a câmera da minha mãe.

Sigo Josh até o meio da passarela, onde ele para e solta um palavrão ao colocar o baldinho de moedas no chão. A água do chafariz nos esconde e não acho que ninguém da escola estaria aqui, mas ainda assim me preocupo em ser vista ou – o que seria mais problemático – ouvida em público. É um dos motivos pelos quais eu nunca vou a nenhum lugar, mas não o único.

– Mande ver – diz ele.

– O quê?

– Os desejos. O bolo só dá direito a um, que mesmo assim só é atendido se você soprar todas as velas, o que é meio nada a ver, porque é o seu aniversário e o desejo não deveria estar submetido a condições. As moedas são um jeito mais seguro, e você pode fazer quantos

desejos quiser.

Eu olho para o balde.

– Acho que não consigo pensar em tantas coisas para desejar. – Só há uma coisa que eu quero de verdade.

– É claro que consegue. É fácil. Olha só. – Ele se inclina, pega um punhado de moedas com a mão esquerda e segura uma com a direita. Pensa durante um segundo e então a joga no chafariz. – Viu? Nem precisa ter mira. – Ele se vira para mim, com ar de expectativa. – Toma. – Sinto o cheiro de serragem quando ele segura a minha mão esquerda e despeja nela um punhado de moedas. Minha mão vacila e ele a estabiliza com as suas durante um momento, antes de soltá-la. – Sua vez.

Olho para as moedas e para o chafariz, me perguntando se milagres existem. Josh me observa enquanto faço o mesmo desejo de sempre. É um desejo que nunca vai se realizar, mas eu o faço mesmo assim. Talvez eu não tenha desistido completamente. Lanço a moeda no ar e a vejo caindo na água no momento em que as luzes mudam de rosa para roxo.

– Qual foi o seu desejo?

– Não posso contar! – respondo, indignada.

– Por que não?

– Porque senão ele não se realiza. – Preciso mesmo explicar? Todo mundo sabe que é assim que os desejos funcionam.

– Bobagem.

– É a regra – insisto.

– Essa regra só vale para bolos de aniversário e estrelas cadentes, não para moedas em chafarizes.

– Quem foi que disse? – pergunto, parecendo uma criancinha de 7 anos.

– A minha mãe.

Isso me cala imediatamente. Olho para as moedas, para a água e para o outro lado, menos para ele, pois não quero assustá-lo, e espero que ele fale de outra coisa. Então ele fala e eu preferiria que tivesse ficado calado:

– Por outro lado, acho que muitos desejos dela não se realizaram, então talvez ela não tivesse a menor ideia do que estava falando.

Apenas por um instante, vejo um menino de 8 anos grudado na televisão esperando a mãe voltar para casa.

– Talvez ela só tenha feito o desejo errado – falo baixinho.

– Talvez.

– Você fala mais da sua mãe do que do seu pai.

– Meu pai ficou comigo mais tempo. Eu me lembro dele, de como ele era. Já esqueci quase tudo sobre a minha mãe, então tento me obrigar a pensar mais nela. Senão, acho que um dia vou acordar e não lembrar mais nada. – Ele joga uma moeda na água e eu a vejo afundar. – Se

você me perguntasse hoje sobre a minha irmã, a única coisa que eu diria seria *irritante*. Lembro que ela me enchia o saco o tempo todo, e é só. Se eu não tivesse fotos, acho que nem saberia como ela era. – Ele olha para mim. – Sua vez.

Não sei bem se ele se refere aos desejos ou às confissões, mas escolho a primeira opção. Nem faço um desejo. Só arremesso uma moeda.

– Eu sinto muito. – As palavras mais fáceis e vazias são as que eu escolho dizer.

– Por eu não me lembrar da minha mãe ou por você ter perguntado?

– Pelas duas coisas. Mas principalmente por ter perguntado.

– Ninguém nunca pergunta. Acho que pensam que estão me fazendo um favor. Que, se não tocarem no assunto, eu não vou ter que pensar nele. Nunca paro de pensar nisso. Só porque não falo nada isso não quer dizer que esqueci. Só não falo sobre esse assunto porque ninguém nunca pergunta. – Ele para e olha para mim outra vez. Eu me pergunto se devo dizer alguma coisa, mas não quero, porque se eu disser algo tenho medo de acabar contando tudo. Ele volta a se virar para o chafariz. Seus olhos não me fitam, mas acho que ele ainda está me observando. – Se você deixasse, eu também faria perguntas. Faria mil perguntas, até você me contar tudo. Mas você não deixa.

Acabamos recuperando a alegria e ficamos fazendo desejos até o baldinho de moedas quase esvaziar. Num dado momento, uma mãe passa por nós com duas menininhas e Josh dá a cada uma delas um punhado de moedas e implora para nos ajudarem, porque já não temos ideias do que pedir. Elas levam a tarefa muito a sério, como se cada desejo fosse tão precioso que não pudesse ser desperdiçado. Fecham os olhos com força e concentram toda a atenção para fazer o desejo da maneira certa. E eu desejo que cada um daqueles pedidos se torne realidade.

Perto do fim, começamos a fazer megadesejos e a reforçá-los com punhados inteiros de moedas. Um desses pedidos faz com que o fecho da minha pulseira se abra e ela saia voando, indo cair direto no chafariz junto com as moedas. Josh arregaça a calça e tira as botas. Eu só preciso tirar os sapatos, pois ainda estou usando a saia que usei na escola e é bem curta. Olhamos em volta, esperando que não haja seguranças por perto antes de entrarmos na água. Por sorte o chafariz é raso, já que a água está assustadoramente gelada. Minhas pernas congelam assim que entro.

– Para onde ela foi? – pergunta ele.

Aponto na direção em que joguei as moedas. Não pode ter ido muito longe. Vamos andando nessa direção, mas é impossível ver qualquer coisa, pois o fundo do chafariz está forrado de moedas. Metade delas deve ter sido lançada por nós dois. É uma tapeçaria de reflexos em prata e cobre. Toda vez que vejo algo que penso ser a pulseira, tenho que me abaixar e enfiar o braço na água, e é isso que estou fazendo quando Josh decide puxar a minha perna de apoio com o pé, apenas o bastante para me desequilibrar e me jogar de cara na água gelada. A minha queda é seguida de uma gargalhada dele. Eu o fuzilo com o olhar. Estico o

braço para pegá-lo e puxá-lo também, mas não preciso, pois, ao tentar se esquivar da minha mão, ele tropeça e cai por conta própria.

– Aqui se faz, aqui se paga, Bennett.

Sua calça e metade da camiseta estão encharcadas, mas ele consegue manter a cabeça fora da água, ao contrário de mim, que pareço um rato afogado. Quando ele me olha, começa a gargalhar outra vez. Finalmente desisto e caio na gargalhada também.

– Pare com esse negócio de me chamar pelo sobrenome. Detesto isso – diz ele, me ajudando a ficar de pé.

– Neste momento, não estou nem aí para o que você detesta – rebato, tentando fazer voz séria, mas isso é difícil quando estou lutando contra o que aposto que são os estágios iniciais de uma hipotermia. Sinto-me como aquelas pessoas malucas que pulam no mar quase congelado todos os anos, e mentalmente ponho essa atividade na minha lista das coisas que nunca farei. – Dane-se a pulseira. Não vale a pena – declaro, saindo da água com Josh atrás de mim. Ele não discute.

Dividimos o resto das moedas entre as duas menininhas. A mãe delas olha feio para a gente. Acho que ela já teve desejos suficientes para a noite. Ou talvez seja porque estamos encharcados e acabamos de sair de dentro do chafariz. Pego o baldinho vazio e o balanço para a frente e para trás entre nós dois enquanto caminhamos até o estacionamento, deixando o chafariz, minha pulseira, uma infinidade de moedas e duas meninas sorridentes para trás. Josh estende a mão e quer pegar o baldinho. Ele para, abre os meus dedos, pegando a alça e passando-a para a sua mão esquerda, e segura a minha mão aberta com a direita. A mão dele não está mais quente que a minha, mas a sensação é boa. Eu o espero soltar a minha mão, mas ele não solta.

Quando chegamos à picape no estacionamento, ele joga o balde no banco de trás, estende as duas mãos e segura o meu rosto, do mesmo jeito que fez naquele dia na frente da casa dos Leighton.

– A porra preta – diz ele, erguendo um canto da boca ao limpar o borrado de maquiagem do meu rosto com os polegares. Depois se afasta e abre a minha porta. – Feliz aniversário, Flor do Dia.

– Eu desejei que a minha mão ficasse boa de novo – digo quando ele entra no carro depois de mim. Foi meu primeiro desejo e o único que importa.

– Eu desejei que a minha mãe estivesse aqui hoje, o que é idiota, porque é um desejo impossível.

Ele dá de ombros e se vira para mim, disfarçando o sorriso que sempre me conquista.

– Não é idiota desejar ver sua mãe de novo.

– Nem é tanto que eu quisesse ver a minha mãe de novo – diz ele, me olhando com a profundidade de mais de 17 anos nos olhos. – Eu queria que ela visse você.

Capítulo 33

Josh

– Tem toalhas limpas no banheiro de hóspedes. Eu vou tomar banho na suíte.

– Espero que você tenha um boiler gigante, porque talvez eu nunca saia do chuveiro – grita a Flor do Dia do corredor.

Ela continua tremendo porque não tem quase nenhuma gordura no corpo, o que me deixa meio mal por todo aquele lance que aprontei no chafariz.

– Vou esquentar água para fazer um chá. Você quer também? – pergunto da cozinha, onde estou enchendo a chaleira.

– Você bebe chá quente?

– O que é que tem?

– O que tem é que você não é velho. Nem inglês. Eu conto num dedo o número de garotos adolescentes que tomam chá quente.

– Eu fazia para o meu avô e me acostumei a tomar. Cala a boca. – Acabo de encher a chaleira e a ponho sobre o fogão antes de ir até o banheiro. – Você quer ou não?

– Não. Chá é muito ruim. Eu saio daqui a uma hora. Talvez duas.

A porta do banheiro bate.

Dez minutos depois já estou fora do chuveiro e a água continua ligada no banheiro de hóspedes. De repente ela não estava mentindo. Jogo as roupas molhadas na lavadora vazia e vou até a cozinha para ligar o fogão. Talvez chá seja muito ruim mesmo, mas esquento a água de qualquer jeito. Ela não vai recusar um chocolate quente.

A campainha toca e imagino que seja Drew. Fora a garota que está acabando com toda a água quente da minha casa, ele é a única outra pessoa que vem aqui. E ele tem a chave, então

não sei por que não entra logo.

– O que é? – pergunto enquanto abro a porta, já me preparando para ouvir qual é a irritaçãozinha que o tirou de casa desta vez.

Só que não é Drew. É um garoto que nunca vi antes e que me encara como se estivesse me avaliando. Não como se estivesse a fim de mim. É mais como se quisesse saber quem eu sou. Mas foi ele quem bateu na minha porta.

– Posso ajudar? – pergunto finalmente, já que ele não diz nada.

– A minha irmã está aqui? – *Irmã?* – Margot disse que ela provavelmente estaria aqui. Nastya. – Ele fala o nome dela como se ficasse com um gosto ruim na boca.

– Ela é sua irmã?

Eles não são parecidos. A menos que você procure muito alguma semelhança. Aliás, ele lembra muito a Margot.

– É. Ela saiu. Ela está aqui?

Abro a porta e falo para ele entrar. A água do chuveiro continua jorrando, não dá para ignorar esse fato. *Que droga, Flor do Dia!* Ele não parece aliviado, e imagino o motivo: estou diante dele de calça de moletom e camiseta, ainda com o cabelo molhado, e dá para ouvir a água correndo no chuveiro a duas portas de nós.

– Ela está tomando banho – digo, porque é impossível esconder. Preciso alertá-la antes de ela sair. – Vou avisar que você está aqui.

– Por que a minha irmã está tomando banho na sua casa? – pergunta ele, antes de eu conseguir me afastar.

Ele está puto. É um irmão superprotetor e o respeito por isso, mas não gosto do jeito como está falando comigo dentro da minha própria casa, como se eu fosse um cafajeste. É a mesma coisa que Margot fez quando veio aqui. Não acho que eu seja particularmente ameaçador nem é como se Nastya fosse superdelicada.

– A sua irmã tem 18 anos. Ela pode fazer muito mais do que só tomar banho aqui se quiser.

– A minha irmã está emocionalmente estagnada nos 15 anos.

Ele me olha fixo. Realmente esta não é a conversa que eu planejava ter hoje à noite. Nem sei como responder a isso.

– Então você está dizendo que ela é imatura?

É a única coisa que me ocorre. Nem sei de que lado estou. Às vezes, ela parece mais velha do que todo mundo que já conheci; em outras ocasiões, é como se fosse uma garotinha.

– Estou dizendo que ela tem problemas. – Ele bufa e parece cansado, como se já tivesse dito isso mil vezes e não quisesse estar aqui tendo que repetir.

– Não concordo. – Concordo, sim. Só não sei por que nem como nem nada.

– Eu conheço a minha irmã.

– Eu conheço a sua irmã.

Conheço pelo que ela me conta. Os fragmentos de uma vida que ela me deixa ver de

relance nos dias em que está particularmente generosa ou apenas descuidada.

– Por acaso você sabia que hoje é o aniversário dela? – pergunta ele. Não respondo. – É, não achei mesmo que soubesse. E, pela cara que você fez, também não sabia que ela tem um irmão. Já parou para pensar no que mais você não sabe? – *Sempre.* – Ela tem coisas para resolver e não precisa de mais uma. É melhor deixá-la em paz.

– Se tem algo que eu preciso saber, por que não me conta? Senão, pode sair da minha casa e levar junto essa sua atitude metida a superior.

Ele não responde. Não vai entregá-la e, por mais que eu queira saber o que está acontecendo, respeito isso. Mas não vou deixar ele me transformar no vilão da história. Até quero gostar desse garoto, mas ele está começando a me irritar.

– Você gosta de se aproveitar de garotas problemáticas? É isso? – pergunta ele.

– E você gosta de fazer acusações infundadas e intimidar as pessoas?

O barulho de água para e me preparo para sair em disparada pelo corredor e interceptá-la antes que ela saia, mas a porta se abre antes de eu conseguir chegar lá. Nem tive a oportunidade de dar a ela uma muda de roupas secas. Ela aparece no corredor pingando, enrolada na toalha, e todo o sangue do meu cérebro desce para o meu pau, pois é isso que acontece quando garotas lindas, molhadas e só de toalha saem do meu banheiro. Quem me dera poder apreciar a vista, porque *nossa!* Mas este não é o momento e, para a minha sorte, meu pau entende o recado de que o irmão com cara de pouquíssimos amigos está bem do meu lado e fica quieto.

Ela abre a boca, mas o avista antes de dizer qualquer coisa. Não sei quem está com os olhos mais arregalados. Eles se encaram como se estivessem se comunicando sem palavras. Não sei dizer se ela está assustada ou com vergonha, mas parece que ficou mais jovem só de vê-lo. A chaleira apita e estamos todos com os nervos tão à flor da pele que receio que alguém acabe mijando na calça – menos Nastya, é claro, que está sem nada. Eu olho para os dois e repouso meu olhar nela.

– Temos companhia, Flor do Dia. Alguém quer um chá?

Depois de aceitar o fato de que Nastya não vai voltar com ele, o irmão dela acaba indo embora. Imagino o que ela vai ter que enfrentar por causa disso. Jamais precisei me preocupar em dar satisfação a ninguém, então isso nunca passa pela minha cabeça, mas ela tem família e não sei se pode simplesmente não voltar para casa, mesmo já tendo 18 anos. Uma vez ela comentou que os pais têm medo de discipliná-la, mas não entrou em detalhes. Será que eles também têm medo dela? Ela já passa a maior parte do tempo aqui, mas não sei se os pais sabem disso. Se a família dela ainda não pensava que nós estamos transando, agora já deve pensar.

– Você não vai dormir no sofá – digo quando ela pega no armário do corredor o travesseiro e o cobertor que usou da outra vez.

– Está bem. Desculpe.

Ela começa a procurar a chave do carro.

– Você não precisa ir embora.

– Mas você disse...

– Eu só quis dizer que o sofá é desconfortável demais. Você pode dormir na minha cama. Eu durmo no sofá.

– Não vou ficar com a sua cama. Não me incomodo de dormir no sofá. Já dormi nele antes.

– Então você sabe que é uma droga.

– É melhor do que voltar sempre para a casa da Margot e ficar sozinha. Não quero que você tenha que abrir mão da sua cama. – Ela se senta no sofá e abraça o travesseiro.

– Então vem dormir comigo.

– O quê? – Ela arregala os olhos e eu rio.

– Não é *dormir* comigo. Só dormir. A cama é *king-size*; você nem vai saber que eu estou lá.

– Não sei por quê, mas acho difícil acreditar nisso. – Ela olha ao redor, como se estivesse tentando entender algo. – Mas como é possível ter só uma cama nesta casa?

– Tem uma de solteiro no quarto da Amanda, mas nem dá mais para achar, porque eu comecei a guardar tudo quanto é coisa lá e a cama ficou soterrada. Eu me livrei da que tinha no meu quarto antigo quando precisei entrar com a cama hospitalar para o meu avô. Então agora só tem a da suíte. – Ela não me olha como se estivesse se sentindo mal, mas apenas como quem entende.

– Não pode estar tão ruim assim – diz ela, se dirigindo para o quarto de Amanda.

A porta está sempre fechada e ela nunca entrou lá – até agora.

Ela fica lá, na trilha quase inexistente de tapete ainda visível e examina o quarto. Tem caixas e pilhas de roupas velhas dobradas sobre a cama. Aqui e ali há móveis que construí mas não gostei; coisas que guardaria na garagem se não precisasse mais daquele espaço do que deste.

– Tá. Está tão ruim assim. – Ela ri, antes de estreitar os olhos, curiosa, e eu me viro para ver o que ela está olhando. – Você tem um piano – diz ela em voz baixa, aproximando-se dele. – Por que ele está aqui?

– A Amanda estava fazendo aula. Eu nunca fiz. Trouxe o piano para cá há uns anos, quando precisei do espaço na sala de estar para colocar uma das mesas.

Ela passa os dedos por cima das teclas, tão de leve que nem sei se chega a tocá-las. Há uma reverência em seu gesto.

– Você toca? – pergunto, pois é algo que ela nunca mencionou.

– Não – diz ela e demora um segundo para me olhar, porque continua fitando as teclas. – Nadinha.

Mais tarde, quando me deito na cama com ela, não importa o fato de o colchão ser enorme –

minha cabeça não para. Sei que é uma ideia terrivelmente ruim, com repercussões óbvias. Mas ela tem razão. É legal não estar sozinho. E o sofá é um horror.

– Sou só eu ou isto é muito esquisito? – pergunta ela, depois de uns vinte minutos de silêncio desconfortável, porque nem eu nem ela estamos dormindo.

– Não é só você – concordo.

– Quer que eu vá embora?

– Não.

Eu nem preciso fazer nada com ela. Não é que eu não queira. Provavelmente quero tocá-la mais do que deveria. Mas não é mesmo isso. Eu gosto de tê-la aqui.

Ela estende a mão e encontra meu braço, logo abaixo do ombro, e o acompanha até chegar à minha mão. O movimento me faz lembrar o modo como tocou as teclas do piano e sinto o rastro que seus dedos deixam ao longo de todo o meu braço. Sinto um conforto que não estava aqui momentos atrás. Então, sem dizer nada, ela se encolhe ao meu lado e é assim que pegamos no sono. A mão dela na minha. Juntos.

~

Na quarta-feira, na aula de Artes, Clay Whitaker me mostra o portfólio em que está trabalhando e fico com vontade de bater nele. Ele vive atualizando, adicionando e tirando coisas com base nos concursos em que se inscreve ou na faculdade à qual se candidata, e então me mostra os desenhos, embora eu nunca peça para vê-los e não entenda nada sobre arte. Não quero bater nele por causa do portfólio em si, mas por mostrá-lo para mim aqui, no meio da aula, onde é quase impossível manter a minha expressão neutra. Acho que é um teste. Olho para Clay, vejo que ele está me observando e sei que é um teste.

Todos os desenhos são da Flor do Dia. Seu rosto visto de todos os ângulos. Nesses retratos, todas as emoções que as pessoas são capazes de sentir estão em seus olhos. Eu o perdoo por cada minuto que ele a roubou da minha garagem.

– Desenhe um para mim. – As palavras escapam da minha boca antes que eu consiga impedir.

– Quer que eu desenhe você? – Ele está irritado ou decepcionado. Não lhe dei a reação que estava esperando.

– Não. Quero que desenhe ela. Para mim.

Ele parece um pouco mais satisfeito.

– Como? – pergunta.

– Como assim, como? – pergunto irritado. Mas estou puto é comigo mesmo. Acabei de me expor completamente na aula de Artes e agora ele vai se divertir às minhas custas.

– Como você a enxerga? Se quer que eu a desenhe para você, deve ser do jeito que você a vê, não do meu jeito.

– Você já fez cem desenhos dela. É só fazer outro ou me dar um desses – gesticulo na direção do portfólio.

– O que você sente quando olha para ela?

– Você está de sacanagem? Deixa pra lá. – Ele que vá para o inferno se está esperando que eu entre nesse papinho de sentimentos.

– É evidente que você tem um motivo para querer o desenho.

– Quero um desenho para bater punheta. Que diferença faz para você?

Continuo desenhando para não ter que olhar para ele, mas estou mutilando o esboço que estava fazendo. Vou ter que começar de novo, mas não ligo.

– Alegria, medo, frustração, saudade, amizade, raiva, necessidade, paixão, amor, desejo?

– É.

– É o quê?

– Tudo isso – respondo, porque agora estou dentro, querendo ou não.

– Eu trago daqui a uns dois dias.

Cumprindo com a palavra, Clay entra na sala de aula dois dias depois, me entrega uma pasta de cartolina grande e me diz para não abrir até chegar em casa. Parte de mim quase desejou que ele tivesse esquecido ou que tudo não passasse de um sonho ruim e eu nunca tivesse pedido nada. Depois ele me mostra outro desenho que adicionou ao portfólio e agora sei onde Flor do Dia passou os últimos dois dias.

– Você está obcecado – digo a ele, devolvendo o desenho.

– E sou o único?

– É. – Ele me olha com um ar desconfiado e sei que cometi um erro grave, mas agora não tenho como voltar atrás. – Eu só queria um desenho. Não teria pedido se soubesse que você ia ficar de babaquice.

– Não se preocupe – diz ele, e, por um instante, o Clay metido desaparece. – Não vou contar para ela.

Fico aliviado e passamos um minuto sem falar nada. Parece que meu cérebro saiu do meu corpo e me abandonou.

– O que você vai fazer hoje à noite? – pergunto.

– Está me convidando para sair?

– Jantar no Drew, às seis.

É oficial: estou louco de pedra. Os pais de Drew foram viajar no último fim de semana, mas a mãe dele fez uma tonelada de comida e insistiu que mantivéssemos o jantar de domingo. Depois eles decidiram voltar mais cedo para casa, então Drew antecipou o jantar para hoje à noite.

– Você surtou – Clay responde. – Primeiro o desenho e agora isso? Não quero ser uma vítima do seu plano de autodestruição.

– Você pode perseguir o objeto da sua obsessão mais um pouco. – Inclino a cabeça na direção do caderno dele. – Leve a Michelle do Anuário se quiser.

– Você sabe que o Drew vai ficar puto se a Michelle e eu aparecermos na casa dele.

– Sei.

– Seis horas?

– Seis horas.

Capítulo 34

Nastya

Hoje em dia, quero ter o máximo de controle possível. Posso não ser capaz de impedir algum psicótico de me encontrar num lugar qualquer num momento qualquer, mas posso controlar o que fazer com ele quando isso acontecer.

Já fiz aulas suficientes de defesa pessoal nos últimos dois anos para saber que eu poderia ter feito muitas coisas naquele dia. Não sou especialista em artes marciais. Nem de longe. Só sei alguns golpes difíceis porém realmente sensacionais de imobilização e uns poucos recursos cruéis de luta de rua, mas até esses já teriam bastado. Eu poderia ter enfiado os dedos nos olhos dele, esmagado sua traqueia, lhe dado um tapa nas orelhas ou uma joelhada na virilha ou aplicado o padrão clássico de gritar e sair correndo a toda velocidade. Não fiz nada disso. Sabe o que eu fiz? Sorri e disse oi. Porque eu era educada. E idiota.

~

Não tem ninguém na frente da casa de Drew quando chego com Josh. Ele pega a bandeja de *cupcakes* – presente que Margot me deu sem nenhum motivo especial – e a leva para dentro de casa. Vou atrás dele. É difícil deixar de sorrir, pois estou habituada a vê-lo carregando madeira, e uma bandeja rosa para *cupcakes* é algo completamente diferente. Drew e Sarah estão na cozinha, onde a Sra. Leighton estaria. Imediatamente identifico o jantar pelo cheiro. Italiano.

– Josh – Sarah ataca assim que entramos –, não é verdade que temos que esquentar a comida no máximo a 180 graus?

– Vai esquentar mais depressa a 230 – argumenta Drew.

– Vai ficar seca – diz Sarah cantarolando.

Parece que esta discussão já dura algum tempo. Sarah me olha de relance e percebo o olhar de repulsa que ela reserva só para mim.

– Depende do que é a comida, mas sim, provavelmente vai ressecar – diz Josh, contornando-os para colocar os *cupcakes* na bancada.

A cozinha está abafada por causa do calor emitido pelos dois compartimentos do forno duplo, e me pergunto se o creme à base de merengue suíço com o qual decorei meticulosamente os *cupcakes* vai sobreviver. Minha mão não ficou maluca enquanto eu os decorava, então ficaram perfeitos.

– Viu? – diz Sarah na cara de Drew, dirigindo-se com ar triunfante até o forno para baixar a temperatura. Acho que a palavra de Josh também é a que vale quando se trata de esquentar comida.

– Pega no meu – diz Drew.

– A sua namorada está aqui. Pede a ela. – Sarah abre um sorriso exageradamente meigo para mim antes de desaparecer pelo corredor, a caminho do quarto.

– Eu odeio ela – diz Drew, mas deixa passar o comentário.

Dou uma olhada na cozinha e vejo a quantidade de potes e pratos empilhados na bancada. A Sra. Leighton deve ter imaginado que não seríamos só nós quatro, porque deixou comida suficiente para alimentar um exército.

Nos 15 minutos seguintes, a campainha toca mais quatro vezes. Piper entra primeiro, e deve ter combinado com Sarah o figurino que ia usar. Ela diz oi para Drew e Josh antes de ir na direção do quarto de Sarah sem nem olhar para mim. Depois chegam Damien Brooks e Chris Jenkins. Chris eu conheço por sua fama de ser habilidoso com o martelo na oficina. Ele me olha constrangido e diz oi. Desde o incidente do martelo, tem tentado me ignorar ainda mais. Eu nem sabia que isso era possível, mas ele está fazendo um trabalho e tanto. Damien eu já vi por aí, mas nunca conheci. Ele olha para o meu decote mas não diz nada. Chris está com uma caixa de cerveja em cada mão. Damien tem uma caixa de cerveja na mão esquerda e uma garrafa de tequila na direita. É óbvio que Drew deu a eles uma descrição muito diferente do jantar de domingo, e agora entendo por que o antecipou para sexta. Mas enfim, eu também fui bem criativa no convite que fiz a Tierney Lowell no banheiro, há uns dias. Quando a campainha toca pela terceira vez, sou a única que está esperando por ela.

~

Eu estava no banheiro feminino no fim do corredor de língua estrangeira, na quarta-feira. Tierney deve ter me visto entrando e me seguiu, pois obviamente não estava usando o banheiro. Quando terminei de lavar as mãos, ela me entregou uma toalha de papel com um

gesto tão ameaçador que tive que respeitá-la. Qualquer um que seja capaz de transformar o ato de passar uma toalha de papel para alguém num gesto ameaçador merece respeito. Claro que ela não parava de me fuzilar com o olhar, então, para não ser grosseira, eu a encarei também. Era algo tão completamente absurdo que tive vontade de rir. Precisei de um esforço descomunal para amarrar a garganta e não deixar a gargalhada sair, mas já que decidi entrar naquela guerra de olhares, não queria perder. Estava claro que ela tinha algo a dizer e eu esperava que ela dissesse logo, já que não iria conseguir me intimidar, apesar dos boatos que já ouvira sobre ela: tráfico de drogas, abortos ilegais, posse de arma branca. Ouvi dizer que ela até leva garrafas de vidro para a praia!

Não acreditei em nada daquilo e acho que preferiria que parasse de me olhar como se eu tivesse envenenado a avó dela. Meio que gosto de Tierney e acharia legal se ela gostasse de mim também. Para ser sincera, seria bom ter uma amiga com quem não falar de vez em quando.

– Você deve saber vários truques para ficar com o Drew tanto tempo.

Mistério solucionado. *Drew*. *Claro*, eu diria a ela, como se já devesse ter entendido tudo desde o princípio, só que eu não teria como saber, até porque mesmo agora não entendo. Se ela e Drew realmente ficaram, como Josh disse – e, com Drew, tudo é possível –, ela não parece ser do tipo que ficaria com ele durante muito tempo. Não vejo Tierney Lowell como alguém que deixaria que qualquer um, muito menos Drew Leighton, se aproveitasse dela. Eu adoraria estar mais por dentro disso, porque queria muito mesmo saber o resto daquela história.

Merda. Eu ia ter que escrever. Precisaria infringir a regra, mas considerei uma necessidade absoluta, inevitável, questão de vida ou morte, ou a curiosidade me mataria. Peguei o caderno que ela estava segurando e tirei uma caneta da minha bolsa. Decidi tomar essa atitude e dar a cara a tapa, porque só havia um motivo para essa garota me encurralar no banheiro: era um ciúme puro e concentrado. *Você ainda o ama?* Escrevi no papel e o passei para ela de um jeito meio rude, me sentindo totalmente melodramática.

Ela abriu a boca, surpresa; estreitou os olhos e falou, com um toque fingido de veneno na voz:

– Eu *nunca* o amei.

Ela não riu como se essa fosse a pergunta mais absurda da face da Terra, então peguei o papel de volta e escrevi o convite. *Várias pessoas no Drew, domingo, 18h.* Foi um bilhete logístico, então era totalmente aceitável.

Ela o leu e me olhou desconfiada, já conhecendo a tradição da família Leighton.

– Eles jantam no domingo.

Balancei a cabeça e apontei de novo para o recado, esperando que isso fosse convencê-la. Eu sabia que ela não estava engolindo e devia estar achando que aquilo tudo não passava de uma armadilha para atraí-la para alguma cerimônia macabra envolvendo sangue de porco e

humilhação pública, mas dava para ver que ficou interessada. Saí de lá sem saber qual seria a decisão dela.

~

Ao contrário de todos até agora, Tierney é a única que espera ser convidada para entrar. Eu não sabia se ela apareceria; ontem enfiei outro bilhete no armário dela depois que Drew mudou os planos, mas não tinha certeza se ela tinha visto. Quando Josh abre a porta, ela parece quase nervosa, de pé na entrada, vestindo uma minissaia e duas blusas roxas de um ombro só, uma sobre a outra. Ela é mesmo uma garota linda; só que parece sempre estar brava, mas talvez seja apenas quando olha para mim.

– Tierney? – pergunta Josh.

Não é como se ele não soubesse quem ela é, mas sem dúvida não entende o que ela está fazendo aqui. Observo a reação dele, mas é Josh, que não costuma deixar nada transparecer. Ele poderia ter aberto a porta para duas hienas transando que a expressão em seu rosto continuaria impassível.

Eu teria tentado fazer com que ele me contasse mais detalhes sobre Drew e Tierney no outro dia, mas Josh age de um jeito estranho quando faço perguntas sobre Drew, então decidi ser paciente e esperar até hoje à noite.

– Fui convidada – diz ela, para ninguém ficar achando-a patética por ter aparecido na casa de Drew querendo vê-lo enquanto seus pais estão viajando. Eu me sinto meio mal por colocá-la nessa situação.

Josh não diz mais nada. Apenas abre a porta mais um pouco e a deixa entrar. Ela me vê olhando da sala de jantar, mas não faz nada além de avaliar a minha roupa antes de seguir para a cozinha. Tierney sabe se localizar muito bem nesta casa.

Como quem não quer nada, tento acompanhá-la antes que chegue à cozinha. Quero ver a reação de Drew. Assim que ela passa pela entrada, ouço Damien Brooks exclamar:

– T-Lo está na área! – Isso elimina qualquer dúvida sobre quanto ele é babaca. – E aí, gostosa? Eu não sabia que você vinha.

– Nem eu. – Ela volta a atenção para Drew, que está retornando da garagem, onde foi guardar o resto da cerveja para gelar.

– Tierney – diz ele, contendo a surpresa inicial.

– Drew.

– Não sabia que você tinha sido convidada.

– A sua... – ela faz uma pausa e gesticula na minha direção. – Ela me convidou.

Eu sabia que isso ia acontecer. Drew vem até mim, passa o braço pela minha cintura e me aperta contra seu corpo. Já estou acostumada com essas exibições de posse, então deixo rolar. Os olhos de Josh acompanham a mão de Drew ao redor da minha cintura e ele sai da cozinha.

– Engraçado, ela não mencionou – diz Drew, mas não parece achar graça nenhuma.

Seus dedos apertam um pouquinho mais a pele da minha barriga, onde a blusa está levantada. Eu o empurro, afastando-o de mim, e mostro o dedo do meio, tentando fingir que é apenas uma brincadeira nossa – e meio que é verdade, mas ainda assim ele precisa ter mais cuidado com o que faz, e o encaro de modo a deixar isso bem claro.

– Mais tarde, gatinha. Prometo. – Ele fala comigo, mas continua olhando para Tierney. – Agora tenho um jantar para servir! – Drew bate palmas dramaticamente para chamar a atenção de todo mundo, mas todos já estão olhando para ele. – Vocês conhecem a regra: todo mundo ajuda!

Em questão de instantes, nosso grupo heterogêneo, de patricinhas caretas a vadias indecentes, faz exatamente isso. Pegamos as travessas, servimos as bebidas, vamos e voltamos entre a cozinha e a sala de jantar. Damien Brooks está de pé diante da bancada fatiando pão de alho e Tierney Lowell paira sobre a mesa criando leques impecáveis com os guardanapos. É surreal. A Sra. Leighton ficaria orgulhosa.

Quando Clay e Michelle do Anuário chegam, ninguém se surpreende mais com nada.

– Tem alguma coisa que você queira me contar? – sussurra Josh de modo que só eu consiga escutar quando estamos indo lado a lado para a sala de jantar, carregando pratos e talheres.

Será que ele está bravo? Não sei dizer. Sei que passei dos limites com o lance da Tierney, mas, em todo caso, era Drew quem deveria ficar aborrecido com isso. Não digo nada, grata por não precisar responder, já que estamos cercados de gente. Quem sabe como esta noite vai terminar? Isto aqui está parecendo *O clube dos cinco* num barril de pólvora, e me pergunto quem é que vai acender o fósforo.

Josh

Terminamos nos sofás da sala de estar depois de tirar a mesa e guardar tudo. A cerveja já sofreu uma baixa considerável e a garrafa de tequila que o merdinha do Damien Brooks trouxe paira sobre a mesa de centro como um mau presságio.

Sarah bebeu duas cervejas durante o jantar e já está fazendo coisas estúpidas. Mais duas e cai de cara no tapete. O bom de quando bebe é que, durante alguns minutos, ela deixa de agir como uma vaca e eu lembro por que já gostei dela e por que odeio isso que ela se tornou.

Olho em volta, à procura de Flor do Dia, e a vejo saindo da cozinha e passando por Damien, que por alguma razão agarra o braço dela para fazê-la parar. Não sei bem o que acontece, mas um segundo e meio depois Damien está no chão, de barriga para baixo, sendo imobilizado por um joelho nas costas. Depois, tão rápido quanto o derrubou, ela o solta.

– Que porra foi essa? – reclama ele, se levantando e agindo como se não estivesse sentindo dor, mas está na cara que é mentira.

Eu acharia engraçado se não tivesse visto o rosto dela. Mas vi e sei que não teve nada de engraçado. Ela está encostada na parede e não sei dizer se está aterrorizada ou furiosa. Tento ver se está bem, mas acho que ela está evitando meu olhar. Me pergunto como poderia tirá-la daqui durante alguns minutos, mas nem tenho a chance de pensar em algo.

– Você tem que me ensinar a fazer isso!

Sarah arregala os olhos e fita Nastya pela primeira vez demonstrando algo além de repulsa. Está completamente pasma. Até eu estou meio pasmo. Damien é maior do que todos nós, e todo mundo aqui é maior do que Flor do Dia.

Tierney olha de soslaio para Drew:

– Eu também queria aprender isso.

A hora seguinte se transforma numa demonstração improvisada de técnicas de defesa pessoal. Empurramos todos os móveis para os cantos e acolchoamos o chão da melhor forma possível.

Ganho o papel de predador e apanho pra cacete enquanto Flor do Dia mostra todos os pontos vulneráveis do meu corpo, dos olhos à parte de baixo das costelas, aos pés, à virilha – onde eu não me importaria se ela colocasse as mãos, mas não permito que Nastya me machuque nem de mentirinha. Sem dúvida fiquei com a parte chata do negócio. Por sorte, ela não quer me machucar de verdade, mas parece levar a tarefa a sério e faz questão que as garotas entendam bem tudo o que está demonstrando. Não há dúvida de que, para ela, nada disso é uma piada.

– Tenho medo de partir você ao meio – digo quando ela me obriga a atacá-la de novo, mas na verdade tenho medo de *ela* me partir ao meio. Sua força é assustadora.

Ela pega um pedaço de papel da bancada, escreve algo nele e o empurra contra meu corpo. Estreita os olhos de modo desafiador e tento não sorrir.

Você precisa fazer muito mais do que isso para me partir ao meio. Deixe de ser frouxo!!!!!

Ela me desafia porque acha que eu não estou tentando machucá-la de verdade. E tem razão; não estou. A cada tentativa, tenho a intenção de atacá-la com toda a força, mas não consigo e pego um pouco mais leve. Deve estar muito brava para escrever isso, então tento com mais força. Finalmente, parto para cima dela como se quisesse mesmo derrubá-la. Quem acaba no chão sou eu. Ela deve ter praticado esse golpe mil vezes; nem tenho ideia do que fez. E o mais triste é que dessa vez eu acho que *ela* é que pegou leve comigo.

Então, antes que todos se dispersem, ela pega o papel de volta e começa a escrever de novo. Fico achando que é algo para mim, porque já é estranho só o fato de ela estar escrevendo. Mas, quando termina, entrega o papel a Sarah e às outras meninas e imediatamente se vira para começar a recolher as almofadas do chão.

Tentamos ajeitar a sala, mas fica mais ou menos. Depois de colocar os sofás de volta no

lugar, nos damos por satisfeitos. Sarah deixa o bilhete de Flor do Dia numa mesa de canto quando vai até a cozinha pegar outra cerveja, e finalmente posso dar uma olhada. Ela escreveu o nome do estúdio de artes marciais que frequenta e um número de telefone; abaixo, apenas algumas palavras escritas em letras maiúsculas:

ANTES DE TUDO, SAIA CORRENDO. E RÁPIDO.

Drew se senta num canto do sofá e puxa Nastya para perto. Fico do outro lado dela. Minha perna encosta na dela quando estou me sentando, mas nem ela nem eu nos afastamos. Passei a última hora sendo agarrado por ela, o que poderia parecer suficiente. Mas não chega nem perto disso. Nunca é o bastante. Mas isso não importa, porque, de qualquer jeito, ela deve acabar no colo de Drew até o fim da noite.

– Já sei – diz Sarah enrolando a língua enquanto põe outra garrafa de cerveja vazia na bancada e se deixa cair no sofá de dois lugares. – Vamos brincar de verdade ou consequência.

– Isso é chato! – grita Damien da cozinha, onde está abrindo todos os armários em busca de copos para tequila.

– Esse jogo é um saco – concorda Chris.

– Eu brincaria de verdade ou consequência – diz Drew, passando os dedos pelo braço de Nastya e me fazendo ter vontade de dar um soco nele.

– Brincaria? – exclama Sarah, que já está muito bêbada para conseguir ser cínica.

– É! Se eu tivesse 13 anos e fosse um otário.

Antes que Sarah mande Drew calar a boca, Tierney se inclina sobre a bancada da cozinha:

– Com medo de um joguinho, Drew?

– O medo corre nas minhas veias, T. Por que é mesmo que você está aqui?

Ele beija a mão de Nastya e torna a repousá-la na perna dele. Fico alerta a cada vez que ele coloca as mãos nela e estou começando a achar que sou algum tipo de perseguidor obsessivo.

– Eu vim para brincar de verdade ou consequência, ora bolas – afirma ela com a maior naturalidade, dando a volta na bancada e pegando os copos das mãos de Damien. Ela os coloca na mesa e os enche de tequila. – Todo mundo joga. Quem amarelar, vira uma dose. Simples.

Ela enche o último copo e endireita a garrafa sem deixar cair nem uma gota.

Eu meio que esperava que Clay e Michelle do Anuário ficassem um pouquinho chocados, mas eles parecem muito entretidos. Imagino que, para quem é um mero espectador, esta noite deve estar sendo incrivelmente divertida.

~

– Certo, Drew. Verdade ou consequência?

Estamos na quarta rodada e é a vez de Chris. A coisa foi ficando feia depois da primeira rodada e a tensão no ambiente está começando a me encher o saco. Estou pronto para ir embora.

Flor do Dia já virou três doses e está para lá de bêbada. Escolheu verdade nas três rodadas, mas não quis escrever nenhuma resposta. Perguntaram com quantos caras ela já transou, com que idade perdeu a virgindade e o lugar mais estranho em que fez sexo. Todas as vezes, ela virou a tequila. Na última, Piper parou de falar de sexo e criou coragem para perguntar por que ela não fala. Eu me levantei e bebi a tequila no lugar dela.

– Verdade – responde Drew.

– Quanto tempo demorou até vocês... – Chris olha na direção de Nastya e interrompe a pergunta.

– Até o quê? Por que fazer uma pergunta que você nem consegue pronunciar? – diz Piper, zombando dele e rindo.

– Acho que ele está com medo – retruca Sarah, dando uma risadinha. – Ele sabe que ela pode enchê-lo de porrada.

– Fora que é uma pergunta desperdiçada. Todo mundo sabe que eles já transaram. Que diferença faz quando foi? – diz Damien.

– Não importa – contesta Tierney. – A pergunta foi feita. Responda ou beba.

Drew olha para Nastya e, se eu não estivesse prestando atenção, não teria visto a troca silenciosa entre eles, mas sei que rolou algo que ninguém mais notou. Toda a situação me incomoda e isso me incomoda mais ainda.

– Na festa do Trevor Mason. Segunda semana de aula.

– Isso já tem uns dois meses. Não é tipo um recorde, Drew? – pergunta Tierney, mas não consegue falar com toda hostilidade que pretendia.

Todos continuam falando, mas não estou mais escutando. A festa de Trevor Mason foi aquela em que Drew deixou Nastya tão bêbada que ela passou boa parte da noite no chão do meu banheiro, e tive tanto medo de que ela entrasse em coma alcóolico que quase a levei para o hospital. Ele trepou com ela e eu limpei o vômito.

Uma parte de mim queria acreditar que ele nunca tinha tocado nela, ou pelo menos não *de verdade*. Mas eu não perguntei porque só uma parte de mim acreditava nisso. A outra parte sabia que ainda havia uma possibilidade de isso ter acontecido e eu não queria essa confirmação.

– Drew – digo, sem me importar se estou parecendo muito puto. – Verdade.

– O Drew acabou de responder. Além disso, você precisa deixá-lo escolher – resmunga Piper, mas ninguém mais embarca na onda de seguir as regras, porque todo mundo quer saber o que vai acontecer.

Menos Drew e Nastya, que me olham como se quisessem me mandar calar a boca. O que seria um bom conselho. Infelizmente, não dou ouvidos.

– Verdade, Drew. – Não tirei os olhos dele e sinto a tensão de Nastya. Ela tira a mão da perna dele e discretamente pressiona a perna contra a minha, mas eu não quero nem saber.

– Tá bom – diz Drew.

– Você trepou com ela antes ou depois da festa?

Ele sabe exatamente por que estou perguntando.

– Sirva a tequila, T. – diz ele, sem desviar o olhar.

Talvez eu seja um idiota por pensar que ele não se aproveitaria dela quando estava bêbada daquele jeito.

– Ei!

A voz interrompe o meu embate com Drew e fico paralisado ao ver Leigh entrando. Ninguém nem ouviu a porta da frente se abrir. Começo a quebrar a cabeça. Eu tinha marcado de encontrá-la? Sabia que ela viria? De repente, a sala fica cem vezes menor e me sinto numa arapuca. Por algum motivo, ver Leigh e Flor do Dia no mesmo ambiente me faz imaginar dois planetas em colisão. Destruição apocalíptica. Já atingi o limite da minha tolerância aos dramalhões horas atrás. É por isso que evito esse tipo de merda.

Leigh sorri, sem ter a menor ideia de onde está se metendo. Já estava ruim antes de ela chegar, e isso é ainda pior. Conforme ela se aproxima de mim, fico de pé instintivamente. Vejo Drew puxar Nastya para o colo dele e sussurrar algo em seu ouvido. Os olhos dela mal se movem, e eu não esqueci que quero uma resposta dele antes de ir embora.

– O que houve? – pergunto, tentando não deixar a irritação transparecer, porque Leigh não fez nada de errado, mas não a quero aqui de jeito nenhum.

– Eu vim de última hora – explica ela. – Passei na sua casa e você não estava lá. A loja de material de construção está fechada – ela sorri para mim cheia de cumplicidade –, então deduzi que você devia estar aqui.

– Não precisa disfarçar o fato de que você queria me ver, Leigh, mas aprecio a discrição – diz Drew.

Se ele pensa que está deixando o clima mais leve, é um idiota.

– Você não mudou nada, não é? – Ela sorri para Drew.

– Já você... Seus peitos estão maiores. – Ele aponta o queixo na direção dela, mas muda de assunto antes que ela responda. – Pena que perdeu um jogo de verdade ou consequência incrível. Acabamos de terminar.

Talvez não seja tão idiota assim. Seu instinto de sobrevivência falou mais alto. A chegada de Leigh deu a ele a oportunidade de se safar.

– Não brinco disso desde o sétimo ano.

Leigh ri, e então se senta no sofá com Drew e Nastya e me puxa para junto dela, de modo que não resta nenhum espaço entre nós. Os olhos de Nastya estão cravados em Leigh, mas ela não olha para mim.

– Gostaríamos de poder dizer o mesmo – reclama Damien.

– Não parecia que estava achando tão ruim quando desafiou Piper a tocar uma punheta para você dentro do armário – alfineta Sarah.

– Grande merda! – Tierney dá um suspiro exagerado. – Tem drama demais por aqui. Chega de tequila; só vai deixar vocês ainda piores. – Ela joga um saquinho de maconha na mesa de centro e se vira para Drew. – Preciso de uma garrafa de refrigerante de dois litros, algo para cortar o plástico, uma tela e um jarro de água.

Nem Dalí conceberia a cena que se desdobra em seguida na sala dos Leighton. As pessoas que há meia hora tentavam sabotar umas às outras agora cooperam numa gincana em busca das peças para construir um bongo. Ficam trazendo coisas e mostram a Tierney para que ela as aprove ou não, como se fosse a formiga-rainha ou algo assim. Ela verifica o monte de trecos na mesa à sua frente.

– Não tem a tela.

– Eu não sei onde arrumar um pedaço de tela – diz Sarah.

Tierney sai da sala e desaparece no corredor. Quando volta alguns minutos depois, está com uma pequena tela redonda nas mãos.

– Onde você arranjou isso?

– Na torneira do banheiro – responde ela, ajoelhando-se diante da mesa de centro e começando a montar o bongo.

No meio do processo, Piper observa o trabalho de Tierney, desconfiada.

– Eu é que não vou colocar a boca nessa coisa.

– Você coloca as mãos no pau do Damien mas não vai pôr a boca nisto? – Tierney parece estar quase revoltada com o desperdício e volta a dar suspiros exasperados. – Problema seu. Dá mais onda, mas você é que sabe. – Ela olha ao redor e para ao fitar Damien. – Aqui.

Joga uma seda para ele e o manda enrolar um baseado para Piper, mas ele não chega muito longe antes de ela afastá-lo por estar fazendo um péssimo trabalho.

– Se não sabe enrolar um baseado, nem tente – dispara Tierney.

– Não é tão difícil assim. – Ele tenta se defender, mas não a impede quando ela pega a seda de volta.

– É uma arte, seu idiota. Sai da minha frente.

Tierney então enrola o baseado mais apertado que já vi. Ela tem razão: é uma arte e ela é mais do que talentosa. Sou péssimo nisso. Não é que seja algo que eu faça com frequência, mas deve ser legal ter essa habilidade.

– Todo mundo tem que saber fazer algo com as mãos – diz Drew, passando os dedos pelos cabelos de Nastya. Tierney olha para ele furiosa e então prossegue na construção do bongo.

É difícil não ficar impressionado ao observá-la. Está completamente concentrada, como se fosse responsável por uma operação de alta tecnologia, e demonstra total respeito pela tarefa. Clay não sai do lado dela e pede que Tierney explique cada parte do processo. Lembra um pouco a Flor do Dia na minha garagem. Ela ensina passo a passo, explicando não só o que está

fazendo como também a ciência por trás do processo. É como uma versão para substâncias ilegais da aula de Física.

Tento me concentrar na construção do bongo para não ficar obcecado com o fato de que Leigh fica passando a mão na minha perna e Nastya está sentada bem ao lado dela, assistindo de camarote.

Quando Tierney termina, entrega sua obra a Clay e olha para ele quase com orgulho.

– Você primeiro. Você ajudou a fazer.

Depois ela se vira para o resto da sala e diz que é melhor a gente relaxar, pois está de saco cheio das provocações e não vai desperdiçar erva boa com gente babaca.

Leigh se inclina e sussurra algo no meu ouvido sobre irmos para o quarto. Então nos levantamos e saímos pelo corredor antes que eu consiga entender o que está acontecendo. Cometo o erro de olhar para trás para extrair forças da imagem de Drew agarrando a Flor do Dia no sofá, mas, quando faço isso, vejo que ela está me observando. Sem piscar. Deixando claro que vou sofrer as consequências pelo que estou prestes a fazer. Drew olha para ela e para mim e a segura pela cintura com mais força, fazendo-a desviar o olhar antes de eu perdê-la de vista.

Capítulo 35

Josh

Levo Leigh até a porta e volto para a sala de estar, desejando que eu estivesse bêbado ou chapado como os outros. Sarah e Piper sumiram, o que significa que provavelmente estão desmaiadas no quarto. Através da porta de vidro de correr, vejo Michelle deitada na grama, olhando para o céu. Ou dormindo. Não dá para saber daqui. O bongo está jogado na mesa de centro e Damien e Chris ainda estão chapados, tentando matar um ao outro no video game. Do outro lado da sala, Tierney está dando a Clay uma aula sobre como enrolar baseados e eu o escuto dizer algo sobre querer desenhá-la, o que a faz gargalhar histericamente. Drew está no sofá, olhando para ela. Ao me ouvir chegar, levanta o rosto e vejo a repulsa dominar sua expressão. Não preciso disso. Já basta o nojo de mim mesmo que estou sentindo.

– Onde está ela? – pergunto.

– E você se importa?

Ele faz questão que eu saiba que sou um babaca.

– O quê?

Estou cansado e quero ir para casa, e minha tolerância para as babaquices do Drew já estava perigosamente baixa horas atrás.

– É uma pergunta simples – continua ele. Meu punho se aperta a cada palavra dele e me obrigo a relaxar a mão. – Você se *importa* em saber onde ela está? Você se *importou* quando estava no quarto de hóspedes transando com outra garota?

Não acredito que ele tem a audácia de me dizer isso. Flor do Dia e eu não estamos namorando. Ele sabe disso mais do que qualquer um.

Tierney está completamente chapada, lutando para encontrar alguma lucidez enquanto

observa a cena.

– Aqui não, Drew.

– Está bem. Lá fora, então.

Ele se levanta e está surpreendentemente sóbrio. É então que me dou conta de que não o vi tocar em nada desde o jantar, horas antes. Ele nem tomou a dose de tequila que fez Tierney servir quando se recusou a me dizer se Nastya estava bêbada ou não quando eles transaram.

– Responda a minha pergunta – digo.

Eu me encosto na lateral da minha picape e enfio as mãos nos bolsos porque preciso fazer algo com elas.

– Eu a levei para casa – diz ele. – Agora responda a minha.

Ele não está de sacanagem. Está furioso.

– Eu não estava falando dessa pergunta.

– Eu sei. Responda a minha primeiro.

– Sim, eu me *importo* com onde ela está – digo, imitando seu tom de voz.

– Era isso que você estava fazendo no quarto com Leigh? Se *importando*?

Esse sarcasmo condescendente está me dando nos nervos. Não me *importo* se mereço isso ou não.

– Eu estava terminando tudo – digo, embora não lhe deva nenhuma explicação.

E o tempo todo fiquei me perguntando o que estava fazendo. Eu me sentei na cama e olhei para aqueles olhos verdes, o cabelo louro e o corpo perfeito que era meu sempre que eu quisesse, sem compromisso. Era simples, conveniente, descomplicado. E eu não queria mais aquilo. Bom, até queria, mas nunca tinha sido obrigado a fazer uma escolha.

Eu me aproximei dela e a beijei, na esperança de afastar todos os outros pensamentos. Fechei os olhos e, pela primeira vez desde que estou com Leigh, não foi o rosto dela que vi. Não vi o cabelo louro e os olhos verdes e tudo simples e descomplicado. Vi cabelo preto, olhos pretos, tudo complicado, frustrante, problemático e obscuro. E, no instante em que me afastei e abri os olhos para olhar para a garota que estava tirando a minha camiseta, eu soube o que perderia se fizesse aquilo. Antes nunca houvera um preço, mas agora havia – e não valia a pena.

Quando me afastei, ela olhou para mim como se já soubesse. Como se já estivesse esperando, sabendo que mais cedo ou mais tarde isso aconteceria, apesar de não ter certeza de como nem quando nem por quê. E eu nem mesmo achava que pudesse explicar.

– Desculpe – falei, porque não sabia que outra coisa dizer a uma garota que estava tirando a minha roupa quando eu estava prestes a rejeitá-la do nada, por nenhuma razão aparente.

Nós ficamos lá, sentados, sem nos tocarmos e sem saber o que dizer, e percebi como era diferente o silêncio ao lado dela.

– A garota no colo do Drew – disse ela finalmente.

– É. – Saiu antes que eu pensasse em mentir.

Ela estreitou os olhos e franziu os lábios de maneira quase imperceptível. Notei que seu batom estava borrado e imaginei se eu estaria com batom nos meus lábios também.

– Ela não fala muito.

– Você não sabe nem metade da história.

– E *ela* sabe metade da história?

Eu não disse nada e duvido que Leigh estivesse esperando uma resposta.

– Josh – disse ela, apoiando a cabeça no meu ombro e rindo daquele jeito que as pessoas fazem quando estão tristes mas tentando disfarçar. – O que vamos fazer com você?

Senti vontade de dizer que essa era uma boa questão e de perguntar se ela tinha alguma resposta para me oferecer.

Ela não fez menção de sair do quarto, então eu também fiquei lá, parado. Sobretudo porque não sei qual é a etiqueta. Se havia a coisa certa a se fazer numa situação como essa, eu não sabia o que era. Deveria me levantar e deixá-la ali? Dar um beijo de despedida? A gente deveria "terminar"?

Então Leigh fez algo que não havia feito desde o dia em que a conheci: ela me surpreendeu. Se deitou na cama, ficou olhando para o teto e começou a me contar sobre a faculdade. Coisas aleatórias, na verdade. Sobre como ela fica andando pelo campus em vez de ir direto para a aula porque é mais silencioso lá e tem carvalhos e que não existem tantos carvalhos assim na Flórida. Ela me contou sobre como sua colega de quarto aperfeiçoou uma maneira de entrar e sair do quarto do modo mais barulhento possível e sobre como ela pegou uma disciplina de Ficção Pós-Moderna só pelos créditos e acabou descobrindo que amava aquilo.

Tudo era só detalhes. Prosaicos e reais, a matéria de que o cotidiano é feito, e eu percebi que não nos conhecíamos e que isso era uma pena.

Três anos de lembranças com Leigh, e todas elas pareciam iguais. Fiquei observando suas mãos enquanto ela brincava com os botões da blusa e tentei lembrar se eram macias, porque eu já tinha esquecido ou talvez nunca tivesse notado. E comecei a pensar que talvez eu fosse o exemplo perfeito de um canalha. Mas quando ela parou de falar, olhou para mim e sorriu.

– Sempre pensei que um dia a gente teria uma conversa de verdade – disse ela. – Nós precisávamos fazer isso. Mesmo que tenha sido mais ou menos um monólogo meu.

A essa altura eu sorri também. Pedi desculpas mais uma vez e ela disse que talvez fosse me visitar algum dia, só para dizer oi. Imaginei que provavelmente ela não vai e acho que ela pensou a mesma coisa, mas nenhum de nós dois disse nada.

Ela nem ficou aborrecida. Não houve drama. Não houve perguntas nem lágrimas. Foi do mesmo jeito que seria se tivesse sido ao contrário, se ela houvesse terminado comigo. Terminar com Leigh foi como tudo sempre foi com ela: fácil.

Mesmo quando a acompanhei até a porta, pensei em como seria simples mudar de ideia e voltar atrás. E então transar com ela no banco de trás do carro para me impedir de voltar atrás

outra vez.

– Isso muda as coisas.

Não sei ao certo o que isso muda para Drew. Só sei que abri mão de fazer sexo porque me senti culpado por causa de uma garota que nem é minha.

– Por que você não me disse que dormiu com ela? – pergunto, e ainda quero saber se ele esperou ela ficar bêbada, porque, se esperou, vou partir para cima dele.

– Porque não dormi.

Não era a resposta que eu esperava.

– Você disse que dormiu.

– Acho que não levei ao pé da letra o negócio de falar a verdade – diz ele, dando de ombros.

– Ela não discordou. – Relembro os olhares trocados entre eles. Ele estava pedindo a permissão dela, mas não entendo por que ela concordou.

– Nós temos um acordo.

– Acabe com isso – digo, mesmo sem ter esse direito.

– Por quê?

– Porque você fica o tempo todo com as mãos nela. Faz ela parecer uma vadia.

– Primeiro, acho difícil que eu seja a única coisa que a faz parecer uma vadia. Segundo, se ela me pedir para parar, eu paro. Se não, por que deveria?

– Porque eu estou pedindo para você parar.

– Ela e eu temos um relacionamento bom para nós dois. Tipo você e a Leigh, só que sem sexo. E funciona. Por que eu abriria mão dele?

Ele está sendo totalmente sincero.

– Porque não significa nada para você.

– E por que significaria algo para você?

– Porque ela é minha e eu não quero que você coloque as mãos nela.

Sou um menino de 5 anos brigando por um brinquedo. Eu me sinto um idiota assim que as palavras saem da minha boca, mas não tem mais volta e é verdade. Preferia que não fosse.

– Eu sei – diz ele num tom arrogante.

– Você *sabe*?

– Eu não sou burro, Josh. Vocês dois andam se comendo com os olhos desde o primeiro dia de aula. Eu nunca faria nada com ela nem ela comigo.

– Então por que toda essa palhaçada de hoje?

– Só queria ouvir você dizer.

Ele sorri e começa a se dirigir de volta para casa. Estou aliviado demais para ficar puto com ele.

– O que está rolando entre você e a Tierney? – pergunto quando ele chega à entrada.

– Estamos tentando não transar. E não nos matar. O mesmo que sempre rolou entre a

gente.

No dia seguinte, estou na casa de Nastya às nove da manhã. Tínhamos planos, mas, depois de ontem à noite, não sei bem se ainda estão de pé. Espero na porta, pois Margot provavelmente acabou de ir para a cama e não quero tocar a campainha e acordá-la.

Quando a porta se abre, Flor do Dia aparece usando um vestido rosa florido e sandálias rasteiras brancas. Eu me pergunto quem ela é hoje. Nastya entra na picape e bate a porta.

– Cala a boca. Foi presente de aniversário – diz ela antes de eu ter a chance de fazer qualquer comentário.

– Isso não quer dizer que você tinha que usar. – *Mas fico feliz que use.*

– Achei que deveria aproveitar algo da intervenção, já que não fiquei com o telefone. Além do mais, passo tanto tempo lavando as suas roupas que não tive tempo de lavar as minhas.

Ela prende o cinto de segurança e partimos sem nenhuma palavra sobre ontem à noite.

Visitamos três lojas de antiguidades até o meio-dia e ainda não encontrei nada remotamente parecido com o aparador que estou procurando. Se tudo seguir a normalidade, Flor do Dia vai começar a reclamar por volta da loja número cinco, quando sua paciência para antiguidades costuma se esgotar. A loja número quatro é de alto nível, mas fica longe, e preciso prometer comprar sorvete quando sairmos, para convencê-la a descer do carro.

– Não seria mais fácil encontrar o que você está procurando pela internet?

– Que graça isso tem? – pergunto.

Ela tem razão. Seria muito mais fácil, mas gosto de procurar nas lojas.

– Que graça tem *isto*?

Ela abre a porta e sai se arrastando, fazendo drama.

– Você sabe que gosta.

– Eu gosto?

– Gosta.

– E como você sabe disso?

– Porque conheço você e ninguém a obriga a fazer o que não quer. Se não quisesse vir, não viria. E, se não viesse, não estaria aqui. Portanto, se não quisesse vir, não estaria aqui agora. Mas está. Segundo a relação transitiva da Flor do Dia, você quer estar aqui.

– Odeio você.

– Sei disso também – digo como se não me importasse e, em resposta, um canto de sua boca se levanta.

– Valeu a pena vir só para ouvir tantas palavras saírem da sua boca de uma vez. Talvez isso nunca volte a acontecer.

– Provavelmente não.

– Então me explique de novo por que você não pode se juntar à sociedade moderna e usar a internet.

Dou de ombros, porque é provável que a resposta pareça idiota.

– Gosto de encontrar o que ninguém mais está procurando. Coisas perdidas ou esquecidas, jogadas num canto. Coisas que eu nem sabia que existiam. Nem preciso comprá-las. Só gosto de descobri-las e saber que existem. É por isso que eu gosto.

– Mas é tudo velho...

– São antiguidades. A ideia é que sejam velhas.

– Então por que não comprar algo novo logo?

Ela para e se vira para mim.

– Gosto de coisas velhas – digo, colocando a mão nas costas dela e empurrando-a mais para os fundos da loja.

Elas existem há anos. Elas perduram.

– Mas alguma delas chega a valer o preço que estão cobrando? – pergunta ela, olhando para a etiqueta de um aparador de mogno bem ornamentado.

– Depende de quanto você queira aquilo. Vale o que você estiver disposto a pagar.

– E você poderia pagar por algum destes aqui?

– Poderia.

– Você vende tantos móveis assim? – Ela parece impressionada.

– Não.

A venda de móveis vai bem, mas não chega nem perto deste nível. Não tenho tanto tempo assim.

– Ah.

Ela não pergunta mais nada, mas eu conto mesmo assim, ainda que seja o assunto que mais detesto.

– Eu tenho muito dinheiro.

– Muito quanto?

– Milhões.

Observo o rosto dela. *Milhões*. Parece absurdo. Nunca contei isso para ninguém. As únicas pessoas que sabem são as que sempre souberam. É estranho até dizer isso em voz alta. Eu não falo sobre o dinheiro. Tento nem pensar no dinheiro. Tenho um advogado, dois contadores e um consultor financeiro que se preocupam com ele por mim. Se me entregassem tudo amanhã, eu não saberia o que fazer. Provavelmente acabaria escondendo-o embaixo da cama.

– Não é à toa que não teve problema em se emancipar – diz ela, friamente.

– Pois é.

Ela estreita os olhos.

– Você não está mentindo. – Ela avalia o meu rosto e balança a cabeça. – E quase não gasta.

– Meu pai não queria tocar no dinheiro, então tento gastar o mínimo possível. Uso o necessário para pagar as contas porque não ganho o suficiente para me manter enquanto ainda estou na escola.

Não posso dizer que odeio que ele exista, porque preciso desse dinheiro. Mas odeio o que ele significa e nunca vou me permitir ficar feliz por tê-lo.

– Você comprou alguma coisa com ele?

– Comprei a picape no ano passado, quando a caminhonete antiga do meu pai finalmente bateu as botas. E comprei uma mesa antiga.

– Qual delas?

– A escura que está no fundo da sala de estar, perto da porta de vidro.

– A escura? Só isso?

– Como assim?

– Geralmente você descreve tudo nos mínimos detalhes, floreando, e fica falando das curvas da madeira, da simetria das linhas e do casamento perfeito entre forma e utilidade – diz ela num tom pretensioso, gesticulando com afetação.

– Eu falo desse jeito?

– Quando fala sobre madeira e móveis, sim.

– Pareço um babaca pedante.

– Se a carapuça serviu...

Ela se dirige para o fundo da loja, onde estão as prateleiras com cerâmicas, vasos e luminárias.

– Tenho que estar em casa até as cinco – diz ela, virando para baixo a etiqueta com o valor de três mil dólares de uma luminária medonha, com uma base que parece um arlequim. – Eu preciso disto – completa em tom sarcástico.

– Por que às cinco?

– Tenho que me encontrar com o Drew para fazer uma pesquisa. Vai ter outro campeonato de Debate. Posse de armas nucleares pelo Estado. Muito interessante.

Não pensei mais em Drew desde de manhã e não quero falar dele agora. Mas como o conheço bem, sei que provavelmente vai dizer algo a ela hoje à noite, e preciso fazer um controle preventivo de danos.

– Sobre ontem à noite... – começo a falar e então percebo como essa frase é clichê. Agora entendo por quê. Ela não para de examinar intensamente um vaso horroroso, mas sei que está prestando atenção. Sempre está. – Eu disse ao Drew para manter as mãos longe de você.

– Por que você faria isso?

Isso deve interessá-la mais do que o vaso, porque ela se vira para mim.

– Porque todo mundo fica falando de você por causa disso. – E porque fico com ciúme, que é o motivo real. Nenhum de nós dois liga para as merdas que os outros dizem. – Mas isso não é da minha conta. Desculpa.

– E ele concordou?

Sua expressão é uma combinação de choque e divertimento.

– Não sem um pouco de persuasão.

– Que espécie de método faz efeito no Drew? – ela ri.

– Eu menti – digo, embora a verdadeira mentira seja esta. – Disse a ele que você era minha. – Ela não responde, então continuo. – Desculpa. Não tive a intenção de agir como se você fosse um objeto ou algo assim.

Aguardo alguma reação, que não vem. Ela gira a etiqueta de uma caixa de joias para que fique do lado certo e a coloca de volta no lugar.

– Vamos – diz ela, dirigindo-se para fora da loja. – Se não vai comprar para mim a luminária de palhaço de três mil dólares, precisamos ir. Você me prometeu um sorvete.

Depois do sorvete, eu a arrasto para mais uma lojinha decadente na parte velha da cidade e então pegamos o caminho de volta. O gato furta-cor que ela insistiu que eu lhe desse de presente está entre nós dois no banco, e mal posso esperar para chegar em casa, porque esse treco está me deixando apavorado. Acho que ela percebeu o medo nos meus olhos quando o pegou na loja e, depois disso, não houve jeito de sair de lá sem ele. Eu disse que preferia comprar uma pulseira para substituir a que ela perdeu no chafariz, já que estava me sentindo mal com aquilo, mas ela disse que não. Que não seria apropriado – seja lá o que isso quer dizer. Pelo visto, gatos apavorantes de cerâmica são aceitáveis, pois foi o que ela ganhou. Toda vez que olha para ele, ela sorri, e isso vale dez vezes o preço que eu paguei.

– Obrigado por vir – digo, só para ter o que dizer enquanto ela procura as chaves de casa na bolsa.

– Obrigada pelo gato. – Ela sorri de novo, pegando-o e erguendo-o até perto do rosto. – Ele se chama Voldemort.

Ela o coloca no colo como se fosse um gato de verdade e, por um instante, fico com medo de que ele possa realmente mordê-la.

– O prazer foi todo meu – respondo, e é verdade, embora soe bobo.

Ela põe o gato embaixo do braço e segura a maçaneta da porta, parando para me olhar antes de sair do carro.

– Só para você saber – diz ela, seu sorriso esmorecendo ao me olhar bem nos olhos –, você não mentiu.

Capítulo 36

Nastya

A porta da garagem de Josh está aberta quando eu passo por lá voltando da casa de Drew. Ele está num banco, lixando um pedaço de madeira. Deve estar desesperado para terminar o que quer que seja, porque em geral deixa essa tarefa para mim.

– Já terminaram? – pergunta ele quando pego a lixa da mão dele para conferir a espessura antes de devolvê-la.

Tiro outra folha do armário e me sento ao lado dele.

– Por hoje, sim. – Mostro um pedaço de madeira para ele. – A favor do veio ou contra?

– A favor em todos esses – diz, gesticulando na direção dos pedaços de madeira na bancada de trabalho.

– O que vão ser? – pergunto.

– Uma estante de livros. Para o aniversário da Sarah.

Eu assinto e começo a lixar uma das partes da estante.

– Você trocou de roupa – diz ele após alguns minutos ao som da canção de ninar que é a lixa passando na madeira.

Olho para a calça jeans e a camiseta preta que vesti depois que ele me deixou e dou de ombros.

– Acho que foi uma boa ideia. O Drew nunca iria conseguir se concentrar com você naquele vestido – diz ele.

– E quem poderia culpá-lo? Eu sou tão bonita que distraio... – jogo na cara dele só para mudar de assunto. Falar sobre Drew e eu nunca acaba bem. Além disso, o vestido era para Josh, não para Drew.

– Você não vai esquecer que eu falei isso, né?

– Por que deveria?

Tenho uma lista de coisas que gostaria de esquecer, mas isso não faz parte dela. Já repeti a frase na minha cabeça mil vezes. Talvez porque ele não disse que sou *linda*, *estonteante* ou *maravilhosa* – nenhuma dessas bobagens. Disse *bonita*, e em *bonita* talvez eu até consiga acreditar.

– Porque é a coisa mais idiota que já falei e gostaria que você esquecesse – rebate ele, meio mal-humorado.

Essa resposta lança a minha mente de volta à imagem dele ontem à noite, desaparecendo pelo corredor com uma das garotas mais bonitas que já vi. Loura, bronzeada, cheia de vida – tudo o que eu não sou.

– Considere esquecida.

Acabo de lixar o lado da prateleira no qual estava trabalhando e o coloco de volta na bancada. Então me levanto do banco e passo a mão na calça para limpar a serragem. Dá para sentir o olhar dele em mim.

– Está tarde. Vou para casa.

Não fiquei aqui ontem e é óbvio que também não vou ficar hoje.

– A gente se vê amanhã? – diz ele enquanto me dirijo para o meu carro.

Eu aceno por cima do ombro, mas não olho para trás.

Josh

Estou na porta da casa dela antes de ela enfiar a chave na fechadura. Saí de casa assim que Nastya virou a esquina, porque, porra!, não dá mais para continuar deste jeito.

– Posso entrar?

Ela abre a porta e entra. Eu vou atrás.

– Não fale nada que não seja sincero. Não sou tão patética que esteja precisando de elogios vazios.

Ela tranca a porta e joga a bolsa na mesa da entrada, junto com uma lata de spray de pimenta e aquele chaveiro-bastão que está sempre com ela.

– Foi sincero. Só que foi estúpido.

– Nossa. Melhor ainda. Você está se superando. Continue.

– Você não vai facilitar as coisas, né?

– Foi a melhor coisa que alguém me disse desde que cheguei aqui e você voltou atrás. Então, não.

– Eu não queria voltar atrás.

– Mas voltou.

Eu sei que sim. Eu sei. Ela não consegue disfarçar a mágoa em seu rosto, embora esteja tentando.

– Você sabe que eu fui sincero. Sou humano. E homem. E não sou cego. Quer que eu diga de novo? Você é tão bonita que me distrai. É tão bonita que eu atormentei Clay Whitaker até ele desenhar um retrato seu para mim, para eu olhar quando você não está por perto. É tão bonita que um dia desses vou perder um dedo na minha garagem porque não consigo me concentrar quando você está do meu lado. É tão bonita que eu preferia que não fosse. Assim eu ia parar de querer bater em todos os garotos da escola que olham para você, principalmente o meu melhor amigo. – Faço uma pausa para recuperar o fôlego. – Quer mais? Posso continuar.

E posso *mesmo*, mas, por mais que diga tudo isso, sei que não é verdade. Ela não é só tão bonita que me distrai. É a garota mais linda que eu já vi, e quero tanto tocá-la agora que é quase impossível impedir minhas mãos de fazerem isso.

– Mas como é que pode? – Seus olhos procuram os meus como se ela não acreditasse e estão tão arregalados que acho que eu poderia me perder dentro deles se ela deixasse. – Já troquei de roupa na sua casa umas cem vezes. Você nunca tenta olhar. Durmo na sua cama. Você nunca chega perto de mim.

– Eu não sabia que podia.

– Você estava esperando ganhar permissão?

Ela me olha como se eu fosse maluco, e me pergunto se não sou mesmo.

– Eu disse que era homem. Não que era um babaca. – O silêncio que antes era tão confortável parece uma tortura agora, então eu o preencho. – Não sou o Drew.

Ela pega o bastão e começa a girá-lo, e percebo que é uma arma. As chaves estão presas num dos extremos e rodam tão depressa que não passam de um borrão. Quero estender a mão e fazê-la parar, mas acho que, se aquilo me acertasse, doeria consideravelmente.

– O Drew não é babaca de verdade; ele só interpreta um na TV – diz ela, balançando a cabeça em seguida e franzindo o rosto. – Desculpa. Não teve graça nenhuma.

– Nem um pouco – sorrio. – Mas você está certa. Ele não é um babaca.

Não sei por que fico feliz por ela saber disso, mas fico.

– Por que estamos falando do Drew?

Boa pergunta, Flor do Dia. Porque é mais fácil. Porque, se pararmos, vamos ter que encarar o que estamos fazendo aqui e nenhum dos dois sabe fazer isso. Somos um zero à esquerda nesse quesito.

– Quer jantar comigo amanhã? – cuspo as palavras antes de ter a chance de desistir.

– É domingo. A gente sempre janta junto.

– Não. Só nós.

– Não quer ir na casa do Drew? – Ela parece confusa.

– Não.

Definitivamente não quero ir para a casa de Drew.

– Por que não? Ainda está bravo por causa daquele lance de a gente ter transado? Ele me disse que explicou para você que não era verdade.

– Estou tentando convidar você para sair e você está dificultando muito as coisas.

Ela para de rodar o bastão.

– Por que você me chamaria para sair?

– Não é isso que as pessoas costumam fazer?

As pessoas ainda fazem isso, não é? Leigh nunca esperou cinema e jantar, então eu não faço ideia.

– Não sei. Nunca saí com ninguém.

Começa a rodar de novo.

– Nunca?

– Não, lamento. Nunca tive a oportunidade. Minha vida não é exatamente o que seria classificado como normal. Quantas vezes você saiu com alguém?

Ela está ficando na defensiva.

– Nenhuma. – Minha vida também não é das mais normais. – Acho que nós dois somos esquisitos.

– Acho que isso já ficou claro há algum tempo.

– Então vamos fazer de conta. Uma noite. Vamos sair e fingir que somos normais.

Nunca passamos do hall de entrada, então estou perto da porta, mas ainda não estou pronto para abri-la. Ela parece amedrontada. Como se achasse uma péssima ideia e a qualquer momento fosse dizer que não. Eu seguro seu rosto entre as minhas mãos, para obrigá-la a olhar para mim.

– Uma noite – repito, não dando a ela a chance de inventar uma desculpa. – Eu pego você aqui amanhã.

Pressiono meus lábios contra a sua testa, ainda que eu preferisse beijá-la em outro lugar.

– Você ainda está com ela? – sussurra ela.

Nem acredito que não pensei em contar para ela. Aliás, até acredito, pois nunca falei sobre Leigh com ela. Nem uma vez. Será que isso estava na sua cabeça durante toda esta conversa?

– Não – digo.

– Nem só para...

Ela para e parece desconfortável, e eu meio que fico com vontade de rir. Algumas das conversas que ela tem com Drew fariam uma atriz pornô corar, mas ela não consegue dizer isso. Vendo-a agora, sou forçado a reconhecer a fragilidade que ela vive escondendo sob todas as insinuações sexuais e aqueles vestidos pretos apertados.

– Para nada. Juro.

Passo o polegar embaixo do seu lábio inferior e me afasto antes de me permitir beijá-la. Estou esperando por isso há meses e não quero que seja de pé no hall quando ela segura uma arma e logo depois de falarmos sobre Leigh.

Ela assente e parece envergonhada por ter perguntado, mas não deveria. Se fosse o contrário, eu também ia querer saber.

– Amanhã, então. Você e eu. Normal. Certo?

– Certo. – Ela sorri, mas não chega a ser um sorriso de verdade. É apenas uma vaga ideia.

Eu me viro para sair, mas ela me segura.

– O que eu visto?

Dou de ombros, já que nem sei aonde vamos.

– Vista algo normal.

Chego em casa bem a tempo de ver Clay Whitaker caminhando de volta para o carro dele. Parece nervoso ao me ver.

– O que houve? – pergunto.

Eu nem imaginava que ele soubesse o meu endereço.

– Você nunca me disse o que achou do desenho.

Boa tentativa, Clay, mas não é por isso que você veio aqui.

– O desenho estava perfeito. Você sabe disso. O que quer? Sutileza não é o seu forte.

– Por que você me pediu o desenho?

Sinto que todo mundo que conheço quer ouvir uma confissão minha hoje.

– Vou entrar em casa agora mesmo e devolver a merda do desenho só para nunca mais ter que ouvir mais uma palavra sobre ele.

Começo a andar na direção de casa e o sensor de movimento faz as luzes se acenderem.

– Você não viu a cara dela.

Ele não está mais falando do desenho. Está falando da casa de Drew, de quando eu saí da sala com Leigh. Ele está enganado. Eu vi a cara dela e foi horrível – e seria ótimo se me deixassem esquecer isso.

– O que é que essa garota tem que faz todos sentirem que têm uma espécie de responsabilidade ou a obrigação de protegê-la? – Eu inclusive. – Caso você não tenha percebido, ela é que deveria proteger a gente.

– O Drew e eu, talvez. Você, não tenho certeza.

Ele chuta uma pedra imaginária para a frente e para trás e eu começo a fazer o mesmo.

– Está bem, Clay. Me diga o que fazer.

– Está perguntando pra mim? – Ele está chocado. Eu também. – Você sabe que garotos gays e garotas hétero não são intercambiáveis, né? As estratégias não são as mesmas.

– Entendo. Nunca fiz isso antes.

Estou tentando descobrir como cheguei ao ponto de me encontrar de pé na entrada de

casa, pedindo conselhos para Clay Whitaker. Como é possível que, depois de tudo o que já aconteceu, essa garota faça a minha vida desandar?

– Você nunca fez isso antes? – pergunta ele, um tanto quanto incrédulo.

Olho para ele como o idiota aviltante que ele é, ainda mais à luz do que pensa que eu estava fazendo ontem à noite com Leigh.

– Eu já fiz *aquilo* antes. Só não fiz *isso* antes.

– Você nunca saiu com uma garota? – pergunta ele e ri, mas não acho graça nenhuma, e a minha cara deixa isso bem claro. – Tá, não tem graça. Mas, sério. Por que você não pede conselhos ao Drew? – Ele pensa um instante sobre isso. – Apaga. Deixa pra lá. – Ele caminha até o carro e se apoia na porta. – Certo. Do que ela gosta?

– De correr e de sorvete. E de bater em coisas. E de nomes.

– Nomes?

– Nem queira saber.

– Bom, o lance do suor e da adrenalina da corrida pode ser legal nas preliminares, mas acho que não cai bem para um primeiro encontro. Acho que sorvete é melhor. Bem inocente. Que nem ela. – Ele dá um sorriso sarcástico.

– Pensei que você fosse falar sério.

– E falei! – Ele para e percebo que está tentando compreender. – Como você sabe tanto sobre ela? Ela nem fala.

É quase o mesmo que eu disse para a Sra. Leighton, mas as intenções de Clay são diferentes.

– Já a levei para tomar sorvete. – Ignoro a pergunta.

– Então acho que só resta bater em coisas.

Capítulo 37

Nastya

É triste ter o primeiro encontro aos 18 anos? Pensei em mandar uma mensagem para Josh cancelando o jantar pelo menos meia dúzia de vezes hoje. Por fim, escrevi dizendo que não poderia ir porque não tinha nada para vestir. Ele respondeu imediatamente:

Nada ta otimo vejo vc as 4

Então não tenho escapatória. A única coisa que me faz sentir melhor é saber que Josh parece ser tão incompetente socialmente quanto eu. Só que ele fala. Então acho que leva vantagem. Mas enfim. Eu preciso muito dele. Não quero estragar tudo. Já é ruim o suficiente que meu cérebro seja uma pocilga; nem imagino o inferno que meu coração seria se ele não estivesse dentro dele.

Já que vestir nada não é uma opção viável, volto à estaca zero. Não tenho a mais remota ideia do que usar. Não é que meu senso de moda seja limitado. Ele é inexistente. Passei de roupas de recital para roupas de paciente para roupas repulsivas. Nunca normal. Nem sei o que é isso. É aqui que uma amiga seria de grande ajuda. Eu teria engolido o orgulho e escrito um recado pedindo para Margot me ajudar, mas a ideia foi muito de última hora e ela já tinha planos para esta tarde, então nem está em casa. O que quer dizer que meu armário e eu estamos abandonados à nossa própria sorte.

Meu armário não me serve para nada. Acho até que está rindo de mim. Verdade. Estou escutando. Fora o vestido que usei ontem, não tenho nenhuma opção na categoria normal. Olho para as minhas roupas. Preto, preto, mais preto. Não quero usar nada disso. Não quero parecer Nastya Kashnikov hoje. Não quero ser uma vadia russa. Mas também não quero parecer Emilia. Talvez hoje à noite eu só queira ser outra pessoa. Uma terceira garota que

ainda não conheci.

Com uma dose cavalar de horror, chego à conclusão de que vou ter que ir ao shopping. Visto uma das oito variações de camiseta preta justa que tenho e uma calça jeans e saio.

Só que não vou parar no shopping, e sim na casa de Drew. O Deus que recentemente passei a achar que me odeia hoje está sorrindo para mim, porque Sarah não está em casa. Mas Drew também não. A Sra. Leighton abre a porta. Olho para a barriga dela, que parece ter crescido exponencialmente desde a última vez em que a vi.

– Oi, querida – diz ela, e é a única pessoa do planeta que não sinto vontade de estapear por me chamar de querida.

Ela me convida a entrar depois de explicar que Drew e Sarah foram passear com o pai no barco de um amigo. Ela me serve uma limonada, nos sentamos na copa e ficamos olhando uma para a outra.

– Nossa! – diz ela após alguns minutos. Já estava tão acostumada com o silêncio que quase caio do banco. Ela agarra a minha mão e eu a puxo de volta instintivamente, sem pensar. Eu me sinto uma tonta, mas ela ignora. – Eu só queria que você sentisse o bebê chutar – diz, estendendo a mão e esperando que eu a encontre com a minha no meio do caminho.

Ela coloca a minha mão em sua barriga e é a sensação mais estranha do mundo. Quase espero que um alien saia dali a qualquer momento.

– Sentiu? – pergunta ela, me olhando com expectativa. Tiro a mão. Vejo que ela ficou magoada, mas morro de medo de começar a chorar e não posso mais deixar a mão ali. – Desculpe – diz ela. – É que eu fico um pouco entusiasmada demais. Você pode pensar que a terceira vez não deve ter tanta graça assim, mas nunca me canso disso. É a minha parte preferida.

Provavelmente seria a minha também, mas nunca vou saber. Talvez eu nem quisesse ter filhos, mas seria bom poder escolher. Aquele filho da puta que acabou com a minha mão acabou com isso também.

Tudo que eu queria era encontrar algo para vestir num encontro a que provavelmente eu nem deveria ir, e não sei como fui acabar com a mão na barriga da Sra. Leighton, sentindo o bebê dela chutar e lutando para conter as lágrimas.

Ela não lida bem com o silêncio. Precisa preencher os vazios.

– É menina. Acabamos de descobrir.

Há um bloco de papel e uma caneta ao lado do telefone sobre a bancada. Eu os alcanço e escrevo:

Nome?

– Catherine – diz ela. – Em homenagem à mãe de Jack.

Sorrio, porque esse nome eu conheço. *Pura, imaculada*, escrevo e entrego o papel a ela.

Ela devolve o sorriso.

– Drew disse que você gostava de nomes. O que o meu significa? Lexie, bom, na verdade é

Alexa. Você sabe?

Protetora, escrevo, e embaixo *Você*. Depois, antes que ela pergunte, dou o significado de Drew – *masculino, másculo* – e de Sarah – *princesa*. Ela revira os olhos e ri:

– Profecias que se autorrealizaram. – O silêncio retorna e ela pergunta: – E Josh?

Acho que a pergunta significa mais do que aparenta, mas ela está jogando verde.

Salvação, escrevo. Ela olha para a palavra e assente. Por um instante, parece tão triste quanto eu.

– Acho que se encaixa bem.

Não sei bem o que ela quer dizer, então largo a caneta. Já escrevi demais por hoje.

– Você precisava de alguma coisa? – pergunta. – Por que passou aqui?

Penso em pedir ajuda com a questão da roupa. Ela poderia me ajudar. Gostaria de me ajudar. Mas não posso pedir. Balanço a cabeça e desço do banco. Ainda tenho tempo de ir ao shopping e arranjar uma solução.

Ela me acompanha até a porta, mas não a abre. Quando me olha, seu olhar está amável como ela.

– Sabe, todo mundo sempre pensa que são as meninas que estão desesperadas para mudar os meninos, torná-los pessoas melhores, torná-los quem elas precisam. – Ela me olha como se eu tivesse que entender o que está falando, mas talvez eu seja meio burra, porque não faço a menor ideia. – Josh às vezes pode parecer um velho. Mas, no fim das contas, ainda é um adolescente e quer o que todo garoto adolescente quer. – Ela para quando estreito o olhar e então ri. – Não estou falando disso. Que mente suja! Não. Estou falando sobre ser o herói. Salvar a mocinha. Salvar você. – Ela faz uma pausa para amplificar o efeito de estar me retratando como a donzela em apuros neste cenário em particular. – Mas com Josh, não é que ele apenas queira ser isso; ele precisa ser. Precisa ser capaz de consertar e melhorar tudo; precisa acreditar que você vai ficar bem para poder acreditar que ele vai ficar bem. E, se não for capaz...

Ela ergue as sobrancelhas e deixa o pensamento pairando no ar como uma sensação de culpa, e eu realmente não entendo o propósito desse discurso. Qualquer um que queira me salvar precisa de uma máquina do tempo, porque esse sonho já morreu. Não tinha ninguém para me salvar da outra vez e, se acabar precisando ser salva de novo, eu mesma faço isso, muito obrigada.

Eu me viro para sair e ela abre a porta. Estou pensando que tenho que dar um desconto a ela por conta dos hormônios da gravidez, e então...

– Acho que você e eu sabemos que é Josh quem precisa ser salvo. Divirta-se hoje à noite.

Você só pode estar de sacanagem.

Josh bate à porta exatamente às quatro. Ainda não sei por que estamos indo tão cedo. Não podemos jantar a esta hora, porque Josh detesta jantar cedo tanto quanto eu. Ele está vestindo

uma camisa polo azul-escura e calça cáqui com cinto. Igual à roupa que usa quando vai ao jantar de domingo. Morro de raiva por ver como é fácil para os homens se vestirem. Ele parece não ter o menor problema em se fazer passar por normal e ficar lindo.

Tento não deixar transparecer quão desconfortável me sinto ao vê-lo de pé na entrada, me observando. Acabei escolhendo um vestido sem mangas azul-claro, com um padrão de inspiração grega em azul-escuro na bainha. Definitivamente não é o último grito da moda, mas é simples. Achei que ficou bonito e me senti como imagino que "normal" deve ser. Fiz um coque frouxo com o cabelo na nuca. Sei que a cicatriz na linha do couro cabeludo provavelmente está bem aparente, mas ele já a viu tantas vezes que não me importo.

– Você está diferente – diz ele, repetindo as mesmas palavras que usou na primeira noite em que fui parar na casa dele, e sorrio pois é justamente assim que eu queria estar hoje. – E tão bonita que me distrai – acrescenta em voz baixa, dando um sorriso acanhado.

– Você vai me dizer agora aonde a gente está indo? – pergunto.

Fiquei pensando nisso o dia inteiro. Detesto não saber das coisas. Faço planos e sou controladora, o que é difícil para quem em geral tem muito pouco controle sobre tudo.

– Não – diz ele simplesmente, segurando minha mão e me ajudando a entrar na picape.

E então saímos e ele dirige. E dirige. E dirige.

– Fala sério, Josh. Qual é?

Não é à toa que ele me pegou tão cedo. Estamos fazendo uma viagem.

– Você já disse isso quatro vezes desde que a gente saiu.

– É. Porque *fala sério*, Josh. *Qual é?* Aonde estamos indo?

– Feche os olhos. Relaxe. Eu aviso quando a gente chegar.

~

– Chegamos, Flor do Dia.

Abro os olhos e vejo o relógio do painel. 18h10. *Fala sério, Josh, qual é?*

– Onde estamos? – pergunto, tentando entender o propósito de uma viagem de duas horas.

– Vamos jantar.

Estamos num estacionamento. Olho pela janela e vejo o letreiro de um restaurante italiano que conheço bem até demais. Isto não pode estar acontecendo. Pela janela lateral do restaurante, vejo um homem de terno tocando piano, mas não é mais ele que estou vendo.

– Para onde você está olhando? – pergunta Josh.

Para mim mesma num universo alternativo, penso.

– Estamos em *Brighton*? – pergunto, tentando controlar o tom de quase histeria na minha voz.

– É.

Ele está preocupado. Acho que o estou deixando um pouco assustado, mas tudo bem, pois

ele está me deixando assustada também.

– *Por que* estamos em Brighton?

Eu me obrigo a ficar um pouco mais calma, porque surtar não vai me levar a lugar algum agora – e, quando digo lugar algum, quero dizer o mais longe possível de Brighton.

– Porque temos uma reserva.

Sua voz hesita. Ele está de olho em mim como se eu fosse perder a cabeça a qualquer momento.

Não digo nada. Não consigo dizer nada.

– Você gosta de comida italiana. Eu olhei as avaliações de uns cinquenta restaurantes num raio de duas horas e este era o melhor de todos. Além disso tinha lugar. O que houve?

Ele está confuso e não posso culpá-lo.

– Josh, tem uns quinhentos restaurantes italianos perto de casa. Você podia ter me levado a qualquer um deles. Por que dirigir duas horas só para jantar?

– Eu queria conversar com você.

Eu queria conversar com você. Ele diz como se fosse a resposta mais óbvia do mundo. Ele dirigiu duas horas até um lugar em que não houvesse ninguém que nos conhecesse, só para podermos conversar durante o jantar. Quero rir e chorar e abraçá-lo até sufocar. Em vez disso, eu o beijo. Assim que meus lábios tocam os dele, ele põe a mão na minha nuca e me puxa contra seu peito, como se tivesse esperado por isto uma eternidade e não fosse me deixar escapar. Mas eu não quero escapar e, se o volante não estivesse aqui, subiria no colo dele só para ficar mais perto.

Então ele muda levemente de posição e não sou mais eu que o estou beijando. É ele que está me beijando. E aí uma parte de mim se perde. Mas é a parte torta e confusa e errada. E, somente por um instante, com suas mãos no meu cabelo e seus lábios nos meus, consigo fingir que essa parte nunca existiu.

– Pensei que você estivesse brava – diz ele quando me afasto. – Não que eu esteja reclamando – completa.

– Estou, sim, mas não com você.

Minhas mãos ainda estão agarrando seus braços e não quero soltar.

– Então com o quê? – pergunta, afastando o cabelo que caiu sobre meus olhos.

– Todo o resto.

Ele fez tudo isto só para podermos sair e conversar de verdade, e me trouxe ao único lugar onde não podemos fazer isso. Agora ele está me encarando como se não entendesse o que isso quer dizer e não soubesse bem o que fazer. Eu gostaria de ir para casa e ficar na garagem dele, onde tudo é confortável e eu posso lixar madeira e ver as pilhas de serragem crescendo ao redor dos meus pés e sentir que estou bem durante todo o tempo em que estiver ali.

Há algo no modo como ele me olha que me deixa nervosa, mas não consigo desviar o olhar. Ele se aproxima de mim novamente e fico imóvel até sentir seus lábios nos meus. Há

uma reverência na maneira como ele me beija que me assusta, porque é a coisa mais maravilhosa que já senti.

– Desculpa – diz ele. – Passei tanto tempo esperando por isso que só queria fazer de novo.

– Quanto tempo?

– Desde a primeira noite em que você entrou na minha garagem.

– Ainda bem que não fez isso – confesso.

– Por quê?

– Eu tinha acabado de vomitar. Acho que teria arruinado o momento.

– Ao contrário de agora, que é puro romance.

Ele sorri, eu solto seus braços e relaxo, tentando pensar no que dizer.

– Você quer entrar? – pergunta finalmente.

Balanço a cabeça.

– Não podemos ficar aqui.

– Por que não?

Sinto-me péssima por tirar isto dele. É apenas mais um item para adicionar à lista de decepções que causei às pessoas de quem gosto. Não quero a decepção de Josh Bennett também. Acho que não consigo lidar com isso. Mas agora não tenho escolha. Não importa o grau de decepção, nada me fará entrar nesse restaurante. Olho para Josh e gostaria de poder beijá-lo novamente em vez de ter que responder, mas sei que não tenho como escapar:

– Porque é daqui que eu venho.

Nossa tentativa de normalidade termina com pizza ruim numa espelunca que encontramos na estrada, em algum lugar entre Brighton e a nossa casa – e não tem nada de normal. Não é nem extraordinário. É perfeito e quero que continue perfeito, mas nada permanece assim. Gente como Josh Bennett e eu não tem acesso à perfeição. De modo geral, não conseguimos sequer ter o que é remotamente tolerável. E é por isso que fico com medo. Porque, mesmo que existisse, a perfeição nunca perdura.

~

Paramos na frente da casa de Margot pouco antes das onze e eu olho para Josh porque não entendo por que ele me trouxe para cá e não para a casa dele.

– Eu gostei da nossa noite – diz ele.

– Não era eu que devia dizer isso para você?

– Não sei. Tem uma regra? – pergunta ele.

– Não sei – admito. – Eu também gostei. Foi muito legal. Apesar de tudo. – Ainda me sinto mal por arruinar seus planos.

– Apesar de nada – diz ele delicadamente, levando a mão ao meu rosto antes de se

aproximar e me beijar. Apenas uma vez. E não é perfeito. É suave, quentinho, sincero e real. – Foi muito legal. Nada mais importa.

Nada mais importa. Se eu tivesse uma moeda, desejaria que isso fosse verdade. Quero acreditar nisso mais do que jamais quis acreditar em algo.

– E por que você me trouxe para cá então? – pergunto.

Ele dá de ombros, com uma expressão inocente.

– Pensei que seria meio pretensioso esperar que você dormisse comigo logo no primeiro encontro.

Eu bocejo antes de ele terminar a frase.

– Se tudo que você espera é dormir, então está garantido.

– Bom – ele sorri –, longe de mim rejeitar algo garantido.

Então dá marcha a ré com a picape e nós vamos para casa.

Capítulo 38

Nastya

O nome da minha primeira terapeuta era Maggie Reynolds. Ela falava comigo como se fosse uma professora de jardim de infância. Delicadamente, com paciência, de modo não ameaçador. Isso me fazia sentir vontade de lhe dar um tapa na cara e na época eu nem era esse tipo de pessoa. Muito diferente de agora, quando me dá vontade de dar um tapa na cara de praticamente todo mundo.

Sempre que eu perguntava por que não me lembrava do que aconteceu, ela dizia que era natural. Afinal, o que não é? Ela dizia que era o jeito de o meu cérebro me proteger de algo que eu ainda não estava pronta para encarar. Que minha mente nunca me daria mais estresse do que eu era capaz de suportar e que, quando estivesse mais forte, eu me lembraria. Tinha apenas que ser paciente. Mas é difícil ser paciente quando ninguém mais é.

Embora todos concordassem que era natural esquecer, isso não significava que iriam parar de perguntar. A pergunta era sempre a mesma, da polícia, da minha família, dos meus terapeutas. *Você se lembra de alguma coisa?* A resposta também era sempre a mesma. Não. Não me lembro de nada. Nadinha do que aconteceu naquele dia.

Então certo dia acho que a minha mente decidiu que eu estava pronta, pois foi nesse dia que me lembrei de tudo e depois parei de responder completamente. Acho que talvez o meu cérebro tenha se enganado quanto à minha força, mas ele não me deixou mandar as lembranças de volta.

Eu nunca tivera sequer um pesadelo até a minha memória retornar. Uma vez que a visão do que acontecera foi resgatada, não podia mais ser ignorada. Ela voltou como se quisesse se vingar, noite após noite, recuperando o tempo perdido. Eu acordava suada e tremendo, num

estado de terror relembrado, e não podia contar a ninguém por quê.

Então eu escrevi. Botei para fora todos os detalhes no papel, de forma que a lembrança não tivesse mais controle sobre mim. Eu me sentia uma criminosa. Como se estivesse cometendo um crime por não contar e toda noite ficasse esperando que os pesadelos viessem me desmascarar e me denunciar. Então eu me livrei da influência deles. Eu me confessava todas as noites nos cadernos. As palavras eram o sacrifício que eu oferecia diariamente em troca de um sono sem sonhos. Elas nunca me deixaram na mão.

~

É a segunda noite nesta semana que Josh e eu vamos jantar na casa dos Leighton. Também passamos o Dia de Ação de Graças com eles. Acho que nós dois teríamos ficado felizes em passar a noite na casa dele, pedir pizza e trabalhar na garagem, como bons seres antissociais que somos, mas é impossível dizer não à Sra. Leighton. Não foi um convite. Foi uma exigência. E não tinha nada a ver com o jantar de domingo, pois estavam presentes avós e primos e tios e tias e vira-latas como Josh e eu. Passamos boa parte do tempo escondidos no quarto de Drew, porque Josh detesta emboscadas para abraços tanto quanto eu, e essas pessoas adoram um abraço. *Todas elas*.

Quando nos sentamos à mesa, com os pratos finos de porcelana e o arranjo de mesa e os guardanapos em forma de cisne, eu tirei uma foto com o celular e a enviei à minha mãe, para que ela soubesse que eu não estava sozinha. Não sei se isso fez com que ela se sentisse melhor. Ver uma mesa cheia de comida e rodeada pela família de outra pessoa pode não ser o tipo de conforto que eu estava tentando transmitir.

Não tivemos aula a semana toda; então, sem contar com o dia de hoje, tivemos os últimos nove dias só para construir móveis. O tempo esteve ótimo, com umidade baixa, o que me permitiu ficar envernizando do lado de fora. Finalmente descobrimos algo que eu faço melhor do que Josh e ele não liga, pois a única coisa que detesta mais do que lixar é passar verniz.

Fora a casa de Drew, só fomos ao supermercado e à loja de material de construção. Passamos a maior parte do dia fazendo móveis, entramos às três da tarde para a novela de Josh, fazemos o jantar, trabalhamos mais um pouco, vamos correr e depois dormimos.

Está sendo uma semana perfeita. Pena que já seja domingo.

– Hoje o papai é o responsável pela música. – A Sra. Leighton equilibra uma travessa cheia de batatas assadas numa das mãos e uma jarra de água na outra.

– Não é a vez do Drew? – pergunta Sarah, colocando os últimos talheres na mesa.

– Valeu a tentativa. A do Drew é na semana que vem. Hoje sou eu.

O Sr. Leighton dá uma risada maníaca para assombrá-la e eu sorrio, pois me lembra algo que meu pai faria. Ele abre um armário cheio de CDs e os examina antes de retirar um e ligar

o aparelho de som.

Bastam três notas para eu reconhecer a sonata de Haydn. É a que eu sei de cor. A que pratiquei mil vezes para tocar na audição da escola naquele dia. A que acabou se tornando a música-tema do meu assassinato. É o que vamos ouvir no jantar de domingo: a trilha sonora da minha morte.

Não a escuto desde aquele dia, desde a última vez que a toquei antes de sair de casa naquela tarde, desde que me ouvi cantarolando sua melodia a caminho da escola. Não a escuto agora. Nem faço nada desesperadamente dramático como deixar o prato cair, surtar ou sair correndo. Apenas paro de respirar.

Estou caminhando, cantarolando e repassando cada nota na cabeça. Não estou nervosa porque é só uma gravação e, se eu errar, posso refazer quantas vezes quiser até ficar satisfeita. Nick Kerrigan vai gravar para mim no estúdio e ele gosta de mim e vai ficar o tempo que for necessário. Ele me disse. Eu também gosto dele, então por mim está ótimo. Estou examinando minhas mãos, porque quero que estejam bonitas, sem unhas lascadas, e aí aparece um garoto na minha frente. Ele sorri, mas tem algo de errado. Algo de errado em seus olhos. Mas eu sorrio e digo oi e passo por ele. E aí sua mão agarra meu braço com tanta força que dói e eu me viro mas não consigo dizer nada porque ele me acerta no rosto e de repente estou de cara no chão e ele está me arrastando para algum lugar. Então não estou mais no chão porque ele me levanta pelos cabelos. Ele diz que a culpa é minha. Ele me chama de vadia russa e me manda ficar em pé, mas eu não entendo para quê, porque ele me derruba de novo. Há sangue e terra na minha boca e eu não sei mais gritar. Nem lembro mais como é que se respira. Será que sou russa? Acho que não, e não sei por que esse garoto me odeia. Ele puxou meu cabelo com tanta força e tantas vezes que arrancou parte do meu couro cabeludo, e o sangue que escorre entra num dos meus olhos e eu não consigo mais enxergar com esse olho. Ele deve ter se cansado de me levantar, porque em vez disso me deixa no chão e começa a me chutar. Não sei quantas vezes na minha barriga e no meu peito. Algumas vezes entre as pernas. Acho que escuto minhas costelas quebrando. Não sei por quanto tempo ele me chuta. Talvez para sempre. Não sinto mais nada. Nem dói. Ainda enxergo com o olho esquerdo. No chão, não sei a que distância, está um dos meus botões de pérola. O sol bate nele e ele parece mudar de cor e é tão lindo que quero segurá-lo. Se eu conseguir alcançá-lo, tudo vai ficar bem. Acho que ele ainda está me chutando e estico a mão mas não alcanço. Tudo para, menos a respiração dele. Vejo suas botas perto da minha mão. E aí não vejo mais nada, porque tudo está preto e não sinto meu corpo. A última coisa que escuto é o som dos ossos da minha mão sendo esmagados e aí não há mais nada.

– Nastya?

– Nastya?

Não conheço esse nome.

Quando abro os olhos, consigo enxergar novamente. Estou no sofá de brocado branco de Drew Leighton e não há sangue em lugar nenhum e nada está doendo, além da minha alma.

Vejo a mesa de centro que Josh Bennett fez. Vejo Josh Bennett sentado no chão ao lado do sofá, segurando a minha mão e olhando para mim. Vejo todas as perguntas que ele não está fazendo. Todos parecem estar apavorados, inclusive Sarah, e me pergunto se pareço estar apavorada também. Porque não tenho ideia do que aconteceu.

A Sra. Leighton me faz beber água apesar de eu tentar recusar, porque estou surtada, não desidratada. Pelo jeito parei de respirar por tanto tempo que desmaiei, e ela quer ligar para a minha tia. Faço que não com a cabeça e olho para Josh, implorando com o máximo de *por favor* que consigo transmitir com o olhar. Ele diz que vai me levar para casa, e espero que esteja se referindo à casa dele, porque é lá que quero estar, embora eu não goste da expressão em seu rosto. A mesma cara que as pessoas fazem quando estão com medo de que uma palavra errada possa acabar com você. Mas, se fiquei inteira até agora, não vai ser no sofá de brocado branco da casa de Drew Leighton que isso vai acontecer.

Eu me lembro do que aconteceu comigo todos os dias nos últimos dois anos. Já vi a cena em pesadelos. Já a descrevi em cadernos todas as noites durante centenas de dias. Mas, até agora, nunca tinha revivido o ataque. Sei que estou segura aqui. Mas também sei qual é o gosto de terra e sangue.

Estou dormindo na casa de Josh de novo. Em algum momento isso se tornou o usual. Quanto mais tempo passo aqui, mais detesto ficar sozinha na casa de Margot. Sempre faço questão de informar a ela onde estou e, por mais que ela não goste, acho que compreende – ou talvez eu apenas precise acreditar que compreende. Aqui me sinto mais em casa. Mais do que em qualquer outro lugar do mundo. Neste momento, tudo que preciso é me sentir em casa.

Tenho que me esconder no banheiro para escrever as três páginas e meia, apesar de hoje parecer que já fiz isso. Escrevo-as mesmo assim e depois guardo o caderno na mochila, atrás do livro de trigonometria, como se fosse meu dever de casa.

– Não faça perguntas – digo ao me deitar no escuro, pois, mesmo no silêncio e na escuridão, vejo e ouço e sinto a pergunta que paira à minha volta.

– Um dia você vai ter que me contar – diz ele baixinho, como se alguém em casa pudesse nos escutar.

– Mas não preciso contar hoje – sussurro de volta.

Ele pega a minha mão esquerda como se soubesse que ela contém todos os meus segredos e pensasse que talvez pudesse descobri-los apenas por segurá-la.

– Você estava acordada, mas era como se não estivesse ali. – Ele me puxa para perto dele, beija a cicatriz na minha testa, passa o braço ao meu redor com força, puxa a minha cabeça para seu peito e aperta meu corpo junto ao dele. – Eu fiquei apavorado e você não vai me dizer por que isso aconteceu.

Eu preciso dizer alguma coisa a ele, então digo o que sei que é verdade:

– Às vezes eu esqueço como se respira.

Capítulo 39

Josh

– Cara, sua namorada é boa demais nisso.

Drew enfia mais um cookie na boca. Está comendo assim que Flor do Dia os retira do forno.

– Não é minha namorada – digo, pois, de acordo com ela, não é.

Também detesto esse termo. Dizer *namorada* torna nosso relacionamento oficial e, se ela for uma parte oficial da minha vida, é provável que logo, logo deixe oficialmente de ser e vá embora. Então, se ela não quer que a chamem de namorada, por mim tudo bem.

– Tá bom – retruca Drew. – Sua esposa. – Ele caminha até ela e pega um cookie da bandeja, queimando os dedos. – Não é à toa que você tem cheiro de açúcar mascavo e... – ele para, pega um frasco da bancada e lê o rótulo – puro extrato de baunilha.

Está certo. Ela tem mesmo, mas eu pensava que só eu tivesse percebido.

Ele abre a tampa do frasco e inala.

– Sério, deviam vender isso como perfume.

Flor do Dia apenas o encara com uma leve expressão de repulsa.

– Você me *cheira*?

– Não fale como se eu fosse um pervertido. Eu não entro de fininho no seu quarto e espio você dormindo. – Ele se aproxima de mim e me dá um tapa nas costas. – Josh que faz isso.

Flor do Dia arremessa uma luva de forno e ele finge ter se ferido.

– Cuidado, mulher. Já que não está namorando, posso jogar você no chão e fazer amor com você agora mesmo.

Ela parece engasgar ruidosamente. Drew finge ficar ofendido e diz:

– A ideia de fazer sexo comigo é tão repugnante assim?

– Não, a ideia de fazer sexo com você é, como sempre, o ápice dos meus sonhos. O que eu acho nojento é dizer *fazer amor*. Odeio essa expressão. Posso ter 60 anos e ainda vou preferir dizer *trepar* do que *fazer amor*. Eca.

Ela estremece.

– Ótimo – diz ele, com a confiança restaurada. – Então, já que não está namorando, posso jogar você no chão e trepar com você agora mesmo.

– Podem me fazer um favor? – digo. – Trepem logo e acabem com isso ou parem de fazer de conta que vão trepar.

Desligo a TV, porque eu não estava escutando nada mesmo, e jogo o controle remoto no sofá. Pareço um babaca ciumento. Sou um babaca ciumento. Não é porque sei que não está rolando nada entre eles que não vou ficar puto.

– Essas são as únicas opções? – pergunta Drew. – Então já sei qual vou escolher.

Flor do Dia enfia outro cookie na boca de Drew e o manda parar enquanto está ganhando.

– Você sabe que eu engordei uns cinco quilos desde que conheci você. Como é que você come todas essas porcarias e não engorda? – pergunta ele, limpando as migalhas das mãos.

– Eu corro – diz ela. – Muito.

Drew parece ficar com nojo e diz:

– Bom, eu é que não vou fazer isso.

– Não se preocupe. – Ela sorri. – Você tem testosterona de sobra para manter o seu metabolismo funcionando.

– Pode crer – diz ele, convencido.

– Por falar em testosterona, alguém vai me contar qual é o lance com a Tierney Lowell? – pergunta Flor do Dia.

Drew fica tenso.

– Não.

Ela olha para ele e ergue uma sobrancelha. Ele geme exageradamente, como um menino de quem acabaram de tirar o video game.

– Está bem. Mas só porque eu sou frágil e você me dá medo.

Drew vai até o sofá para que ela se sente ao seu lado, mas Nastya acaba se sentando no meu colo e eu não tenho problema algum com o fato de ela não ser minha namorada.

– É uma história milenar – diz ele, secamente. – O garoto conhece a garota. O garoto pede à garota que toque nele de forma imprópria. A garota deixa o garoto embasbacado com seu impressionante talento no uso de palavrões. O garoto e a garota acabam juntos na detenção. O amor floresce. Em segredo. Durante quatro meses.

Flor do Dia olha para mim, esperando uma confirmação.

– Pode crer – digo.

Eu sempre soube que eles tinham ficado, mas pensava que tivesse sido coisa de uma vez só.

Na verdade, acabei de ficar sabendo do resto da história. Ele só me contou quando o confrontei na semana passada, após o infame jantar do jogo de verdade ou consequência. Mas lembro que Drew andava estranho naquela época, e agora isso faz todo sentido.

– Que mais? – pergunta ela.

– Mais nada. Não vou contar mais nada.

Ele torna a ligar a TV.

– Você é um chato – murmura ela.

– Tipo você.

Por alguma razão, eu não acho tanta graça quanto eles.

Capítulo 40

Nastya

Drew e eu passamos as últimas três horas na mesa da sala de jantar dele com dois laptops, fazendo pesquisas e reunindo precedentes para o argumento mais chato do mundo sobre o limite de mandatos em cargos públicos. Talvez seja melhor do que impostos sobre combustíveis, que poderia ter caído para a gente. A Competição Municipal de Debate é daqui a duas semanas. Eu não tenho que participar, mas preciso comparecer e a minha nota depende do trabalho de preparação.

Até agora, consegui ser a pesquisadora oficial de Drew. Ninguém tem pesquisadores, mas, como estou na aula e não posso competir por mim mesma, acabo ajudando-o. Se ele não fosse tão bom, nunca teria colado, mas Drew consegue bons resultados. O que significa que a equipe se sai bem e, quando a equipe se sai bem, o Sr. Trent fica bem na foto, então dá a Drew praticamente tudo que ele pedir. E isso é bom para mim, pois fico longe das garras de Ethan Hall, que ainda acha que me pedir um boquete na sala da orientadora, fingindo ser um flerte inofensivo, é romântico.

Entrego a Drew as páginas impressas e minhas anotações e dividimos o resto do trabalho para terminar tudo hoje à noite. Ainda não parei de encher o saco dele por causa de Tierney.

– Por que vocês não podem ao menos ser amigos? Não seria melhor do que nada?

Não sou especialista em relacionamentos. De nenhum tipo. Nem familiar, nem romântico, nem de amizade. Os relacionamentos exigem comunicação, o que não é bem a minha praia, então não posso falar muita coisa. Só não entendo por que ele precisa agir como se a odiasse, quando obviamente não é o caso.

– Não, *não* seria melhor do que nada. Seria definitivamente *pior* do que nada.

– Isso é só um pretexto. Os homens sempre dizem isso só porque é fácil.

– E as mulheres sempre querem mudar as regras no meio do jogo. Não se pode mudar as regras e pensar que os outros vão continuar jogando. Eu sei qual é o cheiro do cabelo dela, mas não posso chegar perto e encostar meu rosto nele. Sei como a pele dela é macia em todas as partes do corpo, mas não posso tocar. Sei que gosto ela tem, mas não posso beijar. Não posso mais. Então por que me torturar ficando perto dela, só para podermos dizer que ainda somos amigos?

– Ainda assim, não faz sentido.

– É a única coisa que faz sentido. Se você parar um minuto para pensar, vai concordar. Se você e o Josh de repente não estivessem mais juntos, você acha que continuaria andando com ele o tempo todo? Ficaria na casa dele, mas sem poder tocá-lo? Ficaria feliz por ele, quando estivesse saindo com outra garota que aprenderia tudo o que você já sabe sobre ele, mas que de repente você não deveria mais saber? Você também não conseguiria.

– O Josh não está apaixonado por mim, nem eu por ele.

– Conta outra, Flor do Dia. Já reparou em como ele olha para você? – Já, mas não sei o que significa. – Como se você fosse uma mesa do século XVII entalhada à mão, em perfeito estado.

– Então ele me olha como se eu fosse um móvel.

– Exato. Está vendo? É disso que estou falando.

– Ninguém gosta de espertinhos.

– Até parece. Todo mundo gosta de espertinhos. Principalmente você. – Ele fixa o olhar nos meus olhos e fica claro que não vai parar de tentar provar suas teorias até eu ceder. – Isso de continuar a amizade é balela, e vai saber disso quando acontecer contigo. Quando vocês terminarem, vai entender exatamente o que eu quero dizer.

– Não podemos terminar se não estamos namorando. – Pronuncio cada palavra com a voz mais exasperada que consigo, mas ele não se abala.

– Isso é semântica. Vai acontecer, e todo mundo – ele faz um gesto que indica o público inexistente em volta da sala – sabe disso, menos você. Um dia, vão ficar bêbados e transar loucamente e aí vão perceber que estão estupidamente apaixonados, ou talvez seja ao contrário, do jeito que vocês são. Poderia acontecer. De qualquer forma, vocês vão *namorar*. E aí, um dia, vão *terminar*. E, quando esse dia chegar, eu garanto que não vão ser amigos. Vão é se odiar, não ser amigos.

– Eu não quero que ele se apaixone por mim.

Não entendo por que digo isso em voz alta, mas é verdade. Não quero as obrigações e as expectativas. Não quero ser a origem de decepções na vida de mais uma pessoa.

– Ele também não quer que você se apaixone por ele, então estão na mesma.

Falar sobre Josh está começando a parecer uma péssima ideia.

– Era para estarmos falando da Tierney.

– Era para estarmos falando sobre os limites de mandatos governamentais.

– Está bem. Aceito a sua teoria da amizade impossível se você me contar o que aconteceu. De repente, se eu souber como terminou, posso concordar com você.

Na verdade, já estou começando a concordar com ele, mas não vou confessar isso ainda. Quero escutar a história.

– Eu fui um babaca.

– Isso a gente já sabe. Pare de enrolar.

– Nós ficamos. *Começamos a namorar* – esclarece. – Tierney não queria que ninguém soubesse porque se recusava a deixar as pessoas pensarem que ela era só mais uma numa lista muito longa das meninas que já ficaram comigo. Ela dizia que era melhor que isso. E era mesmo. Nunca ficaria comigo por nada. Mas o idiota do Trevor Mason ficou me enchendo, então eu contei para ele. Só que eu não contei que estávamos namorando. Falei que a gente só estava transando. Ela ficou furiosa. Terminou comigo. Todo mundo agiu como se ela fosse uma idiota por pensar que eu gostava dela.

– Você gostava dela?

Ele me fulmina com um olhar que diz que eu sei a resposta mas ele não vai pronunciar. Acho que a palavra *amor* queimaria a língua dele.

– Vocês não têm nada em comum. Qual é o motivo da atração? E, por favor, nada de listar partes do corpo nem qualquer coisa que envolva a palavra *oral*.

– É a Tierney. Ela me tira do sério, mas não aceita que eu faça o mesmo. Ela me faz rir, mas ri mais ainda. Discute comigo sobre tudo, mesmo sabendo que não tem como ganhar. Além disso, é gostosa pra caramba e não me suporta. Teria como ficar mais atraente?

– Parece que você está fazendo um discurso. Falta a conclusão, Drew.

– Você é muito irritante – resmunga ele, mas sempre faz isso quando vai responder mesmo assim. – Olha, eu sei que sou bonito e inteligente. Cala a boca. Não me olha desse jeito. Eu sei e você também sabe. Mas também sei que sou um cara bem escroto – diz ele, parecendo sincero por um instante. – Tierney me fazia sentir como se eu não fosse totalmente imprestável.

– Mas você a trata como se ela fosse imprestável. Sempre a deixa magoada. Eu sei que ela é durona e tudo mais, mas você sabe que ela tem sentimentos, né?

– É claro que sei que ela tem sentimentos. Você sabe como aquela garota é inteligente? Não. Ninguém sabe, porque ela não quer que saibam. Também não quer que saibam que ela é engraçada e doce. E, sim, eu usei a palavra *doce*, e se você contar isso a alguém, vai enfrentar as consequências. – Ele me lança aquele olhar do tipo olhe-nos-meus-olhos-e-sinta-a-minha-ira antes de continuar. – Sabe quem sabe essas coisas? Só eu. Então, sim, Nastya, eu sei que ela tem sentimentos e eu sei ferir cada um deles.

– É isso que você faz? Como você se sente culpado por magoá-la, compensa isso magoando-a ainda mais? Você é a definição de babaca. Por que não pediu desculpas a ela assim que tudo aconteceu? Por que não contou a verdade aos outros? – Fecho o laptop e o coloco de lado.

– Porque ela ficou muito puta. Terminou comigo e disse que eu era tudo o que ela sabia que eu era e que as pessoas tinham razão e que ela era ridícula por acreditar que eu podia ser diferente.

– E ficou por isso mesmo?

Pelo jeito, não. Ele me conta que, na noite em que Tierney disse tudo isso a ele, ele foi a uma festa e transou com Kara Matthews.

– E por que você faria uma coisa dessas? – Nada que Drew faça deveria me surpreender a esta altura, mas isto me surpreende.

– Porque eu estava deprimido e puto e tinha perdido a Tierney por ser um babaca, então achei que devia mesmo me comportar como um.

– Sabe, para alguém que se considera um debatedor tão fenomenal, a sua lógica tem falhas sérias. Você não tinha perdido a Tierney. Só a perdeu depois de transar com Kara Matthews. Foi um teste.

– Primeiro, eu sou um debatedor fenomenal, sim. Segundo, não foi um teste. Ela terminou comigo de verdade. Ela me odeia.

– É *por isso* que foi um teste. – Como é possível que alguém tão socialmente incompetente e inexperiente como eu veja isso e Drew Leighton não? – Ela deu a você uma oportunidade de ouro para provar que estava enganada. Mas você escolheu trepar com Kara Matthews e demonstrar que Tierney não significava absolutamente nada e que tudo de ruim que ela pensava sobre você era verdade.

Não posso fingir que não sei por que adoro Drew Leighton. Ele é perturbado e travado emocionalmente como eu, mas de uma forma diferente. Porém, agora eu quase tenho raiva dele por ser tão sem noção. Vou até ele, lhe dou um abraço e apoio a cabeça em seu ombro, pois sei bem o que é se odiar e, se eu quero que haja esperança para mim, preciso que haja esperança para ele.

– Você é mesmo um babaca – digo.

Ele suspira e apoia o queixo no alto da minha cabeça.

– É o que eu estava tentando dizer.

Acabo ficando tanto tempo que os pais de Drew e Sarah chegam em casa e eu sou obrigada a jantar com eles, o que não é uma ideia tão horrível agora que Sarah não é mais minha inimiga mortal.

Em algum momento depois daquele jantar infernal, Sarah decidiu que não me desprezava completamente. Aquela noite inteira pode ter sido a definição de uma má ideia, mas, se rendeu algo de bom, foi que a tensão entre nós duas acabou se dissipando. Não chegamos a ponto de compartilhar histórias picantes e sair juntas para comprar sutiãs, mas mesmo assim. Se soubesse que ensiná-la a derrubar um cara faria com que ela gostasse de mim, teria feito isso meses antes. De qualquer forma, as coisas ficaram mais fáceis, quase legais até.

– Você ficaria bem mais bonita sem tanta maquiagem – diz ela, e penso que a intenção é ser um elogio. Não sei se ficaria mais bonita ou apenas diferente, mas não estou disposta a abrir mão da maquiagem. – Se você parecesse normal, poderia ter mais amigos. Sabe, mesmo sem falar. As pessoas meio que têm medo de você.

Ótimo. O plano é esse. A conversa é um monólogo, mas é melhor do que ela ficar me olhando de cara feia, fazendo piadas sobre mim ou me insultando e me tratando como pária, o que era a regra com Sarah.

– Nem todos são socialmente abençoados como você, Sarah – Drew se intromete. – Ser parente minha é uma dádiva.

– Não, é uma maldição – diz ela, e é sincera.

– Sei. Até parece que você teria metade dos amigos e metade dos meninos se eu não fosse seu irmão.

Acho que Drew está brincando, mas isso a tira do sério e, quando ouço o que ela diz em seguida, não a culpo. Pelo contrário, sinto pena dela.

– Você tem toda razão! É justamente esse o problema, Drew! Todas as garotas querem ser minhas amigas porque acham que isso dá a elas um passe livre até *você*. Os garotos querem sair comigo porque imaginam que eu seja uma vadia fácil *como você*. Quer levar o crédito pela minha vida social? Pode levar. Você é responsável por ela. – Ela está tão alterada que faz uma pausa, e dá para ver que Drew preferia não ter dito nada, pois não imaginava que ia dar nisso. Fico com vontade de sumir. Se alguém tivesse uma capa da invisibilidade para me emprestar, eu acharia sensacional. – Eu *odeio* ser sua irmã! – dispara Sarah. – Eu faria *qualquer coisa* para não ser sua parente!

Drew não diz mais nada. Não dá nenhuma resposta engraçadinha. Não faz piada. Apenas se retira e me deixa com Sarah, que começa a chorar. Espero sinceramente que eles tenham sorvete aqui, porque, sem palavras, é o único recurso que me resta.

– Odeio ele – diz ela através das lágrimas e eu sei que não é verdade, mas não posso lhe dizer isso.

Mais tarde, afastamos novamente os móveis da sala e damos ao Sr. e à Sra. Leighton uma demonstração do grande progresso das habilidades de defesa pessoal de Sarah. Eu arrasto Drew de volta, ofereço a ele o papel do agressor e faço Sarah relembrar as formas de machucá-lo. E Drew deixa que ela repita quantas vezes sejam necessárias, mesmo quando Sarah não controla a força e começa a machucá-lo de verdade. Então, da última vez que a ataca por trás, ele sussurra "Desculpa" antes de agarrá-la. Parte de mim espera que ela erga e abra os braços e se livre dele, lhe dando uma cotovelada e correndo como eu ensinei, mas fico feliz por não fazer isso quando ele pede desculpas novamente e ela se vira e lhe dá um abraço.

Assim que ele a solta, ela pisa forte no pé dele e depois finge lhe dar uma joelhada na virilha. A Sra. Leighton aplaude.

Capítulo 41

Nastya

– Você está destruindo suas mãos – diz Josh, pegando-as e girando-as para ver as palmas. Eu as puxo de volta, mas não consigo deixar de sorrir, porque isso é um elogio. É ainda melhor do que ser tão bonita que distrai.

– Eu gosto – digo, examinando-as. – Quer dizer que estou fazendo algo com elas.

Posso não ser capaz de usá-las do jeito que gostaria – a menos que tocar piano com uma mão só vire a última moda, estou ferrada –, mas pelo menos dá para fazer alguma coisa. Josh detesta lixar. É a tarefa de que menos gosta. Segundo ele, é entediante. Também fica tentando me convencer a usar uma lixadeira de cinta quando é viável, mas isso não traz a mesma satisfação. Gosto de lixar porque não exige esforço mental e é repetitivo e me permite pensar. Eu aliso todas as bordas irregulares. E, ao fim da noite, observo o que fiz, vejo uma pilha de serragem e sinto que realizei algo. Quando olho para as minhas mãos, não vejo arranhões e calos; não vejo feridas; vejo que estou me curando.

Acho que ainda estou olhando para minhas mãos e sorrindo feito uma idiota e, quando ergo o rosto, Josh está me observando com certo respeito, e esse olhar é definitivamente melhor do que ser tão bonita que distrai.

– Elas eram macias, mas a lixa está acabando com elas – diz ele. – Estão ficando iguais às minhas mãos.

Será que ele pensa que isso é um insulto? As mãos dele são milagres. Sou capaz de passar horas vendo-as transformar madeira em algo que ela nunca sonhou ser.

– Então eu não toco mais em você. Assim você não percebe.

– Não precisa exagerar – brinca ele, segurando as minhas mãos novamente e passando o

polegar ao longo de uma das cicatrizes na esquerda. Os cirurgiões plásticos fizeram milagres, mas não conseguiram deixá-la perfeita. Ainda dá para ver todas as suas falhas. – Eu gosto das suas mãos – prossegue, sem tirar os olhos delas. – Às vezes eu penso que são a única coisa real em você.

Ele diz muito essas coisas. Como se me lembrasse que, só porque não faz perguntas, não quer dizer que se esqueceu de que existem.

– Quer testar essa teoria? – pergunto, sorrindo para ele. Ele continua segurando minhas mãos e me puxa contra a parede.

– Não com a porta da garagem aberta.

~

Passo metade da manhã de sábado sentada de pernas cruzadas num carrinho da loja de material de construção, com Josh me empurrando nos corredores onde vendem madeiras e me explicando a diferença entre cada tipo. Aprendo quais são melhores para construir móveis, quais são para pisos, quais são as ideais para aplicar acabamento e assim por diante. Por fim, ele me manda levantar e tenho que caminhar, porque ele precisa colocar a madeira no carrinho. Eu reclamaria por ter que me levantar se não fosse passar os próximos vinte minutos vendo-o encher o carrinho. Reclamar disso estaria errado em tantos níveis... Vale muito mais a pena ficar de pé.

Quando chegamos em casa, planejamos passar a tarde aplicando verniz, mas começa a chover muito e não podemos trabalhar com a porta da garagem fechada – e de qualquer forma o acabamento ficaria fosco por causa da umidade. A esta altura, eu mesma saberia disso sem ninguém me ajudar. Entre Josh e a oficina na escola, estou aprendendo bastante.

Passamos a tarde na cozinha e penso que, se ele pode me ensinar sobre tipos de madeira, eu posso ensiná-lo a fazer um cookie decente. Dou-lhe uma bronca por compactar a farinha no copo medidor e ele fica fazendo de novo só para me irritar, até eu tirar das mãos dele e fazer as medidas eu mesma.

– Por que eu preciso aprender se você sempre está aqui para fazer cookies para mim?

– Sabe – digo, empurrando em sua direção um pacote de açúcar mascavo e outro copo medidor, já que ele curte tanto compactar as coisas –, um dia eu posso não estar mais aqui e você vai ficar triste e sem cookies.

Assim que as palavras saem da minha boca, eu me arrependo. Mentalmente, dou um chute entre as pernas desse pensamento e, quando ele se dobra, lhe dou uma joelhada na cara, para que nunca mais consiga se erguer. Infelizmente, já é tarde demais.

– Está tudo bem – diz ele delicadamente, apenas insinuando um sorriso. – Não sou tão sensível com isso. Todo mundo pensa que eu sou. Não seja igual a todo mundo, certo?

– Por que você não ficou bravo com isso?

– De que adianta?

– Então você leva numa boa?

– Eu disse que não fico bravo. Não disse que levo numa boa. Eu entendo todas as merdas que as pessoas falam. É natural. É inevitável. Faz parte da vida. Mas nem por isso levo numa boa quando alguém desaparece como se nunca tivesse existido. Só que passar o tempo todo bravo também não torna as coisas mais fáceis. Eu sei. Eu vivia bravo o tempo todo. Uma hora cansa.

– Se eu fosse você, seria a pessoa mais brava do mundo.

– Acho que você já é.

Não há sentido em discordar disso, então dou um passo à frente e mostro como compactar o açúcar mascavo, mas ainda estou me sentindo mal.

– Quando a gente acabar aqui, talvez você possa me ajudar a mudar a mesa de centro de lugar, a que está encostada na parede. Acho que vou me livrar daquela horrível que está na frente do sofá – diz ele, mudando de assunto e livrando a minha cara.

– Você vai colocar o amor da sua vida no meio da sala, onde Drew vai poder violá-la com os tênis sempre que quiser?

Estou genuinamente surpresa, pois sei quanto Josh gosta daquela mesa.

– Desde quando ela virou o amor da minha vida? – Ele parece confuso.

– Você fala dela como se fosse uma garota.

– O que quer que eu diga? – Ele dá de ombros. – Aquela mesa me faz querer ser uma pessoa melhor. Está com ciúme?

– Você sabe que Drew vai ficar pra morrer se não puder apoiar os pés nela. A menos que você decida permitir isso.

Ele parece ficar levemente horrorizado. Acho que está imaginando a cena.

– Talvez esteja bem onde está.

– Só para você saber – eu lhe informo –, um dia eu vou me cansar de dividir o seu afeto com aquela mesa de centro e vou obrigá-lo a escolher.

– Só para você saber – ele me imita –, eu cortaria aquela mesa em pedaços e a usaria como lenha antes de ter que escolher entre qualquer coisa e você.

É algo ridículo de se dizer, mas ele me fuzila com o olhar, deixando claro que está falando sério. Eu preferiria que ele não fizesse isso.

– Seria um desperdício. – Pego o pacote de açúcar mascavo que ele ainda está segurando e o guardo para ter uma desculpa de me virar para o outro lado, pois não estou a fim de ter conversas sérias e, por alguma razão, esse papo vive tomando rumos que eu não quero seguir. – Você nem tem lareira.

– Você torna impossível dizer coisas bonitas para você.

– Impossível, não. Só difícil – digo num tom bem-humorado, na esperança de que ele também mude o tom.

Penso em distraí-lo, então fico na ponta dos pés e lhe dou um beijo. Sei que ele sabe o que estou fazendo, e ele hesita por um segundo antes de levar a mão à minha nuca e se aproximar de mim, deixando sua boca se mover contra a minha, suave e curiosa, tentando extrair meus segredos. Quando me afasto, seus olhos estão cravados nos meus. Vou até a batedeira para ligá-la, na esperança de que o ruído efetivamente acabe com qualquer conversa.

– Me conte como conseguiu essa cicatriz.

A pergunta vem do nada e de toda parte.

– Não – sussurro.

Ele não consegue me ouvir com o barulho da batedeira, mas sabe o que eu disse. O pior é que uma parte de mim está começando a querer contar tudo a ele e isso me deixa morrendo de medo. Josh me faz sentir segura, algo que nunca pensei que voltaria a acontecer.

Ele me puxa contra seu corpo e me segura. Sinto o calor de seus dedos marcando a pele na minha cintura. Aproxima a boca da minha orelha e, apenas por um segundo, espero que vá me chamar de vadia russa.

– Por favor.

– Eu nem sei de qual você está falando – digo, grata por não ter que ver seu rosto.

Há algo no modo como ele pede *por favor* que não me permite me esquivar falando uma gracinha qualquer nem mentir. Sua voz contém um desespero que não quero reconhecer.

– Qualquer uma. Só uma. Só alguma coisa. Me diga alguma coisa que seja verdade.

Seus braços são sólidos e me envolvem, pressionando minhas costas contra seu peito, e sinto que isso é mais verdade do que tudo tem sido há muito tempo. Ainda assim, não tenho nada para lhe dizer.

– Eu nem sei mais o que é isso.

~

– Você ainda mora aqui? – pergunta Margot uma tarde, quando chego da escola.

Gostaria de poder dizer que não é uma pergunta válida, mas passo mais tempo na casa de Josh do que aqui. Volto para casa de manhã, antes de ela chegar do trabalho, só para tomar banho e me trocar para ir à aula. Às vezes, nem isso. Pouco a pouco, minhas roupas também estão se mudando para a casa dele.

Posso dar de ombros ou balançar a cabeça ou me fazer de boba e fingir que não sei do que ela está falando, mas lhe devo mais do que isso. Uma parte de mim quase abre a boca, mas não consigo me forçar a falar. Se eu disser algo, terei que dizer tudo, e isso não vai acontecer hoje. Tiro uma folha de um dos meus blocos da escola e escrevo:

Se eu disser que não, você vai me obrigar a voltar?

– Sente-se, Em.

Ela puxa uma cadeira da mesa da cozinha e eu faço o mesmo, segurando o lápis e o papel.

– Eu sei que você é adulta agora. – Ela põe a palavra *adulta* entre aspas com os dedos e sinto vontade de negar com a cabeça e implorar para não fazer isso. – Mas você ainda não está crescida – prossegue. Ela não está dizendo nada que eu não saiba.

Conclusão?, escrevo e lhe mostro o papel. Não estou querendo ser malcriada. Só quero saber se vou ter que brigar para continuar com a única coisa que mantém minha sanidade. E, para falar a verdade, não é tanto por Josh, mas principalmente por aquela garagem.

– Ajuda? Ficar lá ajuda?

Meu instinto é dizer que nada ajuda, pois este é sempre o meu instinto, mas desta vez não é verdade. Ficar lá ajuda muito. É um lugar onde posso estar e ter o que fazer, com alguém que não me compara com Emilia. Eu não apenas concordo com a cabeça, como escrevo *Sim* no papel.

– Não vou fingir que gosto disso. Mas você fica sozinha aqui o tempo todo e eu também não gosto disso. – Ela hesita e não sei se devo escrever algo ou esperar até ela dizer algo mais. – Você está dormindo com ele?

Bom, estou dormindo com ele, mas aposto que não é isso que ela quer saber. Faço que não com a cabeça, pois é verdade, mesmo que eu não saiba por quanto tempo.

– Sério? – pergunta ela, e não sei se está decepcionada, aliviada ou apenas incrédula. *Sério.* – Eu ainda quero saber onde você está.

Eu assinto. Não a culpo por isso e não importa mesmo, porque sei que ela pode rastrear meu telefone. É uma mera cortesia e isso eu posso fazer.

– Ele é mesmo uma gracinha. – Ela sorri, com um ar de quem está tramando alguma coisa.

Eu concordo novamente.

Capítulo 42

Josh

– Quantos quilômetros você correu? – pergunto quando ela volta para a garagem pouco depois das dez da noite e tira a lata de spray de pimenta da cintura e o monitor cardíaco do pulso.

– Não contei. Só corri – diz ela arfando, o suor pingando do rosto. Ela pega uma garrafa de água, vem até o meu lado e olha por cima do meu ombro. – Quanto você avançou?

– Quase pronto. Eu estava a ponto de parar. Vai dar para passar verniz amanhã, se não chover.

– Posso ajudar quando eu voltar da casa do Clay.

Ela tem ido para a casa dele pelo menos duas vezes por semana há um mês. Clay está fazendo uma espécie de montagem esquisita em camadas. Não entendo. Gosto dos desenhos em que dá para ver bem o rosto dela.

– Diga a ele que está monopolizando você e que estou começando a ficar com ciúme.

– Vou garantir que ele fique sabendo. – Ela sorri. – Ele tem aquele concurso no mês que vem e não posso posar este fim de semana, então concordei em posar depois da aula.

Entre pesquisar com Drew, posar para Clay, correr, estudar e construir móveis comigo, ela não para um segundo. E acaba de se inscrever numa aula de krav maga, o que quer que isso seja. Ela não lida bem com tempo livre.

– É nesse que você vai com ele?

Ela faz que sim, acabando com a água da garrafa.

– É numa galeria de arte em Ridgemont. Todo ano, o concurso estadual é lá, e fazem uma exposição com as obras de todos os finalistas.

– Ainda vai visitar seus pais este fim de semana?

Eu preferia que ela não fosse, pois agora estou acostumado a tê-la por perto. Percebi quanto é chato cozinhar sozinho e comer sozinho e ver TV sozinho e ficar sozinho.

– Eu disse que iria.

Ela nunca parece feliz com a perspectiva de ver a família, e não tenho a menor ideia do motivo, mas sei que tem alguma coisa a ver com todas as cicatrizes e as histórias que não quer me contar. Sempre que volta de lá, passa alguns dias como se estivesse fora de foco, como um holograma que fica entrando e saindo de sintonia. Ela sempre foi assim, como música e letra de duas músicas diferentes, só que piora quando volta de Brighton.

– Você não fala com ninguém da sua família?

– Você sabe que não.

Ela começa a usar aquele tom de voz de aonde-você-quer-chegar–com-isso? que agora eu já conheço tão bem.

– Por que não?

– Porque não posso contar o que eles querem ouvir. Se eu falasse com eles, teria que mentir e não quero fazer isso.

Ela nunca me deu tanta informação assim, e ainda não é suficiente. Continuo sem entender nada.

– Você parou de falar só para não ter que mentir?

– Não foi planejado. Só queria não falar por um dia e depois só mais um dia e depois mais um e acabou virando uma semana, que virou um mês e você já captou a ideia.

– E deixaram você parar? Não se importaram?

– Sim, se importaram, mas não puderam fazer nada. O que iriam fazer? Me sacudir? Gritar e insistir? Me colocar de castigo? Eu nem saía de casa mesmo. Não tinham muitas opções. Além disso, segundo a minha vasta coleção de terapeutas, era uma resposta muito *natural*, o que quer que isso signifique.

Uma resposta natural a quê, Flor do Dia? Continue falando, por favor. Mas ela não continua. É apenas mais uma peça aleatória de um quebra-cabeça feito só com as peças erradas.

– A mentira não seria melhor do que o silêncio?

– Não. Eu não sei mentir. Acho que só devemos fazer as coisas em que podemos ser excelentes.

Ela volta a ser sarcástica; é o fim da conversa. Sei como é a dinâmica e me pergunto por quanto tempo vou deixar que ela se saia com as dela.

Começo a guardar as coisas e ela vai até a cadeira para se sentar enquanto espera, finalmente notando a sacola que deixei lá mais cedo.

– Você não quer a minha bunda na sua bancada, mas fica colocando suas tralhas na minha cadeira – brinca, pegando a bolsa para colocá-la no chão.

– Abra.

Ela espia dentro da sacola, retira a caixa de sapatos e me observa com desconfiança. Olho para ela porque quero ver sua cara ao abrir a caixa. Sei que é um presente idiota, provavelmente não é algo que as garotas queiram ganhar. De qualquer forma, não sou um grande expert nesses assuntos.

Mas aí vejo que talvez até seja, porque seu rosto se ilumina ao ver o presente.

– Você comprou botas para mim? – pergunta ela como se tivesse ganhado diamantes.

– Eu não dei a você nenhum presente de aniversário. Espero que sejam do tamanho certo. Olhei um dos seus tênis um dia e diziam 35, então comprei desse tamanho.

Enfio as mãos nos bolsos.

Ela já está tirando os tênis de corrida e experimentando as botas.

– Com bico de aço? – pergunta.

Eu assinto.

– E pretas. – Ela sorri e eu adoro ainda mais esse sorriso, porque acho que sou responsável por ele.

– E pretas – confirmo.

– Você não embrulhou para presente – ela me dá uma bronca.

– É, eu estava torcendo para você não chamar minha atenção por isso.

– Brincadeira. – Ela ri, e eu poderia ouvir essa risada para sempre. Fica de pé e examina as botas nos pés. – Ficaram perfeitas.

– Agora você pode ficar na parte mais legal da oficina.

Seu sorriso desaparece.

– Não posso usar nada daquilo.

– Algumas coisas pode, sim – digo, pois quero o sorriso de volta e porque é verdade. Ela é capaz de fazer mais do que pensa. Mas, por alguma razão, não quer nem tentar. – E eu posso ser sua outra mão quando você precisar.

Ela caminha pela garagem flexionando os pés para amaciá-las e percebo que não existe nada mais sexy do que essa garota com botas pretas.

– Você vai ter que levar as botas para a escola para se trocar lá – digo.

– De jeito nenhum – diz ela, e o sorriso volta, dez vezes maior. – Vou para a escola com elas.

– Então eu acertei? – pergunto, só porque quero ouvi-la dizer que sim.

– É quase melhor do que as moedas.

Ela fica na ponta dos pés e me beija. Está salgada e suada e linda.

– Você não me beijou por causa das moedas – digo.

– Eu não sabia que tinha permissão.

Ela se recusa a entrar depois de calçar as botas, então passamos mais uma hora na garagem,

onde começamos a tomar medidas e fazer anotações para uma mesa de canto que ela projetou para um trabalho da oficina. É um projeto muito elegante, com pernas curvas, estilo Rainha Ana. Eu queria que ela própria a construísse, mas a mão ruim torna parte do trabalho impossível e ela ainda não tem a prática necessária para fazer tudo. Faço isso há dez anos e ainda tenho dificuldade com várias coisas. Ainda assim, explico cada detalhe. Ela grita comigo se eu faço algo sem explicar, porque, mesmo que ela não possa fazer sozinha, quer ao menos entender como é feito.

Minha produtividade não é a mesma de antes, mas acho que vale a pena, pois o fato de ela ficar me dando ordens na minha garagem com um martelo na mão é muito atraente. Ninguém manda em mim há tempos e ela fica uma gracinha quando está determinada e brava, então não me importo tanto.

Eu vivo e respiro serragem desde que me entendo por gente. Acho que agora é assim com ela também.

Capítulo 43

Josh

Previsível. É o que nos tornamos, e isso me deixa morrendo de medo.

Todo dia, passamos o horário de almoço no pátio. Não nos tocamos nem rimos – e é claro que não falamos –, mas estamos juntos. Ninguém nos perturba. Exceto por visitas ocasionais de Clay, o campo de força continua intacto.

Estou tentando terminar de ler um conto que a Sra. McAllister passou, já que teremos um teste sobre ele no quinto tempo. Flor do Dia se inclina para ver o que estou lendo, aproximando a cabeça até roçar levemente em meu ombro. E mesmo o contato mais leve me faz sentir à vontade. É instintivo. Eu me volto para ela e beijo sua cabeça antes de perceber o que fiz no meio de um pátio cheio de gente. Para nós, é uma demonstração pública de afeto equivalente a arrancarmos a roupa um do outro e fazermos uma exibição de sexo explícito no meio da escola.

Fico esperando que o mundo venha abaixo, ou ao menos alguns olhares e comentários. Mas nada acontece. Não há nenhuma alteração perceptível na atmosfera. E me pergunto se o impossível aconteceu. Isto é, se nós, ela e eu, nos tornamos normais. Assim que a palavra entra na minha cabeça, sei que está errada.

Não nos tornamos normais; nos tornamos previsíveis. E não apenas para todo mundo na escola. Eu também acho previsível estarmos juntos. Conto com ela. Conto com ela aqui. Conto com ela em casa. Conto com ela na minha vida.

E é apavorante.

Capítulo 44

Nastya

– Já que eu gosto de falar, vou imaginar a nossa conversa – diz Clay enquanto me desenha nos fundos da casa dele, após a aula.

Eu sorrio e ele grita para eu não mudar a minha expressão, o que não é fácil, porque fico achando ainda mais graça.

– Normalmente, eu responderia primeiro todas as perguntas sobre ser gay, porque é o que as pessoas costumam fazer – diz ele enquanto desenha.

Não sei como ele consegue se concentrar nas duas coisas ao mesmo tempo. Eu só consigo fazer uma coisa de cada vez, e é por isso que tenho tanta dificuldade em manter a boca fechada. O silêncio exige uma disciplina enorme. Quando você *pode* falar mas não *quer*, parte da sua mente fica constantemente ocupada se concentrando em garantir que você não abra a boca. Às vezes me pergunto se não seria mais fácil se eu fosse fisicamente incapaz de falar, pois aí não teria que pensar nisso o tempo todo.

– A primeira pergunta sempre é a clássica *Você sempre soube que era gay?*. Essa é das boas – diz ele, olhando para mim, mas sem me enxergar de verdade. – A resposta? Não sei. Acho que não, porque eu nem sabia o que era ser gay até ter uns 10 anos. Então não tenho certeza. Quando eu soube, eu soube, e não tentei descobrir desde quando, mas as pessoas sempre perguntam isso.

Ele pega uma espécie de borracha mole cinza e a esfrega no papel.

– A seguinte geralmente é *Você já esteve com uma garota e, se não esteve, como tem tanta certeza que é gay?*. A resposta? Não vou dizer. Não é da sua conta. Próxima.

Ele deixa a borracha de lado e olha para o desenho. Não está satisfeito com alguma coisa.

– Tem outra que eu não me importo de responder. *Seus pais ficaram bravos?* – A borracha está de volta. – Até que não. Não acho que tenham ficado bravos. Se ficaram, não me disseram. Decepcionados? Talvez. Mas, se ficaram, também não disseram abertamente. Eu ouvi o clássico *Não é o caminho que eu teria escolhido para você, mas tudo que quero é que seja feliz*. É um clássico. Deve estar num site ou algo assim para que os pais imprimam e leiam, porque os dois disseram exatamente a mesma coisa, como se tivessem combinado. Mas eles estão separados desde quando eu tinha 2 anos, então tive que sair do armário duas vezes, uma com cada um. Acho que Janice, a mulher do meu pai, ficou meio tensa, mas nunca liguei muito para o que ela pensa. E, desde então, parece levar numa boa.

Nossa, como esse garoto fala! Acho que ele nem parou para tomar fôlego. Não sei se devo ficar constrangida, mas eu gostaria mesmo de fazer todas essas perguntas e, se falasse, provavelmente já teria feito.

Clay parece mais satisfeito com o desenho. Seu rosto está relaxado. Quando está frustrado, costuma franzir o cenho e retorcer a bainha da camiseta. Também passo muito tempo observando-o. Não tenho mais nada para fazer.

– Mas chega de falar de mim. Vamos falar de você. Por onde começar? Aposto que a clássica deve ser *Por que você não fala?*. Estou certo, né? Mas vou pular essa. Acho que tenho perguntas muito mais interessantes para fazer.

Ele faz as perguntas. Um monte delas. Mas não recebe nenhuma resposta da minha parte, então ele mesmo as inventa. Sente prazer em me dizer que o mundo está prestes a acabar porque Josh Bennett me deixa sentar com ele na hora do almoço e já foi avistado não só tendo conversas espontâneas com as pessoas como também – imagine só! – sorrindo. Essa ideia me faz sorrir, o que Clay parece apreciar.

Segundo ele, a explicação mais comum para a minha incursão à zona morta de Josh Bennett é que eu já devo estar morta também. Essa me diverte, porque eles acham engraçado, mas meio que é verdade. Outras pessoas garantem que faço parte de uma seita e estou fazendo lavagem cerebral no Josh. Essa é minha teoria favorita. Preciso contar a ele.

– Pelo menos você não precisa mais se preocupar com aquele babaca do Ethan depois de hoje – continua Clay.

Olho para ele, confusa.

– Você não ficou sabendo? – Ele arregala os olhos, mas não sei por que, já que ele sabe que ninguém fala comigo. – Hoje à tarde, Ethan estava andando pelo corredor falando alto, se gabando de que você tinha chupado ele no banheiro.

Dou de ombros. Não é nenhuma novidade. Ethan fala esse tipo de merda o tempo todo, ainda mais desde que descobriu que eu não vou desmentir. As únicas três pessoas da escola com quem me importo sabem que não é verdade, e suspeito que qualquer um que conheça Ethan também saiba disso. Clay deve notar minha falta de reação e fica quase tonto por ter que me contar o resto da história.

– É, eu sei. Não é grande coisa, né? Só que desta vez ele falou quando Josh estava atrás dele. Foi sensacional. Michelle e eu assistimos de camarote. Josh o empurrou contra a parede e Ethan ficou dizendo tipo "Eu não tenho medo de você, Bennett", e Josh falou "Que bom, assim você não vai fugir da próxima vez que me encontrar, porque, se você disser o nome dela mais uma vez, eu vou fazer com que você consiga chupar seu próprio pau". E o melhor foi que o Josh nem levantou a voz. Falou baixo, com a voz calma, apavorante. Aí ele deixou o Ethan e se afastou como se nada tivesse acontecido. – Ele levanta as sobrancelhas para mim. – Sensacional, né?

Não acho que seja tão sensacional assim. Sei quanto Josh detesta chamar a atenção para si mesmo e gostaria que ele não pensasse que tem que fazer isso por mim.

Clay termina o desenho e, quando começa a guardar tudo, vou pegar minhas coisas. Acho que agora já paguei dez vezes a minha dívida por ele segurar a porta. Está na hora de ele me devolver o favor. Quando Clay termina, retiro a fotografia que está há dias guardada na minha mochila e a entrego a ele. Então pego uma folha de papel e escrevo o que quero.

Capítulo 45

Nastya

Eu não me lembrava do que tinha acontecido comigo até mais de um ano após o ocorrido. Durante dias, depois semanas, depois meses, eu sabia o mesmo que todo mundo. Que eu havia saído de casa para ir andando até a escola a fim de gravar a última música para a audição. Eu tinha ido para casa antes, para trocar de roupa e me arrumar antes de voltar à escola. Cuidei meticulosamente de cada aspecto da minha aparência naquele dia, especialmente das mãos. Pintei as unhas à perfeição. Vesti uma blusa rosa-clara com botões de pérola e uma saia branca rendada, e todos sabiam o que eu estava vestindo porque me acharam com essas roupas, embora os botões tivessem sido arrancados.

Eu sabia exatamente onde havia sido encontrada, numa parte densamente arborizada da reserva florestal do parque que atravessei naquele dia. Sabia que só me localizaram tarde da noite, porque uma forte tempestade tornou as buscas quase impossíveis. Àquela altura, o alerta de abdução de menor corria todo o estado já havia horas. Meu nome, minha foto, minha descrição. Tudo. Mesmo depois de me encontrarem, a curiosidade mórbida não parou por aí. As pessoas nunca se cansam de histórias trágicas sobre garotinhas bonitas. Fui um bom entretenimento por algum tempo, principalmente durante o período do *ela vai sobreviver ou não*, quando não sabiam se eu conseguiria ficar viva.

Eu sabia que, quando cheguei ao hospital, fui levada imediatamente para a cirurgia e meu coração ficou parado durante 96 segundos, até que conseguissem reanimá-lo.

Sabia que acordei no hospital, com uma mão que nem podia mais ser chamada assim e que nunca mais voltaria a tocar piano, pois fui informada disso alguns dias depois. Mais tarde, quando pensaram que eu já estivesse forte o suficiente, me disseram que nunca poderia ter

filhos. Acho que pensaram que perder a capacidade de gerar um filho seria mais difícil de lidar do que perder a capacidade de gerar música, mas não tenho tanta certeza de que estavam certos.

Eu sabia o que tinha acontecido comigo por causa da extensa lista de ferimentos. Durante meses, foi assim que me senti. Uma lista de ferimentos. Uma soma de dores. Meu corpo inteiro doía.

Um dia, ouvi um dos meus muitos médicos conversando com um detetive de polícia, sem saber que eu conseguia escutar. *Já pegaram aquele monstro?*, perguntou ele. O detetive respondeu que não. *Deveriam enforcar o cara assim que o pegassem. Ele acabou com essa pobre menina.* Imaginei que ele estivesse certo, porque era exatamente assim que me sentia e, quando você ouve seu médico dizer que está arruinada, sempre pensa que ele deve saber do que está falando.

~

– Você sempre dormiu de camiseta? Mesmo antes de mim? – pergunto a Josh quando nos deitamos.

Asher odeia dormir de camiseta. Ele insiste em dizer que todos os homens detestam dormir de roupa, mas não sei se é verdade. Josh sempre dorme de camiseta e cueca *boxer*, que costuma ser o que eu também uso. Ele não me deixa dobrar suas cuecas, mas pelo visto não acha ruim que eu as use.

– Antes de você, eu dormia sem nada – diz ele, e percebo o sorriso em sua voz, mesmo sem vê-lo.

– Ah. – Sinto meu rosto ficar quente. – Desculpa.

– Imagine. – Ele ri. – É uma boa troca.

Ele encosta a mão no meu rosto, se aproxima e me beija, e seus lábios são um convite que mais cedo ou mais tarde vou ter que aceitar.

– Se eu não conhecesse você, acharia que ficou vermelha.

Mas o fato é que ele não me conhece. Nem um pouco.

~

Pela primeira vez em semanas, não passamos metade da noite na garagem. Ainda está cedo, mas digo a ele que estou cansada e quero ir me deitar. Não estou cansada. Só estou torcendo para ele me acompanhar. Uns 15 minutos depois, eu o ouço sair do chuveiro, apagar a luz e se deitar ao meu lado. Ele me dá um beijo na têmpora e diz boa-noite e entrelaça os dedos nos meus como sempre faz, como se me lembrasse que está ao meu lado – ou vice-versa.

Deslizo minha mão por baixo do tecido da camiseta dele, passando pela barriga, até deixá-la estendida sobre a pele de seu peito e sentir seu coração batendo contra a minha palma.

Ouço sua respiração se acelerar, pois ele não esperava por isso. Ele é quente e sólido e eu quero tocar cada parte de seu corpo. Eu deveria parar, pois sei onde isto vai dar. Mas fui eu quem começou e, sinceramente, não quero parar.

– Flor do Dia? – É só o que ele diz.

Ele descansa a mão sobre a minha, através do tecido da camiseta.

– Você pode tirar se quiser – digo.

– Prefiro tirar a sua – brinca ele.

– Pode ser, também – digo, mas não estou brincando.

Sinto seu corpo ficar tenso sob a minha mão, mas ele continua imóvel e ficamos assim mais um minuto, apenas respirando e tentando ler os pensamentos um do outro.

– Você tem minha permissão – sussurro.

Não é que eu nunca tenha tocado nele nem ele em mim. Mas nunca foi assim, tudo de uma vez. Estou vestindo uma camiseta dele como sempre. Ele a puxa por cima da minha cabeça e eu deixo, porque é isso que quero. Quero que ele me toque. Aqui. Agora. Em todo lugar. Sempre.

– Eu queria ver você – diz ele.

– Ainda bem que não está vendo – admito.

Cicatrizes demais. Posso culpá-las, mesmo que não sejam a verdadeira razão.

Estou mais em paz perto de Josh do que em qualquer lugar do mundo, e quero fugir antes de arruinar nós dois. Mas aí ele também tira a camiseta e pressiona seu corpo contra o meu de modo a não restar nenhum espaço entre nós. Ele afasta meu cabelo, murmurando algo sobre "droga de cabelo sempre no seu rosto", mas deixa a mão enroscada nele, e então me beija, e é o que fazemos durante muito tempo.

De algum modo ele se afasta do meu corpo apenas o suficiente para pegar uma camisinha na mesa de cabeceira. E então está inclinado sobre mim novamente e me beija e eu fico concentrada só nisso. Porque é real. É verdadeiro. Algo real, verdadeiro e incrível. Seu joelho desliza entre os meus, afastando-os delicadamente, e um momento depois sinto sua pressão no meu corpo. Percebo o instante exato em que ele descobre – uma das mil coisas que eu nunca lhe disse. Pois ele para bem aí. Fica parado, de repente. Não me beija mais. Ele me encara, seus olhos tão próximos dos meus que penso que consegue ler minha mente.

Sei que vai dizer algo, mas não quero que diga, porque vai me obrigar a contar algumas coisas a ele. Vai me fazer sentir segura, e isso é algo que eu nunca mais devo me permitir.

Há mil palavras em seus olhos, mas tudo o que ele diz é:

– Flor do Dia?

Não é meu nome. É uma pergunta. Ou talvez mais de uma, mas eu não o deixo dizer mais nada.

Coloco minhas mãos ao redor dele, mesmo sem saber se vai dar certo, empurro o quadril para cima e o puxo vigorosamente na minha direção. Apenas por um segundo, há um rasgo e

uma ardência, e aí já foi. Fecho os olhos com força, pois a dor é familiar e deixa com os pés no chão e eu quero me entregar a essa sensação. Estou acostumada com a dor, e esta não é tão ruim. É com este olhar que não estou acostumada: assombro, confusão, fascinação e – por favor, por favor, por favor – que não seja amor.

– Você está bem?

Ele está dentro de mim, mas ainda não se mexe. Suas mãos estão nas laterais do meu rosto e ele parece estar com medo de mim.

– Sim – sussurro, mas não sei se a palavra sai.

Não sei se estou bem. Não deveria ser possível ficar tão perto assim de outra pessoa, a ponto de deixá-la ficar dentro de você.

Capítulo 46

Josh

Quando terminamos, nós dois estamos tremendo e, por um momento, me sinto confuso e reconfortado e amado e depois perdido. Não sei o que aconteceu. Só que aconteceu. E ela está aqui, mas não está. E eu quero estar feliz, mas não dá, porque ela está chorando embaixo de mim. No início é baixinho, quase imperceptível, e eu quase não noto o que está acontecendo, pois nunca a vi chorar. Então seu corpo começa a se sacudir e tudo fica fora do lugar e errado. Praticamente não há nenhum som, mas os tremores é que são piores e roubam de mim cada gota desmerecida de alegria que senti instantes atrás.

Preciso sair daqui. Gostaria que ela parasse de chorar, porque não acho que eu vá conseguir tolerar isso por mais um segundo sequer. Não é por ser alto ou melodramático. Não é. É de partir o coração.

Não sei o que fiz, então apenas a abraço e sussurro *desculpa*, pois não sei mais o que fazer. *Desculpa*. De novo, de novo, de novo, contra seus cabelos. Não sei quantas vezes repito nem por quanto tempo, mas não consigo parar. Só sei que isso não basta, pois ela não para de chorar.

~

De manhã ela não está mais comigo, e não sei se não está mais na cama, em casa ou em lugar nenhum.

Não está na escola. Liguei para ela três vezes, mesmo sabendo que não deveria, mas ela não atendeu. Nem eu esperava que atendesse. Quis mandar uma mensagem de texto, mas não

consegui pensar em palavras que não parecessem desesperadas.

Quando chego em casa, ela está me esperando na garagem. Está na bancada, onde se sentava no início, e a cadeira dela está vazia do outro lado. Aperto o botão e a porta automática se fecha, trazendo à tona todo o pavor deste momento. Entro em casa, porque não quero fazer isto na garagem.

Hoje ela é Nastya. O cabelo, a maquiagem, as roupas, tudo preto como se fosse na escola, só que hoje é para mim. Balanço a cabeça. Nada nela é real. Ela ficou sentada diante de mim durante meses e não a enxerguei. Não a ouvi. Não a conheci melhor do que ninguém. Sinto como se tivesse fracassado. Fracassado com ela, comigo, com a gente.

Não digo nada e ela não diz nada. Começo a me perguntar se nunca mais vamos nos falar, e então minha boca se abre.

– Eu perdi você?

Não é o que eu pretendia perguntar, mas quero saber a resposta. Sua fisionomia não muda e percebo que tinha esquecido como era essa expressão vazia dela.

– Eu que perdi você.

– Impossível – respondo, mas a palavra quase não sai.

– Você não me quer.

Sua voz é monótona e ela transmite uma estranha calma que me dá vontade de gritar.

Quero lhe dizer que não lembro mais como é não querê-la, que provavelmente não exista mais nada que eu queira. Quero perguntar quem ela pensa que é para me dizer o que eu quero ou não. Mas não consigo dizer nada e talvez ela pense que isso significa que concordo com ela.

– Então acabou? – pergunto.

– O que resta?

É neste momento que ela finalmente me olha nos olhos e eu sei que está sendo sincera.

– Você não me contou – digo, pois não estou pronto para dizer que não resta nada.

– Não contei o quê?

Ela está se fazendo de boba, o que é uma ofensa a nós dois.

– Você sabe o quê.

– Você não perguntou.

– *Perguntar?* – Acho que minha voz sobe uma oitava, porque não acredito no que estou ouvindo e sinto uma década de determinação se despedaçar. – Eu não perguntei? É isso que você quer? Que eu comece a fazer perguntas? Agora? Agora posso? Eu pensei que você não quisesse isso, mas vamos lá. O que aconteceu com a sua mão?

Ela se encolhe. Talvez por causa da pergunta. Talvez porque agora estou gritando.

– Não? Essa não? Essa não serve? Então que tal me dizer o que aconteceu ontem à noite?

Quero essa resposta mais do que a outra.

Ela não responde, o que não me surpreende nem um pouco. Mas não precisa, pois agora

que comecei não tenho intenção de parar.

– Me diga! Foi você que veio chegando e se introduziu em todos os aspectos da minha vida, e aí espera até eu ter o último fiapo da minha existência preso a você e então vai embora. Por quê? O que foi tudo isso? Uma piada? Você estava entediada? Achou que seria divertido zombar da minha cara?

– Estou arruinada.

– O quê? – Nem sei o que isso quer dizer. – Porque você era virgem?

Parece idiota, e percebo quanto odeio essa palavra. Talvez eu seja idiota. Aliás, sou idiota por presumir que eu sabia alguma coisa sobre essa garota. Mas ela vive por aí com essa boca suja, cuspindo insinuações como se falasse de cookies, e depois eu é que sou o babaca por não perceber que ela nunca tinha transado. Por alguma razão, eu sou o culpado por tudo isso, e nem sei o que fiz.

– Então por quê? Por que você dormiu comigo?

Detesto ouvir o desespero na minha voz.

– Porque eu sabia que você queria.

Direto. Frio. Trivial. Vazio. Ela sabe que é mentira.

– Porra nenhuma, Flor do Dia. – Não consigo controlar a minha voz. Estou mais que puto. – Você perdeu a virgindade porque eu queria? Nem *ouse* me responsabilizar por isso. Eu *nunca* teria feito isso com você.

– Você não fez nada comigo. Eu fiz com você. Eu o usei.

A apatia em sua voz é revoltante.

– Para quê?

Sinto tanta raiva agora que estou tremendo.

– Era a última coisa em mim que não estava arruinada. Eu só quis terminar com tudo.

Ela desenha círculos no chão com os dedos dos pés.

– Que merda isso quer dizer? – Nada. É o que vai restar para mim. É o que eu valho para ela. – Está me dizendo que você me usou para arruinar você? – Estou me obrigando a acalmar a voz, mas nem sei como. Talvez a frieza dela esteja começando a me alcançar. – Faz todo o sentido!

Dou uma gargalhada amarga. Cruzo a sala e dou um soco que atravessa a porta do quarto. Farpas da madeira entram na minha mão. Vejo que ela se encolhe por um segundo, antes de retomar o controle. Então a expressão de apatia está de volta e só resta Nastya.

– E então? Foi isso? Eu arruinei você?

Ela assente. Dou outra gargalhada, pois é o único som que sai.

– Porra, é inacreditável! – Não consigo parar de rir e acho que posso estar louco. Levanto as mãos no ar, porque para mim já deu. – Então parabéns. Você queria estar arruinada? Bom, conseguiu. E com um bônus, porque me arruinou também, Flor do Dia. Agora nenhum de nós vale merda nenhuma.

Ela não se mexe. Apenas olha para o chão. Está com as mãos cerradas, como as minhas.

Eu me sento, porque acho que meus joelhos estão tremendo também. Inclino-me para a frente e pressiono as palmas das mãos contra os olhos. Mesmo sem vê-la, sei que ela continua aqui.

– Sai agora da minha casa.

– Eu falei para você não me amar – sussurra ela, quase como se falasse consigo mesma.

– Acredite, Nastya. Não amo você.

Ela sai e fecha a porta sem fazer barulho.

É a primeira vez que eu digo o nome dela.

Nastya

Nastya. A palavra soa como cacos de vidro saindo de sua boca. Dormir com Josh não foi o que me arruinou. É isto que me arruína. Sua voz. Seu rosto. Seu horror com toda essa situação de merda. Ele me olhou como se não acreditasse que eu estava fazendo isso, e não posso culpá-lo, pois também não consegui acreditar. Mas fiz mesmo assim, porque é isso que eu faço.

Capítulo 47

Nastya

Agora tudo é um inferno e eu mereço. Suporto a dor se eu mesma a escolhi.

~

Drew anda pisando em ovos perto de mim e eu o evito. Não vou metê-lo no meio disso. Ele é amigo de Josh. Passo a maior parte do tempo com Clay. Ou sozinha. Ficar sozinha seria mais fácil se eu gostasse de mim. Mas, neste momento, não gosto. Nem um pouquinho.

O quarto e o quinto tempo são os piores, pois é quando tenho que vê-lo e não posso fingir que ele nunca existiu, como tento fazer durante todo o resto do dia. Como se ajudasse. Como se servisse para alguma coisa. Eu poderia fingir que não olho para ele, que tenho determinação e amor-próprio suficientes para não deixá-lo me flagrar observando-o, mas não tenho essa disciplina. Todo dia digo que não vou olhar, mas olho mesmo assim. A única coisa boa é que ele nunca me flagra. Ele nunca olha para mim. E nem deveria. Eu não o mereço.

O mundo deveria estar cheio de Josh Bennetts. Mas não está. Eu tinha o único.

E o joguei fora.

~

Um dia, Margot se senta à mesa da cozinha comigo enquanto finjo estar concentrada na leitura de um poema do qual não compreendo uma palavra sequer. Faço mais os deveres de casa ultimamente. Você nem acreditaria em quantos quilômetros eu corro.

– Não pude deixar de notar que parece que você está morando aqui de novo – diz ela.

Continuo olhando para o poema como se as palavras fossem subitamente sair flutuando do papel e entrar no meu cérebro.

– Eu perguntaria se você quer falar sobre isso.

Ela dá um sorriso quase imperceptível. Está se esforçando, mas é em vão. Agora nada faz sentido. Eu não faço sentido.

Até comecei a ir para a casa dos meus pais todos os fins de semana, para ninguém ficar me esperando no jantar de domingo. E talvez seja a única coisa que vale a pena.

Ninguém me pergunta por que de repente voltei a aparecer. Apenas me deixam aparecer.

Ganho outro presente de aniversário num dos fins de semana que vou para casa. Como não aceitei o telefone, minha mãe me dá uma câmera. É mais simples, não tão avançada quanto a dela, mas não acho que esteja me dando apenas a câmera. É uma parte de si. Está tentando substituir uma parte de mim. Não sei se é uma boa ideia, mas estou começando a ficar cansada de julgar e adivinhar as segundas intenções de todo mundo, porque começo a entender o verdadeiro problema, e sei que sou eu. Não tenho mais Josh. Meio que perdi Drew. Preciso da minha mãe. Quero tanto o conforto daquele amor incondicional que estou disposta a ignorar o preço que tenho que pagar e, pela primeira vez em quase três anos, talvez possa admitir isso, ainda que só na minha cabeça.

Ainda não conversamos, mas talvez eu fale.

Minha mãe me ensina a usar a câmera e andamos por aí tirando fotos de nada e de tudo. Ela ainda não falou sobre formato, composição e tal. Às vezes minha mão vacila e estraga uma foto, mas ignoramos.

Aos domingos, me dedico a ensinar meu pai a fazer panquecas caseiras em vez de usar mistura pronta, porque no fundo é como fazer bolo, e isso eu sei fazer.

Nada é perfeito. Ainda não é bom, mas talvez passe a ser.

~

Estou com saudade dele hoje. Fico com saudade dele todo dia. À noite fui à loja de material de construção só para caminhar pelos corredores de madeiras e tentar respirar.

Volto a me esconder no banheiro na hora do almoço. Clay voltou a deixar a porta aberta para mim, mas fingimos que isso não significa nada.

Minhas mãos estão voltando a ser macias.

Na semana que vem, Josh completa 18 anos.

Josh

– De quem é? – pergunto quando a Sra. Leighton me entrega o último presente que está na mesa.

Já terminamos de jantar e partimos o bolo. Pulei o pedido na hora de apagar as velas. Nenhuma parte de mim deseja estar aqui.

– Estava na varanda esta tarde. Tinha um pedaço de papel colado, com o seu nome escrito. Sem cartão.

Rasgo o papel e agora quero desaparecer para poder ficar sozinho neste momento. Quero poder ver isto sem ninguém me observando.

Estou segurando uma moldura preta simples. Nada de especial. A imagem dentro da moldura é o que me deixa abalado, me derruba e depois ainda me dá uns chutes.

Quando retiro o resto do embrulho, uma fotografia que estava presa na frente da moldura cai no chão. Drew a pega e olha para ela antes de entregá-la para mim, mas sei que gostaria de continuar segurando.

Eu reconheço a foto. Estava num álbum na estante da minha sala. É minha mãe com Amanda no colo, e não estão olhando para a câmera. Estão sorrindo uma para a outra, mas dá para ver bem o rosto delas. As duas são lindas, e percebo que tinha me esquecido disso, como de tudo mais, porque não resta ninguém para me lembrar.

Há fotografias espalhadas pela casa inteira. Em todos os lugares. Eu não guardei nos armários todas as pessoas que amei. Ainda estão penduradas nas paredes, principalmente porque sempre estiveram. Eu não as coloquei lá, mas também não as tirei. Deixei-as onde estavam, como se nada tivesse acontecido. Mas não esta foto, que passou anos enfiada num álbum. Eu a adoro. Tinha esquecido que adorava. E esta eu vejo de verdade. Não é como as que estão nas paredes, pelas quais passo todos os dias, tantas vezes que já deixei de registrá-las há muito tempo.

A imagem na moldura é uma reprodução perfeita em carvão, idêntica à foto, só que maior. Embora esteja em preto e branco, vejo os olhos da minha mãe se enrugando com o sorriso e minha irmã respirando. Por um instante, penso que estão vivas. Sem dúvida é obra de Clay. E só há uma pessoa que poderia ter dado esta fotografia a ele. Mas ela não está aqui, porque também me deixou.

Ela não tem o direito de fazer isso. De tornar difícil que eu a odeie, pois agora preciso odiá-la mais do que qualquer outra coisa.

– Esqueci como a sua mãe era gostosa – diz Drew, que detesta situações desconfortáveis e cujo jeito de dissipar a tensão é lembrar a todos que ele é um babaca. Sou grato a ele por isso.

A Sra. Leighton dá um tapa no braço de Drew. Seu pai dá a volta e lhe dá um tapa na cabeça, e então puxa a esposa para perto dele e lhe dá um beijo na cabeça.

E eu vou para casa sozinho.

~

Faz cinco semanas que ela foi embora da minha casa. Comecei a contar no segundo em que a porta se fechou. Não sei quando vou parar.

~

– E aí, quem o Corinthos vai matar hoje?

Drew entra ao chegar da escola e se joga no outro extremo do sofá. Eu desligo a TV, pois não estou assistindo mesmo e não me importo.

– Então – pergunta ele após os 15 segundos regulamentares de silêncio, o máximo que consegue suportar –, não vai me contar o que aconteceu entre vocês dois?

– Não – digo, e é verdade. Esse é o último assunto de que quero falar. É possível que eu chore se fizer isso e, francamente, não faço ideia do que aconteceu. – Provavelmente não.

Drew assente com a cabeça e não discute. Sei que ela também anda evitando-o, mesmo na aula de Debate.

– Sinto saudade dela. – Drew diz.

– É bom se acostumar – digo, voltando a ligar a TV.

Capítulo 48

Nastya

Eu me afasto do espelho e vejo Drew entrando no banheiro feminino nos fundos do departamento de Teatro. Como os professores de Teatro têm planejamento neste tempo, descobri que este banheiro fica quase sempre vazio, então é o meu favorito.

– Presumo que nós estamos sozinhos – diz ele, virando-se e trancando a porta. – Sabe que este é o quarto banheiro em que eu procuro você? Estava começando a temer pela minha segurança.

– Fala sério, Drew – sussurro num volume quase inaudível, porque não importa que ele tenha trancado a porta e não haja ninguém por perto.

– Estou com saudade – diz ele, como se fosse uma desculpa válida.

– Você vai sobreviver.

– Você também está com saudade de mim. Admita. – Ele tem razão. Estou morrendo de saudade dele. – Vim resgatá-la do abismo social.

– Veio foi me pedir um favor. Diga logo, porque não gosto de falar aqui.

– Preciso dos seus serviços de guarda-costas nesta sexta.

– Não, não e não de novo. Ah, espera. Só um segundo: não!

– E se eu pedir por favor?

– E se eu disser que não? – Ele está tentando me olhar daquele jeito sedutor, mas já não caio mais nessa. – Você não precisa de mim para encarar uma noite. É só dizer para todo mundo que você vai me encontrar depois. Vão acreditar.

– Ninguém vai acreditar nisso depois de você e Josh. Ninguém vai acreditar que eu faria isso.

– Não tem nada que você não faria.

– Essa é a única coisa que eu não faria, e todo mundo sabe. A única pessoa no mundo que eu nunca iria sacanear é o Josh.

– Não estamos falando de Josh, então pare de mencionar o nome dele e tentar enfiá-lo na conversa.

– Ele já está nesta conversa, mesmo que eu não diga o nome dele. – Ele ergue as mãos como quem se rende para a cara feia que eu faço. Não vou falar sobre Josh. – Está bem. Tudo o que eu vou dizer é que eu pensava que tinha tendências autodestrutivas, mas vocês dois me fazem parecer bem equilibrado.

– Ele está bem?

– Na verdade, garanto que ele está o oposto de *bem*, mas também garanto que você já sabia disso quando perguntou.

– O que ele disse a você?

– Não. Não vou entrar nesse jogo. Foi você quem criou as regras. Não vou falar sobre o Josh. – Ele se instala bem à vontade na bancada do banheiro, como se estivéssemos na cozinha da casa dele. – Agora, o assunto em pauta. Não precisam pensar que eu estou com você. Só preciso que você fique comigo e me mantenha na linha. Se não fizer isso, vou acabar perambulando pela casa, perguntando a todo mundo se a viram por lá. Depois eu provavelmente vou falar umas merdas sobre ela só para ter uma desculpa para dizer seu nome ou chamar sua atenção. – Ele não diz o nome dela agora, mas não é segredo de quem estamos falando. – Você tem que me salvar de mim mesmo. E, nesse processo, se salvar do tédio e da solidão. Todo mundo sai ganhando.

Não tenho nada a ganhar com essa situação. Prefiro grampear os lábios à minha língua do que ir a uma festa hoje à noite. Eu me sento ao lado dele na bancada e solto um longo suspiro. Ele faz o mesmo.

– Eu devia voltar a ser como era antes – diz ele. – Eu era o máximo e ela me transformou num bundão.

– Se é isso que você quer, vá em frente. Comece hoje. Não vai ter nenhuma dificuldade em encontrar alguma garota disposta a acompanhar você no caminho de volta para a esbórnia desalmada.

Ele não responde. Nós dois sabemos o que ele já perdeu nesse caminho e ele não se perdoa. Não sei se há outra solução, mas tento oferecer opções.

– Você não pode chamar alguma outra garota para sair? Tentar ter um relacionamento normal? Você estragou tudo com a Tierney, mas poderia tentar aprender com seus erros e fazer a coisa certa desta vez. – É uma ideia estúpida. Se ele me dissesse a mesma coisa, eu lhe daria um soco no queixo. Mas é tudo o que me ocorre agora. – E a Tessa Walter? – sugiro.

Ele balança a cabeça.

– Olhos de doida.

– A Macy Singleton?

– Ri alto demais.

– Audrey Lake?

Desta vez ele me encara como se eu tivesse sugerido que ele namorasse o Anticristo.

– Ela fala *supositamente*.

Se Drew Leighton fosse mulher, essa seria a coisa imperdoável dele.

– Então por que não tenta de novo com a Tierney?

É a única que ele quer de verdade. Eu poderia dizer o nome de todas as garotas da escola e ele encontraria defeitos em cada uma delas.

– Não posso pedir a ela para me perdoar. Eu não a respeitaria se ela concordasse. Eu não mereço.

Eu também não mereço. Não sou hipócrita a ponto de discutir.

– Não podemos deixar essa festa para lá? Não temos que ir. Você nem bebe. Por que iria querer socializar com um monte de babacas bêbados sem motivo nenhum?

É verdade. Levei um tempo para perceber, mas quando notei não deixei mais de reparar. Drew pega uma bebida assim que chega e a carrega a noite toda, então todos supõem que esteja bebendo, mas nunca bebe.

– Você percebeu isso, é? – Ele está quase impressionado. – Foi a primeira.

– Imagino que seja por alguma razão.

Espero que ele diga algo relacionado a ter que dirigir, mas não é o caso.

– Kara Matthews – responde ele, como se explicasse tudo, mas sabe que não entendi nada e espero que conte o resto da história. – Eu nem me lembro de fazer aquilo. Tierney me reduziu a pó durante horas aquele dia, e tinha razão. Estava certa sobre tudo o que disse a meu respeito, menos sobre o fato de eu não gostar dela. Mas todo o resto ela acertou na mosca. Eu bebi tanto naquela noite que teria transado com qualquer uma naquela festa. Estraguei tudo com a Tierney e nem me lembro de nada.

– E acha que, se não estivesse tão bêbado, não teria feito aquilo?

– Não – responde ele com sinceridade. – Provavelmente teria, sim. Mas pelo menos eu saberia. Se era para estragar tudo, que fosse uma escolha consciente.

Faz todo o sentido para mim. Ele pode não curtir a dor que causou a si mesmo, mas pelo menos poderia dizer que tinha sido uma escolha sua. Mas não é só isso que o persegue. Há outra questão ali. A pequena, minúscula possibilidade de que, talvez, ele não tivesse feito aquilo. Talvez, se não estivesse tão bêbado, as coisas tivessem sido diferentes e agora ele ainda estivesse com Tierney, e não num banheiro feminino sendo assombrado por possibilidades mortas.

Ele dá de ombros, resignado.

– Acho que da próxima vez que eu quiser destruir completamente qualquer chance de felicidade, ao menos vou me lembrar depois.

E isso vai facilitar muito o processo de odiar a si mesmo.

~

Eu poderia dizer que não imagino por que concordei com isto, mas seria mentira. Também estou com saudade de Drew. E cansada de mim mesma. Prefiro beber cerveja choca e estar rodeada de gente que não gosta de mim. Ninguém nessa festa vai me odiar tanto quanto eu me odeio, então vai ser um progresso.

A casa de Kevin Leonard já está lotada quando chegamos. A música está ensurdecedora, e me pergunto quanto tempo a festa vai durar até os vizinhos chamarem a polícia. Espero que isso aconteça logo para eu poder ir embora, porque já estou arrependida. Não me incomodo com as pessoas. Aliás, eu me sinto melhor no meio da multidão, mas o barulho me deixa inquieta. Preciso de silêncio para ouvir o que está por vir.

Sigo Drew pela casa, meus dedos entrelaçados nas alças do cinto de sua calça para não perdê-lo. Se ele quer que eu não desgrude dele hoje, é o que pretendo fazer.

Damien Brooks é o primeiro a nos encontrar. Não o suporto, mas pelo menos é conhecido.

– Drew! – Ele já está bêbado. Uma palavra e é evidente. – Caramba! Eu sabia que você tinha ficado com ela primeiro, mas não pensei que voltariam a ficar depois do Bennett. Cara, que coragem!

Ele ri e parabeniza Drew, que também ri. Eu nem estou no mesmo cômodo. Ei, espere. Estou, sim, mas, vendo o modo como falam, nem parece. Ainda bem que não dou a mínima.

Então, Damien arregala os olhos como se tivesse acabado de descobrir a pólvora.

– Vocês ficaram dividindo ela esse tempo todo?

Talvez eu dê a mínima, sim. Pelo menos um pouquinho. Não quero mais ouvir isso. Seguro a mão de Drew e começo a puxá-lo para longe. Acho que ele também já se cansou, pois não tenta me impedir.

E aí aparece Tierney. A franco-atiradora contra a qual sou um escudo humano. Eu gosto dela de verdade e preferiria não ter a tarefa de manter Drew longe dela. Não a culpo por querer odiá-lo, mas isso não quer dizer que ela o odeie. De repente, desejo que eles pudessem se acertar, mas minha hipocrisia me dá um tapa na cara antes que eu possa levar esse pensamento adiante.

Chegamos à cozinha nos fundos da casa, onde Kevin Leonard está tirando chope de um barril, rodeado por um grupo grande. Começam a cantar o nome de Drew, como se ele fosse um deus, e imagino que, se eu fosse um adolescente que nunca fica com ninguém, ele também seria o meu ídolo. Quase na mesma hora ganhamos copos cheios de chope quente e abrimos caminho para tentar sair da cozinha.

Depois de uma hora e quatro copos e meio de chope ruim, estou apoiada contra uma parede enquanto Drew conversa com uma garota que está usando um top minúsculo e muito

brilhante, que não parece ter problema em flertar descaradamente com ele na minha frente. Como de costume, Drew ainda está com o mesmo meio copo de chope que pegou quando chegamos. Eu não estou completamente bêbada, mas estou cansada e quero ir para casa. Já estou tonta o suficiente para meu cérebro ter parado de me bombardear com sua ladainha habitual sobre eu ser uma idiota. Aliás, agora ele começou a murmurar que ligar para Josh até que não seria tão mau. Ligar bêbada para o garoto perfeito, incrível e maravilhoso que eu magoei horrivelmente talvez possa me valer uma medalha de ouro em egoísmo. Mas não chego a explorar essa ideia, pois tenho que voltar ao trabalho.

Tierney começa a vir em nossa direção e a garota do top brilhante se afasta. Tierney é assim mesmo. Ninguém se mete com ela, e fico com vontade de abraçá-la e dizer que ela é o máaaaaaximo, então talvez eu esteja um pouquinho mais bêbada do que pensava. Não comi hoje, o que pode explicar a situação. Erro de principiante.

Dou um passo à frente para deixar meu copo pela metade numa mesa de canto muito feia (agora eu percebo essas coisas). Não preciso beber mais. Depois de puxar Drew para longe de Tierney, já terei cumprido minhas responsabilidades e poderei pedir que ele me leve para casa.

Quando me viro, Drew não está mais lá. Nem Tierney.

Começo a abrir caminho entre a multidão, em busca deles. Imagino que os dois estejam no mesmo lugar, mas também não posso andar por aí gritando e perguntando se alguém os viu. Estou encostada na parede, à beira do caos, quando Kevin Leonard me encontra.

– Está curtindo a festa?

Oi? Ele espera uma resposta? Faço um sinal idiota de joinha e tento seguir andando. Drew Leighton vai me pagar por essa. Começo a fazer uma lista mental das coisas que quero pedir. Até agora só tem um item na minha lista, mas acho que está fora de sua alçada.

– Quer transar comigo? – pergunta Kevin.

Este não é o item da minha lista. Tento deixá-lo para trás – e seu ego gigantesco. Está na cara que ele está trêbado e fico mais sóbria a cada minuto. Quero mesmo é ir para casa e encher Drew de porrada. Não sei ao certo qual dessas coisas desejo mais neste instante, mas Kevin Leonard continua falando.

– Podemos ir pro meu quarto. Eu bloqueei o andar de cima. Ninguém vai ficar sabendo.

Eu vou ficar sabendo, seu babaca. E vou passar o resto dos meus dias tentando apagar isso da minha memória.

– Vamos lá, gata... – Aí está a minha resposta. Garotos de verdade chamam mesmo as garotas de *gata*. Pena que não estou com vontade de rir e não tenho tempo de estrangulá-lo. – Por favor.

Será que ele pensa que o que eu quero são boas maneiras? *Bom, já que você pediu por favor, talvez eu tenha que reconsiderar minha posição de que nem morta transaria com você. Eu estava apenas esperando que demonstrasse sua boa educação.* Balanço a cabeça da forma mais contundente que consigo e continuo andando. Felizmente, ele desiste e não vem atrás de

mim.

Mas ele me deu uma ideia. Se eu não encontrar Drew nos próximos dez minutos, não vou esperar novas propostas desse tipo. Vou arranjar outro jeito de ir para casa.

Os dez minutos seguintes são tão infrutíferos quanto os anteriores. Até estico mais dez, só para desencargo de consciência, antes de finalmente aceitar a derrota. Percorro todo o andar de baixo e pelo menos algumas pessoas já começaram a se dispersar, então não está mais tão lotado, mas a música continua tatuando meus tímpanos e dividindo meu cérebro em dois. Mando uma mensagem de texto para Drew perguntando onde ele está, mas não recebo resposta. Envio mais uma, dizendo que vou para o andar de cima tentar arrumar uma carona. Ainda sem resposta.

Fico mais alguns minutos perto da escada e, quando Kara Matthews começa a fazer um bongo de cerveja na cozinha, aproveito a distração para passar por baixo da barricada improvisada de Kevin e subir a escada para poder usar o telefone.

Posso estar meio na merda, mas, mesmo tendo tomado alguns chopes, nunca me esqueço de prestar atenção. Ninguém me segue. Entro no corredor à esquerda e me esgueiro para dentro de um dos quartos. Fico passando a mão na parede até sentir o interruptor. O quarto está vazio. A música continua ensurdecedora e identifico um coro repetindo o nome de Kara. Pego o celular, sabendo que só há duas pessoas para quem posso ligar. É para Josh que quero telefonar, mas não sei se tenho permissão para isso. Tem Clay também, para quem eu teria que mandar uma mensagem, mas poderia ter feito isso lá embaixo. Eu subi por um motivo, e é porque queria ligar para Josh.

Disco o número e espero, mas ninguém atende. A ligação não cai direto na caixa postal. Apenas fica chamando. Quando finalmente entra a gravação, eu desligo. É patético demais pensar em deixar um recado. Abro o teclado para escrever uma mensagem para Clay perguntando se ele pode me pegar, mas, antes de terminar a primeira palavra, a porta se abre.

E Kevin Leonard entra.

– Bem que eu pensei que você ia mudar de ideia – diz ele, enrolando a língua, e acho que deve ter se esforçado muito para conseguir falar.

Estou prestes a balançar a cabeça de novo, mas agora ele está bem na minha frente. E eu não fujo nem digo que não nem o empurro. Sinceramente, não estou nem aí. Se quero mesmo me arruinar, esta é a minha chance. Perdi Josh, assim como tudo o que foi tirado de mim e tudo que joguei fora desde então. Não tem mais Josh Bennett para mim. Não resta mais nada mesmo.

É o único momento que tenho para pensar, antes de ele enfiar a língua na minha boca e eu sentir o gosto de chope ruim que provavelmente também tenho. Tudo é repugnante, mas eu mereço. Com uma das mãos, ele agarra meu peito por cima do vestido, enquanto sobe a outra mão pela minha coxa. Meus braços pendem inertes ao lado do corpo, eu fecho os olhos e o deixo fazer o que quiser. Ele começa a puxar minha calcinha para baixo e então faz uma pausa

para se livrar do meu vestido. Ele o puxa parcialmente para cima, e sinto o ar frio na parte interna das coxas e na barriga, me lembrando que eu também deveria ser usada e jogada fora.

Então sua mão está entre as minhas pernas. Engasgo ao sentir seus dedos. E talvez finalmente eu tenha chegado ao meu limite. Não vou escolher esta dor.

Eu me afasto de sua boca e de sua mão e puxo o vestido para baixo. Se existe o fundo do poço, é onde estou agora. Posso mentir para mim mesma. Posso mentir para Josh. Mas é apenas isso. Uma mentira. Não arruinei uma parte de mim quando dormi com ele, por mais que eu tenha destruído tudo depois. Eu sabia que não era verdade quando disse aquilo, e ainda sei. Não me arrependo de nenhum minuto que passei com Josh. Só me arrependo de cada segundo depois. Me arrependo de despedaçar seu coração. Me arrependo de mandar nós dois direto para o inferno.

Se eu deixar Kevin Leonard fazer isso, se eu me deixar fazer isso, então isto aqui, agora, vai destruir a última parte boa que resta em mim. Será a minha coisa imperdoável. E nunca vou me recuperar, pois não restará absolutamente nada em mim que valha a pena amar. E, pela primeira vez na minha vida idiota e infeliz, não sou capaz de me destruir – ou, o que é mais importante, não quero fazer isso.

Empurro seu peito. Não de forma violenta. Apenas de modo decidido. Balanço a cabeça. *Não*. Tento adotar a expressão de quem se desculpa. Eu me sinto culpada. Devo me sentir mal nesta situação? Não conheço as regras. Puxo meu vestido para baixo com força, o máximo que dá, mas não parece ser o bastante.

– Que porra é essa, Nastya?

Faço que não com a cabeça outra vez. Digo *não posso* apenas movendo os lábios, pois preciso fazer com que ele entenda. Ele entende, mas não está nem aí.

– Você vai mesmo me deixar na mão aqui na minha própria festa?

Nem tenho a chance de me abaixar para puxar a calcinha para cima. Ele me agarra e me beija de novo, e eu não preciso de um convite. Piso no pé dele com força e agarro a maçaneta da porta, mas minhas mãos estão tremendo e a porta está trancada e não consigo fazer meus dedos reagirem na velocidade necessária. Chego a abrir o trinco, mas não tenho tempo de girar a maçaneta. Devia tê-lo acertado com mais força, mas não pensei que fosse necessário. Eu só queria que ele soubesse que não iria rolar para ganhar alguns segundos, chegar até a porta e sair. Mas não é suficiente. Sua mão agarra meu braço e me faz girar na direção dele, e eu seguro seu dedo mindinho e o dobro para trás. Não estou em posição de derrubá-lo e só quero sair daqui. Só isso. Ouço seu dedo se quebrar e sua outra mão imediatamente me acerta um soco. É apenas uma reação instintiva, um reflexo, nem sei se ele percebe o que fez. Meu rosto recebe todo o impacto do golpe. Perco o equilíbrio, e o soco me faz rodopiar e cair de cara na quina da mesa de cabeceira. Sinto o sangue escorrendo do supercílio e limpo-o com a mão. Nesta posição, eu me viro e tento lhe dar um chute para ganhar um segundo, mas ele segura meu tornozelo e me arrasta, afastando-me da porta.

Minha calcinha desceu até os joelhos, o pânico começa a fazer a bile subir pela garganta e sinto que paro de respirar.

Estou apavorada, como se fosse um pesadelo. Ele está rindo, como se fosse uma brincadeira.

– Poxa, você subiu aqui e me fez pensar que ia transar comigo. Podia pelo menos chupar meu pau.

Ele nem parece estar bravo. Parece querer me convencer.

Se eu tinha alguma ressalva contra jogar sujo, ela já era. A merda é que nunca fui boa em me defender no chão, e nada é tão fácil quanto era quando eu praticava numa situação controlada. Nada. Além disso, a cerveja não ajuda, por mais sóbria que eu me sinta de repente.

Não estou com o *kubotan*. Ele ficou na minha bolsa, embaixo do assento do carro de Drew, bem ao lado da minha lata de spray de pimenta, pois eu não tinha como prendê-la ao vestido. De qualquer forma, imaginei que eu passaria a noite toda ao lado de Drew, então não pensei que precisaria. Talvez as palavras-chave aqui sejam *não pensei.*

O fato é que não quero usar nenhuma dessas coisas contra Kevin Leonard. Só quero sair daqui. Sinto como se tivesse iniciado uma sequência de explosões e agora tentasse fugir dela.

Não me surpreende que me pôr nesta situação imbecil seja o que faltava para eu finalmente decidir não terminar de incinerar o que restou da minha vida. Sou uma completa idiota. Talvez o carma só esteja tentando me dar o que eu disse que queria. Mas nunca quis de verdade – a ruína total e definitiva.

Sinto o rosto ardendo onde ele me acertou, e o sangue do corte escorre para dentro do meu olho. Estou tentando me concentrar, pois temo que a qualquer momento eu deixe este quarto e esteja de volta entre as árvores, com terra e sangue na boca. E aí vou ter perdido todo o controle. Vou parar totalmente de lutar. Kevin Leonard vai poder fazer o que quiser, e eu vou deixar, porque não vou mais estar aqui.

A concentração é quase impossível quando meu cérebro está dividido entre permanecer acordada neste quarto e tentar me livrar dele. Ele está em cima de mim, prendendo meus braços e minhas pernas contra o chão e forçando a boca contra a minha outra vez. Todos os meus membros estão imobilizados. Não consigo nem me virar. Inclino a cabeça na direção dele, apenas para conseguir espaço suficiente para voltar e lhe dar uma cabeçada no rosto, a única opção que tenho. Quero acertar o nariz, mas estou sem posição e minha testa acaba se chocando contra a dele. É um erro, mas ele está tão bêbado que é suficiente.

Minha cabeça está latejando com o impacto, e seu corpo suado cai sobre o meu, me esmagando com o peso de cada decisão ruim que tomei nos últimos três anos.

– Cara! Esqueça.

Escorre saliva do canto de sua boca.

Ele perde a energia de lutar e acho que finalmente percebe, em meio ao estupor alcoólico, o

que está acontecendo, porque olha para mim como se só agora visse o sangue escorrendo da minha cabeça para o chão do quarto em que estamos. Ele se inclina para trás e, antes que eu tenha tempo de girar o corpo e me libertar, a porta se abre abruptamente e vejo, por baixo do corpo de Kevin Leonard, o rosto de Drew Leighton.

– Qual é, Leighton? – dispara Kevin.

Há mais constrangimento do que rancor em sua voz. Ele tem dificuldade de sair de cima de mim e eu aproveito a distração para girar o quadril e me ver livre.

Durante instantes, talvez apenas um segundo, Drew fica paralisado. Há tantas emoções em seu rosto que não consigo identificar todas elas. Confusão, repulsa, raiva, culpa, medo, horror. Meu rosto deve estar horrível para ele fazer essa cara.

Kevin mal consegue ficar de pé, instável, e eu estou me levantando, zonza, a cabeça ainda girando por causa do choque com a dele. Antes que eu consiga registrar o que está acontecendo, o punho de Drew está na cara de Kevin e ele cai de novo. Olho para Drew, que está tremendo. Há algo de muito errado com a imagem de Drew Leighton batendo em alguém. Ele deve ser alegre e irreverente e livre de todas as preocupações do mundo. Não há um pingo de violência nele. Eu preferia que não tivesse feito isto. Que não tivesse visto isto, porque, apesar de parecer loucura, sinto que ele acabou de perder a inocência.

Drew está de pé na minha frente, os nós dos dedos sangrando, com uma expressão tão desolada que sinto que deveria consolá-lo. Mas não consigo. Agora que tudo terminou, minha adrenalina está começando a baixar e quero sair daqui, pois estou com o cheiro de Kevin Leonard em mim e começando a tremer também.

Eu me apoio contra a parede para me estabilizar enquanto Drew pega meu telefone do chão e o enfia no bolso antes de voltar a me olhar. Fala um palavrão baixinho, então arregaça a manga e tenta limpar o sangue do meu olho.

– Você consegue andar? – sussurra.

Minha expressão lhe diz que consigo e que não gostei da pergunta. Não digo nada. Nos viramos para a porta e percebo que minha calcinha ainda está na altura dos tornozelos. Paro e fico olhando para baixo. Drew se vira para saber por que parei, seus olhos acompanham os meus até meus pés e então todos os seus músculos ficam tensos ao ver por que não estou andando. Murmura outro palavrão quando eu me abaixo e subo a calcinha, pois não consigo olhar para ele agora.

– Fique atrás de mim, está bem?

Ele fala com esforço e parece sentir dor. Segura minha mão com tanta força que penso que vai esmagá-la e me puxa para trás de seu corpo, para que ninguém me veja. Flagro Tierney Lowell nos observando, antes de nos afastarmos. Deixo o cabelo cair sobre o rosto e me apoio nas costas de Drew, como se estivesse acabada de tão bêbada, até passar por todo mundo e sair pela porta. E talvez eu esteja mesmo acabada.

Meu rosto está inchado e sangrando, mas não ligo. Pela primeira vez em muito tempo, eu

escolho não jogar minha vida na sarjeta, mas não consigo ficar feliz comigo mesma por causa disso, pois tomei a decisão com cinco minutos de atraso.

Pelo menos ninguém pode me dizer que tudo o que aconteceu foi aleatório.

~

– Você está bem?

Drew espera até estarmos longe da casa para perguntar. Passei anos odiando essa pergunta.

– Estou – digo. – Sua mão.

Meu olhar se dirige aos nós de seus dedos machucados, ainda mais em evidência agora que ele agarra o volante com toda a força.

– Estou cagando para a minha mão – rebate ele, e eu me encolho instintivamente, porque nunca o ouvi levantar a voz antes. – Desculpa. Me desculpa.

Ele para o carro no estacionamento de uma loja de conveniência. Toda esta situação é uma merda, e ele repete isto três ou quatro vezes.

– O que aconteceu?

Pelo tom de voz, ele não parece querer mesmo a resposta.

– Uma situação idiota que saiu de controle.

– Você acha, é? – diz ele, incisivo.

– Você está bravo comigo? – pergunto.

– Não, estou bravo comigo.

– Por quê?

– Porque foi por minha culpa que você entrou naquele quarto, pra começo de conversa. Eu finalmente parei para olhar meu telefone e vi sua mensagem. Pensei que encontraria você lá sentada, esperando, não no chão com o Kevin em cima de você. – Ele respira fundo e exala, observando o *R* iluminado do letreiro da loja piscando. – Josh vai me matar.

– O Josh não vai se importar.

– Você sabe que não é verdade, então não diga isso. Não estou com vontade de discutir isso agora.

A voz dele tem tanto peso que a sinto me pressionar fisicamente.

– Se você soubesse o que eu fiz com o Josh, também me odiaria. Ele não vai se importar, e não o culpo por não se importar.

– Você está certa. Eu não sei o que você fez com o Josh. Não faço ideia do que aconteceu, porque nenhum de vocês quer me contar. O que eu sei é que o que quer que tenha sido não é o suficiente para ele deixar de se importar quando alguém machuca você.

Baixo o para-sol e observo no espelho a marca roxa no rosto e o corte no olho. Não está tão ruim, mas meu rosto e minha testa estão começando a inchar e sei que vão ter piorado amanhã.

– Ele ainda estava de calça.

Agora ele está passando o dedo sobre o logotipo no volante.

Eu concordo com a cabeça, embora ele não esteja me olhando.

– Então ele não...

– Não – respondo. Não quero falar mais sobre Kevin Leonard. – Mais alguém viu? – pergunto.

– Acho que não. Tierney viu, mas ela estava procurando a gente, então... – Ele se interrompe. – Acho que mais ninguém prestou atenção.

Ficamos ali sentados, fingindo estarmos hipnotizados pelo letreiro iluminado da loteria.

– Eu não devia ter deixado você sozinha.

– E você e Tierney? – pergunto, ignorando o pedido de desculpas velado.

– Não sei. – Ele balança a cabeça e gira a chave na ignição. – Temos que arrumar gelo para colocar no seu rosto.

Drew não me diz aonde vamos. Não pergunta aonde quero ir. Ele me leva para onde preciso ir – e talvez ele também. Ele me leva para a casa de Josh.

A garagem está fechada quando chegamos, mas Drew e eu temos a chave. Ele gira a sua na fechadura e empurra a porta para mim. Eu entro e Drew me segue. Na escuridão do hall de entrada, levamos um instante para processar o que estamos ouvindo.

Então, desejo por mil moedas que não tivéssemos a chave.

Capítulo 49

Josh

– Qual é, Drew? São duas da manhã. – Olho para o carro dele na frente de casa e está vazio. De início, suspeitei que tivesse trazido Flor do Dia bêbada para cá, mas não há ninguém no carro. – Você já deixou Nastya em casa? – pergunto enquanto ele me segue para a sala de estar.

Chamá-la de Nastya parece errado, mas não faz mais sentido chamá-la de Flor do Dia em voz alta.

– Ela está em casa.

– Então o que houve? Você também não tinha que estar em casa há uma hora?

Ainda não entendo o que ele está fazendo aqui.

– Sarah está me acobertando.

Drew desvia o olhar como se houvesse algo que não quer me contar, e fico puto, porque tenho certeza de que tem algo a ver com Nastya ter enchido a cara de novo numa das festas para as quais ele sempre a arrasta. Estou ficando de saco cheio disso. Mas quando ele se vira para mim, sei que estou enganado.

Tem algo de errado em seu rosto. Sua expressão está tão vazia de tudo o que associo com Drew que o susto me desperta de uma vez.

– Por quê? O que aconteceu? – Ele não responde e tenho que perguntar de novo. – O que aconteceu, Drew? – insisto.

– Eu não sei bem.

Seus olhos estão vermelhos e ele está com uma cara péssima.

– Se você não começar a me dar respostas que façam sentido daqui a um segundo, eu vou

entrar no carro e dirigir até lá.

– Nada disso faz *sentido*, Josh.

Seu tom muda de derrotado para furioso e, quando me fuzila com o olhar, penso que ele não está falando só de Flor do Dia.

– Você está parecendo ela, com esse mistério todo. Ela está bem?

– Ela disse que estava. O rosto ficou feio, mas ela parece estar legal.

– O que aconteceu com o rosto dela?

As palavras saem devagar e minha voz está mais baixa do que eu esperava.

– Kevin Leonard.

– *Kevin Leonard?* – Fico com vontade de esmagar a cara de Drew contra a parede. Ao menos até conseguir encontrar Kevin Leonard, e ainda nem sei o que aconteceu. – O que ele fez com ela?

As palavras saem com esforço. Luto para controlar minha raiva até descobrir do que isto se trata, mas não sei por quanto tempo vou aguentar.

– Não sei. Ele bateu nela. Acho que estava tirando a roupa dela. Ela não quis me contar nada.

Drew passa a mão pelos cabelos novamente e noto que há sangue nos nós de seus dedos e na camisa.

– Mas como foi que ela acabou com ele? Você não estava com ela o tempo todo? Não foi para isso que a convenceu a ir junto? – Drew olha para a mão direita machucada, mas não responde. – Onde você tinha se enfiado? Você a arrasta para essas festas, a embebeda e depois a *larga sozinha*?

Deixo a acusação bem clara.

Ele ergue a cabeça com um tranco e entra subitamente na defensiva.

– Ela não é indefesa, Josh. Caso você não tenha notado, ela meio que só faz o que quer. Eu não a arrastei para lugar algum e não a embebedo desde a primeira noite. Ela fica bêbada por conta própria agora.

Ele tenta justificar para si mesmo, mas percebo que não está dando certo.

– Ela detesta ficar sozinha nessas festas. Não teria por que se afastar de você.

– E não se afastou. – Culpa. Foi ele que a deixou sozinha. – Ela me mandou uma mensagem, mas eu não ouvi. Foi para o andar de cima, onde estava vazio, para ligar pra você e pedir para buscá-la. Quando cheguei lá, ela estava no chão e ele estava em cima dela.

Ele me conta que seu rosto estava vermelho e sangrando e, quando chega à parte em que menciona a calcinha na altura dos tornozelos, tem que parar de falar porque está tentando não chorar e, se eu não estivesse tão furioso com todo mundo, talvez chorasse também.

– Você a deixou sozinha.

Quero matá-lo. Quero culpá-lo para não ter que reconhecer minha própria culpa. Não consigo nem pensar no telefonema.

– Isso, Josh! Foi exatamente isso que eu fiz! Fiz chantagem emocional para ela ir comigo e então a deixei sozinha porque eu sou um egoísta. Pensa que eu não sei? Pode acreditar, eu sei. Não preciso que você me lembre que sou um babaca. Fui lembrado disso a noite inteira pelo rosto dela e o sangue e... – Ele passa a mão na cabeça e sua voz falha de novo. Espero sinceramente que ele não perca a cabeça, pois eu não suportaria assistir a isso. Neste momento, posso ver o rosto dela e o sangue e não quero perder a cabeça também. – Acredite em mim – diz ele. – Eu sei, tá? Eu sei.

Ele está com as costas apoiadas na bancada da cozinha e eu estou encostado na parede oposta. Ninguém diz nada durante o que parece uma hora, embora provavelmente seja menos de um minuto.

– Ela não contou nada?

– Não muito. – Ele balança a cabeça lentamente. – O pior de tudo é que ela nem parecia estar surpresa. Era como se esperasse aquilo.

– Por que você não a trouxe para cá? – pergunto.

– Eu trouxe. – Ele me olha nos olhos e fica quieto para eu absorver a informação. Em meio ao choque de saber o que aconteceu com Flor do Dia, eu esqueci o que estava fazendo enquanto ela estava sozinha num quarto com Kevin Leonard. – Pense bem, Josh. A gente veio direto para cá há umas duas horas. A garagem estava fechada e as luzes estavam apagadas, então achei que você estivesse dormindo e abri a porta com a minha chave. Entramos aqui e adivinhe o que ouvimos?

– Ela veio com você – digo, e não é uma pergunta. É uma granada de mão.

– Eu pensei que ver você seria a única coisa que pudesse ajudar.

O sarcasmo amargo escorre de sua voz. Neste momento, não sei ao certo qual de nós dois ele despreza mais.

– O que ela disse? – pergunto, mas em voz baixa, pois não quero saber realmente.

Tudo o que pensei desde o dia em que ela saiu daqui foi no dia em que voltaria. E hoje ela voltou.

– Nada. Ela não disse uma palavra desde que a gente entrou aqui.

– Eu preciso vê-la.

Não quero vê-la. Não quero encarar o que ela sabe que eu fiz. Não quero encarar o que sei que fiz. Mas preciso vê-la. Preciso ver que ela ainda está aqui e ainda está bem, mesmo que me odeie. A mágoa que causei a ela pode me matar, mas seu ódio eu sou capaz de suportar.

– Não.

– Não?

– Não – diz ele, categórico.

– Quem você pensa que é pra dizer que não posso vê-la?

– Quem você pensa que é pra dizer que pode?

– O que quer dizer com isso?

– Que ela estava péssima quando a gente chegou, e estava ainda pior quando saiu.

Sinto náuseas. Não no sentido figurado. Estou a ponto de vomitar. Minha expressão deve lhe dizer algo, pois seu tom de voz perde um pouco da agressividade. Ou talvez ele só esteja cansado desta noite de merda.

– Josh, mesmo que eu achasse que seria bom vê-la, o que eu não acho, porque agora você está agindo como eu e não estou gostando muito de você... Mesmo que eu dissesse que você pode vê-la, não depende de mim.

– Ela não quer me ver.

– Ela não quer ver você – confirma ele. Não está me oferecendo esperança e, pela primeira vez esta noite, estou grato a ele. – Algum dia você vai me contar o que aconteceu entre vocês?

Ele não desiste de perguntar.

– Não.

– Está bem. E vai me contar o que estava fazendo trepando com a Leigh? – Seu tom de voz é frio como sua expressão.

– Eu trepo com a Leigh há anos.

É verdade. É como um hábito. Tecnicamente, nada do que fiz hoje foi errado. Não me aproveitei de ninguém. Não traí ninguém. Não deixei Nastya sozinha com um idiota bêbado. Posso apresentar todos os argumentos que quiser, para Drew, para Flor do Dia, para mim, mas saber que eu não estava errado não me faz sentir menos babaca.

Posso até explicar por que fiz o que fiz. Pela mesma razão da primeira vez e de todas as outras vezes. Foi reconfortante e me fez sentir normal. Leigh chegou, entrou, disse oi e, como sempre, foi a coisa mais fácil e natural do mundo. Ela se sentou no sofá e assistimos a televisão até que ela se aproximou e me beijou. Foi só um segundo, antes de Leigh se afastar e me olhar como se quisesse se desculpar. Como eu não disse nada, ela me beijou de novo e eu deixei, pois não havia mais um preço a pagar nem uma escolha a fazer. Nastya já tinha feito essa escolha por mim.

Leigh me pegou pela mão, me conduziu até o quarto e eu fui. Só por uma noite, queria fingir que não havia ninguém de quem sentir saudade.

– Você não a ama.

É uma acusação. Se houvesse algum humor nesta situação, eu daria risada, pois não sei como Drew Leighton consegue dizer isso e ficar sério. Sinto vontade de lhe dar um soco por isso e por muitas outras coisas, mas parte de mim sabe que não preciso de mais um motivo para sentir raiva de mim mesmo hoje. Talvez devesse bater nele só para ele me bater de volta, porque é isso que eu mereço. Quero que ele me bata. Quero que me dê um soco na cara para não ter que sentir nada além dessa dor. As outras dores são muito piores.

Caminho até o lado oposto da sala para ficar longe dele, mas Drew me segue, se deixando afundar no sofá e suspirando como se esta tivesse sido a noite mais longa de sua vida. E provavelmente foi mesmo, mas não tenho muita empatia para lhe oferecer.

– Isso não é novidade, Drew. Por que não diz a merda qualquer que você quer me dizer e depois vai embora?

– Você a ama.

– Acho que já ficou claro que não.

– Não a Leigh. A Nastya. Você *ama* a Nastya.

Detesto essa palavra, que parece errada saindo da boca de Drew. Ele, que fez carreira caçoando desse sentimento e destruindo as garotas que esperam por isso. Drew, que não tem nenhum direito de me julgar mas está sentado no meu sofá, com os pés na minha mesa de centro, fazendo justamente isso. Porém, não nego o que ele diz. Deveria, deveria negar a noite toda até me convencer de que não pode ser verdade. Que eu não posso ser autodestrutivo a ponto de me apaixonar por alguém, muito menos por uma garota toda problemática que vai me largar assim que estiver melhor. Mas acho que a capacidade de pensar racionalmente me abandonou, pois não nego. Está tarde. Estou cansado e assustado e magoado e muito arrependido, e não consigo mais pensar direito.

– Ela não sabe disso – digo por fim, olhando para Drew como se isso servisse de desculpa para o meu comportamento. Como se tornasse alguma parte disso tudo menos horrível. As palavras têm o gosto do remorso que me preenche e transborda pela minha boca.

– Josh... – diz ele.

De repente toda a irreverência e o sarcasmo, todo o julgamento e a superioridade desaparecem de sua voz, e eu já o odeio pelo que vai dizer a seguir:

– Todo mundo sabe disso.

Capítulo 50

Nastya

É um pouco depois das duas da manhã. Está tarde, mas parece mais tarde ainda, como se esta noite inteira tivesse sido tão inusitada que nada mais no mundo fosse reconhecível. Drew saiu há 15 minutos, dizendo que em meia hora estaria de volta. Não mencionou para onde ia, mas não precisava. Nós dois sabíamos aonde ele iria passar.

Tomei banho e estou tentando colocar gelo no rosto, mas só quero ir para a cama, mesmo sem conseguir dormir. Penso se haveria palavras que eu pudesse escrever para apagar as imagens que ficaram gravadas na minha cabeça hoje à noite; que as mantivessem longe de mim. Não as com Kevin Leonard, mas as de Josh com aquela garota. As imagens que eu nem cheguei a ver. Que agora parecem ácido, corroendo todas as boas lembranças, deixando somente as ruins. Já vomitei uma vez pensando nisso, mas, assim que a imagem invade minha mente, meu estômago fica embrulhado e estou de volta no banheiro, onde me apoio no vaso sanitário e tenho ânsias. Mas não sai nada. Não resta nada dentro de mim.

Ligo a TV na sala e ouço uma batida na porta, tão baixa que quase não noto. Dei a minha chave a Drew para ele poder entrar, então sei que não é ele, mas não faço ideia de quem pode ser. Caminho na ponta dos pés até a porta e me aproximo do olho mágico. Vejo Tierney Lowell na porta da minha casa.

Preciso de um instante para decidir se abro a porta ou não. Por fim, giro o trinco e a encaro. Ela ainda está com a roupa da festa e parece ter chorado. Será que alguém escapou ileso daquela festa?

– Nossa, seu rosto... – diz ela quase imediatamente. – Foi mal – se desculpa, se encolhendo. Seu desconforto por estar aqui é inegável. – Não quero acordar ninguém.

Balanço a cabeça e abro mais a porta, gesticulando para ela entrar. Olhamos uma para a

outra durante um momento. Sei por que ela está aqui, mas espero que pergunte. Não sei como descobriu onde eu moro. Talvez tenha perguntado a Clay. Ela tem falado com ele desde que criaram um vínculo em torno da arte e da ciência da construção de bongos. Seus olhos vasculham a sala, mas ela não vai encontrar o que está procurando.

– Drew está aqui?

Faço que não com a cabeça.

– Ah. – Ela nem tenta disfarçar a decepção. Respira fundo e sua voz é sincera: – Você está bem?

Vou começar a cobrar uma moeda de cada um que me perguntar isso. Nem sei o que "bem" significa. Eu faço que sim.

– Só queria ver se ele estava bem – explica ela. – Acho que nunca tinha batido em ninguém.

Também acho.

– Ele está legal?

Ela não esconde a preocupação na voz, nem o fato de que ela conhece Drew bem o suficiente para saber que essa é uma pergunta válida.

Eu não concordo nem nego com a cabeça. Nem mesmo dou de ombros. Ela precisa perguntar isso a ele. Não tenho a resposta.

– Ele ama você – diz ela, resignada.

Desta vez eu assinto, porque acredito que seja verdade, mas não do jeito que ela pensa. Preciso escrever um bilhete para explicar, pois ela merece saber, mas, antes de a conversa prosseguir, escuto o ruído de chave na porta e Drew entra. Ele fica imóvel ao ver Tierney. Se eu pudesse, tiraria uma foto do olhar entre os dois, pois então poderia esfregá-la na cara deles, para nunca mais serem capazes de negar.

– É melhor eu ir – diz ela.

Ela olha para Drew e depois para mim com uma resignação equivocada, antes de se virar para a porta.

Eu vou até Drew e aperto sua mão, inclinando a cabeça na direção da porta, e ele vai atrás dela até a varanda.

Josh

Menos de uma hora depois de Drew sair, estou na frente da casa dela. São três e meia da manhã. Margot vai chegar em poucas horas e estou curioso para saber como Flor do Dia vai explicar o rosto machucado. Pego o celular e o enfio no bolso. Ainda não olhei para ele. Não quero ver o nome dela na tela, com todos os "*e se...*" acesos atrás. Não consigo encarar o lembrete de que, se eu tivesse ouvido o telefone, se tivesse atendido, nada disso estaria

acontecendo.

Drew está de pé na varanda, vendo o carro de Tierney Lowell desaparecer na esquina. Passo direto por ele e abro a porta, para que ele não ter chance de me lembrar que eu não tenho permissão para estar aqui.

Nem tenho tempo de me preparar, porque, assim que entro, ela está lá, de pé na cozinha. Passei semanas tentando não olhar para ela. Vê-la agora me despedaça, me rasga em pedaços e me costura de volta, todo torto. Não sei se é o corte no supercílio ou o hematoma no rosto ou a expressão em seu olhar que faz isto comigo, mas sei que já era, pois tudo dentro de mim dói.

– Vá para casa – diz Drew atrás de mim, mas eu não me viro porque não consigo parar de olhar para ela.

– Nos dê só um minuto.

Não sei se estou pedindo ou informando.

– Hoje não, Josh – diz ele.

Não está brigando comigo. Apenas parece derrotado.

Ele tem razão. Eu deveria ir embora. Ela não deveria ter que lidar comigo depois de tudo o que houve. Mas eu sou egoísta. Quero que ela me diga que está bem, mesmo eu sabendo que não está. Estou disposto a aceitar as mentiras que ela me oferecer.

– Preciso só de um minuto.

Estou falando com Drew, mas olhando para ela. Minha voz sai baixa, mas o tom é firme. Não vou a lugar algum.

Ela olha para Drew e assente, mas ele não parece convencido. Deve pensar que, se não conseguiu manter Kevin Leonard longe dela hoje, ao menos pode salvá-la de ter que lidar comigo.

– Vá para casa, Drew – diz ela com suavidade. – Se a sua mãe acordar, vai ficar furiosa. Estou bem. Eu juro.

É uma mentira sem tamanho, mas tão natural que parece que ela a repete há anos.

Drew ainda não parece satisfeito, mas aceita. Caminha até ela e a abraça só por tempo suficiente para sussurrar em seu ouvido:

– Desculpa.

E então vai embora.

– Está doendo? – pergunto.

É uma pergunta idiota para uma garota com metade do rosto inchado, mas é a primeira coisa que me ocorre. Ela volta a colocar a bolsa de gelo no rosto e balança a cabeça.

– Nem tanto.

Ficamos os dois parados, olhando um para o outro na cozinha, com tudo o que fizemos para magoar um ao outro no meio, entre a gente.

Ela retira o gelo e pega um prato coberto de papel-alumínio de cima da geladeira. Retira o

papel, põe o prato de cookies na mesa e pede que eu me sente.

– Eu sei que você disse que não aguentava mais estes cookies, mas...

Eu disse mesmo que não aguentava mais. Foi há mais de um mês. Ela fez umas doze fornadas numa semana, porque não estava conseguindo acertar o equilíbrio exato entre macio e crocante, e eu dizia que ela estava louca porque todos pareciam exatamente iguais para mim. Por fim, lhe disse que, até que ela fizesse algo com chocolate, eu não provaria mais nenhum cookie.

– Você conseguiu acertar a receita?

Não faço ideia do sentido desta conversa, mas ela é a rainha das digressões e eu a acompanho, se é para lá que quer ir.

– Acho que sim. – Ela dá de ombros como se isso não tivesse tanta importância, embora a gente saiba que ela estava surtando por causa disso. – Me diga você.

Ela empurra o prato na minha direção. Está com o rosto abatido. Eu acabei de fazer sexo com Leigh. Estamos à mesa, no meio da noite, e ela quer que eu avalie os cookies.

– O sabor está... – digo, tentando não falar com a boca cheia – exatamente igual ao dos últimos oitocentos que você me fez provar.

– Eu sei que o sabor é igual – diz ela sem se abalar –, mas estão crocantes demais?

Eu suspiro lentamente, pondo o cookie na mesa.

– Então agora vamos falar de cookies – digo, balançando a cabeça roboticamente, pegando um guardanapo e retorcendo-o.

– Sinto muito por ter magoado você.

– O quê?

Essas palavras deveriam ter saído da minha boca, mas não. Vieram dela. Eu sei que ela sabe o que eu fiz esta noite. Tudo que consigo pensar é *Não peça desculpas para mim. Por favor, não peça desculpas para mim.* Ontem isso teria sido uma bênção. Hoje é uma maldição.

Quero lhe dizer que também sinto muito, mas são palavras de merda e eu sou uma pessoa de merda.

– Sinto muito mesmo por ter magoado você – repete ela, como se eu precisasse ouvir de novo, e desta vez ainda completa com um *mesmo*. Só para retorcer o punhal.

– Sou eu quem deveria pedir desculpas.

– Você não fez nada de errado.

Nem acredito que ela falou isso. É pior que o pedido de desculpas.

– Como você pode dizer isso? Tudo o que aconteceu hoje está errado. Tudo! Tudinho!

Levantar a voz não estava nos meus planos, mas acontece, e talvez seja bom, pois ela também se irrita.

– Eu sei, Josh! O que você quer que eu diga? Que o meu coração se partiu em mil pedaços quando entrei na sua casa hoje? Que cheguei aqui e vomitei, não por causa do que aconteceu naquela maldita festa, mas porque não consigo parar de pensar no que você estava fazendo

com *aquela garota*? É isso que você quer ouvir? Porque é verdade!

Eu sei que é verdade. Sei porque a dor está estampada em seu rosto, em seus olhos, em sua voz. Sei porque agora estou tão enjoado quanto ela e não sei o que fazer. Já era! Como todo o resto.

Ela se levanta e atravessa a sala. Sinto cada centímetro do espaço que nos separa.

– E quer saber qual é a pior parte? – continua ela. – O pior é que eu nem posso ficar brava, porque a culpa é minha. É isso que você precisa que eu diga? Que eu sei que a culpa é minha? Que nada disso teria acontecido se eu não estivesse determinada a me destruir e destruir todos à minha volta? Está bem. É tudo minha culpa! *Tudo* é minha culpa e ninguém sabe disso melhor do que eu. Estamos no inferno e fui eu quem nos colocou aqui. Eu *sei* e eu *sinto muito.*

Encaro-a por um momento, pois é o primeiro sentimento real que vejo nela em muito tempo. Há semanas ela é um buraco negro emocional, mas, de repente, a calma monótona, morta, desaparece e ela se mostra tão brava, frustrada e desiludida quanto eu.

Fico de pé e dou um passo em sua direção. Ela me olha como se não entendesse o que estou fazendo. Há um misto de medo e confusão em seu rosto, e seus olhos se movimentam em várias direções, como um animal encurralado que procura uma brecha para fugir. Apenas por um segundo, ela deixa de esconder a fragilidade que sempre tentei fingir que não existia. Eu deveria ir embora e deixar isso para lá, mas não quero estar no mesmo ambiente que ela e não tocá-la mais uma vez antes de tudo voltar a ser uma merda amanhã.

– Vou andar até você – digo, dando um passo de cada vez em sua direção, como quem fala com um suicida na beirada de uma ponte. – Vou abrir os braços e abraçar você... – interrompo antes de dar o último passo – e você vai deixar.

– Por quê? – pergunta ela, como se fosse a maior insanidade que já ouviu.

Talvez, depois desta noite, seja mesmo.

– Porque eu preciso.

Agora estou na sua frente e ela não se afasta, então faço o que disse que faria e a abraço. Sinto seu corpo relaxar levemente contra o meu, mas ela não mexe os braços nem me abraça. Ela não me perdoa, mas tudo bem. Eu também não sei se a perdoo.

Quando se mexe, é para apoiar a mão no meu peito e me empurrar delicadamente. Ergo a mão até o rosto dela, desejando que eu pudesse apagar as feridas, mas paro pouco antes de meus dedos roçarem sua pele e deixo a mão pender ao lado do corpo. Eu gostaria que ela desistisse, que me deixasse partir sem mais uma palavra, mas nunca é assim.

– Eu voltaria atrás se pudesse. Nunca devia ter magoado você.

Ela continua voltando a esse assunto, mas é inútil, pois a esta altura não temos como voltar nada atrás.

– Eu não devia ter deixado – respondo.

É verdade e eu soube desde o início. Não devia ter deixado que ela me magoasse. Não devia ter gostado tanto dela a ponto de permitir isso. Eu até fiz o que ela queria. Nunca disse

que a amava. Mas isso não mudou nada. Eu a amei todos os dias, e fui eu quem sofreu por isso.

– Eu tinha que ir embora. – Há algo em sua voz que me implora para entender algo que não compreendo. – Não posso contar a verdade, mas sei que quer saber. Eu acabaria decepcionando você, nunca seria o suficiente, como faço com todo mundo.

– Ir embora era a única coisa que você podia fazer para me decepcionar.

Eu aceitaria passar todos os dias sem saber a verdade só para ficar com ela, mesmo sendo errado.

– Agora já não importa – diz ela.

O arrependimento por muito mais do que os fatos das últimas semanas está gravado em seu rosto. Ela aceita. Nós dois podemos nos lamentar quanto quisermos, mas aconteceram coisas de mais, que não podemos esquecer. Devemos aprender a conviver com elas. Nós dois aprendemos essa lição há muito tempo.

– Vou encher o Kevin Leonard de porrada – digo finalmente, pois isso eu posso fazer, mesmo que nem de longe seja suficiente.

– Não.

Sua voz demonstra determinação.

– Por que não?

– Não tem nenhum motivo suficiente bom para isso.

– Você é o único bom motivo.

Posso não ter o direito de amá-la, mas nem por isso vou deixar que alguém a machuque. Talvez seja irônico, já que fui eu quem mais a machucou hoje à noite.

– Eu não quero ser o motivo disso. Já passou e só quero esquecer.

– Como consegue levar isso tão na boa? Você podia ter sido estuprada e age como se nada tivesse acontecido.

– E nada aconteceu. Acredite, já passei por coisa pior.

Ela dá de ombros. É enlouquecedor.

– Pior do que ser estuprada? – pergunto, olhando para ela, incrédulo.

– Pior do que quase ser estuprada.

Passo as mãos pelo rosto, frustrado.

– Já chega desses mistérios, Flor do Dia! Estou de saco cheio disso. De saco *cheio*! – Estou perdendo a cabeça de novo. Desde que conheci essa garota, já gritei mais do que nos últimos dez anos e não consigo parar. – Você diz coisas assim o tempo todo, que não fazem o menor sentido! É como se você quisesse que eu soubesse de algo mas não me conta, então tenho que achar pistas aleatórias e tentar descobrir por mim mesmo. Quer saber? Não consigo. Não consigo entender você e estou de saco cheio de tentar.

Pelo visto, não tivemos que esperar até amanhã para tudo voltar a ser uma merda.

Levo as mãos à cabeça e não consigo parar de andar pela sala, porque tenho tanta

agressividade acumulada que não sei o que fazer com ela. Agora entendo a coisa toda da corrida. Eu seria capaz de sair correndo desta casa agora mesmo e só parar muitos quilômetros depois. Respiro fundo e começo de novo, pois, pelo jeito, também não consigo parar de falar.

– Eu só sei que alguma coisa aconteceu, ou melhor, alguém aconteceu, que ferrou com a sua mão e destruiu você no processo, e eu não tenho como consertar.

– Ninguém pediu para você fazer isso. – As palavras são ríspidas e amargas. Seus olhos ficam quase selvagens. – Todo mundo quer me consertar. Meus pais querem me consertar. Meu irmão quer me consertar. Meus terapeutas querem me consertar. Era para você ser a pessoa que não quer me consertar.

Agora estamos os dois exasperados. Estamos furiosos e, por alguma razão, é um alívio. Faz com que eu sinta que talvez não seja o único nesta sala.

– Eu não quero consertar *você*. Quero consertar *isto*.

Levanto os braços, mas não sei a que estou me referindo. Ela? Eu? O maldito mundo inteiro?

– Qual é a diferença?

Qual é a diferença? Não sei. Talvez não haja nenhuma. Talvez eu queira mesmo consertá-la. Se quiser, qual é o problema? Isso faz de mim o babaca da história?

– Não sei – respondo, pois é só isso que sei.

Volto a me sentar à mesa e apoio a cabeça nas mãos. As emoções estão por todos os lados e não consigo acompanhá-las. Já passa das quatro da manhã e sinto que meu corpo está sem forças. Já deu.

– Eu pensava que também tivesse algo de errado com você. – A voz dela está mais calma e ela fala num tom de quem pede desculpas, como se achasse que está me ofendendo. Só que não está. – Pensava que você não se importaria com todos os meus problemas, porque entenderia como é ser assim. Pensava que, se eu não perguntasse nada, você também não perguntaria nada, e a gente poderia fingir que não liga para o que aconteceu antes. Mas acho que não é assim que as coisas funcionam. – Ela encolhe um pouco os ombros, como se fosse algo que ela sempre soube mas só agora estivesse aceitando. – Eu só queria alguém que olhasse para mim e não quisesse ver outra pessoa.

– Quem olha para você desse jeito?

Levanto a cabeça e baixo as mãos para ver seu rosto. Não imagino ninguém que seja capaz de olhar para ela e querer ver qualquer outra coisa.

– Todo mundo que me ama.

– E quem eles querem ver?

– Uma garota que já morreu.

Capítulo 51

Nastya

Na terça-feira, durante o quinto tempo, a Sra. McAllister continua com o capítulo sobre poesia. Tivemos a mesma aula mais cedo, na minha turma, e agora eu só escuto e tento não olhar demais para o garoto lindo e precioso na última fileira, cujo coração eu despedacei. Nem sei quanto tempo acabamos conversando na madrugada de sábado. Sei que não resolvemos nada. Não restava nada para resolver. Já tínhamos passado tudo pela fragmentadora.

Caminho por entre as fileiras, distribuindo uma lista de perguntas para discussão sobre o poema "Renascença", de Edna St. Vincent Millay. Passo pela mesa de Ethan Hall e ele olha novamente para o meu rosto. Tenho conseguido disfarçar bem, mas ainda dá para notar o hematoma.

– Você agora anda batendo nas suas namoradas? – pergunta ele para Drew.

Em seu rosto há um ar de satisfação, como se quisesse me dizer que tive o que mereci por rejeitá-lo. Talvez eu tenha merecido mesmo, mas não tem nada a ver com ele.

– Não, é você que curte essas coisas – responde Drew sem se abalar.

– Ela se machucou no kickboxing.

Eu me volto e flagro Tierney Lowell fuzilando Ethan com o olhar. Tirando Drew, Josh e eu, ela é a única pessoa que sabe o que aconteceu com Kevin. Não me surpreende vê-la se intrometer. Está defendendo Drew, mesmo que não admita. Aceno para ela com a cabeça de modo quase imperceptível em agradecimento; se ele não vai reconhecer o gesto dela, eu vou.

Quando passo pela mesa de Kevin Leonard, ele estende o braço para pegar minha mão e dizer alguma coisa. Parece constrangido, mas, antes de me tocar ou abrir a boca, Josh chuta as costas da cadeira dele com força. Kevin abaixa a mão e olha para o papel à sua frente,

murmurando em voz baixa um pedido de desculpas, que tenho a impressão de ser direcionado a Josh, não a mim.

Quando ponho a folha na mesa de Josh, ele a empurra para o lado, mas não faz menção de reconhecer minha presença. Eu nem existo. Daria a minha mão novamente para voltar atrás em tudo o que fiz e ouvi-lo me chamar de Flor do Dia.

– Quem pode explicar de que trata o poema? – pergunta a professora para iniciar a discussão.

Ela põe as folhas que restaram sobre um belo pódio de carvalho, feito à mão, que apareceu magicamente em sua sala na semana passada. Sua origem é um mistério.

– Árvores – responde alguém.

– Há árvores no poema. Mas não é disso que ele *trata* – diz ela.

– Os poemas não têm que ser curtos? – pergunta Trevor Mason. – Porque este aqui tem tipo umas cem páginas.

– Hipérbole, Sr. Mason – responde a Sra. McAllister.

– Hiper... quê?

– Exagero, seu burro – retruca Tierney, que em seguida revira os olhos e olha para o teto antes de suspirar, derrotada. – Pode me mandar para a detenção.

A Sra. McAllister caminha até sua mesa e preenche uma nota de suspensão.

– Quem é a burra agora? – diz Drew, dando um sorrisinho maldoso para Tierney. Ele levanta a cabeça e se depara com a professora, que ainda está ao lado da mesa dela com o bloco de notas de detenção na mão. Volta a olhar para Tierney. – É, eu sei. Pode dar uma para mim também.

– Alguém ainda precisa responder minha pergunta.

A Sra. McAllister entrega as duas folhinhas e retorna para a frente da sala.

Mesmo que eu não estivesse vendo, teria ouvido todas as cabeças se virarem na sala quando Josh levanta a mão. Até a professora parece não entender muito bem o que fazer.

– Josh? – diz ela, hesitante.

Ele não diz nada durante um segundo e parece sentir dor, como se já estivesse arrependido de chamar a atenção.

– É sobre o sonho das segundas chances – diz ele, por fim. Não tira os olhos do papel em sua mesa, mas sinto que olha para mim sem me olhar quando repete as palavras do avô. – A narradora não respeita a beleza da vida e o mundo à sua volta, que acaba esmagando-a, acabando com ela, e depois de morrer percebe tudo o que não soube valorizar e que estava bem na sua frente, mas ela não viu quando estava viva. Ela implora por outra chance de viver, para poder apreciar as coisas desta vez.

Estou observando a Sra. McAllister. Ela o escuta com uma expressão de orgulho e ternura que me lembra o modo como a Sra. Leighton olha para ele. Mas penso que a expressão da professora se deve menos à resposta do que ao simples fato de ele ter respondido.

– E ela ganha essa chance? – pergunta ela para Josh, enquanto tento desesperadamente me concentrar no pôster sobre períodos literários na parede e aguardar minha absolvição. Quando ela vem, eu mal a escuto.

– Ganha.

Josh

Já é quarta-feira quando a vejo de novo na saída da escola, e mesmo assim ela mal olha para mim. Nada mudou realmente, exceto o fato de que, antes do fim de semana passado, eu me sentia mais uma vítima em meio a tudo isso, e agora já não tanto.

Já são onze da noite e estou na garagem há horas, mas não fiz muita coisa. Reorganizei a mesma caixa de ferramentas duas vezes e agora estou varrendo a serragem do chão. Não tenho energia para fazer nada que valha a pena, porém tenho uma lista cada vez mais longa de pedidos e alguma hora preciso começar. Tive mais tempo livre nas últimas seis semanas do que em meses, mas não fiz nada de produtivo.

Entro em casa, preparo outra xícara de café e a levo de volta para a garagem, tomando a decisão de começar a cortar as madeiras para a segunda mesa de canto que prometi à Sra. Leighton. Talvez esteja mais cansado do que pensava, porque, ao abrir a porta, a primeira coisa que vejo são duas pernas brancas calçadas em botas pretas com bicos de aço balançando da bancada.

– Você é viciado, sabia? É um pesadelo se livrar da cafeína.

– Então acho melhor não me livrar.

Ela assente e quero perguntar por que está aqui, mas fico feliz que esteja e, durante alguns minutos, quero fingir que tudo voltou a ser como era antes. Talvez ela também queira isso.

– Vai limitar seu crescimento.

– Não sabia que você se preocupava com isso.

– Só com algumas partes – diz ela, dando um sorrisinho.

Devolvo o sorriso, mas é fraco. Percebo que não estou com vontade de fazer piadas com ela. Muito menos desse tipo. Essa conversa me faz pensar em tudo o que aconteceu naquela noite e tudo o que deu errado desde então e, por mais que eu queira fingir que tudo voltou a ser como antes, não sei mentir tão bem assim.

– Ele me ajuda a ficar acordado – respondo, sem morder a isca.

– E por que você não vai dormir?

– Não tenho dormido bem – digo com sinceridade.

– Talvez seja por causa da cafeína. É um círculo vicioso.

– Você não toma café. Por acaso dorme bem?

– Entendi o recado... – diz ela vagamente.

– Obrigado.

Esta conversa está tão civilizada que parece loucura.

Ela desce da bancada e se aproxima de mim. O hematoma em seu rosto já melhorou, mas agora não está coberto de maquiagem, como na escola. Ainda dá para vê-lo. Tenho que lutar contra o impulso de passar os dedos nele e depois correr até a casa de Kevin Leonard e deixar na cara dele mais quatro como esse.

– Aqui. Me deixe experimentar de novo.

Ela estende o braço para pegar a xícara da minha mão.

– Se vai experimentar, pelo menos coloque açúcar primeiro. Eu tomo puro. Você não vai gostar. Suas papilas gustativas são contra qualquer coisa que não seja doce.

– Me dá isto aqui. – Eu a deixo pegar a xícara e ela toma um gole. Vejo seu rosto se contorcer com o amargor. – Continua horrível.

– Você se acostuma – digo, dando de ombros e pegando a xícara de volta.

Ela estremece, como se estivesse tentando tirar o gosto da boca. Preciso fazer força para não sorrir.

– Acho melhor não.

Ela esfrega o nariz e volta a se sentar na bancada. Suas pernas começam a balançar de novo e sei como seria fácil ficar aqui e esquecer tudo o que aconteceu. Mas sempre acabaremos de volta ao ponto em que estávamos antes, porque nada foi resolvido e não sou eu quem tem as respostas. Talvez, para variar, eu tenha que parar de deixá-la ditar todas as regras só porque quero que continue comigo. Não posso esquecer o que ela fez e não posso esperar que ela perdoe o que fiz, e não sei no que isso vai dar.

– Não é mais a mesma coisa – digo, vendo-a escrever seu nome na poeira sobre a bancada, ao lado dela. – Não podemos fingir que nada aconteceu... só fazer de conta que está tudo bem.

– Eu sei que não é – diz ela, levantando os olhos e me encarando com um ar que eu poderia acreditar tratar-se de esperança. – Mas, talvez...

Ela acaba ficando mais duas horas. Mede e marca a madeira para mim e eu corto. Não falamos sobre Kevin Leonard nem Leigh nem mãos perdidas nem pessoas perdidas nem tempos passados. Falamos de móveis e ferramentas e receitas e concursos de arte e debates. É familiar e confortável. Ainda há algo pairando sobre nós que não podemos ignorar para sempre, mesmo que por hoje a gente finja que não vê. Mas, talvez...

Passa de uma da manhã quando a deixo em casa, já que ela foi a pé para a minha garagem. Ficamos sentados na picape, olhando para a varanda, porque hoje à noite as coisas mudaram só um pouquinho na direção contrária e nenhum de nós está preparado para a despedida. Estendo o braço e apoio a mão no assento entre nós dois, virada para cima, e ela não hesita. Coloca a mão esquerda sobre a minha e eu fecho meus dedos sobre ela.

Capítulo 52

Nastya

Não sei ao certo quanto tempo ficamos sentados na caminhonete de Josh, de mãos dadas, cercados pela escuridão e por arrependimentos silenciosos. Mas foi o suficiente para saber que vale mais a pena me agarrar à mão dele do que a quaisquer histórias ou segredos no mundo.

Capítulo 53

Nastya

Eu penso muito em todas as pequenas coisas que aconteceram no dia do ataque e em como cada uma delas poderia ter mudado tudo. Me pergunto quantas milhares de variáveis contribuíram para ele me encontrar naquele dia e se não haveria outras milhares atuando para que eu o encontrasse.

~

Clay me pega às oito da manhã, vestindo uma camisa de manga comprida e calça social, nem de longe lembrando aquele garoto habilmente desleixado que estou acostumada a ver. E também duvido que eu esteja parecida com a garota que ele está habituado a ver. Hoje é a primeira vez em muitos meses que estou parecendo Emilia. Não sei se me sinto bem, mas não é tão esquisito quanto antes.

Olho Clay da cabeça aos pés e inclino a cabeça de lado, com ar de aprovação.

– Você também – diz ele, abrindo a porta do carro para mim.

Nem sei ao certo por que ele me convidou. Disse que queria que eu visse para que passei tanto tempo sentada, mas eu já vi. Duvido que fique tão diferente assim só porque está pendurado na parede.

A galeria abre às nove e os finalistas devem se registrar e estar prontos para entrevistas até as dez. Estamos a pouco mais de uma hora de distância de carro, então não há pressa. A entrevista de Clay é às onze, o que me dá tempo suficiente para circular pela exposição e dar uma olhada nos trabalhos da concorrência, embora eu não consiga imaginar que alguém seria

páreo para Clay Whitaker.

– Aqui. – Clay pluga um aparelho de MP3 ao rádio do carro e o entrega para mim. – Achei que teríamos que ouvir música, já que esgotamos todos os bons assuntos para conversar. Você pode ser a DJ.

Não faço questão de ser DJ. Quero só apoiar a cabeça na janela, fechar os olhos e fingir que estou a caminho de um restaurante italiano em Brighton. Ligo o aparelho, encontro a primeira *playlist* e aperto o play. Desde que não seja música clássica nem canções românticas deprimentes, está bom.

Não voltei à casa de Josh depois da noite de quarta. Quando soltei sua mão e saí do carro, prometi a mim mesma que, da próxima vez que eu pisasse naquela garagem, responderia a qualquer pergunta que ele quisesse fazer – e quero manter essa promessa.

Passo a maior parte do trajeto tentando encontrar as palavras certas na minha cabeça, arrumando-as em centenas de maneiras diferentes, depois pensando em outras e começando tudo de novo. Quando chegamos à galeria uma hora depois, estou com o rosto molhado e nem me lembro de ter começado a chorar.

Clay se registra e então procuramos o salão onde suas obras estão expostas. É um dos maiores e abriga os trabalhos de três artistas. Os desenhos de Clay estão pendurados na parede maior. Reconheço a maioria. Há alguns do portfólio que preparou para a faculdade. Outros são os desenhos que fez de mim. Mas tenho dificuldade em me concentrar em qualquer um deles, porque, no centro, há algo totalmente diferente.

É incrível.

A obra central é um mosaico com dezesseis imagens. Em cada desenho há uma parte do meu rosto e Clay os dispôs como um quebra-cabeça. É óbvio que é por isso que estou aqui. Ele não tinha me mostrado. Eu nem sabia que havia feito algo assim. Fico com vontade de fugir correndo do salão.

Algumas pessoas entram, tecem comentários sobre os desenhos e fazem perguntas a Clay e às duas garotas, Sophie e Miranda, cujas obras também estão expostas aqui. Durante a maior parte do tempo, tento ficar virada para a parede, fingindo que estou examinando uma das pinturas de Sophie até Clay ser chamado para a entrevista.

Quando ele vai embora, vou explorar as outras salas. Decido começar pelo fim da galeria, que está mais vazio, já que a maioria das pessoas ainda não chegou lá. Caminho até o extremo do edifício e entro num dos salões menores.

Por um momento, não sei onde estou. E, pela terceira vez na vida, o chão desaparece de baixo dos meus pés e apenas luto para me manter de pé.

Porque ele está aqui.

É o rosto dele. E não é um pesadelo. Não é uma memória. Ele está aqui e é real e está olhando para mim. E eu estou olhando para ele. Estou no meio de um momento que temi e pelo qual esperei desde o dia em que me lembrei do que ele fez comigo.

O nome na parede ao lado das pinturas é Aidan Richter, a escola é de uma cidade próxima de Brighton e o rosto diante de mim pertence ao garoto que me matou.

Tudo em mim desperta e adormece ao mesmo tempo. Sou fraca e forte. Covarde e corajosa. Estou perdida e me encontrei. Estou aqui e já parti.

Fico com medo de parar de respirar outra vez.

Ele está mais velho, assim como eu, mas não há dúvida. Conheço seu rosto como conheço cada uma das cicatrizes que ele deixou em mim.

Quero fugir. Quero chorar. Quero gritar. Quero desmaiar. Quero machucá-lo, acabar com ele, matá-lo. Quero lhe perguntar *por quê* – como se pudesse haver uma razão.

– Por quê?

É um sussurro e um grito.

Faço a pergunta, e não só na minha cabeça. São as palavras que escolho dentre as milhares que poderia dizer a ele. Faço a pergunta que não pode ser respondida. Só que talvez possa, sim. Talvez ele seja a única pessoa no mundo que pode me dizer.

Nem sei qual dos *porquês* estou perguntando. Por que você fez aquilo? Por que eu? Por que você está aqui? Por que eu estou aqui? Por quê?

Ele olha para mim como se estivesse apavorado, e essa é a única coisa capaz de me deixar feliz neste momento. É bom. Muita gente tem medo de mim. As garotas da escola. Meus pais. Às vezes, até mesmo Josh Bennett. Mas este garoto é a única pessoa que eu desejo que tenha medo de mim.

– Não era para você se lembrar.

A voz dele não é a mesma de antes. É ele, mas não é ele. Não está cheio de fúria e escuridão. É o mesmo garoto mas não é a mesma voz nem os mesmos olhos nem a mesma loucura.

– Não era para você me matar.

– Não foi a minha intenção.

– Não foi a sua intenção? – Meu cérebro revira as palavras em busca de algum significado nelas. Mas não encontra nada. – Como não teve a intenção de fazer o que fez? Você bateu na minha cara inúmeras vezes. Me arrastou pelos cabelos até arrancar meu couro cabeludo. Me chutou com tanta força e tantas vezes que não há forma de consertar tudo o que você quebrou. Você assassinou a minha mão. Os ossos ficaram para fora. Na mão inteira. Você lembra?

A última pergunta não passa de um sussurro estrangulado, patético.

– Não.

É quase um pedido de desculpas.

– Não?

Eu também não lembro como a minha mão ficou. Só vi as fotos que ninguém queria me mostrar. Mas foi ele quem fez aquilo. Ele deveria ser obrigado a se lembrar.

– Não de tudo. Só pedaços.

– Pedaços? Você fez aquilo comigo e não tem nem a decência de se lembrar?

Nem sei de onde vem essa palavra. Não acredito que estou falando de decência com o garoto que me espancou até a morte. Não acredito que estou falando com ele, ponto. Eu devia matá-lo.

– O meu irmão se suicidou.

– Sinto muito.

Sinto muito? Eu disse *sinto muito* a ele. Estou a caminho da escola, sorrindo e dizendo oi, tudo de novo. Não. Não estou, não. Não estou. Não estou. Eu me perdoo porque foi automático. Não tive a intenção de dizer isso. Eu lhe dei as palavras, mas não vou sentir pena dele. Ele me olha como se também não acreditasse que eu disse isso. Acho que estou louca. Não sei se esta conversa perversa é real, mas deve ser, porque eu não seria capaz de imaginá-la.

– Cheguei em casa naquele dia e o encontrei. Encontrei o corpo dele.

Está falando como se tivesse ensaiado as palavras mil vezes em sua cabeça, apenas esperando o momento de pronunciá-las.

E continua.

Ele me oferece o porquê mítico. Conta a história. Ao menos o que se lembra dela. É muito irônico que eu não devesse me lembrar – mas me lembro – e o garoto que deveria ter todas as respostas tenha um monte de lacunas na cabeça. Mas ele cospe tudo com uma pressa enlouquecida, como se tivesse se agarrado àquilo durante anos e quisesse desabafar antes que eu o interrompesse.

Ele me conta sobre o irmão. E a garota por quem seu irmão estava apaixonado e que estudava na mesma escola que eu. A garota que terminou com ele e a quem Aidan culpou por seu suicídio, embora hoje saiba que não foi por causa dela. A garota russa. A vadia russa. A garota que ele saiu para procurar naquele dia. A garota que ele viu quando me viu. Só porque eu estava lá.

Ele faz uma pausa para tomar fôlego e, por um instante, tudo está tão quieto que consigo ouvir o espaço de tempo entre as batidas do meu coração. É o silêncio que estive buscando por três anos – e o encontro com o garoto responsável por tirá-lo de mim.

E então ele diz as palavras. E não é possível que eu odeie esse garoto ainda mais, mas odeio.

– Eu sinto muito. Eu sinto muito mesmo.

Minha cabeça está a ponto de explodir. Não era para ser deste jeito. Não era para ele pedir desculpas. Era para ele ser mau e eu deveria machucá-lo.

Meus punhos estão fechados sem motivo. Não sei de onde vem a minha respiração, só sei que ainda está aqui. Não suporto escutar mais nada disso. Ele está roubando minha fúria, a única coisa que me restou. Não pode tirar também isso de mim. Não pode fazer com que eu deixe de odiá-lo. Não vai restar mais nada.

Ele começa a contar que seus pais o mandaram para a terapia depois do suicídio e fala sobre a culpa que carrega porque nunca contou a ninguém o que fez comigo. Diz que ficou esperando e esperando ser capturado, durante muito tempo, mas ninguém nunca foi atrás dele. Que pensou que tivesse ganhado uma segunda chance, que eu não morri e que achava que eu estivesse bem, que isso fosse uma espécie de recomeço. E foi mesmo um novo começo. Só que de uma história pior ainda.

Palavras. Muitas palavras. Não preciso saber por que ele se tornou cruel, apenas que era cruel. Não há nenhuma parte de mim que queira ouvi-lo falar sobre sua culpa e sobre a terapia e a arte e a cura. Ele não tem o direito de se sentir melhor. Não tem o direito de se perdoar. Eu não permito.

Ainda assim, não acho que tenha se perdoado. Em sua expressão há tanto remorso e dor e ódio voltado a si mesmo que sinto sua dor, porque sei como é, e me odeio por isso.

Ele para de falar. Ouvi cada palavra que disse e agora é a minha vez. Minha vez de contar a ele tudo que preciso lhe contar desde o dia em que me lembrei do que ele fez comigo. Minha vez de obrigá-lo a me escutar. Mas não tenho a chance. Clay entra antes de eu decidir qual das milhares de palavras na minha cabeça devo dizer primeiro.

– Aí está você – diz Clay, olhando para mim. – Já chegou até aqui?

Ele se volta para Aidan Richter, que parece assombrado e olha para mim como se eu fosse um espectro. Um espírito do passado que tivesse voltado para pegar de volta o que é seu.

– Oi – diz Clay, aproximando-se dele e estendendo a mão. Eu quero agarrá-la e gritar para que não o toque. Sei o que aquelas mãos fizeram comigo e não quero que cheguem perto das mãos de Clay. – Clay Whitaker. É seu trabalho?

Clay olha para as paredes ao redor, que só agora começo a notar. As obras desse garoto são totalmente diferentes das de Clay. Não há nada remotamente parecido. Mas são incríveis e quero me estapear por pensar isso. Eu o desprezo por ter a capacidade de criá-las.

E é então que vejo. Não há palavras para descrever o ódio que sinto por ele. A pintura. No extremo de uma das paredes, bem no fundo, como um ponto final ou uma nota de rodapé. Mas não é uma pintura. É uma lembrança do que não aconteceu.

Não entendo nada de arte, então não sei dizer se é aquarela, tinta acrílica, se é sobre tela ou o que quer que seja. Sei que é a pintura de uma mão, a minha mão, virada para cima e aberta para o mundo, e atinge o meu corpo e arranca de mim tudo o que me resta. Porque na palma da mão, bem no centro, está o botão de pérola que eu não consegui alcançar.

Aidan Richter foi embora e eu continuo esperando.

Preciso encontrá-lo. Ele disse tudo o que queria e eu não disse nada. Não vou deixar que se livre da culpa às minhas custas. Ele não tem o direito de me usar para isso também. Não tem o direito de me fazer questionar tudo aquilo em que acreditei durante quase três anos e depois ir embora sem me escutar.

Quero ter a minha chance de gritar com ele. De lhe perguntar se sabe que é um assassino. Se sabe que, apesar de eu ter sobrevivido, isso não significa que ele não me matou. Só porque me trouxeram de volta, isso não significa que eu não morri. Só porque me reanimaram, isso não significa que meu coração não parou de bater. Não muda nada do que ele fez. Ele matou a Menina Pianista de Brighton, mesmo que não tenha matado Emilia Ward. Quero dizer isso a ele. Quero que saiba o que eu sei. Quero que sinta dor. Estou transtornada pelas palavras que não foram ditas.

Talvez ninguém o tenha encontrado antes, mas agora sei quem ele é. Sei seu nome. Posso encontrá-lo assim como ele me encontrou.

E, quando isso acontecer, não será aleatório.

Capítulo 54

Josh

Quando chego ao jantar de domingo, estou torcendo para que ela venha. Ela não veio no domingo passado, com tudo o que aconteceu no último fim de semana... Eu entendo. Eu também não teria vindo se não estivesse desesperado por uma mínima chance de vê-la.

Minha casa está silenciosa demais e minha garagem vazia demais, então cheguei cedo. Como o jantar ainda não está pronto, Drew e eu acabamos no quarto dele, porque não estou a fim de ser educado e ficar jogando conversa fora. Mas também não tenho nada para conversar com Drew, então ficamos apenas sentados no quarto, num silêncio idiota.

Talvez eu devesse ter ficado em casa. Flor do Dia não voltou mais lá depois da nossa conversa de quarta. Pensei que tivéssemos feito algum progresso, mas talvez apenas estivesse me iludindo de novo.

– Me conte o que é que aconteceu entre vocês – exige Drew, finalmente. – E não diga que não foi nada. E não diga que não sabe. Eu já ouvi todas as respostas evasivas possíveis de vocês dois e não caio mais nessa.

– Eu não sei. – Olho para Drew e continuo antes que ele me interrompa. – Essa é a mais pura verdade, goste você ou não. Não tenho a menor ideia. Tudo estava bem. Estava tudo legal. E de repente não estava mais. Tudo que sei é que, durante uns cinco minutos, acho que estive feliz.

– Tem que ter acontecido alguma coisa, Josh.

Alguma coisa certamente aconteceu. Estou enfrentando uma batalha interna. Não sei se faço ou não a pergunta que está na minha cabeça. Sempre me perguntei quanto ela se abre com Drew, o que acontece entre eles e eu não sei.

– Ela contou para você que era virgem?

– O quê? *Impossível!* – Ele me olha, incrédulo. – É sério?

Eu assinto. Ele claramente sabia tanto quanto eu. Sinto como se a estivesse traindo ao contar isso a Drew. Mas preciso contar a alguém. Preciso tentar entender. Tenho a sensação de estar me afogando.

– Como é que pode? *Ela* é virgem?

– Não é mais – respondo.

– E foi isso que aconteceu.

Ele fica sério. Não é uma pergunta.

– Foi isso que aconteceu.

– Mas por que isso faria vocês terminarem? – pergunta ele, confuso.

– Eu não sei. Não entendo nada. Ela disse que estava arruinada e que estava me usando para arruinar o que restava.

– O que isso quer dizer?

Apenas balanço a cabeça. Não tenho a resposta. Fiz a mesma pergunta a ela e nunca recebi nenhuma resposta.

– Não faz o menor sentido.

– Nada nela faz sentido desde o dia em que ela chegou aqui. Ela só queria fingir que não se importava. Eu também.

Nunca falei tanto sobre ela para ninguém e, quando ouço as palavras saindo da minha boca, sei como soam.

– Sabe que ela ama você, né?

– Ela falou isso?

Detesto a esperança na minha voz.

– Não, mas...

– É, não achei mesmo que tivesse falado.

Não quero que ele fique com pena de mim e me dê falsas esperanças. Ou ela disse ou não disse. E ela não disse. Mas, bom, até aí, eu também não.

– Josh...

Drew não tem a chance de completar a frase porque a mãe dele nos chama para jantar e eu saio do quarto antes que ele diga mais alguma coisa.

Quando chegamos à cozinha, a Sra. Leighton me abraça e Drew vai escolher uma música, já que hoje é a vez dele. Tudo parece normal.

E Flor do Dia não está em lugar algum.

Estamos nos preparando para levar a comida para a mesa quando o Sr. Leighton chama da sala de estar, onde sempre assiste ao noticiário antes do jantar. A Sra. Leighton responde que está na hora de comer e que é para ele desligar a TV, mas ele chama de novo e ela deve identificar algo em seu tom de voz, pois desta vez não discute. Apenas vai até lá – e nós vamos

atrás.

E este é o momento que vem antes. O momento em que tudo ainda é familiar e compreensível. O momento antes de tudo mudar. Eu vivi alguns desses momentos na minha vida. O momento em que caminho da cozinha até a sala de estar é um deles, o momento que vem antes de eu ver o rosto na televisão da sala de estar dos Leighton, no jantar de domingo.

Nem sei por que ele nos chamou até seguir o olhar dos outros até a tela da televisão. E então entendo tudo. Nem escuto o que estão dizendo, porque a imagem na tela grita tão alto que abafa todo o resto. O Sr. Leighton aumenta o volume, mas ainda assim eu mal consigo processar as palavras.

O aluno do ensino médio Aidan Richter foi preso esta tarde após confessar a brutal agressão e tentativa de homicídio, em 2009, de Emilia Ward, então com 15 anos, carinhosamente conhecida pelos habitantes locais como a Menina Pianista de Brighton. O crime permaneceu quase três anos sem solução, até que Richter, que tinha apenas 16 anos quando o ataque ocorreu, chegou com seus pais e o advogado e se entregou à polícia hoje. Não foram divulgados outros detalhes e, até o momento, nenhuma das famílias se pronunciou. Uma coletiva de imprensa está marcada para amanhã às nove e meia da manhã.

– É surreal – diz o Sr. Leighton.

Só que não é, ele sabe. Não há nada de surreal nisso. É como os tambores de uma fechadura que se encaixam na chave.

brutal... agressão... tentativa de homicídio... Emilia... Menina Pianista.

Na TV, vejo a imagem da garota que esteve diante de mim, na garagem, durante meses. Mais jovem. Sem maquiagem. Sem roupas pretas. Sorrindo. Mesmo com os cabelos e os olhos escuros, nada dela é sombrio. Ela é toda luminosa. Como uma flor num dia ensolarado.

– Eu me lembro de ver essa notícia na época. Uma história terrível. Parece muito com ela – diz a Sra. Leighton, e me pergunto se ela não consegue compreender ou se realmente não acredita.

– É ela.

Todos nos viramos. De pé na entrada da sala está o irmão de Flor do Dia.

– Eu bati, mas ninguém abriu a porta – diz ele, mas não está falando realmente conosco. Está olhando para a TV. – Onde ela está?

Os Leighton olham como se Asher fosse um doido que invadira a casa deles. A incredulidade está estampada em seu rosto, mas o choque na sala já é tamanho que é difícil entender qual é sua origem.

– Asher, irmão da Nastya – digo, respondendo à pergunta que ninguém fez e achando estranho ouvir esse nome saindo da minha boca.

– Irmão da Emilia – corrige ele. – Onde ela está? Tenho que levá-la para casa.

Sei que a casa à qual ele se refere não é a de Margot. Ele quer levá-la para Brighton. Não parece bravo, apenas cansado. Como se tivesse passado tempo demais convivendo com tudo

isso e só quisesse que terminasse logo.

– Ela não está aqui.

– Margot disse que ela estaria aqui. Mandou procurar na sua casa primeiro – ele olha para mim – e disse que, se não estivesse lá, deveria vir jantar aqui.

Sua voz transmite uma inquietação que combina com sua expressão.

– Hoje ela não veio – diz a Sra. Leighton delicadamente e então volta o olhar, repleto de compaixão e de perguntas, para mim.

– Por que não rastreia o telefone dela? – pergunto de forma ríspida, sobretudo porque sinto que ele está nervoso e preocupado, e isto está me deixando assim também.

– Ela deixou o telefone na cama – responde ele, como se começasse a compreender que não foi um simples esquecimento. Ela não quer ser encontrada.

Asher nos conta o que aconteceu desde esta tarde em Brighton. Assim que os pais deles receberam o telefonema da polícia, ele entrou no carro para buscá-la, para que não tivesse que dirigir sozinha. Enquanto isso, ficaram telefonando, tentando falar com ela antes que a notícia chegasse aqui. Mas ninguém conseguiu encontrá-la.

Tiro o telefone do bolso para ver se tem alguma mensagem. Nada. Não o coloco de volta. Fico agarrado a ele, girando-o para lá e para cá nas minhas mãos. Drew faz o mesmo. Sentimos que estamos fazendo alguma coisa, mesmo que seja inútil. Não há para quem ligar e ninguém vai nos telefonar, todo mundo sabe disso. Se ela sumiu e não levou o telefone, fez isso por alguma razão – ela não quer que a gente saiba onde está.

A matéria no noticiário mudou, mas todos continuamos olhando para a televisão como se houvesse algo ali. Como se de repente fosse nos dar uma resposta. Talvez apenas para evitarmos olhar uns para os outros e ver nossa confusão refletida no rosto de alguém. Não estou confuso. Na realidade, sinto que entendo alguma coisa pela primeira vez em meses. Talvez entenda tudo.

Asher sai da sala para fazer um telefonema e, então, Drew olha para mim. Dá para ver que ele não aguentava mais esperar.

– Ela contou para você? – pergunta ele.

Eu deveria poder responder que sim. Deveria ter garantido isso. Deveria ter me importado o suficiente para obrigá-la a me contar. Nós dois sabíamos que ela tinha seus segredos, e eu permiti isso. Nunca houve dúvida de que havia coisas que ela não me contava. *Coisas*. Como é que a situação pode ser tão patética? Coisas. Todas as coisas. Tudo. Mas eu sabia que, uma vez que me contasse, não haveria mais volta – e era mais feliz na minha ignorância.

Balanço a cabeça e todos os olhos se voltam para mim.

– E como ela ia contar? Ela não fala – diz Sarah.

Drew e eu nos entreolhamos. Não sei mais o que é segredo e o que não é.

Meu telefone toca e eu atendo sem olhar para o identificador de chamadas, na esperança de

que seja ela.

– Você sabia disso? – pergunta Clay, sem nem dizer alô.

– Não, eu não sabia – digo, mas não tenho energia para me irritar com ele.

Todos supõem que eu deveria saber. E deveria mesmo. Mas eu não sabia de nada.

– É ela, não é? – pergunta ele, esperando uma confirmação desnecessária.

– É ela.

– Eu a vi com ele ontem.

– Com quem?

– Aidan Richter. O cara do noticiário. O garoto que confessou.

– Você a *viu* com ele?

Como é possível?

– No concurso de arte. Ele era um dos finalistas. Quando eu saí da minha entrevista, ela estava num dos salões com ele.

– E o que estavam fazendo?

– Não sei. Estavam de pé, olhando um para o outro. Eu achei esquisito, mas pensei que talvez ele tivesse tentado falar com ela e, como ela não deve ter respondido, ele ficou assustado. Ela está bem?

A preocupação em sua voz é genuína.

– Não sei. Ninguém sabe onde ela está.

Nem sei como consigo dizer essas palavras sem minha voz falhar.

Asher retorna enquanto ainda estou no telefone e diz:

– Meus pais ligaram para a empresa do cartão de crédito.

Digo a Clay para vir para cá e desligo, para poder ouvir o que Asher está falando.

Ele conta que ela usou o cartão num posto de gasolina do lado norte da rotatória perto de Brighton hoje, mais cedo. Diz que vai pegar algumas coisas na casa de Margot e voltar para lá. Eu não entendo o que pode ser tão importante que ele precise pegar antes de ir atrás da irmã, mas não estou em posição de criticar as pessoas que a amam. Eu também a amava e olhe só o que fiz.

Eu não o interrompi ainda porque estou tentando formular meus próprios pensamentos antes de soltar a bomba:

– Ela esteve com ele ontem.

Meu estômago fica embrulhado quando digo isso. Tenho medo de que aí estejam algumas respostas nas quais não quero pensar ainda.

– O quê?

Não sei quem pergunta isso. Talvez todos.

– Aidan Richter. O garoto que confessou. Clay disse que os viu juntos na galeria de arte. Ele estava lá – obrigo as palavras a saírem num único fôlego dolorido.

– E quem é Clay?

Essa não teria sido a minha primeira pergunta se eu fosse Asher, mas respondo, percebendo só agora que sua família realmente sabe muito pouco sobre a vida dela aqui.

– Ele desenha retratos dela. Ela foi com Clay a um concurso de arte ontem. Ele disse que os viu juntos numa das salas e, ao assistir ao noticiário hoje, o reconheceu.

– Ele sabe de mais alguma coisa? – pergunta Asher, ansioso.

– Não sei. Falei para ele vir para cá.

Clay chega e mal passou da porta quando começamos a bombardeá-lo com perguntas. Ele conta o que sabe, que não é muito. Foi falar com os jurados enquanto ela olhava a exposição na galeria. Quando a encontrou após a entrevista, ela estava numa das salas com o tal Aidan Richter e olhavam um para o outro. Ele não ouviu nada, então não tem ideia se conversaram ou não. Richter foi chamado para a entrevista dele e não o viram mais. Clay a levou para casa no fim do dia, e isso é tudo.

– Ela estava bem na volta. Parecia estar bem. Não que tenha falado alguma coisa. Ela estava chateada de manhã, na ida, mas de tarde não notei nada fora do normal.

– Por que ela estava chateada? – pergunto, porque é a primeira vez que ele menciona isso.

– Não sei. Ela ficou o tempo todo olhando pela janela e, quando chegamos lá, estava chorando. Está arrasada desde o que rolou entre vocês, o que quer que tenha sido. – Ele olha para mim, quase como se quisesse pedir desculpas por expor o assunto mas não houvesse outro jeito. – Eu não teria dito nada se isso não tivesse acontecido.

– Ela estava chorando? – pergunta Asher, como quem não entende.

Pelo jeito, ela também não chora na frente dele.

– Não estava soluçando nem nada – esclarece Clay. – Só lágrimas. Eu nem tinha percebido até olhar para ela. Não comentei. Quem sabe o que se passa na cabeça dela?

– Ninguém – diz Asher e, por incrível que pareça, fica ainda mais devastado do que antes.

– Achei que você conhecesse a sua irmã – digo, devolvendo as palavras que ouvi dele.

Estou ficando com medo e viro um babaca quando estou com medo.

– Ninguém conhece a minha irmã – diz ele, e isso não há como contestar.

Organizamos o que sabemos e o que não sabemos até agora. Sabemos muitas coisas, exceto o que todos querem saber: onde ela está.

Basicamente, ninguém a viu desde as nove da manhã de hoje e não há vestígios dela desde que usou o cartão de crédito num posto de gasolina pouco depois das onze, nos arredores de Brighton. Depois disso, nada. Mas ela tem 18 anos e não está desaparecida há doze horas, então ninguém além de nós irá procurá-la.

Asher liga para os pais assim que passamos a limpo a história de Clay. Enquanto ele fala com a mãe, seu pai liga para a polícia a fim de informar o que aconteceu entre Flor do Dia e Aidan Richter ontem. Todos nos perguntamos a mesma coisa. Aquilo que ninguém está dizendo. Se ela foi para Brighton atrás de Richter, isso foi antes de ele confessar. E se ela estava em Brighton às onze e ele se entregou às três e meia, o que aconteceu nesse meio-tempo?

Asher vai embora, planejando parar na casa de Margot para pegar o que quer que seja no quarto da irmã que ele prometeu levar para os pais. Depois segue direto para Brighton. Margot vai ficar em casa, no caso improvável de Flor do Dia voltar para lá.

Todos sabem que eu vou, e Drew diz que vai também. Asher nos dá o endereço e o telefone da casa dos pais e diz que vai avisar que estamos indo. Decidimos ir cada um em um carro, caso precisemos nos separar depois de chegar lá.

Alguns minutos depois, subo na picape sozinho e parto para Brighton. Passo todo o trajeto numa espécie de barganha, oferecendo tudo o que tenho. Não sei quantas vezes digo por favor. *Por favor, traga-a de volta para mim. Por favor, de novo não. Por favor.* Meu telefone não toca. São as duas horas mais longas da minha vida.

A sala está tomada por certo caos controlado. Me faz lembrar o dia em que minha mãe e minha irmã morreram. Telefones tocando e sendo tirados do gancho. Uma calma frenética. Medo mal disfarçado. Todos são como zumbis. Ocos. Assombrados, numa espera sem fim. Eu conheço a sensação. Essas pessoas provavelmente já foram normais. Penso que facilmente poderiam ser os Leighton, se tivesse acontecido com Sarah. Toda família normal está a uma tragédia de distância da implosão completa.

Por toda a sala, há fotografias de uma garota que eu deveria conhecer, mas não conheço. Uma garota em vestidos de cores claras, com fitas no cabelo, sorrindo e tocando piano em mais fotos do que sou capaz de contar. Sinto como se estivesse de luto mais uma vez, mas agora por alguém que nunca conheci.

Seus pais estão no celular. O telefone fixo toca sem cessar, mas ninguém atende porque são os repórteres, que não param de ligar. Por fim, o pai dela arranca o fio da parede e tudo fica em silêncio. Mas não totalmente.

Drew e eu nos sentamos no canto mais distante. Separados física e emocionalmente do resto da família. O resto da família. Eles podem reconhecer isso ou não, mas também me encaixo nessa categoria. Ela fez questão disso, por mais que eu preferisse dizer o contrário. E agora ela também se foi. Faz todo o sentido.

Não muito depois de nossa chegada, Asher entra carregando uma pilha de cadernos de redação, do tipo que a Sra. McAllister nos pede para usar. Ele os coloca sobre a mesa de centro, no meio da sala. É uma mesa horrorosa. Eu faria uma melhor. Penso em dar uma de presente a eles.

Só vejo a capa do caderno no topo da pilha. Está escrito *Química* em caneta vermelha. É a letra de Flor do Dia, e vê-la me deixa um pouco mais desanimado.

Sua mãe se aproxima da pilha de cadernos como se fossem uma bomba.

– São esses?

Asher assente. Está pálido e parece mais velho do que quando o conheci. Todos aqui parecem mais velhos do que deveriam. Como se já tivessem visto muitas coisas horríveis e

agora estivessem apenas exaustos. Será que eu também estou com essa cara?

Nastya/Emilia/Flor do Dia. Não sei como chamá-la. Sua mãe pega o caderno do alto da pilha e o abre, folheando as primeiras páginas.

– São só anotações de Química – diz ela, aliviada porém confusa.

– Continue passando, mãe – pede Asher, como quem está prestes a dar o golpe fatal.

No momento seguinte, o rosto dela se contorce na expressão mais atormentada que já vi e ela leva a mão à boca. Desvio o olhar. Só de ver essa cena já me sinto um invasor. Ela é a cara de Flor do Dia. Drew não desvia o olhar. Apenas a observa. Também parece envelhecido. Talvez tenha acontecido agora mesmo, quando ele viu a expressão no rosto dessa mulher.

– Ela precisou de todos estes cadernos para escrever isto? – pergunta ela para ninguém em particular, como se falasse sozinha.

Seu marido, o pai de Flor do Dia, que passou todo esse tempo de pé atrás dela, toma o caderno de suas mãos e ela balança a cabeça. Não como se não entendesse algo, mas como se tentasse impedi-lo. Não quer que ele olhe. É como alguém dizendo para não olharmos para um cadáver, porque, depois que olhamos, não tem mais volta. A imagem ficará para sempre na nossa cabeça e estará lá sempre que fecharmos os olhos. Esta é sua expressão. De quem viu um cadáver e não quer que outra pessoa veja também.

– Não – diz Asher. – É a mesma coisa. Em todos eles. Fica só se repetindo, em looping. Outra vez e mais outra e mais outra.

Sua voz falha e ele começa a chorar, mas ninguém o consola. Ninguém tem nada a oferecer.

Há uma batida na porta e uma garota entra. Não diz nada. Caminha direto até Asher, que não se mexe até ela chegar ao seu lado. Então ele a abraça e a aninha perto de si até ela quase desaparecer. Sinto saudade de Flor do Dia.

O clima nesta sala é muito familiar. Ninguém sente nada, mas todos continuam agitados porque há muito o que fazer. Só que, neste momento, ninguém parece saber bem o quê.

A polícia disse que Aidan Richter admite tê-la visto ontem, mas continua negando qualquer contato com ela hoje. Ninguém sabe se isso é verdade. Não há nenhuma pista. Nenhum lugar por onde começar.

Finalmente, decidem que Asher, Addison e o Sr. Ward irão procurá-la em carros separados, embora não saibam para onde ir. Asher tinha razão. Ninguém conhece sua irmã – a irmã que ele tem agora.

A mãe dela vai ficar aqui para tomar conta do telefone. Não sabem o que pedir para mim e para Drew. Não conhecemos a região e não temos ideia de onde procurá-la. Apenas esperamos, imprestáveis.

– Podem esperar no quarto da Emilia, se quiserem – oferece a Sra. Ward.

Todos nesta casa a chamam de Emilia, e parece fazer muito mais sentido do que chamá-la de Nastya.

O quarto dela é uma loucura e parece que entrei em sua mente. Não há paredes. Não dá para vê-las. Cada centímetro está coberto com recortes de jornal, impressões de computador e notas escritas à mão em pedaços de papel. Quase parecem se mexer, tremular, entrar e sair do meu campo de visão como uma ilusão de ótica. Como ela. Quero fechar os olhos, mas não consigo. Dou uma volta, esperando que acabe, mas é infinito. Penso em sair correndo deste quarto, mas agora ele também entrou na minha cabeça. Assim como o tal cadáver escondido nos cadernos lá embaixo.

Nós nos aproximamos, pois não não dá para ler nada até quase encostar. Nomes. São todos nomes, origens e significados. Alguns são de jornal, como os que a vi recortar na minha casa. Alguns são obviamente impressos da internet. Outros ela mesma escreveu.

Não sei por quanto tempo examinamos as paredes antes de Drew falar:

– Onde está Nastya?

Olho para ele. Não sei. Como saberia? Mas ele está olhando para as paredes, não para mim. Está procurando o nome dela. Começo a procurar também, mas é impossível.

– O seu nome quer dizer *salvação* – diz ele após um tempo, olhando para um pedaço de papel escrito à mão e colado ao lado da janela.

Salvação. Quanta baboseira.

– Ela contou isso pra você? – pergunta ele.

– Não. – Nunca perguntei. Nunca perguntei um monte de coisas. – Isso não faz sentido. Dá para a gente procurar mais rápido – digo, precisando desviar o olhar.

Drew pega o celular e encontra um site de nomes de bebês na internet. Digita *Nastya* e, em um segundo, temos a resposta.

– *Renascimento* – diz ele. – *Ressurreição.* Origem russa.

– Acredito que foi por isso que ela o escolheu. A parte da ressurreição. Acho que também por ser russo.

A mãe dela está de pé na porta. Ela prendeu o cabelo, o que deixa mais em evidência suas olheiras escuras.

– Por que ressurreição? – pergunta Drew.

– Porque ela morreu – diz sua mãe, tão parecida com Flor do Dia que me dá nos nervos. – E depois voltou.

A mãe dela nos conta o que aconteceu naquele dia. Não sei se queremos ouvir, mas ela precisa contar, então escutamos. Ela fala sobre coisas que não ouvimos no noticiário e sobre o pouco que sabem a respeito de Aidan Richter. Relata o que aconteceu depois. A falta de memória. E, mais tarde, a mudez. As cirurgias e a fisioterapia. As corridas, as aulas de defesa pessoal, a raiva. Voltar para uma escola onde ninguém soubesse quem ela era. O nome russo que a mãe não tinha entendido até agora.

Depois ela fala de como era antes. Ouvimos uma história atrás da outra sobre uma menina e um piano e uma comunidade inteira que a adotou. Seus olhos se iluminam ao relembrar. Mas é apenas isso: uma recordação. Como Flor do Dia disse. Eu sei o que ela enxerga: uma garota que já morreu.

Ao ouvir essas histórias, nesta casa que é como um santuário, começo a compreender por que ela foi embora.

Sinto que uma noite me fez aprender mais sobre a garota que praticamente morou na minha casa durante meses do que todo o tempo em que a conheci. E não quero saber nada disso.

A mãe dela nos agradece, mas não sei por que, e então desce para dar mais telefonemas. Acho que ela só quer alguma coisa para fazer.

Drew se deita na cama de Flor do Dia e fica olhando para o teto. Eu me sento no chão e me apoio na parede. A cada movimento que faço, ouço o ruído de papel contra minhas costas.

– Eu não entendo – diz ele após um tempo.

– Não entende o quê? – pergunto.

Há muitas respostas possíveis para essa pergunta.

– Não entendo por que ele não a estuprou.

– *Que porra de pergunta é essa?* – praticamente rosno.

– Não estou sendo babaca. Estou falando sério – diz ele.

Percebo que está falando sério e que é desconfortável para ele. Tudo isso é desconfortável para ele. Nas últimas poucas semanas, Drew precisou encarar mais situações emocionais perturbadoras do que em toda a vida, e não está preparado para isso.

– Foi mal – digo, pois realmente me sinto mal, e não só por gritar com ele.

Alguma hora ele teria que começar a crescer, mas me sinto mal por ter que ser desse jeito.

– É que eu não entendo. Uma garota linda, sozinha, por que ele não a estuprou? Por que ele só a encheu de porrada e a largou lá? Não faz sentido nenhum para mim.

– E faria sentido se ela tivesse sido estuprada? – pergunto, já que nada do que aconteceu faz sentido.

– Não. Acho que só quero entender por que ele fez isso. Quero que exista uma razão.

– Excesso de dor, raiva, tristeza. Realidade demais.

Muitas coisas podem nos destruir se não há nada para manter nossos pés no chão.

– Isso não é desculpa – diz ele.

– Não, não é desculpa – respondo. – Você pediu uma razão. É uma razão. Só não é boa.

Sei que ele ainda está se esforçando para entender, para que essa situação se encaixe em sua visão do mundo, mas isso nunca vai acontecer. E nem teria por quê. Ela não cabe no mundo, por mais frequente que seja.

Sinto o relógio me amaldiçoar a cada minuto e me obrigo a não olhar para ele, pois não quero

contar o tempo. Nem sei quanto demora até eu ter que dizer o que está na minha cabeça. Não quero mais guardar isso.

– Isso não pode acontecer de novo – digo. Não consigo. Não era para eu passar por isso de novo. Já tinha acabado. Todos já se foram. Todos... partiram. E aí ela... Por quê? O que eu fiz de tão errado? Por que colocá-la na minha vida só para depois tomá-la de mim? Sei que Drew quer me dizer para não pensar deste jeito, mas nem consegue se obrigar a dizer isso. É a única coisa que consigo pensar. – A culpa é minha. Nunca devia ter pensado que ficaria tudo bem se eu me apaixonasse por ela.

Ele suspira, olhando para o teto.

– Vai ficar *tudo bem*, Josh. Ela está bem.

Ele quer acreditar nisso, mas não consegue, e é pior do que se não dissesse nada.

– Ninguém nunca está bem.

Já passa da meia-noite, mas ninguém está dormindo. Esse já é o terceiro bule de café. Eu preparei os dois últimos – e não podia ser diferente, já que bebi a maior parte.

Asher, Addison e o Sr. Ward voltaram há uma hora. Nenhum deles disse uma palavra. Nem era necessário. Se a tivessem encontrado, ela voltaria com eles. O silêncio na sala é como um torno nos apertando cada vez mais, pouco a pouco, até sufocar. O piano paira num canto como um fantasma, e não suporto olhar para ele, porque agora sei o que significa e ele também está me assombrando.

Drew e eu estamos na mesa da sala. O Sr. e a Sra. Ward estão num sofá, suficientemente distantes um do outro para que não haja risco de se tocarem. Addison está deitada no outro sofá, com a cabeça apoiada no colo de Asher, que passa a mão pelos cabelos dela sem prestar muita atenção.

A porta dos fundos se abre e é uma bomba explodindo dentro da sala. Todos se viram ao mesmo tempo. E lá está ela.

Ninguém se mexe. Ninguém se levanta de um salto e corre até ela nem grita de alegria. Todos só olham para ela, como se tentassem se assegurar de que está mesmo aqui. Ela olha para todos nós, seus olhos passando por cada rosto abatido, até chegar no meu. Então, não há mais nada além disso. Não consigo me mexer, mas ela sim. De repente está bem na minha frente e sua mãe diz *Emilia* e Asher diz *Em* e seu pai diz *Milly* e Drew diz *Nastya* e eu digo *Flor do Dia*, todos ao mesmo tempo... E então ela desmorona.

Todos os pedaços de todas essas garotas saem voando pelos ares e eu fico segurando o único que restou.

Meus braços estão em volta dela, mas não digo nada. Não penso nada. Não sei nem se respiro. Estou com tanto medo de não ser capaz de cuidar dela... Já a vi chorando, mas nada se compara a isto. Ela se perde numa névoa de dor. O som é cru, primitivo, assustador, e não quero ouvi-lo. Sua mão está entre meu peito e sua boca, tentando abafar o choro. Mas não

consegue. Ela não para de tremer, sempre esse tremor, e na minha cabeça imploro para que ela pare. Sinto o olhar de todo mundo à nossa volta, mas não posso pensar neles agora.

Ela ainda está de pé, mas não está. Todo o peso está sobre mim. Todo. O peso de seu corpo, de seus segredos, de suas lágrimas, de sua dor, de seu arrependimento, de sua perda, e sinto que eu também estou a ponto de desmoronar, porque é grande demais. Não quero mais saber de nada disso. Agora entendo por que ela passava tanto tempo correndo. Eu também quero sair correndo. Quero soltá-la, escancarar a porta e não olhar para trás. Não aguento isso. Não tenho forças, não tenho coragem, não tenho ânimo para consolá-la. Eu não sou o bastante. Não sou a salvação de ninguém. Nem de mim mesmo.

Mas estou aqui. Ela também está. E não consigo soltá-la. Talvez eu não tenha que salvá-la para sempre. Talvez só precise salvá-la agora, neste momento, e, se fizer isso, talvez me salve também e talvez seja suficiente. Aperto mais os braços, como se pudesse fazê-la parar de tremer. Seu choro ficou silencioso. Ela está com o rosto enterrado em meu peito. Observo o reflexo da luz na parte de cima de sua cabeça e me concentro nele, pois não posso olhar ao meu redor e ver todos os rostos à espera de respostas que não tenho.

Gradativamente, ela se acalma. Sua respiração fica mais pausada, seu corpo se acomoda contra o meu e fica mais firme. Então, sinto que ela pega o próprio peso de volta apenas por um instante, antes de se afastar.

Afrouxo os braços e a deixo ir, mas mantenho os olhos nela. Seu rosto fica inexpressivo, como da primeira vez em que a encontrei, e a vejo jogando todas as emoções fora. É como ver o vídeo de uma explosão de trás para a frente, cada estilhaço voltando a seu lugar, como se nada tivesse acontecido.

Estou com medo de desviar o olhar. Medo de que ela vá desmoronar outra vez. Medo de que ela desapareça. Medo. Eu nunca devia ter saído da minha garagem. Nunca devia tê-la deixado entrar.

Então ela vê a pilha de cadernos na mesa e fica completamente imóvel. Não desgruda os olhos deles. São uma pergunta e uma resposta ao mesmo tempo.

– Como? – pergunta sua mãe, por fim. Confusa. Traída. Aliviada. – Você não se lembrava.

Olho para o rosto das pessoas que a amam, que não ouvem sua voz há quase dois anos. Ninguém espera uma resposta. Mas é o que recebem.

– Eu me lembro de tudo – murmura ela.

É uma confissão e uma maldição. O único outro ruído na sala é o som agudo de sua mãe perdendo o fôlego ao ouvir a voz de Flor do Dia.

– Desde quando? – pergunta seu pai.

Ela tira os olhos dos cadernos e o encara quando responde:

– Desde o dia em que parei de falar.

De algum jeito, todos acabam indo dormir, espalhados pela casa, em camas e sofás e no chão.

Eu acabo na cama de solteiro de Flor do Dia, com seu corpo encolhido contra o meu, e não ligo para o tamanho da cama, porque ela vai ficar perto o suficiente.

Ninguém fez qualquer tentativa de me impedir quando me deitei com ela. Acho que todos sabiam que não havia como evitar. Nada nesta casa nem no mundo inteiro poderia me impedir de ficar ao lado dela.

Drew está numa cama improvisada no chão. Acho que ele também não queria ficar longe dela.

Ouço a respiração de Flor do Dia; as inspirações suaves me lembram que ela está aqui, o corpo apertado contra o meu, como em incontáveis noites que já passamos.

Em algum momento durante a noite, sua mãe entra e olha para nós, juntos na cama. Sua expressão é de aceitação, se não de compreensão.

Observo-a através da luz do corredor que invade o quarto e sei que ela pode ver que estou acordado.

– Como você a chamou? – pergunta ela, mas acho que essa não é a verdadeira pergunta.

– Flor do Dia – digo, e ela sorri como quem pensa que é perfeito, talvez a única pessoa além de mim que acredita nisso.

– O que ela é para você? – pergunta, sussurrando.

Essa é a verdadeira pergunta. E eu sei qual é a resposta, apesar de não saber o que dizer.

A voz abafada de Drew surge do chão antes que eu tenha tempo de responder:

– Família.

E ele tem razão.

Capítulo 55

Emilia

Meus pais saem na manhã seguinte para a coletiva de imprensa e Asher vai para a escola, apesar de terem dito a ele que poderia faltar hoje.

Acompanho Drew até o carro e acho que seria capaz de abraçá-lo para sempre.

– Vou sentir saudade da minha russa – diz ele.

– Nunca vou deixar de ser a sua russa. – Sorrio e o solto. – Peça a Tierney para lhe dar mais uma chance. Se você fizer merda desta vez, vai se ver comigo.

E ele vai embora. Restamos somente Josh Bennett e eu e todas as perguntas que não fizemos.

Entrego a ele um dos cadernos porque esse é o único jeito de ele saber. Ele olha para o caderno como se fosse uma cobra.

– Eu nunca vou querer saber o que tem nesses cadernos – diz ele, recusando-se a pegá-lo da minha mão.

Digo a ele que também não quero saber o que há ali. Mas eu sei e preciso que ele também saiba. Então ele lê. Seu rosto fica rígido, junto com todos os músculos de seu corpo, e dá para ver que está se esforçando para não chorar. E quando lhe mostro as fotografias, ele aperta o punho fechado contra a boca e acho que está com vontade de bater em alguma coisa, mas aqui não há nada em que possa bater. Quando chega à foto da minha mão, a que mostra os ossos saindo pela pele em tantos lugares que é difícil acreditar que conseguiram reconstruir tudo, ele chora. Não posso culpá-lo.

Mostro alguns vídeos em que apareço tocando piano e álbuns cheios de fotos e o apresento à versão de mim que ele nunca conheceu, mas não falamos muito.

– Você era boa mesmo – diz ele depois de um tempo, com a voz fraca quebrando o silêncio.

– Eu era o máximo – tento brincar, mas o tom é apenas triste.

– Ainda é – responde ele com uma convicção comedida, me perfurando com os olhos, do jeito que costuma fazer quando quer ter certeza de que estou prestando atenção. – Em tudo o que importa.

O silêncio retorna e ficamos sentados no sofá, com álbuns de fotos no colo, olhando para o piano abandonado no canto.

– Eu gostaria de ter sido capaz de salvar você – diz ele.

Sempre voltamos a isso. Salvação. Ele me salvando. Eu salvando a ele. Impossibilidades, porque isso não existe e, de qualquer maneira, nunca foi para isso que precisamos um do outro.

– É idiota – repito as palavras dele no meu aniversário –, porque é um desejo impossível. – Pego sua mão e ele entrelaça os dedos nos meus, segurando com mais força do que o necessário. – Você não teria como me salvar – digo. – Você nem me conhecia.

– Gostaria de ter conhecido.

– A Sra. Leighton me disse que você também precisava ser salvo, mas eu também não tenho como fazer isso – confesso, e ele me olha desconfiado, porque nunca lhe falei sobre essa conversa. – Não quero que me salve e não posso salvar você – digo.

Preciso que ele me escute dizendo isso e também preciso simplesmente ouvir essas palavras em voz alta.

Ele fecha o álbum de fotos, o coloca sobre a mesa de centro e faz uma cara feia – descobri que faz isso toda vez que olha para esta mesa. Então se vira para mim, segura os dois lados do meu rosto com as mãos e me beija com uma reverência que pode ser que eu nunca consiga entender. E talvez eu seja mesmo uma mentirosa, porque preciso disso. Ser beijada por Josh Bennett é um pouco como ser salva. É uma promessa, uma memória do futuro e um livro de histórias melhores.

Quando ele se afasta, ainda estou aqui, e ele continua olhando para mim como se não acreditasse nisso, e eu quero guardar este olhar para sempre.

– Emilia – diz ele, aconchegando-me até o fundo da minha alma –, você me salva todos os dias.

Capítulo 56

Josh

Eu me despeço na frente da casa dela dois dias depois de chegar aqui. Dois dias depois de saber toda a verdade. Dois dias depois de tê-la de volta. Dois dias para aceitar o fato de que vou perdê-la de novo.

Eu planejava ir embora amanhã, mas sei que tenho que partir hoje.

Nós dois estamos apoiados na lateral da minha picape, olhando para o chão como se ele guardasse todos os segredos do universo. Ela está com o punho fechado e, com o pé, desenha círculos no chão – o que eu odeio, porque me faz lembrar coisas nas quais não quero pensar.

Ela disse aos pais que estava considerando voltar para casa comigo e eles não gostaram, mas a conhecem o suficiente para saber que dizer a ela para não fazer alguma coisa não é o bastante para impedi-la. Ainda assim, é exatamente isso que pretendo fazer.

Pego suas duas mãos e a coloco diante de mim, pois quero estar de frente para ela quando disser tudo o que tenho que dizer. Talvez seja um erro, porque, ao olhar para ela agora, penso apenas por um segundo que, afinal de contas, Deus não me odeia tanto assim. Mas então olho de novo e tudo que vejo é a despedida que nos rodeia e a necessidade de tocá-la mais uma vez. Se tiver que beijá-la pela última vez, quero fazer isso sabendo que é a última vez. Passo o dedo pela linha da cicatriz perto do cabelo. Não sei quem se mexe primeiro, mas seus lábios tocam os meus e minhas mãos estão em seus cabelos e nos beijamos com o arrependimento e o desespero de tantos dias que perdi a conta. Seu corpo está apertado contra o meu e a abraço com força, como se tentasse torná-la parte de mim por pura força de vontade.

Mas não posso. Quando nos afastamos, apoio a testa na dela e começo a me despedir.

Sei que, se eu não falar agora, talvez não fale nunca e fique aqui até amanhã deixando que

ela se convença a vir comigo. E eu me convenceria de que estaria tudo bem.

– Estou indo embora hoje – digo e fico esperando.

– Você quer que eu vá com você? – pergunta ela tão baixo que é como se não quisesse que eu ouvisse.

– Quero. – É sincero, mesmo indo contra tudo o que vou dizer a seguir. – Mas você não deveria.

Ela assente, como se também já tivesse pensado nisso e soubesse que é verdade. Porém, assim como eu, acho que não quer admitir.

Ela me fez olhar aquelas fotos e ler aqueles cadernos e agora eu sei tudo o que ela sabe. Mas não sei como ajudá-la. Não entendo como ela fez para viver com aquilo na cabeça todos os dias e ainda manter algum fio de sanidade.

– Você deveria ficar aqui e tentar, sei lá, melhorar. Dizer "melhorar" é idiota.

Parece mesmo idiota, mas não sei o que não seria idiota de se dizer. *Ficar boa? Se curar? Consertar as coisas?* É como se tivesse quebrado a perna. Eu me sinto um merda por pensar assim, mas uma parte de mim sabe que, quando ela de fato ficar boa, se curar e consertar as coisas, não vai mais me querer. Pode ser que fique tão mudada que deixaremos de nos conhecer, se é que nos conhecemos. E, quando esse adeus chegar, não será temporário.

Se nada disso tivesse acontecido, ela nunca teria saído aqui de Brighton, onde é seu lugar – a garota linda, talentosa, inatingível. E eu sou um cretino, porque agora sei a verdade sobre ela, mas não consigo lamentar isso. Pois lamentar significaria lamentar tê-la encontrado, e não sou capaz de me obrigar a isso.

Um parte de nós sempre soube que estávamos juntos porque éramos problemáticos. Criamos um vínculo graças àquela experiência de vida que nenhum de nós desejou ter. E talvez, quando ela não for mais problemática, eu deixe de ser suficiente. Talvez ela passe a querer alguém cuja vida não seja tão trágica quanto a dela. E essa pessoa não será eu.

Quando paro para pensar, quero voltar atrás, até o ponto em que eu disse *quero* e parar aí. Quero, venha comigo. Vamos brincar de casinha, fazer cookies, construir cadeiras e a vida será perfeita. Mas agora já comecei; vou seguir em frente e posso ir até o fim.

– Vou dizer uma coisa e provavelmente não vai sair do jeito que eu quero. E é provável que pareça sem sentido, mas me deixe dizer até o fim, tá? Você vai me ouvir?

Ela me olha de um jeito doce. Seus lábios ensaiam um sorriso.

– Você ouviu cada palavra que eu disse. Até as que eu não disse. Vou ouvir qualquer coisa, Josh.

É como uma lâmina que corta o último fio que estava me segurando e então apenas falo:

– Talvez um dia você volte. Pode ser que nunca volte, e isso vai ser uma merda, mas você não pode continuar desse jeito. Com toda a culpa e o desprezo por si própria e toda essa besteira. Não posso ficar calado assistindo. Isso me faz odiá-la por odiar a si mesma. Não quero perdê-la. Mas prefiro que isso aconteça, se significar que você vai estar mais feliz assim. Acho

que, se você for para casa comigo hoje, nunca vai ficar bem. E nunca vou ficar bem se você não estiver bem também. Preciso saber que existe uma forma de pessoas como nós terminarem bem. Preciso saber ao menos que existe esse negócio de "ficar bem", ou talvez não só bem, mas até feliz, e que isso tem jeito. A gente só não sabe ainda qual é. Tem que existir um final mais feliz do que este. Tem que haver uma história melhor. Porque a gente merece. *Você* merece. Mesmo que não termine com você voltando para mim no final.

Essa última parte me sufoca. Me deixa sem ar e queima meus olhos. Fico com raiva de mim por dizer isso. Digo a mim mesmo para calar a boca e ficar com ela. Abraçá-la, beijá-la e dizer que tudo vai acabar bem porque eu vou fazer tudo ficar bem, feliz até. Dizer que não há absolutamente nada de errado com ela. Mentir de todos os jeitos que conheço. Só que não posso. Já me despedi antes e posso dizer adeus mais uma vez. Mas, por alguma razão, esta despedida dói mais do que as outras, porque esta eu poderia evitar se quisesse, já que está partindo de mim. Esta despedida vem com uma escolha, algo que nenhuma das outras permitia. E, por mais que esteja dizendo para ela ficar aqui, por mais que eu saiba que ela precisa ficar aqui, ainda quero que decida vir comigo. Que mande à merda a sanidade, a cura e a necessidade de colocar um ponto final nessa história. Que diga que eu sou tudo o que ela precisa para se sentir bem, completa e viva. Mas sei que não é verdade. Hoje ela vai se despedir de mim e preciso deixá-la, e nenhum de nós dois sabe se um dia ela vai voltar.

Estou tentando ir embora há vinte minutos, mas não sei como dizer adeus. Mesmo agora, sei que tudo o que lhe disse hoje não foi suficiente, porque ficaram faltando as palavras que mais precisam ser ditas. E se quero ir embora sem arrependimentos, preciso fazer questão de que não sobre nada que eu não tenha dito para me assombrar.

– Espere.

Eu a alcanço quando ela está se afastando, pego sua mão e passo o dedo pelas cicatrizes, como já fiz tantas vezes. Ela olha para cima, tentando decifrar meu rosto, da mesma maneira que fez no dia em que nos conhecemos, procurando descobrir o que estou pensando.

Não sei como dizer isto – depois de todo esse tempo, nem sei se sou capaz –, mas preciso quebrar sua última regra. Porque, se ela não souber de mais nada, preciso que saiba apenas de uma coisa.

– Eu te amo, Flor do Dia – digo, antes de perder a coragem. – E não estou nem aí se você quer que eu ame você ou não.

Capítulo 57

Emilia

Eu nunca tinha percebido que passar pelo luto e sentir pena de si mesmo não eram a mesma coisa. Pensava que o luto era o que eu estava fazendo todo o tempo que passei sentindo pena de mim mesma. Só que não era. Então, pela primeira vez em uns três anos, eu me permito estar de luto.

~

Josh abriu mão de mim. Ou melhor, eu abri mão dele. Não sei se faz diferença. Ele foi embora um dia depois de Drew. Disse que me amava, mas não me deixou dizer o mesmo, pois não queria ouvir isso se ia me perder. Depois beijou a palma da minha mão esquerda, entrou na picape e partiu.

Acho que a despedida foi mais difícil para ele, porque está acostumado a perder pessoas que morrem, mas não aquelas que vão embora, e era o que eu estava fazendo. Não sei quanto tempo vou ficar aqui. Nem sei se vou voltar para lá. Tudo que sei é que está na hora.

Chegou a hora de fazer muitas coisas, ainda que não seja possível fazer tudo de uma vez. Bem que eu gostaria. A paciência nunca foi o meu forte.

Eu me encaixo entre os braços da minha mãe num pedido de desculpas silencioso porque não conheço as palavras que algum dia possam ser suficientes. E, quando falo, digo o que sei ser verdade: que eu me odeio, que não estou nada bem, que tenho medo de ficar assim para sempre e que não sei o que fazer. Então peço a ela que faça o telefonema. Eu vou.

Vou à terapia quase todo dia, no início. E falo. E falo. E falo. E então falo mais um pouco. E

depois choro. E, quando acabo de chorar, meus pais chegam, e então chega meu irmão, e tentamos encontrar um jeito de sair desse buraco juntos.

Finalmente encontramos uma terapeuta que também não tem muita paciência nem tolera as minhas merdas. Eu meio que a adoro. Porque, sejamos francos: em se tratando de terapia, não preciso de uma professora de jardim de infância; preciso de uma sargenta. Ela me passa dever de casa, que eu faço, e, quando não posso ir nos dias de costume, temos consultas agendadas por telefone e no fim de semana. Eu sei que a terapia não chegará ao fim tão cedo. Ao menos não por enquanto.

Até tentei a terapia de grupo de novo, mas só fui uma vez. Continuo sem gostar. Não me sinto melhor só por saber que coisas horríveis também acontecem com outras pessoas, então não quero mais ir. E não me sinto mal por isso.

Ontem me sentei diante do piano, mas não toquei nas teclas. Acho que prefiro deixar esse caixão fechado. Gostaria de lembrar que a última música que toquei era linda e perfeita, mesmo que não seja verdade. Não tento fazer de conta que isso não me deixa arrasada; minha capacidade de mentir não se aperfeiçoou a esse ponto. Faço luto pelo piano todos os dias e não sei se algum dia vou parar.

Os pesadelos não voltaram, mas espero por eles toda noite. Todos os segredos e histórias agora foram cuspidos para fora da minha cabeça. Todo mundo já sabe de tudo, então acho que as lembranças não têm mais domínio sobre mim. Ainda sinto falta dos cadernos toda noite, como se fossem um remédio para dormir, mas abri mão deles. Meu pai me ajudou a fazer uma fogueira num fosso no quintal. Ele, minha mãe, Asher e eu nos revezamos para jogá-los no fogo, até que a fumaça deixasse nossos olhos ardendo e pudéssemos culpá-la pelas nossas lágrimas. Nunca vou me esquecer daquelas palavras, mas também nunca mais vou escrevê-las.

Não estou com a câmera que minha mãe me deu, mas usamos a dela e tiramos mais fotos do que precisaríamos, tentando criar novas lembranças. Espalhamos as provas sobre a mesa da cozinha e eu lhe mostro as minhas preferidas e ela me mostra as dela e as imprimimos e começamos juntas um novo mural.

Aidan Richter continua preso, mas nenhum dos advogados me deixa encontrá-lo, embora ele tenha confessado. Talvez não haja mais nada a dizer mesmo. Aprendi muito sobre as razões de Aidan Richter. O porquê daquele dia. Que ele chegou em casa. Que encontrou o corpo do irmão. Que a realidade se tornou tão insuportável naquele momento que sua mente se partiu em mil pedaços. Dizem que teve um surto psicótico. Sei que essa é a estratégia da defesa, mas não quero saber. Não quero entender. Não consigo encontrar justificativa para o que aconteceu. Não consigo perdoar. Não vou fazer isso. Mas meu ódio também nunca mais estará tão bem definido. Aidan Richter estava tão preparado para o que a vida aprontou com ele quanto eu. Só que ele reagiu de um jeito totalmente diferente. Sinto que tudo aquilo em que acreditei durante os últimos três anos não é tão verdadeiro quanto eu pensava. É como se

a lente pela qual eu via as coisas estivesse embaçada pela poeira da minha própria percepção e eu não enxergasse o que é real. Antes era preto e branco, bem e mal. Essa é a parte mais confusa: entender o que é e o que não é verdade.

Durante os cerca de dois anos desde que me lembrei, tive uma imagem do mal na cabeça, e ela tinha um rosto. Passei todo esse tempo planejando me vingar e me sentindo justificada, como se eu tivesse esse direito. Mas, quando voltei a Brighton para ir atrás dele, não tive mais tanta certeza de que seria capaz. Então fiquei sentada na terra. Embaixo das árvores. No exato lugar onde ele me atacou. E esperei. Esperei pelas palavras. Esperei pela coragem. Esperei para decidir. Mas esperei demais, e ele tirou isso de mim também.

Nunca mais o vi desde aquele dia na galeria. Nunca pude fazê-lo me escutar. Vou poder falar no dia do veredito, seja quando for. Ainda não decidi se vou. Sei que ainda há coisas por dizer, mas não sei mais o quê. Há dias em que sinto saudade do silêncio.

Às vezes me pergunto o que terá acontecido com a verdadeira garota russa que ele achou que eu fosse naquele dia. Será que ela ouviu falar no que ocorreu e conhecia seu papel naquela história toda, simplesmente por existir?

Uma tarde, Josh me liga e, no eufemismo do século, digo a ele que estou cansada de viver com raiva.

– Então pare – diz ele, como se fosse a coisa mais lógica do mundo.

Talvez até seja.

– Mas, se eu não sentir mais raiva, não é o mesmo que dizer que está tudo bem? Não significa que eu perdoo aquilo?

– Não. Significa que você está aceitando. – Ele respira fundo. – Não estou dizendo que você não devia estar puta. Você tem mais é que estar furiosa. Tem direito a cada pedacinho da raiva que está sentindo. – Ele para de falar por um momento e, quando recomeça, fala em voz baixa e sinto a tensão em torno de suas palavras. – Eu também o odeio. Você não faz ideia de quanto quero matá-lo pelo que ele fez e, se eu pensasse que isso fosse tornar as coisas mais fáceis para você, não pensaria duas vezes. Então não fique achando que não acredito que o seu ódio seja justificado. Mas você sempre quis ter a chance de escolher e agora tem, e eu prefiro que escolha ser feliz. E sei que parece idiota dizer isso. Talvez pareça a coisa mais impossível do mundo, mas ainda assim é o que eu quero. Ele tirou de você a porra do piano, Flor do Dia. Não tirou tudo. Olhe para a sua mão esquerda. Provavelmente está fechada agora, não está?

Não preciso olhar. Está, sim. Ele sabe.

– Agora abra a mão e relaxe.

Eu abro a mão e relaxo.

~

Penso no dia em que eu morri e na história que o avô de Josh contou e, três dias depois, escrevo uma carta para Aidan Richter, para quando deixarem que ele leia.

Meu nome é Emilia Ward.

Tenho uma lista de nuncas que comecei quando tinha 15 anos. Nunca mais vou ser a Menina Pianista de Brighton. Nunca vou ter filhos. Nunca vou andar pela rua no meio da tarde sem me perguntar se alguém está esperando para me matar. Nunca vou recuperar os meses da minha vida que passei em reabilitação, e não em recitais, e entrando e saindo de hospitais, em vez de frequentando a escola. Nunca vou ter de volta os anos que passei odiando todas as pessoas do mundo, inclusive a mim mesma. Nunca vou esquecer o significado da palavra dor.

Eu entendo a dor. Entendo a fúria. Você me deu o dom dessa compreensão. Você também entende isso. Passei os últimos três anos desprezando a pessoa que fez isso comigo, a pessoa que roubou a minha vida e tirou a minha identidade de mim. Nesse processo, aprendi a me desprezar também. Passei os últimos três anos alimentando minha fúria, enquanto você passou os últimos três anos se curando da sua.

Nunca vou me esquecer do que você me fez. Nunca vou perdoar. Nunca chegará ao fim o luto por aquilo que você roubou de mim. Mas percebo agora que não tenho como roubar de volta, e já cansei de passar todos os meus dias tentando. Nunca vou parar de odiá-lo, mas não preciso mais machucá-lo. Acho que consigo acreditar nas coisas apesar de você; ou talvez consiga acreditar por sua causa. Se você é capaz de refazer a sua vida, talvez eu também seja.

Não sei qual punição você vai ganhar. Não sei nem se me importo com isso. Você e eu sabemos o que foi destruído naquele dia, e nada do que eles façam poderá ser suficiente para consertar as coisas. Então talvez eu ainda não seja capaz de acreditar no perdão, mas consigo acreditar na esperança e gostaria de acreditar no sonho das segundas chances. Para nós dois.

~

Nada está perfeito. Não chega nem a estar bom ainda. Mas talvez.

E, depois de cinco semanas, eu volto para casa.

Capítulo 58

Emilia

Eu não estou melhor. Não estou nem perto de estar bem. A única coisa que fiz foi decidir melhorar. Mas acho que talvez seja o bastante.

Agora estou tentando ver a magia nos milagres cotidianos: o fato de que meu coração continua batendo, de que consigo levantar os pés da terra para caminhar e de que há algo em mim digno de amor. Sei que coisas ruins ainda acontecem. E às vezes ainda me pergunto por que estou viva; mas agora, quando pergunto, tenho uma resposta.

~

Volto num domingo de manhã e, naquela noite, apareço para jantar na casa dos Leighton, de surpresa, mas sempre bem-vinda. Dá para perceber que Sarah é a responsável pelo som, o que me faz sorrir, porque continuo detestando as músicas dela – mas não ela. Todos estão rindo e ajudando e fazendo graça e, tirando o fato de que Tierney Lowell está colocando a mesa, tudo permanece igual.

Ver Josh é o que me faz sentir em casa. Eu não lhe contei que iria voltar. Ele não fala nada ao me ver, nem eu, pois o fato de que estou aqui já é uma resposta. Apenas nos entreolhamos e falamos através do silêncio, como sempre fizemos, e ninguém interrompe nossa conversa.

– Olá... – diz a Sra. Leighton, de olhos arregalados, quando entro na cozinha sem nenhuma peça de roupa que seja preta, carregando o mesmo bolo de chocolate que trouxe da primeira vez que jantei aqui.

– Emilia – preencho a pausa, porque todo mundo ainda está tentando descobrir como deve me chamar; exceto Josh talvez, que sempre soube.

– Emilia – diz ela e me abraça. – Você tem uma voz linda.

E talvez algumas coisas não permaneçam iguais.

~

Ninguém nos segue quando saímos. Josh abre a porta e caminha atrás de mim até a varanda. Nossos dois carros estão aqui. Eu não tinha planejado voltar para a casa dele – ao menos não por enquanto. Não tenho certeza do que ele está pensando nem de como nós estamos. Não faço ideia do que mudou para ele nas semanas em que estive longe. Nada, alguma coisa, tudo. Preciso perguntar, mas as palavras não vêm, então continuo andando. Seus passos são apenas uma brisa atrás dos meus, mas não me viro. Não estou preparada para encarar este momento, embora seja tão inevitável quanto todos os momentos da minha vida que me conduziram até aqui.

Tantas coisas mudaram desde o dia em que saí daqui... Mas não entendo exatamente de que forma. Sinto que estou começando tudo de novo. Pela terceira vez? Quarta? Não faço ideia. Só espero que desta vez seja finalmente a vida certa.

Paro ao chegar à picape dele, mas Josh continua andando até o meu carro. Ele apoia as costas contra a porta do motorista, sem qualquer menção de abri-la, é claro. Está exatamente igual. Fiquei olhando para ele durante as últimas duas horas, mas mal lhe dirigi a palavra, e quando falei foram coisas sem importância. Minha voz era a maior novidade do jantar e passei a noite conversando sem parar com todo mundo, menos com Josh. Ele falou muito pouco, mas não tirou os olhos de mim. Me observando. Esperando que eu desaparecesse.

Ele enfia a chave no bolso e espero que deixe a mão lá dentro, mas ele estende a mão, segura a minha e me puxa para perto dele. Penso que vai me beijar, mas não faz isso. Ele me envolve em seus braços e me aperta contra seu peito até eu não saber mais que somos duas pessoas. Sinto seu cheiro e sei que ele está sentindo o meu.

– Você voltou – murmura ele nos meus cabelos, uma mistura de gratidão e incredulidade na voz.

Não é uma pergunta e eu não digo nada, pois não há nada a ser dito. E aí vem ela: a pergunta fatídica que pareço destinada a ouvir pelo resto da vida...

– Você está bem?

Só que esta talvez seja a primeira vez que não ligo. Finalmente me sinto livre para responder:

– Não.

– E vai ficar?

Ele abre um espaço mínimo entre nós, apenas para conseguir ver meu rosto, e neste

momento estamos tão próximos que eu odeio as palavras entre nós.

Eu não assinto com a cabeça. Não digo que acho que sim. Pela primeira vez desde o dia em que saí de casa cantarolando uma sonata de Haydn com o mundo aos meus pés, tenho certeza de algo. Não, não estou bem. Mas vou ficar. Tenho certeza disso.

– Sim – digo, e é como se dissesse "sim" mil vezes.

Sim, eu voltei. Sim, eu te amo. Sim, quero que você me ame. Sim, vou ficar bem. Talvez não hoje nem amanhã nem na semana que vem. Mas, sim, um dia vou acordar e vou estar bem. Sim.

E então ele me beija. Meio inseguro no início, esperando algo, mas não há por quê. Eu o beijaria para sempre. Eu vou beijá-lo para sempre. Sei disso como sei meu próprio nome. As mãos dele emolduram meu rosto, me segurando no lugar, como sempre fez. E, a cada toque de seus lábios nos meus, sei o que ele está me dando e o que eu lhe dou e quanto isso vai nos custar.

E, pela primeira vez, não estou com medo.

As lágrimas brotam de toda parte, mas não as interrompo nem paro de beijá-lo. As lágrimas são dele, eu as entrego a ele. Lavo com elas até o último dos meus arrependimentos. Os arrependimentos que acumulei por causa dele, com relação a ele e a tudo o que fizemos de errado. Os piores de todos os meus arrependimentos.

Ele para ao sentir o sabor das minhas lágrimas. Apenas me olha como se meu rosto fosse lhe dizer de onde vêm e o que significam. E talvez até diga mesmo, mas espero que ele pergunte. Aguardo a expressão de confusão ou reticência em seus olhos, mas ela nunca vem. Em vez disso, ele limpa a última lágrima com os dedos.

– Não tem porra preta – diz ele.

E eu sorrio.

~

– Me responda uma coisa – diz Josh um mês depois de eu voltar. Estou na cadeira na garagem dele, fazendo o dever de casa, não carpintaria, senão nunca vou alcançar o resto da turma. Eu poderia entrar e estudar no ar-condicionado, mas adoro este lugar. E estar aqui fora, respirando serragem na garagem de Josh Bennett com ele, compensa todo suor.

– Eu já respondi tudo, Josh. Não sobrou nenhuma pergunta.

– Só uma – diz ele, largando uma chave de fenda, vindo até onde estou e se apoiando na bancada à minha frente.

Estende as pernas até suas botas encostarem nas minhas. Fecho o livro e tento não sorrir para ele, porque sei o que vem por aí. É a pergunta que espero que ele faça desde o dia em que me perdi e vim parar na casa dele no meio da noite, antes mesmo que ele soubesse qual

pergunta era essa.

– O que você viu quando morreu? – Ele dá um meio sorriso, incerto, como se estivesse quase com vergonha de perguntar. – Porque eu acho que não foi o Mar da Tranquilidade.

E, quando olho para ele, não tenho tanta certeza de que não foi.

– Para onde você foi? – insiste.

Sua voz fica um pouquinho mais baixa e não sobra nenhum vestígio de um sorriso. Ele está olhando para mim como se não soubesse se está autorizado a perguntar isso nem tivesse certeza de querer saber a resposta. Quase consigo ver as palavras de seu avô e as dúvidas de Josh sobre aquela história pairando em sua cabeça. Ao meu redor estão as luzes, as ferramentas, a madeira, as botas e o garoto que eu quero ver para sempre. E se meu Mar da Tranquilidade fosse de verdade, seria este lugar aqui, com ele.

Não digo nada imediatamente, pois quero apenas um instante para olhar para ele antes de lhe revelar meu último segredo:

– Para a sua garagem.

Agradecimentos

Obrigada a Deus, acima de tudo.

Não tenho palavras para expressar a gratidão que devo às duas pessoas que fizeram um sacrifício enorme em favor da escrita deste livro – minhas duas filhas incríveis. Vocês me fazem sorrir todos os dias e são hoje e serão sempre as maiores realizações da minha vida. Obrigada por me darem um tempo para viver um pouco na minha cabeça, mesmo que isso significasse não brincar tanto e muita comida que já vem pronta. Juro que não amo Josh Bennett mais do que vocês.

Agradeço à minha mãe pela chantagem emocional, pela terapia por telefone, pelo serviço gratuito de babá, por me deixar viver até o fim da adolescência e por ser sempre uma amiga. Eu te amo. E agradeço às minhas irmãs. Porque sim.

Obrigada aos meus sogros por me darem uma semana que se transformou em milhares de palavras e um menino que se transformou num homem incrível.

Obrigada a Carrie Bennefield, especialista em mídia e extraordinária leitora, por todos os comentários e pelo entusiasmo. E, sobretudo, por não mandar me prenderem por ficar andando atrás de você.

A Fred LeBaron, que sempre torceu por mim desde o primeiro tuíte que eu lhe mandei – obrigada pelos conselhos, pelos e-mails de coração para coração e por não zombar de mim ao ter que me explicar como encontrar uma mensagem no Facebook. É sincero quando digo que todos deveriam ser maravilhosos como você. Agradeço a Jennifer Roberts-Hall e Kelly Moorhouse. Todo autor deveria ter a sorte de contar com pessoas como vocês promovendo seu livro. Vocês se tornaram verdadeiras amigas.

Agradeço à minha agente, Emmanuelle Morgen, por toda a compreensão, a paciência e a dedicação, e à minha editora, Amy Tannenbaum, cujo entusiasmo por este livro foi inesgotável desde o princípio. Vocês duas são sensacionais.

Muito obrigada a Judith Curr por acreditar em *Mar da Tranquilidade* e a toda a equipe da Atria: Hillary Tisman, Valerie Vennix, Taylor Dietrich, Nancy Singer, Jeanne Lee, Julia Scribner e Isolde Sauer, que trabalharam sem parar nos bastidores para que este livro chegasse às mãos dos leitores.

Quero também fazer um agradecimento aos blogueiros que dedicam tempo a ler e a escrever resenhas todos os dias. Seus comentários sinceros e ponderados não têm preço. Sinto uma enorme gratidão por aqueles que leram este livro bem no início e o ajudaram a encontrar seu público – Maryse; Aestas Book Blog; Mollie Kay Harper da Tough Critic Book Reviews; Reading, Eating & Dreaming; Lisa's Book Review e muitos outros que posso não ter encontrado. Obrigada, de verdade.

E devo um agradecimento ainda maior para os leitores que descobriram *Mar da Tranquilidade* e assumiram a missão de levar essa descoberta aos outros. Sempre ficarei comovida com seu amor por este livro.

E finalmente, só porque cada dia começa e termina com ele, obrigada a meu marido, Peter, o garoto que amo desde que eu tinha 17 anos. Nunca vou esquecer como é o primeiro amor, pois eu me casei com o meu.

A vida é curta e as listas de livros por ler são longas. Sei que o tempo é precioso e agradeço por ter dedicado parte do seu a este livro.

– Katja

Sobre a autora

KATJA MILLAY cresceu na Flórida e se graduou no curso de Produção para Cinema e TV na Tisch School of the Arts, em Nova York. Ela trabalhou como produtora e professora de Roteiro e Cinema. Atualmente mora na Flórida com sua família. *Mar da Tranquilidade* é seu primeiro livro e foi eleito um dos melhores títulos de ficção de 2013 pelo *School Library Journal*.

CONHEÇA OS CLÁSSICOS DA EDITORA ARQUEIRO

Queda de gigantes e *Inverno do mundo*, de Ken Follett

Não conte a ninguém, *Desaparecido para sempre*, *Confie em mim*, *Cilada* e *Fique comigo*, de Harlan Coben

A cabana e *A travessia*, de William P. Young

A farsa, *A vingança* e *A traição*, de Christopher Reich

Inferno, *O símbolo perdido*, *O Código Da Vinci*, *Anjos e demônios*, *Ponto de impacto* e *Fortaleza digital,* de Dan Brown

Uma Longa Jornada, *O melhor de mim*, *O guardião*, *Uma curva na estrada*, *O casamento* e *À primeira vista*, de Nicholas Sparks

O guardião de memórias, de Kim Edwards

O guia do mochileiro das galáxias; *O restaurante no fim do universo*; *A vida, o universo e tudo mais*; *Até mais, e obrigado pelos peixes!* e *Praticamente inofensiva*, de Douglas Adams

O nome do vento e *O temor do sábio,* de Patrick Rothfuss

A passagem e *Os Doze,* de Justin Cronin

A revolta de Atlas, de Ayn Rand

A conspiração franciscana, de John Sack

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.
Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.

 www.editoraarqueiro.com.br

 facebook.com/editora.arqueiro

 twitter.com/editoraarqueiro

 instagram.com/editoraarqueiro

 skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br

Sumário

Créditos
Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33
Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38

Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
Capítulo 44
Capítulo 45
Capítulo 46
Capítulo 47
Capítulo 48
Capítulo 49
Capítulo 50
Capítulo 51
Capítulo 52
Capítulo 53
Capítulo 54
Capítulo 55
Capítulo 56
Capítulo 57
Capítulo 58
Agradecimentos
Sobre a autora
Conheça os clássicos da Editora Arqueiro
Informações sobre a Arqueiro